

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Eurídice Bergamaschi Vicente

Aspectos comunicacionais em relacionamentos entre casais na Fase Madura do
Ciclo Vital Familiar

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

SÃO PAULO
2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Eurídice Bergamaschi Vicente

Aspectos comunicacionais em relacionamentos entre casais na Fase Madura do
Ciclo Vital Familiar

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Psicologia Clínica, sob a orientação da Profa. Dra. Ceneide Maria de Oliveira Cervený.

SÃO PAULO
2009

Banca Examinadora

“Deixai vir a mim os pequeninos e não os imbecis, porque o reino dos céus é daqueles que se lhes assemelham. Em verdade vos digo: todo o que não receber o reino de Deus com a mentalidade de uma criança, nele não entrará”.

Mc 10, 14-15

“Pois que se uniu a mim, eu o livrarei, e o protegerei, pois conhece o meu nome. Quando me invocar, eu o atenderei; na tribulação estarei com ele. Hei de livrá-lo e o cobrirei de glória. Será favorecido de longos dias, e mostrar-lhe-ei a minha salvação”.

Salmo 90, 14-16

DEDICATÓRIA

Ao meu anjo...Sofia...

À minha família nuclear, pelo que construímos juntos.

Ao Fernando, meu marido, meu namorado e companheiro, pela ousadia, pela ética, pela religiosidade; pelo incentivo e compreensão.

Ao Dr. José Vicente e D. Sofia, pelo que fizeram por mim ao fazer existir o Fernando.

Ao Ângelo, o primogênito, com quem aprendo tanto... com quem dividi apartamento, dotes culinários, risadas, alguns *power points*, mas NUNCA um supermercado que fosse...

Ao Ângelo, Fernanda e Susana, pela alegria e orgulho que tenho de serem meus filhos, tão íntegros, inteligentes, bons de cabeça e de cozinha, humanos e sensíveis..., mas acima de tudo, pela felicidade que sentiram por terem uma mãe universitária, e por estarem por perto quando tantos filhos na atualidade não têm o privilégio de conviver em família.

Ao meu pai, pelo saber e pela alegria.

À minha mãe, pela luta, pelo dinamismo e otimismo; e claro, pelas bênçãos e orações.

Aos meus irmãos Márcia, Denise, Orlando (que descansou), Maurício, Patrícia (outro anjo) e Higino (irmão de criação falecido), pelo que fizemos juntos e pelo que não pôde ser feito.

Aos meus avós maternos, pela santidade e espiritualidade.

Aos meus avós paternos que sequer conheci, mas com quem pude "conviver", em meio às árvores que meu avô deixou plantadas, num pomar construído por suas próprias mãos, no quintal de minha casa, onde tive uma infância cheia de travessuras, de frutas, passarinhos, estilingue e mamona, e tantos amigos da vizinhança para brincar na cabana de madeira construída em cima da mangueira...

Pela minha família americana, pela nossa proximidade, com quem tanto aprendi e pude melhorar...

Por meus parentes próximos e distantes, pelas memórias e convivência.

Por toda minha descendência e ancestralidade, de onde vim, o agradecimento e reverência profundos por ser quem sou e vir de onde vim.

AGRADECIMENTOS

A Jesus e Maria, que diariamente acordam comigo, cuidam das minhas feridas, saem à minha frente e me abrem caminhos...

À minha orientadora querida, Dra. Ceneide Maria de Oliveira Cerveny, pela oportunidade deste Mestrado, pelas coisas incríveis que ela escreve, por ter me dito que eu seria capaz, por ter clareado minhas idéias e ter compartilhado seu conhecimento.

À Dra. Rosa Maria S. Macedo, pelo amplo conhecimento partilhado, pela riqueza de informação e pelas aulas que tanto auxiliaram em minha formação.

À Dra. Marilene Grandesso, com quem tanto aprendi e continuo aprendendo sobre prática, valores, humanidade, ética, e simplicidade. Sua suavidade me encanta.

A todas as professoras que contribuíram com minha melhor formação como Terapeuta de Família: Maria Rita, Alda (que já descansa em paz), Maria Luiza, Ulysses, Jussara, Ida Kublikowski (pela forma ética, e determinada com que conduziu tantos projetos ao mesmo tempo, fazendo com que cada um acreditasse em sua produção, inclusive eu...), Claudia, Marianne, Marília, Gilberto.

À Sheila McNamee pela oportunidade de treinamento em New Hampshire, onde pude apurar os conceitos aqui utilizados e ampliar meus conhecimentos.

Ao meu avô Humberto e avó Maria, pelo quintal da minha casa. Ao vovô Cássio e vovó Eurídice, por plantarem a semente da fé em meu coração e por serem testemunho vivo da oração do terço.

À minha infância, de onde tirei forças e energia para minha criança interior, tão viva dentro de mim.

À minha irmã Márcia, pela proteção de irmã mais velha e cuidados de pai e de mãe, com os irmãos e com a casa, todas as vezes que nossos pais se ausentaram.

À minha irmã Denise, pelo papel de “mãe” algumas vezes, pelos exemplos de estudo e dedicação, pelo apoio e disponibilidade em momentos importantes de minha vida.

Ao meu tio Homero e tia Célia, por abrirem as portas de sua casa e me receberem atenciosamente como filha no início da Faculdade, até que eu encontrasse meu cantinho de moradia para continuar meus estudos.

Ao meu tio Rubens, por todos os momentos felizes e de união da família proporcionados na Fazenda Santo Aleixo.

Aos meus afilhados Roberta, Pier Luigi, Júlia, Mateus e João Pedro, por terem me escolhido acreditando que eu seria uma boa madrinha... doce ilusão...

À minha professora de ballet, Ana Maria Guaranha, com quem aprendi a disciplina que levei para minha vida, e com quem por intermináveis horas “dancei” alguns problemas.

À minha terapeuta familiar Marli, tão especial para mim e ao meu grupo de estudos, onde meu interesse por terapia familiar aflorou, e onde pude rever tantas questões.

Ao meu primeiro terapeuta, Jesus, que já me atendia sem que eu soubesse, e à terapia de família, que reestruturou meu lar no momento mais difícil de nossas vidas, devolvendo-lhe mais unidade, cumplicidade, respeito e, especialmente, força.

Aos meus amigos, antigos ou recentes em minha vida que, de um jeito ou de outro, me ajudaram e se tornaram pessoas importantes para mim: Eliane Toloí, Mariana, Perisson, Carlos Kajiwa, amigos do grupo de narrativa, Adriana e Andreza, Ana Lúcia, Leila, Laís, Ada, Débora, Dr. Daniele Riva, Dr. Mauro Perine, Dr. Francisco Belfort, Edson, Dica, Ercília, Dedê e Dedé, Eliane, as duas Lu, Li, e Mi, de São José do Rio Preto, Terezinha, Rogéria, Renata, Sílvia, Valéria, Aline (meu anjo digitador), Bruno e Carolzinha.

Ao Fernando, pelo apoio financeiro e pelos momentos de solidão pacientemente enfrentados.

À minha alegria, que também está presente nos meus filhos e no meu marido.

À rica contribuição da Banca de Qualificação, pela reestruturação aqui apresentada.

Aos casais participantes da pesquisa, pelas opiniões e vivências partilhadas, fazendo com que esta pesquisa se tornasse realidade.

RESUMO

Objetivou-se identificar aspectos da comunicação verbal e não-verbal como ato violento em relacionamentos conjugais, sob a ótica de casais na Fase Madura do Ciclo Vital Familiar. Realizou-se uma pesquisa qualitativa em Ribeirão Preto. Oito casais na Fase Madura do Ciclo Vital Familiar, com pelo menos um filho morando fora de casa e um dos cônjuges com idade entre 45 e 55 anos participaram de dois grupos de discussão. Nestes grupos, a partir da apresentação de trechos de três filmes que exibiam as Fases de Namoro, Aquisição e Madura do Ciclo Vital Familiar, foi conduzida uma discussão com perguntas referentes a aspectos de comunicação verbal e não-verbal como ato violento na conjugalidade. As bases teóricas utilizadas foram a Teoria do Construcionismo Social e a Abordagem Sistêmica. Por meio da análise do conteúdo das discussões dos grupos construíram-se categorias e sub-categorias para sistematizar o tema e relacionar os dados. Os participantes apontaram aspectos relativos a gênero, família de origem, valores e faixa etária, embora as categorias referentes aos objetivos da pesquisa tenham se restringido às dinâmicas comunicacional e relacional, que se comportaram de maneiras distintas nas diferentes Fases estudadas. Identificaram-se aspectos micro agressivos verbais e não-verbais comunicacionais e relacionais em todos os filmes, destacando um agravamento progressivo da má qualidade relacional desencadeada pela presença da agressividade comunicacional à medida que se evoluía para a próxima Fase do Ciclo Vital Familiar, resultando na comunicação como ato violento. Destacaram em especial a necessidade de diálogo, de revisão de papéis, de projeto do casal, de construção da individualidade e de retomada da intimidade como problemas expressivos da Fase Madura. Espera-se com este estudo que casais maduros tornem-se mais observadores das formas comunicacionais presentes nas suas dinâmicas relacionais. Adotar estilos de comunicação mais saudáveis pode incentivar a conscientização individual em seus ambientes conjugais, que poderá fazer a diferença também nas esferas familiar e social.

Palavras-chave: comunicação, conjugalidade, Fase Madura, violência.

ABSTRACT

This study aimed at identifying verbal and non-verbal aspects of communication as a violent act in marital relationships, from the point of view of couples in the Mature Phase of the Family Life Cycle. This qualitative research was carried out in Ribeirão Preto, SP, Brazil. Eight couples in the Mature Phase of the Family Life Cycle who had at least one child having left home and one partner aged between 45 and 55 years participated in discussion groups. In the groups, after the presentation of scenes of three films which exhibited the Courtship, Acquisition and Mature Phases of the Family Life Cycle a discussion with questions regarding aspects of verbal and non-verbal communication as a violent act in the conjugality was held. The Social Constructionism Theory and the Systemic Approach were used. The analysis of the content of the group discussions allowed categories and subcategories for subject systematization and data grouping to be formed. Participants pointed out aspects regarding gender, family of origin, values and age level, although the categories related to the objectives of this research were restricted to communicational and relational dynamics, which showed distinct characteristics in the different studied Phases. Participants identified verbal and non-verbal micro aggressive aspects of communication and relation in all films, with an important and progressive worsening of the bad relational quality triggered by the presence of communicational aggressiveness with the progression to the next Phase of the Family Life Cycle, resulting in communication as a violent act. They especially highlighted the need of dialogue, revising roles, a marital project, building up individuality and recovering intimacy as expressive problems in the Mature Phase. This study is expected to allow mature couples to become observers of the communicational aspects present in their relational dynamics. Healthier communication styles can help building self consciousness in the marital environment, which might also make a difference in the family and social contexts.

Key-words: communication, conjugality, Mature Phase, violence.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| INTRODUÇÃO..... | 13 |
| OBJETIVOS | 21 |
| CAPÍTULO 1 - CONSTRUCIONISMO SOCIAL..... | 22 |
| 1.1 Reflexões a partir de uma prática orientada pelo Construcionismo Social..... | 27 |
| 1.2 Linguagem e Significado | 29 |
| CAPÍTULO 2 – CONJUGALIDADE: revisando espaços distintos compartilhados entre os casais. | 36 |
| 2.1 O Casal | 38 |
| 2.2 Quem está falando agora? Eu <u>e</u> você? Eu <u>ou</u> você? | 43 |
| 2.3 As Fases do Ciclo Vital Familiar | 46 |
| 2.3.1 Fase de Namoro..... | 46 |
| 2.3.2 Fase de Aquisição..... | 47 |
| 2.3.3 Fase Madura | 47 |
| 2.3.3.1 O relacionamento conjugal na Fase Madura..... | 48 |
| CAPÍTULO 3 - COMUNICAÇÃO E VIOLÊNCIA | 53 |
| 3.1 Axiomas da Comunicação | 55 |
| 3.2 Vozes Internas | 57 |
| 3.3 Cooperação Forçada: violência como ato comunicativo | 60 |
| CAPÍTULO 4 – MÉTODO | 73 |
| 4.1 Participantes | 75 |
| 4.2 Local de realização do estudo | 76 |
| 4.3 Material | 76 |
| 4.4 Estratégia para obtenção dos dados | 77 |
| 4.5 Registro e análise dos dados | 79 |
| 4.5.1 Análise das transcrições | 80 |
| 4.5.2 Categorias de análise | 81 |
| 4.6 Aspectos éticos | 81 |
| CAPÍTULO 5 – RESULTADOS | 82 |
| 5.1 Funcionamento dos grupos..... | 82 |
| 5.2 Análise das informações obtidas nos grupos de discussões..... | 83 |
| 5.2.1 Fase de Namoro..... | 83 |
| 5.2.2 Fase de Aquisição..... | 92 |
| 5.2.3 Fase Madura..... | 108 |
| CAPÍTULO 6 – DISCUSSÃO..... | 125 |
| 6.1 Fase de Namoro | 125 |
| 6.2 Fase de Aquisição | 128 |
| 6.3 Fase Madura | 134 |

| | |
|--|-----|
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 156 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 159 |
| ANEXOS | 166 |
| Anexo 1 – Carta-convite | 166 |
| Anexo 2 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido | 167 |
| Anexo 3 – Aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC-SP | 168 |

LISTA DE QUADROS

| | | |
|-----------|---|-----|
| Quadro 1 | Questões que nortearam as discussões após a apresentação de F1, F2 e F3..... | 78 |
| Quadro 2 | Aspectos emergentes na discussão na Fase de Namoro , apresentados em categorias e sub-categorias..... | 83 |
| Quadro 3 | Narrativas da Questão 1 , assuntos emergentes dos grupos de discussão (G1 e G2), categorias e sub-categorias. Fase de Namoro | 84 |
| Quadro 4 | Narrativas da Questão 2 , assuntos emergentes dos grupos de discussão (G1 e G2), categorias e sub-categorias. Fase de Namoro | 86 |
| Quadro 5 | Narrativas da Questão 3 , assuntos emergentes dos grupos de discussão (G1 e G2), categorias e sub-categorias. Fase de Namoro | 87 |
| Quadro 6 | Narrativas da Questão 4 , assuntos emergentes dos grupos de discussão (G1 e G2), categorias e sub-categorias. Fase de Namoro | 89 |
| Quadro 7 | Narrativas da Questão 5 , assuntos emergentes dos grupos de discussão (G1 e G2), categorias e sub-categorias. Fase de Namoro | 91 |
| Quadro 8 | Narrativas da Questão 6 , assuntos emergentes dos grupos de discussão (G1 e G2), categorias e sub-categorias. Fase de Namoro | 92 |
| Quadro 9 | Aspectos emergentes da discussão na Fase de Aquisição apresentados em categorias e sub-categorias..... | 93 |
| Quadro 10 | Narrativas da Questão 1 , assuntos emergentes dos grupos de discussão (G1 e G2), categorias e sub-categorias. Fase de Aquisição | 95 |
| Quadro 11 | Narrativas da Questão 2 , assuntos emergentes dos grupos de discussão (G1 e G2), categorias e sub-categorias. Fase de Aquisição | 99 |
| Quadro 12 | Narrativas da Questão 3 , assuntos emergentes dos grupos de discussão (G1 e G2), categorias e sub-categorias. Fase de Aquisição | 102 |
| Quadro 13 | Narrativas da Questão 4 , assuntos emergentes dos grupos de discussão (G1 e G2), categorias e sub-categorias. Fase de Aquisição | 105 |
| Quadro 14 | Narrativas da Questão 5 , assuntos emergentes dos grupos de discussão (G1 e G2), categorias e sub-categorias. Fase de Aquisição | 107 |
| Quadro 15 | Narrativas da Questão 6 , assuntos emergentes dos grupos de discussão (G1 e G2), categorias e sub-categorias. Fase de Aquisição | 107 |
| Quadro 16 | Aspectos emergentes da discussão na Fase Madura apresentados em categorias e sub-categorias..... | 109 |

| | | |
|-----------|---|-----|
| Quadro 17 | Narrativas da Questão 1 , assuntos emergentes dos grupos de discussão (G1 e G2), categorias e sub-categorias. Fase Madura | 110 |
| Quadro 18 | Narrativas da Questão 2 , assuntos emergentes dos grupos de discussão (G1 e G2), categorias e sub-categorias. Fase Madura | 113 |
| Quadro 19 | Narrativas da Questão 3 , assuntos emergentes dos grupos de discussão (G1 e G2), categorias e sub-categorias. Fase Madura | 115 |
| Quadro 20 | Narrativas da Questão 4 , assuntos emergentes dos grupos de discussão (G1 e G2), categorias e sub-categorias. Fase Madura | 117 |
| Quadro 21 | Narrativas da Questão 5 , assuntos emergentes dos grupos de discussão (G1 e G2), categorias e sub-categorias. Fase Madura | 120 |
| Quadro 22 | Narrativas da Questão 6 , assuntos emergentes dos grupos de discussão (G1 e G2), categorias e sub-categorias. Fase Madura | 123 |

INTRODUÇÃO

Na fase onde se observa que os filhos jovens alcançam o status de adultos e os pais o de adultos maduros, questiona-se sobre a influência da comunicação limitada ou da presença de falas que desqualificam na construção da intimidade de um casal. A realização de um trabalho que permita a reflexão sobre o relacionamento conjugal e suas particularidades na Fase Madura do Ciclo Vital, com ênfase na comunicação como ato violento, constituiu então nossa questão de estudo.

A análise dos aspectos relativos à comunicação de casais na Fase Madura do Ciclo Vital¹ é, a meu ver, um presente valioso. Isso se dá não só pela obtenção de novos conhecimentos ou pelo amadurecimento de conceitos, mas também porque os resultados desse estudo poderão agregar informações àquelas situações em que casais procuram ajuda para ajustar-se e continuar próximos entre si.

O casal na Fase Madura, conforme apresentado por Carbone e Coelho (1997), encontra-se em um período em que, como pais, já concretizaram as tarefas básicas de manutenção do sistema familiar, tais como consolidação profissional, papéis de provedores, acolhedores e orientadores dos filhos, entre outros.

Ainda segundo as autoras acima, a saída do primeiro filho constitui um evento de marco referencial que sinaliza a independência deste, a qual para os pais pode representar um rompimento, “quase como um expulsar, no sentido de deixar partir” (CARBONE; COELHO, 1997, p.106). Com a saída do último filho, o casal vivencia um novo arranjo familiar, não se podendo esquecer que essa fase pode vir acompanhada de grande ambivalência vivida pelos pais, especialmente pelas mães que, em determinadas culturas, são cuidadoras por excelência. É possível que os pais não se sintam preparados para este processo.

O momento em que um filho deixa o lar pode causar tensão no ambiente dos pais, os quais precisam considerar a independência de seus filhos, apesar de

¹ Definida no Capítulo 2, página 44

ainda desempenharem um papel protetor. Observações da nossa prática indicam que o misto de proteção dos pais e independência dos filhos vivido no âmbito familiar pode se acentuar no processo de individuação dos filhos. Este processo é acompanhado de perdas e ganhos emocionais e numéricos para os pais que, segundo Salem (1980 apud CARBONE; COELHO, 1997, p.107), podem ser compensados pelo estabelecimento de novas alianças familiares.

Haley (1991 apud CARBONE; COELHO, 1997, p.108), a respeito de perdas e ganhos, nesta fase considera que

os pais não estão desistindo do filho, e o filho não está perdendo os pais, mas permanece envolvido com eles de modo diferente daquele do passado. Não é uma simples questão de dependência *versus* independência, mas de ultrapassar um estágio necessário na vida da família.

Este processo envolve não só mudanças individuais, mas o sistema familiar como um todo, conforme enfatizam Carter e McGoldrick (1989, p.248) ao afirmarem: “embora essa transição possa começar com a saída do primeiro filho de casa, ela envolve uma miríade de transições e tarefas familiares de crescimento pessoal além da função paterna”.

O processo de individuação dos filhos inclui um estágio gradativo no qual eles poderão sentir cada vez mais a necessidade de alçarem seu vôo livre. Afinal, esse é o processo de tornarem-se adultos. Para os pais, esse período pode ser sentido como se estivessem assinando a carta de alforria dos filhos em relação à vida, e fatos como esse, mesmo que esperados como parte evolutiva do ciclo vital, podem fazer ressentir as estruturas relacionais quando acompanhados de estressores de outras ordens.

Da mesma forma que existem aspectos a serem desmembrados e revisados envolvendo a relação de pais e filhos num período de transição, parece também necessário enfatizar o que se processa no casal na Fase Madura, objeto de interesse desse estudo.

Há que se considerar, além da miríade de reajustes devido as transições, a característica complexidade que envolve essas questões decorrentes de

sobreposição de fases, que apesar de naturais dentro do ciclo de vida familiar, podem contribuir para que mecanismos de enfrentamento fiquem mais vulneráveis.

Tomando a liberdade de representar um sistema conjugal como um rio, considerar-se-ia que os mecanismos de enfrentamento seriam como novas águas no mesmo e antigo leito, onde há mudanças de forças, novos desafios, surpresas, obstáculos a serem transpostos, às vezes só utilizando a própria “força das águas” (leia-se, força do sistema), sem se alarmar; afinal, trata-se de uma mudança esperada de uma fase do ciclo vital. Sob essa ótica pode-se entender que, na ânsia de fazer o que acham ser o certo, os pais podem não atentar para o fato de que ajustes são naturais, e acabam algumas vezes concluindo que têm problemas. Por isso entende-se ser importante olhar aspectos das interrelações familiares, no sentido de desmistificá-las.

Neste trabalho teremos como marco referencial a teoria do Construcionismo Social, na qual, segundo Grandesso (2000, p. 80-81), o conhecimento é construído no processo de intercâmbio social apresentando sua ênfase na construção comum do significado, sendo que compreensões no presente prescindem da apropriação dos significados passados. A autora enfatiza que:

para o Construcionismo Social, as idéias, as recordações e os conceitos surgem no intercâmbio social, expressando-se na linguagem e no diálogo”. Com base nos dizeres de Ibañez (1992 apud GRANDESSO, 2000, p.81), afirma que “a realidade configura-se para nós a partir do que somos em nossos diversos planos constitutivos (tais como o biológico, o social e o físico) e do que fazemos no momento e ao longo da História”. A autora afirma, ainda, que “o conhecimento de si mesmo ou do mundo exterior só pode se desenvolver nos espaços interpessoais do mundo comum, nos contextos compartilhados na linguagem e na cultura

Cervený (2008, p.23) ressalta a importância do diálogo nas inter-relações ao dizer que “temos consciência de que o diálogo é um dos maiores objetivos que a família contemporânea pretende alcançar”. No sentido de ampliar esse contexto, Grandesso (2000, p.181), quando aborda questões de significado e linguagem com base em sólida revisão teórica, afirma que

falar em significado implica transitar pelo território da linguagem. Significado e linguagem envolvem uma tal relação simbiótica que não podemos abordar um sem nos referirmos ao outro.

A autora discute que a linguagem tem sido associada à própria constituição do ser humano na medida em que são considerados seres lingüísticos - “seres humanos constituem-se como pessoas na linguagem”. A linguagem é tratada pela autora não como um instrumento que consegue descrever a realidade, mas como um meio universal da experiência, com função de gerar realidades.

A linguagem cria realidades à medida que distintos mundos emergem a partir das distinções lingüísticas que fazemos, das relações que estabelecemos entre elas e dos tipos de jogos de linguagem dos quais participamos (ECHEVERRIA, 1996 apud GRANDESSO, 2000, p.183).

Ressalta que seres humanos são

antes de falantes, ouvintes; porque a origem da fala está na escuta que os inclui num universo lingüístico. A linguagem falada e escrita pode ser definida como uma prática social na medida em que é um produto de intercâmbio social; uma linguagem privada não seria considerada como linguagem (GADAMER, 1977 apud GRANDESSO, 2000, p.183).

Essas considerações, segundo a autora, conduzem para a afirmação de que se é a linguagem que conforma a experiência, tudo o que é, pode ser dito. Entretanto, o sentido do que é dito acontece no campo da significação. Sobre a questão complexa relativa à possibilidade de limitação do que é dito, tece também comentários sobre experiências vividas como se fossem olhadas como o contexto a partir do qual o dito se manifesta, situando-se no campo do indizível, fugindo do campo da linguagem.

Com base na prática, observa-se que quando casais vivem um conflito ou um período em que a dinâmica conjugal enfrenta dificuldades, a comunicação pode se mostrar vulnerável e, se isso ocorre, os cônjuges podem não estar atentos a “como” falam aquilo que falam. Nesses casos, cada parte envolvida tenta “provar” ao outro que é a mais prejudicada em determinado episódio, e como se defender impõe uma idéia de lado ou contraposição, aumentam as possibilidades de se tornarem polarizados em atitudes de defesa e ataque. Logo,

a agressividade pode começar a permear o relacionamento conjugal. A vulnerabilidade na comunicação pode comprometer a narrativa e gerar desconforto relacional, fazendo com que a comunicação entre casais crie, inclusive, a possibilidade da existência da “comunicação limitada”² (WATZLAWICK, 1967). Esse fato está cada vez mais presente na atualidade, bem como nas queixas de consultório, denunciando a situação comunicacional da relação conjugal de famílias na contemporaneidade.

Neste contexto, acredita-se que a teoria do Construcionismo Social se apresenta com grande potencial na abordagem de casais com dificuldades comunicacionais, podendo auxiliar na descoberta de caminhos de reajuste para indivíduos que aceitam rever suas histórias. Ampliar o campo de entendimento comunicacional pode viabilizar a revisão e re-criação de histórias relacionais adoecidas, abrindo possibilidades de dinâmicas relacionais mais saudáveis.

Visto que no presente estudo foram utilizadas questões relacionadas à comunicação entre casais na construção da intimidade, fez-se necessário abordar conceitos pragmáticos da comunicação, mais especificamente os de “rejeição”, aceitação e desqualificação comunicacional conforme definem Watzlawick et al. (1967, p.75)³, porém, numa dimensão relacional. Quando estes aspectos estiverem presentes na comunicação, esta será denominada neste trabalho como comunicação limitada.

Sabe-se que o termo desqualificações, de acordo com Watzlawick et al. (1967), cobrem uma variedade de fenômenos comunicacionais (vide página 53), porém foi durante um treinamento de Terapia Familiar Sistêmica, onde se ouviu o termo micro agressão⁴ empregado para exprimir formas de comunicação com desqualificação, o qual apresentou-se num momento oportuno pela forma específica de se enquadrar a partir dele a desqualificação dentro da área de violência. Este termo, micro agressão, o qual se refere a agressões sutis, adquire

² Quando a rejeição, aceitação e desqualificação da comunicação estiverem presentes, estas serão denominadas comunicação limitada (ver página 18).

³ Definição se encontra no Capítulo 3, página 52

⁴ Termo utilizado por Ema Genijovich durante treinamento, Nova Iorque, 2006. As microagressões são entendidas como formas de agressão verbais ou não-verbais. As verbais são as ditas e as não-verbais são as implícitas, porém ambas podem denegrir imagem e auto-estima.

caráter violento uma vez que pode atingir o outro psicologicamente ou mesmo ferindo-lhe a auto-estima. Se utilizado no aspecto comunicacional, pode explicar os canais verbal e não-verbal das formas comunicacionais, conotando-os quer sejam em palavras ou em gestos, com cunhos agressivos. De modo que, quando se discutir os resultados desta pesquisa e a desqualificação da comunicação se fizer presente, esta será indicada como uma comunicação que se apresenta limitada, ao lhe ser conferido um caráter de ato violento.

O sentido em que a comunicação pode se apresentar limitada se deve ao fato de que a mensagem emitida pode sofrer influência do conteúdo agressivo e ser distorcida no seu sentido, fazendo com que esta não chegue ao receptor da mesma forma como foi enviada. Então, uma micro agressão verbal ou micro agressão não-verbal serão formas de se descrever uma desqualificação verbal ou desqualificação não-verbal que revele agressividade. Uma micro agressão pode ser entendida como um modo sutil de minar, lentamente, em pequenas doses diárias, algumas relações conjugais, empobrecendo e enfraquecendo a comunicação e as relações interpessoais de casais.

Pergunta-se se seria possível utilizar o termo micro agressão como uma forma de comunicação limitada na dimensão relacional, uma vez que esta utilização se mostrou bastante apropriada, já que explicita na própria palavra “micro agressão” o contexto de violência que é um aspecto e conotação que se quer abordar neste estudo das interações comunicacionais conjugais. Este termo parece ser inédito, visto que foi a primeira vez que foi utilizado para abordar aspectos de desqualificação nas interações comunicacionais. Acredita-se que sua utilização possa complementar o entendimento de alguns aspectos da comunicação limitada.

A comunicação entre casais não terá seu foco de estudo para esta pesquisa na parentalidade do casal, e sim na sua conjugalidade, o qual se encontra na Fase Madura, momento do ciclo vital em que já se desincumbiu de responsabilidades profissionais e da criação de filhos. Outro motivo da opção pela Fase Madura foi porque, neste momento, o casal parental que já virou a página de cuidador dos filhos pode vivenciar agora em seu relacionamento uma fase que

prescinde da qualidade da intimidade construída, pois enfrentam uma tarefa emocional de voltarem para a posição de casal, onde e quando terão a relação conjugal em evidência.

Estudando aspectos de violência entre casais, pode-se encontrar na literatura referências ao tema, posicionando-o como um problema da atualidade que advém de diversos fatores, dentre estes, individuais, familiares e sociais inter-relacionados que convergem para a expressão violenta (MESTERMAN, 1988).

De fato, foi observado na prática da pesquisadora que tais fatores que permeiam o cotidiano podem atuar como agentes estressores e influenciarem pessoas e famílias na qualidade de suas inter-relações. O casal pode se sentir mais exposto diante de tantas possibilidades a serem processadas, dada a rapidez com que o mundo da informação chega até ele, podendo ocorrer desgaste e insegurança em nível pessoal, repercutindo nas relações conjugais.

Embora seja vasta a literatura acerca da violência entre casais, esta normalmente se restringe à violência física, sendo poucas as referências bibliográficas encontradas sobre violência relacionada a aspectos comunicacionais; nesse sentido, justifica-se aprofundar este contexto reflexivo onde se possa pensar a qualidade das relações de um casal na Fase Madura no plano da comunicação.

Acredita-se que essa pesquisa possa ser relevante ao investigar padrões de relacionamento conjugal e a sobrevivência do bom ambiente familiar nos aspectos comunicacionais das relações conjugais na atualidade. Assim sendo, visa a contribuir para a diminuição de lacunas do conhecimento sobre o assunto, podendo subsidiar profissionais da área no trato e entendimento das dinâmicas conjugais e familiares nas posturas de prevenção e de intervenção em fenômenos relativos à violência comunicacional.

A reflexão sobre o tema de estudo terá como base narrativas de casais na Fase Madura do Ciclo Vital que participaram de discussões ocorridas durante dois encontros. Os participantes expressaram suas opiniões a partir de cenas de filmes, que serviram como disparador para as discussões, permitindo identificar assuntos emergentes de interesse para o tema sob estudo.

No capítulo 1 apresenta-se o marco referencial deste trabalho, que se refere à Teoria do Construcionismo Social. Tratamos a seguir, no capítulo 2, de aspectos relativos à Fase Madura, com foco na conjugalidade; no capítulo 3 discutem-se questões relacionadas à comunicação como ato violento.

Apresenta-se o método utilizado para se obter o material analítico dos participantes no capítulo 4, onde também se descreve o roteiro norteador da discussão e se destacam os critérios de escolha dos participantes. Detalha-se, ainda, a forma como a informação foi agrupada em categorias e sub-categorias.

Os resultados são apresentados no capítulo 5, a partir das narrativas dos participantes permitindo que se chegasse à compreensão e busca de significados que foram agrupados em categorias e sub-categorias emergentes a partir dos três filmes, nas Fases de Namoro, Aquisição e Madura.

No capítulo 6 discutem-se os resultados encontrados, procurando promover um diálogo entre os achados deste e o que é descrito na literatura e, finalmente, apresentam-se as considerações finais do estudo.

OBJETIVOS

Objetivo Geral:

- Identificar, descrever e compreender aspectos da comunicação verbal e não-verbal como ato violento em relacionamentos de casais, sob a ótica de Casais na Fase Madura do Ciclo Vital

Objetivos Específicos:

- Identificar, descrever e compreender conteúdos e significados a respeito da comunicação verbal e não-verbal entre casais na Fase de Namoro;
- Identificar, descrever e compreender conteúdos e significados a respeito da comunicação verbal e não-verbal entre casais na Fase de Aquisição;
- Identificar, descrever e compreender conteúdos e significados a respeito da comunicação verbal e não-verbal entre casais na Fase Madura.

CAPÍTULO 1 - CONSTRUCIONISMO SOCIAL

O Construcionismo Social é uma proposta contemporânea, que apresenta o conhecimento como construído no processo de intercâmbio social. Trata-se de uma abordagem multidisciplinar das Ciências Sociais que surgiu de um posicionamento crítico, decorrente de disciplinas como a Filosofia e Sociologia Lingüística. Está presente em trabalhos da área de humanidades e da crítica literária influenciados por intelectuais franceses, como é o caso de Michel Foucault (1972) e Jacques Derrida (1976, apud BURR, 2003, p. 15).

Além da inserção da “voz” das pessoas, o Construcionismo Social apresenta a linguagem como algo além de explicações; ele traz a possibilidade de utilização de diferentes relatos do mundo e dos acontecimentos (BERGER; LUCKMANN, 1966 apud BURR, 2003, p.14). De acordo com Guanaes (2006, p. 20), é importante

compreender como as pessoas coordenam suas ações em torno dos sentidos de mundo que constroem em seus relacionamentos e quais são as possibilidades de vida que esses sentidos criam, sustentam ou impedem.

A partir deste momento passa-se para uma breve apresentação histórica dos movimentos filosóficos até o Pós-modernismo, momento em que surge a proposta do Construcionismo Social, seguido de reflexões a partir de exemplos da prática sócio-construcionista, abordando também, questões da linguagem e significados sob a ótica desta Teoria que ora se apresenta.

O projeto do Iluminismo era buscar a verdade e entender a natureza da realidade por intermédio da aplicação da razão e da racionalidade.

Posteriormente, o movimento moderno também teve sua busca da verdade, baseando-se na crença de que existia um "jeito certo" de fazer as coisas, e que este poderia ser descoberto (BURR, 2003), e assim, a verdade sobre o mundo podia ser revelada analisando estruturas latentes no campo da Sociologia e da Psicologia. As teorias que postulavam tais estruturas são conhecidas como estruturalistas, enquanto a rejeição subsequente das noções de regras e

estruturas é conhecida como pós-estruturalismo ou pós-modernismo. A característica em comum de todas essas teorias é comumente chamada de meta-narrativas ou grandes teorias.

A rejeição da idéia de que pode haver uma verdade e de que o mundo como o vemos é resultado de estruturas escondidas marcou o início do pós-modernismo, também chamado de pluralismo (BURR, 2003). O pós-modernismo rejeita a idéia de entender o mundo a partir de grandes teorias ou meta-narrativas, a não ser a partir de uma multiplicidade de situações de vida. Rejeita, também, a noção de que a mudança social é uma questão de “descobrir” e mudar as estruturas existentes de vida social pela aplicação de uma grande teoria ou uma meta-narrativa. A palavra “descobrir” utilizada acima pressupõe que exista uma realidade estável que possa ser revelada pela observação e análise (BURR, 2003).

Segundo Hollinger (1994 apud BURR, 2003, p.10), o pós-modernismo constitui a base cultural e intelectual sobre as quais o Construcionismo Social se moldou. Esse movimento intelectual baseou-se nos estudos da arte, da arquitetura, da literatura e em estudos culturais, e representa um questionamento e rejeição dos pressupostos fundamentais do Modernismo, desde os tempos do Iluminismo, nos meados do século XVIII.

O Construcionismo Social é sustentado metodologicamente por idéias centrais, agregadas por consenso numa perspectiva multifacetada, cujo discurso se organiza em torno de quatro pilares teóricos.

O primeiro pilar pressupõe que não há um embasamento objetivo para o conhecimento convencional. O conhecimento do mundo não se fundamenta na indução ou em testes de hipóteses, mas sim na cultura, na história e no contexto social dos indivíduos, que se concretizam em sistemas de significação (GRANDESSO, 2000). O Construcionismo Social evidencia que se tenha uma visão crítica sobre como cada indivíduo olha o mundo quanto à idéia de que as observações de mundo que se faz, produzem sua natureza nas pessoas. As palavras, na verdade, constroem a realidade ao descrevê-la.

O segundo pilar baseia-se no fato de que a compreensão do mundo com as categorias e conceitos que se utiliza, resultam dos relacionamentos humanos, os quais produzem e sustentam o conhecimento. O uso social das palavras constrói seus significados na coordenação entre pessoas, a partir de acordos e negociações entre comunidades lingüísticas. Desta forma é possível entender as mudanças temporais nas construções psicológicas individuais e relativas aos relacionamentos em diferentes culturas (GRANDESSO, 2000).

Ainda segundo Grandesso (2000), no terceiro pilar, quando uma forma de compreensão permanece ao longo do tempo, torna-se conhecimento, o qual se deve e sustenta pelos processos sociais, incluindo a comunicação, a negociação, o conflito e a retórica. Descrições e explicações compartilhadas sustentam formas de viver e agir no mundo. As formas como a interpretação se mantém ou sofre mudanças independem de observações, dependem na verdade do questionamento ou aceitação por parte dos interlocutores quanto à sua clareza.

Aquilo que os indivíduos compreendem acerca do mundo é considerado uma forma de ação social. Esta caminha junto com o conhecimento, por apresentar um valor decisivo na vida das pessoas ao conferir-lhes posturas crítica e reflexiva, promovendo possíveis mudanças nas tradições ao refletir criticamente sobre as formas de descrever o mundo e por suspeitar do óbvio; configurando, portanto, o quarto pilar (GRANDESSO, 2000; RASERA et al. 2004).

De acordo com Grandesso (2000, p.79), pelo fato do Construcionismo Social utilizar uma apropriação contínua e não sistemática de significados passados para construir os presentes, o posicionamento de sua origem no tempo, de forma precisa, torna-se sem sentido. A autora exprime com clareza que

o ato mesmo de conhecer é um ato de languagear. Com base em dizeres de Ibañez (1992 apud GRANDESSO, 2000, p.81), evidencia que os objetos do nosso conhecimento são objetos convencionais, que construímos enquanto sujeitos cognoscentes, a partir da forma como nos constituímos como sujeitos. Os objetos naturais são, portanto, objetivações constituídas a partir das práticas reconhecidas pelas nossas convenções, nossas redes sociais, nossas relações de poder e nossos procedimentos retóricos.

Enquanto a maior parte das Psicologias e Sociologias apresenta suas explicações em termos de traços de personalidade, atitudes, comportamentos, entre outros, o Construcionismo Social o faz em termos das dinâmicas interacionais, dando maior ênfase aos processos que as envolvem e menor às estruturas presentes nos indivíduos. Assim, ele busca as inter-relações entre pessoas utilizando a linguagem que é essencialmente compartilhada, e não o conhecimento individual (GRANDESSO, 2000).

O Construcionismo Social permite a consideração da história, do contexto, do lugar, do tempo e das pessoas em interação, em contraposição ao essencialismo da Psicologia tradicional, que aprisiona as pessoas em suas identidades ao ter como referência o contexto das experiências vividas. Apesar de seu caráter desafiador por sua complexidade, o Construcionismo Social oferece uma forma ampla, respeitosa, potencialmente criativa e reveladora de considerar o ser humano a partir de seu valor, numa construção que retoma quem ele é enquanto agente de sua própria história e das mudanças que eventualmente poderá fazer no seu modo de viver e agir. Novamente de modo desafiador, apresenta o ser humano como o ser falante e, portanto, utiliza a linguagem em posição de destaque como meio reflexivo. Segundo Maturana (1998, p. 38), “se não estamos na linguagem não há reflexão, não há discurso, não dizemos nada, simplesmente somos sem sê-lo, até refletirmos sobre o ser”.

Parte da complexidade e do desafio é elucidada por Burr (2003, p. 3) na afirmação abaixo e em quatro exemplos relatados a seguir

o Construcionismo Social nos convida a sermos críticos à idéia de que nossas observações do mundo produzem sua natureza em nós, para desafiar a visão de que o conhecimento convencional é baseado na observação objetiva, e imparcial do mundo. Portanto, em oposição ao que é referido pelo positivismo e empiricismo na ciência tradicional, o pressuposto de que a natureza do mundo pode ser revelada pela observação, e que o que existe é o que percebemos que existe.

O primeiro exemplo refere-se à questão de sexo *versus* gênero. As observações de mundo que se faz, sugere que há duas categorias para seres humanos: homens e mulheres. Apesar de os seres humanos se apresentarem

biologicamente como sendo de sexo masculino ou feminino, o Construcionismo Social questiona se as categorias "homem" e "mulher" não seriam apenas reflexo de um acontecimento natural de tipos distintos de seres humanos. Sabe-se que essa divisão em duas categorias não contempla as diferenças nos órgãos reprodutores de muitas espécies. Haja visto, as cirurgias para mudança de sexo, as quais, imagina-se aconteçam com freqüência, revelando a presença de conceitos que sofreram influência histórica e cultural, os quais podem ser reajustados segundo a evolução dos tempos, ao considerar outras possibilidades. O segundo exemplo diz respeito à situação da prisão de uma pessoa bêbada, se esta fosse conduzida sob a ótica construcionista, ofereceria tratamento médico ao doente e psicológico à doença, assim olhando para "o problema" como uma entidade externa à pessoa. O terceiro exemplo ilustra como o Construcionismo Social considera que o conhecimento deriva da visão do mundo sob diferentes aspectos ou perspectivas:

é possível dizer que uma mesa de jantar é feita de uma madeira excelente, outra pessoa poderia dizer que ela tem um estilo contemporâneo, e ainda uma outra poderia comentar que ela é muito pequena para ser prática. Nenhuma destas afirmações é a verdade sobre a mesa, e qualquer descrição é feita por uma referência diferente, como qualidade, estilo e praticidade. A mesma reflexão vale para o conceito de verdade sobre a sociedade e pessoas (BURR, 2003, p. 3-6).

Com este terceiro exemplo, percebe-se a importância de se ouvir e considerar diferentes opiniões sobre um mesmo evento. Não existe uma verdade, mas inúmeras interpretações ao se respeitar que toda e qualquer possibilidade descritiva será válida e suficientemente verdadeira de acordo com a visão de mundo, o contexto, o tempo, a cultura e a história que qualificará desta ou daquela maneira um dado fenômeno. Entende-se este aspecto como um convite para os discursos construcionistas conviverem com a letra "e". O último exemplo é o que apresenta uma criança com dificuldade de aprendizagem. Na abordagem construcionista social, o foco seria no aspecto inter-relacional criança-disciplina-professor, contrapondo a abordagem essencialista e patologizadora da Psicologia tradicional, que consideraria a criança como um "problema" (BURR, 2003).

Para finalizar, alguns nomes se tornaram conhecidos por oferecerem suas próprias interpretações sobre o Construcionismo Social. Exemplos disso são os sociólogos P.L.Berger e T. Luckmann (1966), os quais em sua obra clássica “A construção Social da Realidade” sugerem uma relação entre a perspectiva individual e o processo social, em concordância com a multiplicidade de interpretações possíveis e a natureza social do conhecimento. Mais recentemente, a Construção Social relaciona-se a alguns outros nomes de teóricos das Ciências Sociais como J. Bruner (1986), K. Gergen (1982, 1985, 1994), R. Harré(1979, 1983), J. Shotter (1984, 1993^a, 1994), entre outros.

Shotter (1995^a, apud ANDERSON,1997, p.41) diz que a construção social tem a ver com diferenças, por isso construcionistas sociais observaram como seria uma determinada pessoa que vivesse numa rede de relações com os outros, a qual se posicionasse ou se situasse em relação a eles de jeitos diferentes em momentos distintos. É este posicionar-se e situar-se sobre o que se tem a dizer em relação às atividades de um grupo social qualquer, algumas vezes dentro delas, outras vezes fora delas, que vai definir o tipo de movimento de forma geral. Enquanto para Gergen (1985, apud ANDERSON, 1997, p.41), Construção Social é uma forma de perguntar. A pergunta está relacionada com a explicação do processo que as pessoas descrevem ou relatam para o mundo (incluindo a si mesmos) em que vivem... o Construcionismo Social entende esse discurso não como uma reflexão ou mapa do mundo, mas como um artefato de intercâmbio comum. Esse é o local do conhecimento para Gergen, o relacionamento.

1.1 Reflexões a partir de uma prática orientada pelo Construcionismo Social

O Construcionismo Social faz um convite à reflexão quanto às implicações das descrições de realidade para a construção de práticas sociais e formas de vida. Ele indaga como as pessoas coordenam suas ações em torno dos sentidos de mundo que constroem e quais as possibilidades de vida que esses sentidos favorecem ou restringem a partir de acordos consensuais construídos nas relações com base em referências da cultura e em tradições (BURR, 2003).

Dois aspectos importantes da prática baseada no Construcionismo Social são o da fala, cuja utilização sempre produz uma consequência, como elucida Shotter (1989 apud GRANDESSO, 2000, p.84), e o das conversações que desenvolvemos, conforme apresentado por Grandesso (2000). Nestas últimas incluem-se a escuta, como uma maneira de estar em diálogo, e a compreensão, que é uma construção conjunta entre dois contextos entre pessoas na relação. Segundo Grandesso (2000, p.170), o nível de compreensão que buscamos

dirige-se não ao que está dentro ou de trás do discurso, mas a um ponto de encontro no presente que aponta para algo que transcende o dito; em uma espécie de referência virtual, para uma condição de mundo possível, em um campo de consenso entre o mundo do intérprete e do interpretado.

Segundo a teoria do Construcionismo Social, as pessoas constroem o conhecimento entre si nas interações diárias no curso da vida social.

Olhando para as histórias das pessoas é possível contextualizar suas vivências no tempo e espaço, de tal forma que as informações obtidas passam a servir como pano de fundo, por meio do qual o Construcionismo Social ajuda a compreendê-las a partir das práticas narrativas. Os indivíduos, ao olharem para suas histórias, encontram fragmentos que podem acarretar em um processo enriquecedor, não deixando de ser uma empreitada de aceitação de si mesmo, como bem elucida Maturana (1998, p. 31): "sem aceitação e respeito por si mesmo não se pode aceitar e respeitar o outro, e sem aceitar o outro como legítimo outro na convivência, não há fenômeno social".

McNamee (1998) afirma que um momento de conflito conjugal pode constituir uma excelente oportunidade para que indivíduos possam rever suas idéias e se reposicionar na sua história de vida, pois a própria dinâmica relacional pode algumas vezes ofuscar padrões que podem ser reajustados no sentido de prover maior entendimento entre as partes. Assuntos relacionais são complexos por envolverem mundos pessoais tão ricos e, ao mesmo tempo, tão diferentes para chegar-se a denominadores comuns em algumas áreas. Por isso, o modelo de pensamento moderno já fazia um convite de simplificação das coisas, principalmente no campo das interações pessoais. Contudo, foi a partir do

pensamento pós-moderno que indivíduos se sentiram instigados a considerar a diversidade e a complexidade, lembrando que não se pode perder de vista a perspectiva relacional porque é preciso a participação do outro para concretizar uma ação conjunta. Conforme ilustra McNamee⁵ *“it takes two to tango”*, sinalizando que o resultado desse envolvimento reflexivo prescinde da ação discursiva e do outro.

1.2 Linguagem e Significado

As formas das pessoas compreenderem o mundo não vêm da realidade objetiva, mas de estruturas conceituais e categorias já existentes com significados providos pela linguagem utilizada por estas em determinada cultura.

Grandesso (2000) evidencia que seres humanos geram sentidos para suas vidas ao interpretarem a si mesmos e ao mundo em que vivem utilizando-se da linguagem. A própria constituição do humano está ligada à linguagem, uma vez que seres humanos são considerados seres lingüísticos.

A linguagem não resulta da capacidade de um indivíduo, ela prescinde do contexto social, conforme relatam Maturana e Echeverria (1997, 1996 apud GRANDESSO, 2000, p.182):

a linguagem pode ser entendida como um fenômeno constituído como uma coordenação consensual da coordenação de ações, portanto, uma coordenação recursiva de comportamentos.

A contribuição de Maturana no campo da linguagem é dada ao afirmar que o humano apareceu com o surgimento da linguagem, havendo uma associação entre os dois de tal forma que a esta se apresenta como essencialmente humana e o humano como essencialmente lingüístico (GRANDESSO, 2000).

É importante reconhecer que a linguagem não deve ser vista como instrumento para descrever o mundo, mas como um meio que possibilita criar realidades. Apesar da linguagem remeter a um sujeito falante, ela é mais ampla do que isso. Ela tem um caráter que vai além do sujeito, pois tem mais a ver com o

⁵ McNamee, S. citação durante workshop “Conversações Transformadoras”, São Paulo, 2007

“nós” do que com o “eu”. Ainda segundo Grandesso (2000), antes do ser humano ser falante, ele é ouvinte, e a linguagem, seja ela falada ou escrita é um produto de intercâmbio social, podendo ser definida como uma prática social. Esta visão é explicitada por Coutinho (1994 apud GRANDESSO, 2000, p.186), que ao considerar a diversidade e a complexidade de convenções sociais, incluindo as dimensões verbais e não verbais, apresenta a linguagem como deixando de ser caracterizada só pelo verbal e passando a ser vista como uma prática social.

Wittgenstein (1996 apud GRANDESSO, 2000, p. 185) propôs o conceito de “jogos da linguagem” como um contexto no qual se poderia compreender o significado lingüístico e de qualquer outro ato comunicativo. Assim, as palavras só poderiam adquirir um significado a partir de seu uso num contexto. Não obstante, o relacionamento entre pensamento e linguagem tem sido o foco de um debate antigo na Psicologia, resultando em mais de uma conceituação. Uma diferença significativa para enriquecer o entendimento de tais propósitos está entre as posições adotadas por Piaget e Whorf (1941 apud BURR, 2003, p. 8).

Piaget acreditava que a criança deveria desenvolver conceitos até o ponto em que rótulos verbais poderiam lhes ser dados, mas Whorf argumentava que a língua nativa de uma pessoa determinava o jeito como elas pensavam e percebiam o mundo. A Psicologia tradicional mantém a pressuposição implícita de que a linguagem é uma simples expressão do pensamento, e não uma pré-condição dele.

Em contraposição ao enfoque tradicional, que considerava a linguagem como um veículo do pensamento, a visão pragmática segundo Malinowski e Pearce e Cronen (1923 e 1980 apud GRANDESSO, 2000, p.186) enfatiza que a linguagem

é um modo de comportamento, indispensável para a ação humana coordenada. [...] as palavras são usadas para produzir uma ação e não para descrevê-la, e menos ainda, para transmitir pensamentos.

Shotter (1994 apud GRANDESSO, 2000, p.187) se refere a dois aspectos importantes da função retórica da linguagem: o persuasivo e o poético.

O aspecto persuasivo inclui a definição da linguagem pela sua capacidade de afetar o comportamento das pessoas por meio de um poder não cognitivo, e

depende da magia das palavras (por exemplo: “eu te amo”), que têm significado com capacidade persuasiva capaz de mudar o fluxo de atividade (neste caso, entre parceiros). Quanto ao aspecto poético da linguagem, considerado por Shotter como o mais importante, o mesmo se incumbe de dar forma à natureza da vida humana, que é sempre vaga e fluida, fazendo com que esta se pareça ordenada e estruturada.

Ao analisar as interações diárias como produção ativa das formas de conhecimento que se presume, segue-se que a linguagem também deve ir além de um modo de expressão. Pode-se pensar no uso da linguagem, portanto, como uma forma de ação. Alguns sócio-construcionistas utilizam-se deste papel "performativo" da linguagem como seu foco de interesse, como é o caso de Burr quando diz que “quando as pessoas falam umas com as outras, o mundo se constrói” (BURR, 2003, p. 4).

Como explicita Grandesso, Austin destaca o uso da linguagem nos atos performativos ressaltando três tipos: atos locucionários (que dizem algo sobre alguma coisa), ilocucionários (que se referem ao que o orador faz ao falar), e perlocucionários (que produzem efeito ao serem ditos). Pode-se afirmar, então, que a expressão de sentido atribuída à linguagem não diz respeito meramente a uma função descritiva, mas à constatação de sentimento. Por este motivo, Austin afirma que “atos performativos fazem coisas” (AUSTIN, 1990 apud GRANDESSO, 2000, p.187). Seria desnecessário falar da beleza do sentido que encerra estas últimas palavras com base no que se pode entender delas, mas de fato, amplia o entendimento de que palavras são formas de revelar o mundo dos sentimentos, como o da beleza presente nestas, que se nos revelou.

Vygotsky esclarece que a linguagem não esgota os processos de produção de significação, configurando-se no mais importante desses processos. O autor analisa detalhadamente os elementos da “palavra”, desmembrando-os em: o “significante”, o “referente” e o “significado”. O significado passa a ser considerado o elemento chave da análise de significação, na medida em que une o “significante” e o “referente” (objeto ao qual ele se refere) (VYGOTSKY, 1984 apud PINO, 1993, p. 20). É preciso levar em conta que há um duplo referencial

semântico nos processos de significação: 1) sistemas de significação formados ao longo da história cultural e social, e 2) experiência pessoal e social individual, reproduzida no ato do discurso. O primeiro, apesar de sua natureza dinâmica, apresenta caráter fixo, enquanto o segundo, extremamente dinâmico, se faz e refaz nos processos discursivos. Esta questão da dupla referência semântica (sentido *versus* significado) tem se mostrado de grande importância para a compreensão dos processos discursivos (PINO, 1993).

Da mesma forma que a significação da palavra depende das concepções individuais e sociais, a significação dos gestos vem imbuída das construções que os indivíduos participantes das ações lhes atribuem ao realizá-las. Assim, considerando-se que os significados da ação de um indivíduo dependem também dos contextos em que ocorrem as ações dos demais, torna-se difícil estimar *a priori* como será a ação de alguém (GRANDESSO, 2000).

Apreciando ainda a opinião de Bateson (1986) a respeito do quão intrinsecamente ligadas estão ações humanas aos acontecimentos e seus significados, quer sejam individuais ou sociais, o que se entende por um determinado evento depende do contexto do qual este é parte integrante. Considerando este aspecto nas dinâmicas pessoais, os seres humanos convivem e participam de vários sistemas com diferentes símbolos e significados em suas formas organizacionais. Por isso, ao pensar-se que uma pessoa constitui um sistema em si, é preciso lembrar que se faz necessário considerá-la como parte de um sistema maior, onde nos contextos relacionais outras implicações de entendimento de níveis maiores estarão modificando entendimentos anteriores.

Gergen (1994) utiliza o conceito de suplementação, o qual parece resumir-se numa via de mão dupla onde indivíduos se suplementam ou respondem às ações e falas uns dos outros. Este processo desenvolve o potencial para que ocorra o significado numa situação onde duas pessoas estejam envolvidas, desde uma palavra até uma conversação. Tanto um quanto o outro numa relação estarão envolvidos em vários outros relacionamentos - os de antigamente, atuais ou vindouros, bem como farão parte destes os contextos em que estes se dão. Pessoas e contextos têm influência na suplementação e nos significados gerados

em uma díade, ou para um casal. Como o diálogo permeia estes outros contextos relacionais, a suplementação de dentro do casal acaba sendo levada para fora e a de fora, por sua vez, também vem para dentro da díade-casal. Assim, neste processo recíproco de ações e falas, os significados não ficam fixos dada a sua dinamicidade, mas são renovados continuamente (ANDERSON, 1997). Deste modo, um único indivíduo não é capaz de transmitir um significado, necessitando do outro para complementar sua ação e conferir-lhe função no relacionamento. Isso quer dizer que expressões isoladas somente adquirem significado quando coordenadas com a ação de outros indivíduos, por meio de alguma forma de ação suplementar (GERGEN, 1994). Neste contexto, a partir do momento em que ninguém se coordena em torno de determinada expressão, esta permanece sem sentido. É preciso compreender, pois, que quem qualifica o que um indivíduo expressa é aquele que recebe a mensagem emitida.

Shotter sugere que há algo comum nas versões de Construcionismo Social:

o foco de interesse central é "o movimento contingente de interação comunicativa contínua entre seres humanos...uma dimensão do self-outro de interação...a ênfase dialética sobre ambos, a contingência e a criatividade da interação humana, em construirmos e ao sermos construídos por nossas realidades sociais (1993b, p.12-13).

Apesar de perceber que a sua ação conjunta é semelhante à noção de suplementação de Gergen, Shotter (1989a, 1993, 1994 apud GRANDESSO, 2000, p.81) defende um Construcionismo Social mais prático, que se caracteriza como dialógico ou responsivo-retórico. Em sua opinião, a partir dos processos sociais e lingüísticos cria-se o mundo interno, ou seja, pensamentos, sentimentos e intenções nos atos de fala. A interação humana se dá pela linguagem de forma espontânea, corporificada, e apesar de invisível enquanto interação, faz-se presente de forma significativa nos discursos desenvolvidos na ação conjunta com os demais indivíduos. Segundo Shotter, a ação humana está relacionada ao seu grupo social, onde as ações já executadas e as vindouras estão e estarão, de certa forma, ligadas entre si.

Ações individuais devem ser coordenadas às de outras pessoas, uma vez que como seres sociais participam-se a todo tempo de processos interacionais. Nestes processos, por vezes ocorre uma diferença entre o que se pretende produzir e o que é de fato produzido, fazendo com que os resultados desses atos possam ser não intencionados, tendo em vista que estes acontecem independentemente de outrem. No entanto, ao mesmo tempo, há uma intencionalidade, já que além dos próprios atos existe um conjunto de futuros atos possíveis. As pessoas atuam segundo possibilidades ou oportunidades co-construídas, implicando que os resultados de suas ações apenas pareçam ser independentes (SHOTTER, 1989^a, 1993, 1994 apud GRANDESSO, 2000, p.82).

Neste contexto, onde a interação ocorre por intermédio da fala, apresenta-se outro conceito, o de comunicação “perfeita”, a qual pode ser entendida como aquela desempenhada por meio das habilidades de fala e escuta, além do comprometimento com o relacionamento. Portanto, quando uma pessoa não coopera suficientemente para satisfazer as necessidades de outra, se cria um “*gap*”, traduzido aqui por lacuna de comunicação, tornando esta limitada (HARRIS et al., 1984).

Analisando-se os conceitos de ação suplementar, ação conjunta e lacuna comunicacional, percebe-se que eles se inter-comunicam. Na tentativa de travar um diálogo entre eles, parte-se de uma fala de Bateson (1986) ao dizer que ações humanas, acontecimentos da vida e significados estão intimamente ligados.

Dado que cada pessoa é um sistema em si e que, em interação, cada indivíduo relaciona-se com outro sistema em si presente no outro, quando dois indivíduos em interação se falam não significa pouca coisa porque, nos atos da fala, uma imensidão de subjetividades e particularidades de cada ser humano passa do mundo de dentro para o mundo de fora, vindo a existir com sua unicidade e totalidade para o outro, que as qualificarão. Portanto, na ação suplementar, quando um indivíduo A se expressa para B emitindo uma pergunta, será B que irá qualificar a pergunta de A ao dar-lhe a resposta. Logo, o outro é peça fundamental para as vias de fato de A, ou seja, para que A se suplemente em B. Na ação conjunta, quando A fala, no momento interativo, traz presentes

conhecimentos, valores, crenças, sentimentos, intenções e significados que ficam à mercê de uma ação conjunta que só se dará na presença do outro. Novamente, o outro na relação será quem dará a uma ação a conotação de conjunta, que inexistiria sem o outro, ou seja, não haveria ação conjunta.

Há ainda algo mais a ser considerado: quando alguém fala com o outro, implica haver alguém na escuta, afinal, isto é o que naturalmente se espera quando se estabelece uma comunicação. Porém, se no ato da fala a outra pessoa não coopera oferecendo a escuta e a resposta interativa, a necessidade da pessoa que falou primeiro não estará satisfeita e, se isso ocorre, cria-se uma lacuna na comunicação, pois esta se apresenta incompleta, insatisfeita. Mais uma vez o outro é peça-chave para que a comunicação se estabeleça. Portanto, os indivíduos ficam sem sentido se não tiverem quem qualifique o que dizem e representam e sem terem quem ouça quem são ou do que falam. Estas confirmações viriam, na verdade, da qualificação do outro, que selaria um momento “entre” partes, concretizando uma interação. Porém, sem escuta, nada disso seria possível.

A lacuna de comunicação entre duas pessoas representa a impossibilidade inerente de seres humanos terem um completo conhecimento de si próprios, do outro, ou dos procedimentos de saber e agir na lógica cultural que eles criam juntos, ou seja, na forma como o seu saber e o seu agir se estruturam.

Assim, mesmo sendo preciso saber o significado intencional do ato de outrem para reconhecer a existência de tal ato, é possível que *nunca* se tenha um reconhecimento perfeito das intenções por trás deste, ainda que estas sejam questionadas. É importante lembrar, contudo, que a lacuna de comunicação não impedirá que ocorra a comunicação entre duas pessoas. Na verdade, o reconhecimento da existência desta lacuna força a ver a comunicação como um processo criativo pelo qual cada indivíduo forma a sua própria lógica cultural. Isto é, a pessoa estrutura o conhecimento em procedimentos de saber e agir. Duas ou mais pessoas podem estar envolvidas no processo de co-criar uma cultura lógica maior, contanto que cada uma possa entender as ações do outro (PEARCE; CRONEN, 1980 apud HARRIS et al., 1984, p.23).

CAPÍTULO 2 - CONJUGALIDADE: REVISANDO ESPAÇOS DISTINTOS COMPARTILHADOS NOS CASAIS

O interesse em transitar pelos espaços do individual e do compartilhado nos casais poderia explicar muitos dos entraves dos conflitos relacionais provenientes de fatores comunicacionais.

Algo que poderia ser feito no sentido de afinar esses espaços seria uma tentativa de treinar um pouco a sensibilidade dos ouvidos para gradativamente reconhecer-se nas narrativas do outro. Quem estará falando por traz de um pedido, da braveza, do descontrole? Diante de quem se está quando um marido reclama estar cansado de pagar tanta conta? Poderia ser o menino que ele foi um dia, saudoso de diversão? E quem estaria por trás da esposa que diz querer conversar, ou viajar, passear, tirar um tempo para si? Poderia estar ali uma filha carente de colo de mãe ou do ouvido de uma amiga, ou de rever sua família como nas férias de antigamente? Quantas emoções se guardam? Quantos mundos alguém representa? Nos momentos de briga, com quem será que está brigando quem briga? Apesar de saber que nada disso é novo, o ser humano vai além daquilo que ele parece ser, e olhar para isso conscientemente pode servir de convite para que cada um deseje rever sua contribuição pessoal e expectativas em relação ao outro nos atos compartilhados.

Tudo isso pode ser verdade, mas o que vem ao caso é que o individual tem áreas compartilhadas, e o compartilhado áreas individualizadas. Essa é uma leitura delicada de ser feita à medida que ambas estão presentes no relacional e em cada pessoa. Na relação, indivíduos convivem com essas duas áreas, as quais são habitadas por sutilezas como quem é que está falando em determinados momentos, e de onde fala, de que contexto, de que época e em que circunstância. Quando o individual e o compartilhado não são devidamente sinalizados, o próprio diálogo pode se ressentir disso, uma vez que palavras são estáticas, enquanto o pensamento e o sentimento são dinâmicos, porém expressos em palavras.

Salvador Minuchin (2003) se refere à “dança dos casais”, indicando a harmonia que deveria haver em ambos os parceiros ao ousarem complementar-se

em vivências que dependem de inúmeros ajustes para que ocorra o encaixe de movimentos na relação. Como exímios dançarinos, atentos para não pisarem nos pés um do outro, vão levando a conjugalidade, que cresce na medida em que ações coordenadas estão presentes na vida cotidiana, tomando-se o cuidado para que a individualidade de um e do outro não se torne um mútuo obstáculo, mas aconteça numa sintonia compartilhada.

Arthur Koestler propôs o termo *hólon*⁶, que agrupa as palavras todo e parte. Este termo se apresenta particularmente útil para o campo da terapia familiar, uma vez que ilustra com propriedade a unidade de intervenção, seja ela o indivíduo, a família nuclear (casal com ou sem filhos), a família extensa (outros membros morando com a família nuclear, consangüíneos ou não) ou a comunidade. Assim, pode-se dizer que a “família nuclear é um hólon da família extensa, e esta o é da comunidade e assim por diante, evidenciando a idéia de pertencimento” (MINUCHIN; FISHMAN, 1990, p. 23).

A palavra hólon vem sendo utilizada na abordagem sistêmica por seu caráter peculiar de abordar o ser humano em sua totalidade pessoal, e também como pertencendo a sistemas maiores, conforme esclarecido acima e por Grandesso (2000).

Na conjugalidade, há grande troca de informação no interior do hólon, entre hólons e entre hólons e contexto (individual e conjugal). Regras que previamente eram satisfatórias a cada indivíduo eventualmente precisarão ser revistas e modificadas, a fim de ajustar este sistema às mudanças ocorridas devido às transformações típicas deste período do ciclo vital.

⁶ Termo cunhado por Arthur Koestler : "do grego holos, que significa todo, com o sufixo on, que sugere uma partícula ou parte". Designou que "cada todo contém a parte e cada parte contém também o "programa" que o todo impõe, num processo contínuo atual e corrente de comunicação e inter-relação.

2.1 O Casal

Segundo Magalhães e Carneiro (2003), quando se pensa no 'eu' em uma relação tem-se o intuito de fazer uma auto-reflexão que vislumbre a busca da "auto-identidade" no que concernem as relações íntimas na conjugalidade.

As autoras observam que é possível acreditar que a função do parceiro seja a de confirmação e manutenção de identidade do outro, transformando o parceiro em instrumento de legitimação do 'eu'. Assim, vê-se a necessidade de estabelecer limites e regras que demarquem espaços e sinalizem hierarquias no sentido de evitar que possíveis intromissões, até mesmo de ambos ou de terceiros, recaiam sobre o sistema de dois, levando a situações geradoras de sub-entendimentos nos espaços individuais e conjugados que naturalmente são compartilhados.

O casal desenvolve padrões transacionais para definir a estrutura do hólón conjugal. Ao delimitar as fronteiras da nova unidade, o casal propicia o crescimento de uma relação íntima. Nesse novo sistema que se constitui, devem ser conciliados as expectativas e os estilos diferentes, bem como se desenvolver meios de processar informações, de relacionar-se e de lidar com afetos. Espera-se que desenvolvam regras de proximidade, de hierarquia, de padrões de cooperação, como também habilidades de sentirem a vibração do outro, supondo associações comuns e valores compartilhados, devendo chegar a acordos quanto aos valores que não compartilham.

Magalhães e Carneiro (2003, p.10-11) destacam que

a conjugalidade, embora ainda inclua uma promessa ou esperança de reconstrução do eu a partir do nós, enfrenta na atualidade uma fluidez devido à grande variedade de possibilidades de se repensar as concepções de união tradicionais, qual seja de casamentos duradouros ou para toda a vida.

Na formação do casal, questões de parte e todo são muito significativas, porque é um novo sistema que nasce - o sistema conjugal. Até então, o elo fazia referência a um casal de namorados, ou de noivos. Como tais, essas pessoas em relação tinham vozes, famílias e histórias distintas, apenas paralelas. Ao se casarem o vocabulário passa a ser incrementado com a palavra "nós" com mais

freqüência, os planos e desejos ganham também a possibilidade dos aspectos compartilhados, tornando o que era dois, em alguns aspectos, um, como por exemplo: mesmo endereço, sonhos de constituir família, férias, relacionamentos, investimentos, entre outros.

Uma nova configuração de sistema passa por adaptações, fazendo com que novidades relacionais sejam entendidas como concessão de individualidade. Nesse último aspecto, porém, podem habitar confusões de singulares (eu, e/ou, você) e de plural (nós). A menos que concessão de individualidade passe pelo terreno do diálogo freqüente, esta poderá representar uma longa e delicada caminhada para os cônjuges, que volta e meia podem ainda se deparar com novidades a respeito do outro, que contém um mundo único e à parte, apesar da conjugalidade matrimonial.

Embora se saiba que alguns casais reclamam da dificuldade de estabelecer diálogo um com o outro, pode ser de grande valia se os cônjuges experimentarem, na prática, criar o hábito de reavaliar o que era de cada um e o que é dos dois, de tempos em tempos, numa tentativa de minimizar desentendimentos. Assim, estariam agindo naturalmente no sentido de processar a dinâmica presente num comportamento que difere do que era de costume, produzindo, por conseguinte, um possível desvio que sinalizaria o ponto de atrito para que as demandas contextuais se adequem. Desta forma, em algum momento entre rotineiro e novo, confirmação e desqualificação, a transação dos cônjuges terá desenvolvido uma estrutura básica que, enquanto sistema conjugal, oscilará de acordo com o contexto.

Sabe-se que esse caminho reflexivo se multiplica quando se considera também que o casal pertence a outros contextos familiares e sociais, inserindo-se, portanto, em esferas relacionais maiores.

Nessas situações, nas quais a quantidade de informações se avoluma, podem residir perigos de mal entendidos, onde os indivíduos que compõem o casal podem se tornar presas fáceis um do outro, pelo fato de que certas vezes se deparam com discursos individuais quando o momento pediria, na verdade, uma fala compartilhada. Por isso pensa-se ser importante o *feedback* nos diálogos:

“Quem está falando agora? Os indivíduos ou o casal?”. Perguntas podem transportar o casal para uma área que pode excluir o “nós”, ou incluir um e outro. Esses esclarecimentos poderiam fazer parte de uma comunicação conjugal saudável, pelo que se assemelham à idéia de um acordo consensual.

Na relação, como extrair dela o que é de si e o que é do outro? O outro é construído na imaginação de cada um, tomando por base as suposições e as coordenações que se faz. Por decorrência, um indivíduo, por algumas vezes, pode indagar-se em que pessoa pronominal está falando em dados momentos, no singular “eu”, ou no plural “nós”, evidenciando que o “eu” de cada um pode falar de diferentes lugares. Utilizando reflexões de McNamee e Grandesso⁷, esse “eu” é circunstanciado, havendo, deste modo, mais que se considerar: eu e o meu entorno (contexto); eu e o outro presente (foco interativo); eu e o outro virtual (diálogo interno); eu e as múltiplas vozes que falam através de mim pelas lentes que se utiliza, e tradições que são seguidas.

Uma vez que se tenha consciência de que todos estes “eus” estão presentes em cada indivíduo, as pessoas têm mobilidade para fazer escolhas, seus limites ficam abertos, a concepção sistêmica faz as trocas circularem. Essa seria, portanto, uma construção saudável do “eu” que se ergue na relação.

Minuchin e Fischman (2003) fazem uma observação pertinente ao dizerem que, se as regras forem rígidas e os cônjuges não responderem às adaptações próprias da evolução do ciclo vital, "os esposos no sistema" poderão ficar atados a princípios inadequados de sobrevivência, sentindo-se permitidos a fazerem uso mais diversificado de si mesmos somente quando longe um do outro, o que dificultaria a comunicação do casal, correndo-se ainda o risco de que esta poderia se instalar como uma dinâmica relacional precária, podendo dar uma falsa ilusão temporária de que não nomear o que está se passando possa ter resolvido o episódio, o qual poderá apenas estar sendo adiado, mas poderá voltar a incomodar.

Watzlawick et al. (1967, p.13) dedicaram atenção especial aos distúrbios que ocorrem entre comunicação e comportamento, uma vez que "a comunicação

⁷ Material de Workshop – “Conversações transformadoras” São Paulo, 2007.

é uma condição *sine qua non* da vida humana e da ordem social" e se constitui no veículo das manifestações observáveis da relação (WATZLAWICK et al.,1967, p.18). Mas

o ponto principal é que os sistemas interpessoais - grupos de estranhos, pares conjugais, famílias, relações psicoterapêuticas ou até internacionais podem ser encarados como circuitos de retroalimentação, dado que o comportamento de cada pessoa afeta e é afetado pelo comportamento de cada uma das outras pessoas (WATZLAWICK et al.,1967, p.18).

De acordo com Minuchin e Fischman (2003) no que diz respeito a padrões de interação, é na estrutura familiar que seus membros podem viabilizar suas tarefas essenciais, recebendo apoio na individuação e sendo providos de sentido de pertencimento, uma vez que é na interação das partes que o ritmo familiar se estabelece. Bowen (1991), na "escala de diferenciação do *self*" ressalta que há uma luta entre o indivíduo e a família, porque envolve os processos de individuação destes dentro do grupo familiar; por este motivo este é um momento delicado e significativo que se passa no seio da família, em paralelo às já esperadas mudanças clássicas do ciclo vital.

Com base em reflexão de Minuchin e Fischman (2003), o indivíduo experimenta o mapeamento do mundo a partir da relação familiar segundo seus mecanismos reguladores, com os quais ele terá atitudes concordantes ou desafiadoras.

Assim sendo, para que a vida em comum seja possível, com o passar do tempo cada um dos cônjuges deve abrir mão de parte de suas idéias e preferências, perdendo em individualidade e ganhando em pertinência. Metaforicamente falando, vemos acontecer o mesmo na própria natureza, com o Rio Negro e Rio Solimões. Águas distintas, que convivem lado a lado, com forças independentes, ao correrem para uma mesma direção remetem à idéia de um casal que se une. Em alguns momentos a água clara se mescla com a escura; em outros, a escura com a clara, revelando novas tonalidades das águas, mas isso acontece naturalmente, sem que seja sinalizado.

Com marido e mulher, quando um entra no espaço do outro, eles se afetam. É importante lembrar que a mistura das águas é que dará origem a um novo rio e, portanto, se torna um momento muito importante daquele processo. A união de homem e mulher também pode dar origem a novas vidas, atribuindo novos papéis ao casal no sistema. No caso das águas, de repente elas surgem, totalmente mescladas, convivendo harmoniosamente, transformadas em Rio Amazonas. Porém, na natureza humana, nas relações conjugais cada um dos companheiros tem crenças, valores e expectativas que permeiam suas independências nas decisões. Então, para que a vida a dois seja harmoniosa como a do Rio Amazonas, é preciso que esses dois conjuntos se conciliem com o passar do tempo, como ocorre com as águas distintas que se mesclam naturalmente naquele processo em que águas claras e escuras se invadem sem maiores conseqüências.

Na conjugalidade, pouco a pouco se estabelecem os padrões transacionais e o sistema conjugal, que contém duas histórias distintas que, às vezes, sussurram um “eu” e um “você”, outras vezes um “eu e você” ou “você e eu”, e em outros momentos, ainda, um “nós”, estabelecendo um ritmo familiar entre o individual e o compartilhado que remete à junção harmoniosa das águas distintas.

Transgressões nas áreas do individual e do compartilhado acarretam fortes componentes afetivos como culpa, ansiedade, julgamentos e outros desconfortos relacionais, repercutindo na qualidade das interações e definindo, deste modo, toda a complexidade do território relacional, uma vez que é na interação das partes que o ritmo familiar se estabelece.

Um casal pode estar curioso indagando-se, quando tem a intenção de seguirem juntos, de como irão fazê-lo. Seria oportuno que conhecessem suas ferramentas para utilizarem os próprios recursos. Estar em diálogo não significa estar bem o tempo todo e concordando um com o outro, mas sim encontrar possibilidades relacionais de seguirem juntos.

2.2 Quem está falando agora: eu e você; eu ou você?

Segundo palavras de Grandesso (2007)⁸, o milagre da compreensão é dado pelo outro, ressaltando que o foco deve ser na relação, celebrando-se o outro como legítimo outro, acolhendo-o mesmo que não exista concordância. Ainda que um indivíduo tenha seu ponto de vista, é necessário reconhecer que o outro também o terá. Assim, nesses termos, um diálogo pode representar uma conversação transformadora, escutando e sendo escutado.

Como é que uma pessoa que se une em matrimônio vai do ser individual para o ser social? É disso que o Construcionismo Social fala. Quando se olha para o mundo, se vê indivíduos com os quais se passa a atuar como seres relacionais e não individuais, uma vez que o senso de individual que as pessoas carregam e o sentido de si mesmas emerge de seus relacionamentos.

Podem-se escolher formas monológicas (individuais) nos relacionamentos, mas é na forma dialógica (compartilhada), onde se encontra espaço para o outro, que está a relação. Relação é mais do que comportamento verbal e não-verbal, é um movimento incorporado que se realiza com o outro na interação, gerando múltiplas realidades e valores.

Pode ser que resida a dúvida de que ao saber que é o outro quem qualifica o que lhe é dito, como separar em palavras, o que era da fala de um e o que começou a ser da compreensão do outro? Como separar em palavras até que momento da fala eram só palavras e de que momento em diante sentimentos passaram a conferir mais ou menos conotação para as palavras? Como refletir sobre relacionamentos íntimos pessoais? Certamente, um ponto de partida poderia ser as próprias dificuldades vivenciadas por casais no entendimento de questões que dizem respeito aos aspectos individual e compartilhado, imbuídos de sentidos e significados de cada uma das partes, mas, também, do que está construído na área comum, cujo contexto distinto dos anteriores quando eram duas partes traz novos sentidos de interpretação, não podendo, portanto, ser deixado à parte.

⁸ Fala proferida durante treinamento “Conversações Transformadoras”, São Paulo, 2007.

Gergen e Gergen (1987 apud SHOTTER, 1993, p.167), por exemplo, discutem dificuldades relacionais no contexto das narrativas no relacionamento e perguntam: “quem nós podemos ser um para o outro?” E seguem refletindo que “quando a fala do nós ou sobre nós muda para a fala do eu e você, e, ao invés de “nós deveríamos pensar sobre isso” um casal começa a dizer “você e eu deveríamos falar sobre isso”, essa última é vista como uma constituinte da “narrativa regressiva” de um relacionamento em colapso, onde reside uma pergunta: se é um aspecto da conjugalidade que está sendo tratado, onde está o casal nesta narrativa?

Isso é importante numa íntima relação "nós", quando duas pessoas unem-se formando um casal para então falarem, e é essa dupla construção do individual e do compartilhado que Shotter investiga e auxilia, sobremaneira, na reflexão das interações relacionais.

Gergen (1994 apud GRANDESSO, 2000, p.85) diz:

o conhecimento não é alguma coisa que as pessoas possuem em algum lugar de suas cabeças, mas algo que fazem juntas. Linguagens são, essencialmente, atividades compartilhadas.

Logo, pode-se entender que a identidade é um subproduto das negociações que acontecem dentro dos relacionamentos e, assim como a identidade, os próprios modos de relacionamento são construídos.

Conflito e desarmonia são resultados naturais da experiência social. Do mesmo modo, aquilo que é bom ou valorizado dentro de um relacionamento depende de outros, conforme o que o Construcionismo Social aponta, que é na interação com o outro que sempre se reconstrói o significado. Assim sendo, um conflito, quando repentino, nem sempre é negativo; ele é humano e, portanto, permeado pelo inesperado, pela subjetividade, apesar do racional.

Cada negociação do que é considerado como real ou bom num relacionamento é simultaneamente uma reconfiguração destas condições. Quando não se reflete sobre o que é vivido e se olha apenas para o resultado obtido daquilo que se vive, então se estará mantendo o mesmo significado. Por isso os

casais, ao enfrentarem um conflito que tem como dinâmica de momento as ofensas, poderiam refletir sobre como estas foram desencadeadas, vislumbrando uma dinâmica esclarecedora. Sistemicamente falando, uma mudança que se introduza num sistema desencadeará mudanças no sistema como um todo, de tal forma que este passe a ser um novo sistema; portanto quanto antes este sinal de alerta se acender, tanto melhor.

O grande diferencial do construcionismo está nas ferramentas das quais ele se utiliza para construir um diálogo transformador, sejam elas as perguntas generativas, que constroem e proporcionam coisas, a curiosidade genuína, que se processa com respeito sem ser invasiva, e as perguntas para compreender e criar o espaço conversacional, privilegiando os comentários reflexivos que se traduzem numa ação conjunta.

Segundo McNamee e Grandesso⁹ (2007), as ações de um indivíduo são manifestações do grupo ao qual ele pertence e, por isso, em sua fala ou atitude estará representando grupos maiores. Desta forma, faz sentido encontrar meios de enfatizar o padrão de relacionamento, mais do que a pessoa em questão, especialmente na ação conjunta, atentando para o que um está fazendo com o outro. É oportuno ampliar o foco também para uma abordagem sistêmica, buscando uma forma circular de como se participa na criação dos problemas. Pensar em termos de “nós” pode levar ambos no casal a questionarem sobre como estão mantendo um determinado padrão indesejado, podendo indagar-se quanto à participação de cada um na busca de resultados diferentes. Assim, quando um casal espera mudanças relacionais, precisa indagar-se qual será sua contribuição em tal empreitada.

A mudança comportamental de alguém pode ser o convite ou até um questionamento sobre algum tipo de revisão ou interesse a ser despertado no outro. Desta forma, pode-se caminhar rumo a um diálogo transformador, evitando falar e agir a partir de posições abstratas, engajando-se em investigações auto-reflexivas e relacionalmente reflexivas, coordenando multiplicidades, tendo o cuidado de acompanhar o caminho proposto no diálogo, perguntando como a

⁹ Fala durante Workshop – “Conversações transformadoras”, São Paulo, 2007.

conversa está indo para o outro, sempre em busca de novas possibilidades. Idéias da teoria Construcionista Social são pautadas no respeito pelas histórias alheias, acreditando que a contribuição do outro é, no mínimo, promissora.

Pensar nas possibilidades que se abrem a partir desta teoria remete ao entendimento de que uma realidade, ao ser acompanhada de perto, permite não só que se veja seu nascimento, mas que à medida que esta acontece possa ser assinada por todo indivíduo, numa co-construção de realidade, legitimando-o como co-partícipe de sua história. O ponto que aqui se destaca é o convite que o construcionismo faz, de permitir pensar possibilidades, onde as competências de cada um podem ser contempladas nesse processo de favorecer uma realidade satisfatória, servindo como alavanca para lhes outorgar reconhecimento e posse de recursos próprios, que se constituem ferramentas eficazes para construir um lugar melhor a partir da narrativa.

2.3 As Fases do Ciclo Vital

2.3.1 Fase de Namoro

Nesta fase, os adolescentes acabam por estender suas características de amadurecimento a toda a sua família, promovendo grandes transformações em todo o sistema que, de acordo com Cerveny (1995 apud BERTHOUD, 2004, p. 61), adoesce junto. Preto (1995) reforça as palavras de Cerveny, ressaltando ainda a renegociação de papéis que ocorre neste período.

Segundo Preto (1995), adaptações estruturais e organizacionais na família com adolescentes fazem-se necessárias, podendo ocorrer em paralelo a mudanças de outros membros familiares, que muitas vezes se encontram em outros momentos do ciclo vital familiar. As adaptações estruturais e a renegociação de papéis acabam por gerar mudanças nos relacionamentos familiares, especialmente entre as gerações.

2.3.2 Fase de Aquisição

A Fase de Aquisição, como seu próprio nome retrata, caracteriza-se pela aquisição de bens materiais, pelo estabelecimento de um estilo de vida e pela construção de padrões de interação. Inicia-se com a união do casal, passando pelo nascimento, crescimento e desenvolvimento dos filhos, até que estes alcancem a fase adolescente (BERTHOUD, 2004).

Pode-se considerar que a Fase de Aquisição é constituída sempre que há a formação de um novo núcleo familiar, seja por casamentos em primeira união, recasamentos, ou outros fenômenos de união da contemporaneidade, tais como indivíduos solteiros tendo ou adotando filhos ou ainda o casamento homossexual (BERTHOUD, 2004).

2.3.3 Fase Madura

Uma das maneiras de compreender esta fase é que, pelo fato desta envolver transformações de várias ordens, incluindo estruturais e dinâmicas, esta pode se caracterizar como a fase mais longa e difícil do ciclo vital familiar, especialmente porque neste período os filhos adquirem uma autonomia gradativa, saem de casa, podendo ainda haver novas constituições familiares, com o aumento da composição do quadro familiar por inclusão de agregados (por exemplo, genros e noras) e a perda de entes familiares (OLIVEIRA; CERVENY, 2004).

Desta forma, podemos citar como fatos típicos desta fase eventos como:

1) a saída do primeiro filho de casa; 2) a inclusão da terceira geração e parentes por afinidade; 3) cuidados com a geração mais velha e conseqüente mudança no relacionamento; 4) significado e função do casamento (CARBONE; COELHO, 1997, p.103-104).

Diante da quantidade de informações, mudanças e adaptações pelas quais um casal na Fase Madura pode enfrentar, gostar-se-ia de olhar de perto de que forma tais dinâmicas de enfrentamento poderiam refletir na sua conjugalidade.

2.3.3.1 O Relacionamento Conjugal na Fase Madura

Neste momento percorrer-se-á caminhos conjugais, no intuito de descobrir em que aspectos este período da vida se traduz como maduro.

Maturana (2002) tem sido referência quando diz que o indivíduo passa por um processo adaptativo de respeito e aceitação, que lhe proporciona uma vida adulta e responsável e que irá condizer com suas novas condições de estar para o outro na conjugalidade, para sua família, para a sociedade e para o mundo.

Há uma série de outras mudanças características desta fase de vida como a aproximação da aposentadoria, da menopausa e da andropausa, e a redução do quadro de membros da família, entre outros, levando pai e mãe a reavaliarem sua dinâmica como marido e mulher. Por estes motivos, a família enfrenta um momento que se assemelha à contraposição de forças como em um jogo, onde a tensão se faz muito presente (CARBONE; COELHO, 1997).

A psicologia do desenvolvimento há tempos discute o fenômeno do “ninho vazio”, que diz respeito ao casal conjugal já sem os filhos presentes em casa. Assim, os pais enfrentam um processo de separação destes, os quais se tornam filhos adultos, e poderão agora fazer parte de uma comuna de iguais (CARBONE; COELHO, 1997).

A própria visão de casamento enfrenta momentos de plena revisão na contemporaneidade, uma vez que as relações amorosas vêm sofrendo influência de toda a evolução tecnológica, consumista, midiática, que repercute também em mudanças de valores que convivem com novas configurações relacionais e conjugadas permeando o território relacional íntimo.

A família, de um modo geral, passa por mudanças internas provenientes de ajustes decorrentes das mudanças de fases do ciclo vital a que está sujeita, a qual por sua vez se insere em ajustes maiores, que as envolvem pelo próprio dinamismo contingente de redes sociais próximas ou distantes a que pertencem. Justamente por considerar o contexto acima citado e a crescente onda de violência pela qual passam o país e o mundo, é de se esperar que sentimentos como insegurança, estresse, descrença e irritabilidade, entre outros, caminhem

lado a lado com fatos chocantes e notícias de última hora, com os quais convivem cotidianamente e que, mais uma vez, vêm somar ao clima de instabilidade emocional pelo qual passam os casais nos já existentes ajustes contínuos das diferentes Fases do Ciclo Vital.

Nesse sentido, vai se instalando um clima familiar que pode se ressentir da tensão enfrentada nos momentos de intimidade relacional, quando a própria comunicação pode se constituir em mais uma das dificuldades a fazer parte da gama de estressores presentes. Fazendo esta consideração, Cervený (2008, p.13-14) diz ser possível

assegurar que a maioria das queixas que levam as pessoas à terapia refere-se à dificuldade na comunicação. Indivíduos que não se sentem ouvidos ou entendidos, que não conseguem expressar seus sentimentos e desejos, que se submetem ou se violentam por causa da comunicação, que se pautam mais pelo que não é dito, que não confiam nas palavras são apenas alguns dos inúmeros exemplos de problemas de comunicação nas relações humanas, e que estão presentes nos lares.

Com base em leituras e reflexões, e conforme apontam Carbone e Coelho (1997), observa-se que na Fase Madura os filhos já não dependem mais dos cuidados da família como nas fases anteriores. Essa fase também assinala outro aspecto muito importante, que é o fato de o casal se ver às voltas com a possibilidade de estarem a sós com mais frequência depois de um longo período de dedicação a tarefas e divisão do tempo com outros membros nas fases anteriores à Madura. Ficar a sós pode sugerir, algumas vezes, privacidade conjugal, o que é muito bom e necessário para o ambiente de intimidade do casal, mas que também pode ser motivo de desconforto quando inevitavelmente se fica de frente também para possíveis crises, abismos relacionais, questionamentos, vazios e dificuldades comunicacionais que podem permear o vínculo conjugal nesse período.

Quanto ao significado do casamento na família madura,

o casal é um grupo em crescimento, em desenvolvimento, em movimento. Como em qualquer outro sistema vivente, não se pode esperar que seu funcionamento seja equilibrado ou estático permanentemente. Há avanços, retrocessos, paradas, transformações, adaptações. Tanto os momentos de paz e tranquilidade como os de

desorganização são geralmente transitórios (LEVINTON, 1985 apud CARBONE; COELHO, 1997, p. 115).

Uma revisão de trajetória sói acontecer para um casal que sobreviveu aos inúmeros turbilhões das águas matrimoniais, que algumas vezes contêm, em simples chuviscos, anúncios de verdadeiras tempestades conjugais. Exatamente por entender que todos esses aspectos permeiam uma união é que se pretende navegar um pouco mais mar adentro da Fase Madura, no intuito de responder a inquietante pergunta inicialmente estabelecida de visitar a maturidade que se faz presente em casais nesta fase da conjugalidade.

Um casal desta fase no mínimo acumulou todo o aprendizado das anteriores. Oliveira e Cerveny (2004, p. 87) dizem, a respeito da fase em evidência, que

a família adquire novos significados, novas formas de funcionamento, novos desafios e novas expectativas”. Segundo pesquisa dessas autoras, elas observaram alguns fenômenos psicológicos envolvendo essa fase; a saber: os casais estão “remodelando suas relações, adaptando-se às mudanças, acomodando a estrutura e funcionamento da família, enfrentando desafios e olhando para o futuro.

Pensando em outros tipos de amadurecimento, tentou-se fazer uma correlação no sentido de esclarecer e enriquecer o que está envolvido num processo de amadurecimento. Analogamente pode-se pensar, por exemplo, em uma fruta madura, quando sua própria cor ou aspecto externo anunciam esse cumprimento de ciclo. O que será que sinalizaria uma família madura, ou um casal maduro? Que aspecto perceptível anunciaria esse fato? Uma fruta madura está no auge de sua apreciação e de seu vigor; é quando está mais suculenta, mais doce, saborosa e apetitosa aos olhos. O perfume que exala é o mais autêntico convite para que sejam provadas. Porém, nem todas são colhidas a tempo. De fato, algumas caem por terra, antes mesmo de sua apreciação. Mas algo surpreendente acontece com as frutas - com as colhidas e com as que caem, igualmente - é que elas segregam nas sementes, que todas contêm a possibilidade de serem frutos de novo, numa próxima estação.

Trazendo essa reflexão para iluminar o contexto da conjugalidade na Fase Madura, o processo de amadurecimento desta é contínuo, como que se a cada mudança de fase se cumprisse o ciclo das quatro estações, como acontece com as frutas, porém com o atenuante da sobreposição de fases intermitentes (o que equivaleria dizer, no caso da fruta, que dentro da mesma unidade existiriam partes que amadureceriam em momentos diferentes, ou processos evolutivos diferentes, porém, ao mesmo tempo), o que acontece na família. Sabe-se que esta variedade de acontecimentos evolutivos, adaptativos e contínuos deixa seus membros ativamente envolvidos, para não dizer alvoroçados vez por outra, nas tramas das diferentes dinâmicas que co-constroem pais e filhos, marido e mulher, irmão e irmã, inter e intra-geracionalmente, ao longo de cada etapa vencida no ciclo de suas vidas.

Essa reflexão comparativa leva a crer que lentamente no dia-a-dia algo muito sólido vá sendo construído; afinal somente com muita força, conhecimento, sensibilidade e habilidade é possível passar por tantos ajustes e ao mesmo tempo manter a estrutura familiar, subsidiando também o equilíbrio aos demais subsistemas. Uma família que chega à Fase Madura conquistou e solidificou sua essência enquanto tal, conforme foi sedimentando nutrientes em forma de vivências, assegurando o crescimento gradativo da intimidade nas entrelinhas do tempo. Com a autonomia e a independência dos filhos o casal fica mais parceiro e menos pai e mãe. Nesse processo de deixar os filhos crescerem e partirem os pais podem se reconhecer num momento novo, em que poderão realçar o teor do laço conjugal, tornando-se convidativos um ao outro em se experimentarem mais livres no auge da sabedoria como um casal maduro, que vive, na intimidade, dias de plena realização. Um casal maduro poderá enxergar nos filhos adultos o resultado do alicerce por ele edificado, podendo espelhar em gerações futuras os frutos de seu empenho do que foi construído na relação.

Acredita-se que o sabor esperado e de fato experimentado pelos casais que chegam a essa fase seja um misto de satisfação por colherem os frutos da dedicação que empreenderam para com os filhos, entremeado de uma sensação de alívio, cunhada de um agradável sabor de missão cumprida. Afinal, é sabido

que o maior desejo dos pais parece ser o de poder bem encaminhar os filhos de acordo com suas crenças e valores. Por mais que algumas diferenças aí residam, em sua maioria, acredita-se que encaram as lutas como tendo valido as duras penas, ao menos no que diz respeito ao bom direcionamento da vida dos filhos.

Por isso, pensa-se que o casal pode se dizer em lua-de-mel madura, pois é chegado o momento de investir novamente na “relação amorosa, uma vez que se sentem liberados das obrigações que tanto consumiram suas vidas até então, em especial o cuidado dos filhos” (OLIVEIRA; CERVENY, 2004, p.104).

Esses sentimentos únicos que podem permear esse estágio relacional de um casal não devem ser vistos como coincidências com a Fase Madura. Devem, antes, revelar a nobreza de valores comuns construídos na lentidão e empenho de uma semente plantada que germina, rompe o solo, enfrenta todo tipo de sorte, vai ganhando corpo, altura, raízes, conferindo à conjugalidade madura uma fisionomia de cultivo e cuidado contínuos, próprios de casais que se deixaram amadurecer ao longo das outras fases do ciclo vital, para assim se coroarem na Fase Madura.

CAPÍTULO 3 - COMUNICAÇÃO E VIOLÊNCIA

A forma como se fala aquilo que se fala tem sido foco de nossa atenção porque, dependendo da forma como um problema é narrado, este pode tornar-se dois. Pode-se considerar ainda que a forma como algo é falado seja mais problemática do que aquilo que está sendo dito, especialmente quando se refere a um desentendimento, por exemplo.

Palavras comunicam, constroem o outro, a ciência, o mundo, a vida. Palavras fazem letras de música, rimam poesias, entoam canções de ninar. Palavras falam inúmeras línguas, viram livros, armazenam saberes. Podem fazer com que povos se entendam. Palavras revelam sentimentos e descrevem significados, por mais subjetivos ou guardados que estes estejam. Dão nome a remédios que curam e procuram descrever algo maior, que transcende o exprimível. Palavras são tão importantes que falam e descrevem a vida que temos em nós, e mais, estas podem decifrar e transmitir emoções. Pensar é um ato em palavras. Porém, é bem verdade que a palavra “não” poderia caber em todas as premissas acima, fazendo das mesmas afirmações, negações. Não se tem pretensão alguma de cobrir o tema exaustivamente, mas este exercício ajuda a sensibilizar para o cuidado que é preciso se ter com as palavras utilizadas e como empregá-las, valorizando a importância que a comunicação tem no sentido de solucionar e também o peso que pode ter emaranhando os relacionamentos.

O que poderia acontecer com as palavras à medida que percorrem seu trajeto natural, do mundo do pensamento, que é o de dentro, para o mundo da fala que, verbalizada, vai para o mundo de fora? É a partir de sua emissão que sua essência genuína poderá sofrer distorções ao ser ouvida, por exemplo. Quem escuta, ouve não só o que foi dito, mas também o que pensou sobre o que foi dito, e essa “mescla” fica primeiro com quem ouviu, e não com quem iniciou falando. A pessoa que enviou a mensagem não tem a menor noção de que a mescla aconteceu do lado de lá, e segue adiante só com o que disse. Isso se processa muito rápido, em frações de segundos, mas é fato. Pessoas se ligam em seus pensamentos e, no nível silencioso, processam também suas interpretações, as

quais tendem a qualificar o que o outro diz consigo mesmas de forma unilateral, enquanto que o que se diz e se ouve é uma área comum.

Na comunicação humana, quando alguém pensa na forma de se fazer entender ao transmitir uma idéia sobre algum objeto, poderá fazê-lo de duas formas: referindo-se ao objeto apenas mostrando um desenho que fez do mesmo, ou utilizando o nome que é dado a este objeto como modo de identificá-lo. Estes dois tipos de comunicação - escrita (desenhada ou por semelhança auto-explicativa) ou falada (por palavras) - equivalem-se da mesma forma a outros dois conceitos, respectivamente: analógico, que se refere ao primeiro tipo de comunicação citada acima, ou digital, o segundo.

O homem é o único organismo conhecido que utiliza analógico e digital como modos de comunicação (WATZLAWICK, 1967). Comunicação analógica pode ser entendida como tudo que seja não verbal, como por exemplo: postura, gestos, expressões faciais, dentre outras, as quais, de certa forma, se restringem a movimentos corporais em contextos onde ocorram as interações (WATZLAWICK, 1967). Quando indivíduos estão em interação com outros seres humanos, o fazem por meio da comunicação como veículo interacional. A comunicação analógica tem uma contribuição muito rica, a qual acompanha a fala, a comunicação digital.

É importante lembrar que comunicação inclui não apenas padrões interacionais, mas também os problemas e paradoxos que se processam em propriedades da comunicação, causando grandes implicações nas interações interpessoais.

Os efeitos comportamentais da comunicação humana foram estudados enquanto aspectos pragmáticos da comunicação por Watzlawick et al. (1967), que discutiram cinco axiomas e suas patologias potenciais que revelam de que forma a comunicação afeta o comportamento uns dos outros, produzindo sintomas interpessoais que podem ser entendidos como circuitos de retroalimentação. Por exemplo: uma pessoa ouve no noticiário que vai chover. Esta seria uma mera informação se o carro dela não estivesse pronto para sair para a praia na madrugada. Esta pessoa se “afetou” com esta notícia, assim como várias vezes

ao dia pessoas se afetam quando alguém fala algo que lhes diga respeito, mas que ignoram a possibilidade de uma mudança de humor, ou de idéia, ou até mesmo um mal estar súbito, ter sido gerado a partir de determinada notícia ou fala. Nesse vai-e-vem de interações, de notícias, de encontros pessoais, a vida se manifesta pela estabilidade e mudança, em mecanismos de retroalimentação que ocorrem em formas de interdependência ou complementaridade.

3.1 Axiomas da Comunicação

As áreas da investigação da Comunicação se dão por meio da sintaxe (aspectos teóricos, códigos e canais), da semântica (significados e os símbolos das mensagens) e da pragmática (efeitos comportamentais sobre emissor e receptor) (WATZLAWICK et al., 1967). Os autores analisam aspectos sistêmicos dando atenção especial aos distúrbios de comportamento da comunicação, apresentados nos axiomas, que revelam propriedades comunicacionais como: comportamento, compromisso, trocas de mensagens, entre outras.

De acordo com Watzlawick et al. (1967), os efeitos pragmáticos dos axiomas ilustram melhor se relacionados aos distúrbios que podem se desenvolver na comunicação humana.

O primeiro axioma refere-se à impossibilidade de não se comunicar; é problemático negar que mesmo a negação da comunicação é uma forma de comunicar-se. Nessas situações, as reações dos indivíduos podem ser de:

- “rejeição” da comunicação: o passageiro A pode deixar claro ao passageiro B, que não está interessado em conversar;
- aceitação da comunicação: o passageiro A pode ceder e aceitar a conversa,
- desqualificação da comunicação: o passageiro A poderá defender-se por meio da técnica de desqualificação, invalidando sua comunicação ou a do outro.

O segundo axioma refere-se a conteúdo e níveis de relação da comunicação. Em comunicação, percebem-se duas coisas: ela transmite uma informação (conteúdo) com dados, e implica um compromisso (relação). Quando um não registra o que o outro falou ou confunde conteúdo e relação, a comunicação torna-se problemática. Neste caso, as pessoas têm que aprender a dar “*feedback*”, ou seja, retorno uns aos outros sobre suas ações.

O terceiro axioma é pontuação da seqüência de eventos; esta organiza os acontecimentos comportamentais na interação e na troca de mensagens entre os comunicantes. A discordância da pontuação está nas situações em torno de quem provoca e quem responde nas relações. A problemática aqui é pontuar um começo: sim-não-não-sim, ou o conhecido: “foi você quem começou”; “não fui eu, foi você”.

O quarto axioma diz respeito à comunicação digital e analógica, anteriormente mencionadas. A comunicação digital, ao expressar conteúdo, palavras, exprimindo coisas ou fenômenos se trata de uma comunicação verbal, enquanto a comunicação analógica, ao expressar relação, movimentos corporais, posturas, gestos, inflexão da voz, seqüência, ritmo, cadência das palavras e expressão facial, configura-se como comunicação não-verbal. Enquanto a comunicação digital permite correções e controle, a analógica é mais espontânea, não permitindo correções e assim, tendo mais credibilidade que a digital. A problemática aqui é que o homem precisa fazer a tradução da comunicação digital para a analógica e vice-versa. O ideal é que se forme o padrão analógico do casal, ou seja, uma forma de comportamento que inclua não só as palavras, mas os gestos e espaços interpessoais, integrando ambas as formas de comunicação: verbal e não-verbal (CERVENY, 2008).

O quinto axioma remete à simetria e à complementaridade na comunicação que não são boas ou más. A simetria se refere ao reflexo do comportamento do outro, enquanto a complementaridade se refere ao complemento do comportamento de outrem. Ambas se baseiam na igualdade e na diferença, e devem estar presentes nas comunicações saudáveis, contudo, em áreas distintas. A interação simétrica pode ser exemplificada por “não faço porque você

também não faz”, minimizando diferenças, enquanto a complementar pode ser ilustrada por “o muito de um ativa o pouco do outro”, maximizando diferenças. Podemos exemplificar este último da seguinte forma: quanto mais alguém trabalha, mais ativa a preguiça do outro. Para isto acontecer de forma saudável, os parceiros deverão ser capazes de aceitarem-se mutuamente e de respeitarem-se em seus respectivos “eus”. No entanto, quando ocorre desequilíbrio em uma delas, isto acontece de forma problemática, desestabilizando o outro (CERVENY, 2008).

Segundo Watzlawick et al. (1967, p. 76), há exemplos destes axiomas

nas desqualificações da comunicação abrangendo fenômenos comunicacionais tais como auto-contradições, inconsistências, mudanças de assunto, tangencializações, frases incompletas, desentendimentos, estilos obscuros ou maneirismos da fala, interpretações literais de metáfora, etc..

Por exemplo: não sou eu quem não quer (ou quer) fazer isso; algo fora de controle: são meus nervos, é a minha ansiedade, é a minha vida deficiente, é o álcool, é o modo como fui criado, é o meu marido, é a minha mulher.

Toda comunicação problemática tem um círculo vicioso, e para sair dele os envolvidos terão que meta-comunicar-se. Isso significa que uma pessoa teria que dar *feedback* a outra daquilo que entendeu sobre o que ouviu.

Paul Watzlawick (1967) considerou que qualquer comportamento apresenta valor comunicativo, isto quer dizer, valor de mensagem. Assim, pode-se questionar, por exemplo, a quem um gesto de violência se dirige (ao sujeito que o recebe, ou se ele é simplesmente o depositário do ato agressivo).

3.2 Vozes Internas

Saber reconhecer que acontecem de fato muitas vezes conversações silenciosas pode ser uma forma de pensar que o outro desconhece aquilo sobre o que se está pensando ou refletindo, a menos que se verbalize esse tipo de conversação - a internalizada.

Pessoas são povoadas por vozes, dos lugares de onde falam. Pensando de maneira mais ampla, o ser humano, desde o início de sua existência, já estava inserido numa cadeia de pertencimento.

O ser humano carrega a história de seus antepassados remotos, longínquos, recentes e atuais, da mesma forma que será referência para suas gerações subseqüentes. Assim, um indivíduo ao conversar com seus “eus” internos pode querer saber que emaranhado de vozes que o habitam é este, de onde vieram crenças que se fazem presentes, hábitos de costume e dinâmicas enfim, que se revelam neste mundo novo que está presente na interioridade e que tem peso sobre um indivíduo nas suas escolhas. Sejam elas profissionais, culinárias, racionais, entre outras, entoando de forma subjetiva falas que se fazem presentes mesmo quando não se sabe de onde vêm. Que vozes estarão falando através das vozes expressas nas peculiaridades de cada um? Essas vozes estão presentes no pessoal e no relacional, podendo passar despercebidas.

Segundo Shotter "criamos o que chamamos de nosso mundo interno" por meio de processos sociais e lingüísticos. Ele postula que o “nosso mundo interno - pensamentos, sentimentos, intenções ou nosso *self* - é criado nos atos da fala, desenvolvidos na ação conjunta com os outros” (SHOTTER, 1989^a, 1993, 1994 apud GRANDESSO, 2000, p. 81).

Algumas perguntas são aguçadas: de onde fala quem fala? Que vozes estão disponíveis? Porque elas não estão sendo ouvidas? Como elas podem ser trazidas para a conversa? Como trazer os muitos outros potenciais para a ação? O não dito, muitas vezes, pode conter grandes alavancas para subsidiar e complementar a interlocução, de maneira a clarear entendimentos, intencionalidades, respondendo, enfim, muitas curiosidades.

Quando pensamos em comunicação nos referimos àquilo que é dito, mas também ao não dito, ao código, ao silêncio, aos mitos, aos segredos e lealdades familiares e intergeracionais (CARBONE; COELHO, 1997, p.108).

Esta reflexão vem legitimar o campo do pensar enquanto dinâmica que pré-estabelece a qualidade do relacionamento a partir de histórias de vida que

definem cada indivíduo em relação. É como um holograma que se traz dentro si, como jeito de ser para si e de estar para o outro.

Entre o ser e o estar, as vozes interiores se manifestam concretamente definindo esses pensamentos, a maneira de falar e agir e, qualificando, no campo do não dito, as relações. É como se várias vezes ao dia, nas interações, houvesse uma considerável quantidade de vozes falando dentro de si - vozes da infância, do pai, da mãe, do irmão mais velho, da avó materna, de alguém que tem peso de referência na vida à medida que cada indivíduo se vê em determinadas situações.

Considerando que isto tudo também ocorre com o outro da relação, o não dito pode se tornar um terreno minado, visto que ele estará presente a todo instante, permeando o campo sutil das interações, embora nem sempre considerado nos momentos de desajustes ou de entendimentos. É como se do falar tivesse que se certificar de que a outra parte implicada da relação recebeu a mensagem emitida, enquanto receptor, na mesma qualidade intencional enviada pelo emissor. No entanto, na prática não é isso o que acontece, dado que quando se conta determinado fato não faz parte da dinâmica comunicacional e interacional solicitar ao outro que repita o que escutou ou entendeu.

No campo do não-verbal as vozes estão presentes em forma de pensamentos, de condutas, de expressões, podendo comandar e conferir marcas registradas de atitudes e falas. Cabe pensar em que medida as vozes interiores determinam o verbal nas interações e na forma de expressão. Dessa forma, mal entendidos podem ser facilmente deixados para trás, com mais freqüência do que se imagina. Este exemplo confere qualidade (ou falta de) às relações. Quanto mais claro o entendimento de considerações sobre o que alguém fala, de onde fala, quem fala, como fala, com quem fala e do que fala, mais próximo se estará do sentido do que fala quem fala. Este cuidado, se trazido para a consciência, poderia conferir mais saúde aos diálogos e mais confiança de que determinada mensagem chegou ao seu destino o mais perto possível de seu teor original. O território da comunicação, porém, carece desta certeza, uma vez que se sabe que ainda ocorrem distorções ao longo do envio de mensagens, pelo próprio processo dinâmico conferido ao seu mundo e de seus transmissores.

3.3 Cooperação forçada: violência como ato comunicativo

Tem-se sempre notícia dos mais variados tipos de violência na atualidade, principalmente violências físicas facilmente detectáveis, sejam elas dentro ou fora do contexto familiar. Contudo, muitas vezes se esquece daquela forma de violência não física, comunicativa, dada de forma verbal ou não.

Existem alguns fatores de pré-disposição à violência que precipitam ou desencadeiam atos violentos. Estes estão presentes nos acontecimentos do ciclo vital na forma de eventos, episódios de estresse ou maus tratos, comprometendo o psíquico, o emocional e o social (BUCHER, 2003).

Para desenvolver estudos sobre a violência é preciso pensá-la e contextualizá-la, não com o intuito de pontuar um começo, mas um lugar de onde seja possível viabilizar mudanças e estratégias de não-violência.

Harris et al. (1984) remetem a uma reflexão rica e pertinente no que se refere à comunicação como ato violento, onde Straus (1974 apud HARRIS et al., 1984, p.20) denota que modelos de explicação de violência familiar atuais tratam indivíduos de modo dicotomizado. Imagina-se que este aspecto deva se referir a esferas do modo relacional, onde pessoas ditas certas nisso podem estar erradas naquilo, ou ruins nisso, boas naquilo; essas conjecturas podem revelar que seres humanos apresentam de fato ambas facetas, podendo a partir do ambiente, encontrar meio propício para desenvolver-se mais desta ou daquela maneira.

Modelos psicológicos, segundo Harris et al. (1984), mostram que a violência pode revelar num indivíduo portador de tal característica condutas agressivas, obsessivas ou neuróticas, ao passo que modelos sociológicos podem atribuir às desigualdades sociais encontradas em determinadas culturas, ao considerar que uma possível distribuição desigual da estrutura familiar patriarcal poderia constituir um dos motivos principais a justificar a presença de tal comportamento. O sistema de crenças seria um importante fator a ser considerado, como no caso de pessoas que vivenciam e acreditam na violência, encorajando-a ao rotulá-la como uma ferramenta para demonstrar amor. Exemplo disso é quando pais punem seus filhos com atitudes e falas como: “é por amor a você e pelo seu bem que lhe dei

esta surra”. Situações como esta, presentes no jeito de educar e concebidas como auxiliares efetivas no sentido de aplicar corretivos aos filhos, faz com que o ambiente familiar se depare então com um questionamento: até que ponto os exemplos que se recebe em casa são, de fato, para serem seguidos?

De fato,

é no espaço familiar que se iniciam, também, as primeiras experiências acerca do compromisso e da negociação. Portanto, o processo educativo, no âmbito da família, expresso na forma de criação dos filhos, é de grande importância para a integração dos afetos na estrutura de personalidade da criança em desenvolvimento. A infância, percebida como uma etapa do ciclo vital do indivíduo, é considerada de suma importância para a constituição de sua identidade, até porque é nessa fase da vida que a criança fica muito na dependência do que sua família pode lhe proporcionar (BUCHER, 2003, p.172).

Pensando nos contextos violentos familiares sob a perspectiva da comunicação entre um casal, fica difícil estipular um começo deste tipo de violência em relacionamentos. Porém, sabe-se que a partir das formas como um fala com o outro é possível identificar pelas características relacionais indícios de comunicação como ato violento (HARRIS et al., 1984).

Quanto à lógica cultural, esta existe na mente, na forma do pensar das pessoas, na sociedade, no clube, na igreja, nas famílias, enfim. Como acontece no olhar sistêmico, uma cultura está contida numa cultura maior, sendo auto definida pelos seus procedimentos de saber e agir, numa lógica que contradiz ou nega a capacidade humana de saber. Por isso, ela é inerentemente problemática. A cultura que usa violência para eliminar violência estrutura seus procedimentos do saber e do agir numa forma auto-derrotada. O esperado seria que estes procedimentos se baseassem na capacidade humana, no contexto social e cultural para resolver conflitos, mas a sociedade na verdade se baseia num sistema que nega essa condição, reforçando a crença do dito popular “temos que dar bons exemplos”. Seria o caso de afirmar-se, então, que um ambiente que usa formas violentas, ainda que sutis, para educar está na verdade deixando um caminho a ser seguido.

O que acontece com a lógica cultural de um indivíduo que se insere num contexto de violência? Antes, quando se falava em violência doméstica, era

costumeiro pensar na violência física apenas, pois era a mais freqüente e pouco revelada, porém a mais perturbadora a ponto de quebrar a estabilidade da família.

Entretanto, a violência não física, do verbal e do que nem sempre é dito, mas vivido e sentido, entra em muitos cenários na atualidade, tomando partido em muitos relacionamentos.

Segundo Sluzki (1996), a violência seria uma forma de relação onde a conversa não se estabelece entre pessoas sendo, portanto, não dialógica; um verdadeiro colapso da conversação, que não mais se sustenta pelo fato de que as pessoas, ao não se comunicarem, não constroem sentido conjuntamente. Quando o diálogo não acontece por motivo de violência comunicacional interpessoal, as pessoas têm condutas de não compreenderem umas às outras, procurando dar sentidos aos seus próprios atos sem considerar as implicações destes no outro.

Esta pode ser uma tentativa em vão para busca de sentido para o que acontece nesses entraves comunicacionais como atos de violência verbais ou não verbais. Como esclarece Sluzki (1996, p.241)

uma maneira de dar sentido é aceitar o vitimário, dizer que tem razão ou que sua conduta é correta. A vítima não pode desprender-se da situação porque, se se distancia sem compreendê-la, a situação se torna impossível; é necessário entendê-la antes de afastar-se. É por isso que as pessoas permanecem, é um esforço por entender, ainda ressignificando, em um esforço por dotar de sentido.

Em interações onde a dinâmica comunicacional interpessoal convive com hábitos equivocados de maltratar ou desrespeitar um ao outro, percebe-se um clima de violência que se sustenta à base de uma produção constante de escaladas. Em atos de violência, mesmo os de ordem comunicacional, não é só a parte individual que sofre, mas todos e cada um (SLUZKI, 1996).

Nestes territórios da linguagem, a própria forma de comunicação pode constituir um recurso de recuperação relacional, principalmente em se pensando em aspectos referentes a violências cotidianas entre casais que, apesar de corriqueiras, podem estar muito presentes ou mesmo constantes. Quando estes eventos ocorrem, não contribuem para que haja uma sensibilização da responsabilidade social que cada pessoa deveria ter nos seus relacionamentos

íntimos e pessoais, de forma a cooperar como agente transformador de dinâmicas violentas em dinâmicas saudáveis (SLUZKI, 1996).

Para entender como o ciclo da violência está inserido em um amplo contexto, esse sentido será ilustrado com a reflexão de Mesterman (1988, p.48) ao dizer que

o conceito de circularidade descreve as relações uma vez que as conseqüências sempre voltam ao ponto de partida como causa, iniciando um novo círculo... assim pode-se dizer que a violência se dá a partir do contexto micro social da família em suas particularidades, na presença e ação simultânea dos diferentes aspectos que compõe a visão multifatorial do tema em questão.

Na atualidade, à luz da literatura e dos questionamentos concernentes a dinâmicas violentas que o mundo contemporâneo apresenta, compreende-se que nem sempre as condutas perpetuadas ao longo do tempo, como o caso da surra nos filhos e dos castigos exagerados, foram assertivos.

Formas sociais de comunicação, da mesma forma que condutas precisam de revisão e de estudo caso a caso, requerem uma lógica cultural compartilhada ou coordenada, e a força dos atos sociais depende dessa cooperação. Isto será ilustrado com o “pedido de desculpa”; se dito com as palavras “sinto muito”, pode ser ouvido por alguém soando como um pedido de desculpa, mas pode soar como esquiva para outro. Assim como neste pequeno exemplo, onde o sistema simbólico não foi compartilhado pelas duas partes envolvidas, em tantas outras situações corriqueiras o mesmo poderá acontecer exatamente porque, em determinados momentos, os sistemas simbólicos de um e do outro, por exemplo nos casais, parecem não estar afinados.

Pode-se dizer que o ser humano tem certa dosagem de agressividade e que, dependendo da motivação do ambiente, poderá ser desenvolvida de forma positiva ou negativa. Por um lado, a forma positiva é quando se administra essa agressividade no sentido de beneficiar-se em momentos decisivos como, por exemplo, em competições, disputas, conquistas. Por outro lado, a negativa é quando se deixa levar por este impulso, sem qualquer consciência crítica, a ponto de se tornar agressivo, invadindo limites, direitos e infringindo regras. Acredita-se

ser nestes territórios, moradia de tantas dicotomias pessoais e conjugais, que a violência comunicacional pode tomar sopros de vida.

Tanto a violência física como a verbal são normalmente observáveis. A não-verbal, entretanto, pode acontecer de forma subjetiva e não ser identificada facilmente, apesar de gerar dor, sofrimento e de poder comprometer a auto-estima e a saúde psíquica.

Segundo Harris (HARRIS et al., 1984, p.21),

a violência física acontece como mecanismo para forçar a cooperação quando a lógica cultural de uma pessoa falha em fornecer um sistema simbólico de conhecimento e ação de modo cooperativo

Outro fato esclarecedor é que a natureza da violência física é paradóxica: uma pessoa que utiliza força para forjar uma cooperação quando esta não acontece. Esta cooperação forçada nega a possibilidade de uma cooperação auto-decida ou voluntária uma vez que o indivíduo submetido a uma cooperação da qual não queira participar, a menos que seja obrigado, poderá considerar este um ato violento. Ainda que ele se submeta ou oponha-se, nenhuma das duas formas constitui uma cooperação auto-desejada.

Segundo os autores abaixo citados,

a força de um ato simbólico depende da cooperação para que ele seja compartilhado; a força de um ato físico não. Enquanto um ato simbólico pode ser negado ou ignorado, o ato físico não" (PEARCE; CRONEN, 1980 apud HARRIS et al., 1984, p. 22).

Ao se levar um chute ou ser vítima de qualquer outra violência física, não há como fazer de conta que não a percebeu, ao passo que é possível ignorar como violência, por exemplo, a falta de resposta de um cônjuge quando questionado sobre algo.

Na opinião de Pearce e Cronen (1980 apud HARRIS et al. 1984, p.22), força simbólica e força bruta interagem de forma que suas forças e fraquezas se auto-excluem.

O conhecimento compartilhado de um ato simbólico depende da cooperação, mas a cooperação pode assumir a forma de negação da existência de um ato particular. A existência de um ato brutal não pode ser negada, mas a sua existência nega a possibilidade de querer cooperação.

O papel de inter-relação entre o ato violento e o simbólico, portanto, pode capturar as pessoas de uma dada cultura nos seus padrões de conhecimentos e atos. Harris et al. (1984) discutem os entraves de pessoas se encontrarem em lógicas simbólicas potencialmente disfuncionais. Estas, quando acontecem, funcionam como armadilhas, pois as pessoas podem cair nelas sem que percebam que o terreno em que pisam pode ruir. Fato este muito interessante porque, na intimidade dos relacionamentos, partindo-se da prática da pesquisadora, dinâmicas presentes em alguns cônjuges como citar palavras ou situações que já se conhece notadamente alterarem o estado de humor do outro na relação são apontadas, algumas vezes, como características humanas que se potencializam de maneira a atingir a auto-estima alheia como um mecanismo dicotômico; ora funciona para ataque ora para defesa. Faz-se necessário pensar em tais dinâmicas, uma vez que seus usuários destas podem ser vistos como portadores ambulantes de armas psíquicas altamente tóxicas nas relações.

Na lógica cultural existe um mito no que se refere à comunicação, o qual constitui um obstáculo. Isto é, ocorre uma lacuna de comunicação porque muitas pessoas pensam na comunicação como um verbo. Todavia, comunicação vai além da verbalização.

De acordo com Harris et al. (1984), comunicação “perfeita” pode ser pensada em termos do desenvolvimento da fala, da escuta e do compromisso com os relacionamentos. E quando a comunicação é imperfeita? Quando há uma lacuna, ou seja, quando uma pessoa não pode cooperar ou não vai dar cooperação, não vai tentar cooperar, não vai aderir cooperando, ou não vai cooperar o suficiente para satisfazer as necessidades do outro, fazendo com que a comunicação “perfeita” não aconteça.

A lacuna na comunicação decorre do sistema de lógica cultural. Por exemplo: entre um emissor A e um receptor B existe um abismo (que

representará, nesse momento, a cultura de um e do outro), onde se abrigam mensagens verbais e não verbais, daquilo que é dito e ouvido, tendo por referência cultural quem ouve. Logo, a emissão de A dependerá de como a recepção de B interpretará o que A enviou. E B entenderá de acordo com significados próprios, que são atribuídos no ato do surgimento das mensagens da outra pessoa, A, no caso, que foi o emissor. É um processo auto-reflexivo, instantâneo, com base no que cada um percebe. Aqui reside o problema.

A distância entre o indivíduo A e o indivíduo B representa a impossibilidade do ser humano de ter perfeito conhecimento próprio, porque o que se pensa está sempre para ser definido em relação a algo ou a alguém. Estarão em jogo os procedimentos de saber e agir da lógica cultural não só de si, mas do outro também, e mais complexo ainda, da lógica cultural que eles criam juntos.

Transitar pelo terreno do significado remete a pessoa ao seu mundo, e nisso reside a lacuna comunicacional; por isso é difícil comunicar-se de forma “perfeita”. A lógica cultural de saber e agir que se cria tem acesso imperfeito porque não se consegue acessar totalmente cada um desses terrenos. Fica a sensação daquele abismo, onde a comunicação se perde nessas combinações culturais em que seres humanos representam um para o outro.

Com o conhecimento imperfeito, vem a cooperação imperfeita. Nós devemos saber o significado intencional do ato do outro, para reconhecer a existência do ato; nós nunca poderemos ter conhecimento perfeito das intenções dele/dela, ainda que perguntemos (HARRIS et al., 1984, p.23).

Às vezes, nem a própria pessoa que responde esclareceu para si mesma aquilo a que está respondendo. Pode ser que o significado atribuído aos sentimentos no dado momento da pergunta só surja depois, à luz de reflexão. Ironicamente, quanto mais se tenta extrair cooperação, mais forçada esta será e é menos provável que ela exista de uma forma desejosa de ofertar-se.

Isto equivaleria a fazer a seguinte reflexão: pensemos em quando alguém agride uma pessoa. Seria necessário avaliar a cena congelada porque, ao vivo, ninguém que recebesse um chute ou um bofetão perguntaria calmamente ao agressor o seu motivo, ou porque fez aquilo. Bom seria se esse agressor e o

agredido conseguissem primeiro passar pelo terreno do significado para conhecer onde está o desconforto, antes de partir para a ação. Quando estiverem na ação, o esperado é que um ficará igual ao outro. Ou seja: para um ato agressivo não haverá uma fala agressiva e sim outro ato agressivo, às vezes até maior do que o primeiro. Logo, aquele que bate já está no ato violento, e não mais no ato de significado. De certa forma, ele tentou estabelecer uma linha de comunicação. Quanto mais o agressor tentou obter cooperação, mais forçado seu ato se tornou, e menos provável seria que a ajuda viesse de boa vontade agora que a pessoa se sentiu praticamente “obrigada” a ter que cooperar. “Violência física é um esforço dramático para conseguir algo impossível” e então se reage com um ato violento. Exemplificando as duas pessoas como A e B, a lacuna entre elas não proíbe que a comunicação ocorra. Esta lacuna força-lhes a ver a comunicação como um processo criativo, de acordo com a lógica cultural de cada uma.

Duas ou mais pessoas podem estar envolvidas no processo de co-criarem uma lógica cultural maior, contanto que esta lógica continue fazendo sentido para cada pessoa. Quando, por exemplo, não se entende algo que foi dito e não faz nenhum sentido para uma das partes, isso significa que emissor e receptor têm lógicas culturais diferentes e, portanto, significados distintos.

Muitos relacionamentos evidenciam o fato de que uma comunicação perfeita não é necessariamente uma característica de uma lógica cultural operável, que funcione.

Os milhares de relacionamentos sem violência evidenciam este fato. Alguns padrões de interação podem ser coordenados com pequenos acordos, conforme a interpretação dos participantes (HARRIS et al., 1984, p.23).

Na lógica da troca simbólica, a lacuna de comunicação sempre existe, mas o diferencial é não ignorá-la. Infelizmente, é exatamente essa a lógica de comunicação predominante. Compreender que a lacuna existe já funciona, porque quando esta é percebida pode-se interagir e trabalhar com a mesma. A lacuna é inerente à pessoa humana e não reconhecer sua existência no aspecto comunicacional a torna disfuncional. Isso é problemático, ter-se-ia que perguntar o significado disso e daquilo, um ao outro.

A visão popular de comunicação tem sido documentada por muitos pesquisadores que argumentam que os indivíduos operam dentro de uma lógica simbólica. Eles dizem que se está havendo troca de significado na comunicação, não tem problema porque a comunicação está se dando. Os teóricos da troca investigam que o processo de troca descreve o que as pessoas fazem quando se comunicam; isto é, eles trocam mensagens simbólicas (FOA; FOA, 1972; GERGEN, 1969; HOMANS, 1961; THIBAUT; KELLY, 1959 apud HARRIS et al., 1984 p.24).

Na pesquisa desenvolvida por Harris et al. (1984) sobre padrões de violência doméstica foi percebido que as pessoas acreditam mesmo que comunicação seja um processo de troca, e que os “problemas comunicacionais” se devem a um balanço imperfeito na troca de mercadorias necessárias e desejáveis. Um exemplo disso é quando uma lógica cultural é auto-destrutiva, na forma de como a comunicação se dá, ou quando o emissor A fica no seu próprio mundo e o receptor B também fica no seu próprio mundo, não havendo troca. Quando esta reflexão é transportada para o ambiente conjugal, evidencia-se que se um cônjuge não quer conversar com o outro, “empurra” ou espera do outro a iniciativa, fazendo com que a comunicação não se processe.

Entre indivíduos existem trocas que simbolizam mercadorias de desejo e que se processam por meio de regras. Transferindo esta lógica de troca de mercadorias para a esfera comunicacional, os símbolos são vistos como mercadorias que podem ser trocadas da pessoa A para pessoa B no pronunciamento de mensagens que os representam. Mercadorias como amor, respeito e confiança podem ser trocadas, oferecendo declarações como “eu te amo”, “eu te respeito”, “eu confio em você”. A troca ocorre assim que a mensagem for proferida.

Harris et al. (1984, p.24) enriquecem esta reflexão com palavras de Berne (1964)

Mercadorias simbólicas são recursos limitados e deveriam ser trocados reciprocamente. Símbolos existem empiricamente e podem ser conferidos em o quê e quanto tem sido trocado por quem. Indivíduos têm capacidade de querer ou de recusar a troca de mercadorias. Para efetuar uma troca recíproca de mercadorias simbólicas, um indivíduo pode acompanhar a quantidade trocada.

Exemplificando, se Ana dá a Paulo muitas mensagens afetuosas e percebe que o que ele está devolvendo não é uma quantidade equivalente ou que se equipare à que ela lhe ofertou, Ana pode recusar afeição a ele, até que a troca novamente se equilibre.

Uma comunicação perfeita acontece num relacionamento quando cada parceiro está dando todas as mercadorias positivas e recusando as negativas e quando a troca é recíproca e espontânea, ou seja, quando ambos cooperam neste ato equilibrado de boa vontade. Por outro lado, a comunicação perfeita deixa de existir quando alguém está ofertando mercadorias negativas, guardando as positivas, ou quando a troca não é espontânea ou recíproca. Neste caso, um ou os dois membros da relação ajustam a balança como Ana fez, ou tenta persuadir o outro a cooperar mais ativamente nessa troca espontânea de símbolos.

Ironicamente, as pessoas que incorporaram a lógica de troca de modo mais satisfatório são as que foram mais vitimizadas por ela. Elas são as que alcançam e depois aumentam esses limites usando atos de violência física para forçarem cooperação.

Infelizmente, aprendemos a lógica de troca muito cedo e poucas lógicas alternativas para lidar com nossos relacionamentos. Algumas das pesquisas de brigas de irmãos realizadas pelos autores são sérios lembretes do quão incrustada essa lógica está nos nossos pensamentos (HARRIS et al., 1984, p.25).

Nas pesquisas de análise comunicacional de padrões violentos realizadas por Harris et al. (1984) foram encontrados dados que apontam a violência física como uma forma primitiva de lógica de troca. Foi possível entender que em brigas entre irmãos, experiências pelas quais, por sinal, todos que têm irmãos passam, crianças não percebem que brigas são atos violentos; são vistas como normais, e necessárias para a comunicação entre irmãos. Um irrita daqui, o outro devolve dali. A partir dessas trocas, escolher programa de televisão, quem toma banho primeiro, de quem é o bife maior, quem pegou a roupa de quem sem ordem, a comunicação se estabelece. Quando são crianças treinam entre irmãos um sistema de troca que já é de violência.

Na ocorrência desses episódios sempre há um adulto para intervir, o que vem a ser uma atitude inadequada, pois as crianças recebem isso como um treinamento para a vida adulta. Quando esses episódios se repetem na maturidade, os pais não interferem mais, chegando no momento das brigas para impor limites, e então o ato violento tem continuidade até chegar na agressão física. Mas desde criança já era assim.

O que se pensa é que a violência relacional que se processa nos inúmeros episódios de agressões verbais e não-verbais na intimidade de um casal são, na verdade, uma expressão do pouco conhecimento que se tem a esse respeito.

Harris et al. (1984) permitem que se lance um novo olhar para o entendimento da comunicação como ato violento contida nos episódios de brigas na infância, como o passaporte que levará pessoas à entrada franca e autorizada no mundo adulto da violência comunicacional e de outros níveis.

O ato violento passa pela lógica cultural e pela lógica da troca. Se a pessoa não tem conhecimento suficiente para este entendimento, a comunicação se interrompe e sementes de violência são plantadas durante episódios próprios de dinâmicas da infância, aguardando oportunamente serem regadas pela simples repetição dos atos violentos até desabrocharem, eclodindo em episódios de agressão verbal ou física.

Harris et al. (1984, p.25) citam a opinião de Inhinger (1975), que afirma que as crianças atuam nas suas lógicas de justiça de acordo com a consistência que os pais dão a elas. As crianças sabem negociar em termos do que é “justo” com base no que é tangível, ou seja, concreto. Parece que caberia aos pais nessa hora ajudar a ponderar, trazendo para esse momento de entendimento e de formação de critérios de justiça dos filhos a parte abstrata, subjetiva, que nesta fase do ciclo vital, quando se tem filhos pequenos, ainda é de domínio apenas dos pais. Assim, os filhos poderiam ter mais equilíbrio ao assimilarem algo como “justo”, considerando aquilo que os pais apresentam como sendo o mais sensato, ao invés do que é tangível apenas, criando uma oportunidade de ensinar crianças a agirem com consciência.

Gouldner (1960 apud HARRIS et al. 1984, p.26) observou que as crianças operavam segundo normas de reciprocidade como, por exemplo, “eu assisto esse programa hoje, e amanhã você assiste o que quiser”. A violência física acontecia entre irmãos quando outras pessoas não satisfaziam as expectativas de estar disposto a cooperar. Nesse momento, cooperação forçada parecia ser um preço a ser pago para manter um sistema recíproco. Os pais eram freqüentemente chamados para intervirem nos atos de violência emergentes nestes episódios. Expectativas do que é justo e recíproco são incorporadas no desenvolvimento da lógica cultural das crianças. Suas brigas com os irmãos raramente saem de controle, porque aprendem a depender da interferência dos pais.

Esta lógica funcionaria razoavelmente bem na obtenção conjunta dos objetivos contanto que as mercadorias fossem tangíveis ou “alcançáveis” e que houvesse alguém externo à situação para interromper a escalação.

Diante do exposto, a prática profissional, acrescida da vivência e da sobreposição de tema de pesquisa e da mesma fase de vida da autora, fazem contemplar a relevância do ato significativo que o cuidar relacional imprime como eixo no seio de uma família a partir da qualidade da conjugalidade vivida por um casal. Assim, esse trabalho objetivou disparar conteúdos interiorizados das dinâmicas relacionais de casais na Fase Madura do ciclo vital, retomando, passo a passo, momentos conflituosos. O fato de poder revisitar a intimidade relacional de casais poderia levar a uma retomada do vigor relacional e do namoro esquecido na conjugalidade.

A intimidade de um casal parece ser de acesso delicado. Portanto, se a qualidade comunicacional favorecer este processo, pode ser um problema a menos a ser enfrentado para alcançar este lugar. Desta forma, o quesito boa comunicação assume um grande papel, do mesmo modo que se torna importante compreender de que forma os casais na Fase Madura do ciclo vital enxergam a necessidade de estarem atentos para as formas como dizem aquilo que dizem, não confundindo aquilo que é dito com as dificuldades de não saber dizê-lo. No caso de aspectos comunicacionais apresentarem distorções por má comunicação, entendimentos equivocados ou interpretações inadequadas, entre outras

dificuldades, o clima conjugal pode acender faíscas de comportamentos agressivos, que se persistirem podem inclusive resultar em comunicação como ato violento.

CAPÍTULO 4 - MÉTODO

A presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa e interpretativa, utilizando a linguagem como meio para estudar o fenômeno de interesse. Pesquisas qualitativas são bastante úteis porque possibilitam, por meio de métodos interpretativos, a compreensão do mundo a partir do olhar dos indivíduos que vivenciam o fenômeno sob investigação.

Segundo Turato (2003), a pesquisa qualitativa vale-se de significados que um indivíduo ou um grupo de indivíduos atribuem a fenômenos que lhes dizem respeito. É uma abordagem naturalística no sentido da relação que se faz entre os significados apreendidos com o contexto no qual os participantes se inserem.

Esta pesquisa fez uso do conteúdo dialógico obtido com o desenvolvimento de grupos de discussão, orientados a partir de questões norteadoras baseadas num roteiro previamente estabelecido.

Na tentativa de explicar o fenômeno de interesse, utilizaram-se olhares dos participantes que, por meio da linguagem, possibilitaram compreender de forma mais abrangente possíveis questões relacionadas à comunicação entre casais. Reconhece-se que estudos deste tipo produzem resultados limitados aos olhares dos participantes e à lente do pesquisador. A literatura descreve que fatores relacionados aos participantes, tais como o nível socioeconômico, o grau de instrução, o gênero, a etnia, entre outros, produzem visões diferentes das experiências vividas, sem mencionar que estas estão sempre em curso e, portanto, não permitem a generalização de resultados (DENZIN; LINCOLN, 1994).

O que motivou o debate entre os participantes desta pesquisa foi a apresentação de um conjunto de cenas de três filmes que retratavam três fases do relacionamento de casais: namoro, aquisição e madura. Cada conjunto de cenas durava dez minutos e foi apresentado de modo contínuo. As cenas selecionadas para cada trecho de filme priorizaram momentos de diálogos, retratando os pormenores de vida diária (tais como tipos de programa, ambientes de fala ou de discussões, formas de abordar problemas, tarefas diárias, espaços individuais e espaços compartilhados, entre outras observações presentes nas perguntas).

Procurou-se juntar cenas do dia-a-dia vivenciadas por casais e suas falas corriqueiras e/ou conflituosas, a fim de relacionar esses episódios a acontecimentos especialmente presentes em casais na Fase Madura. O fato de perguntas terem sido realizadas não só sobre a Fase Madura, mas também sobre Fases de Namoro e de Aquisição, possibilitou que se respeitasse o olhar sistêmico, o qual privilegia as conexões. Buscou-se, portanto, abranger uma visão da trajetória dos casais.

Optou-se pela utilização da abordagem de pesquisa qualitativa buscando qualificar um fenômeno abordado de uma perspectiva sistêmica, em suas inter-relações. O fenômeno de interesse que se buscou apreender diz respeito à identificação e percepção dos participantes de aspectos da comunicação verbal e não-verbal como ato violento em relacionamentos de casais.

Neste estudo empregou-se o pensamento sistêmico, que compreende uma leitura da realidade considerando que as partes envolvidas estão em constante interação promovendo, portanto, ações compartilhadas. O conceito de sistema serve de guia para abordar os fenômenos quer sejam biológicos, antropológicos, dentre outros, observando a relação entre estes sem que sejam abordados isoladamente (MACEDO, 2007).

Quanto à lente de interpretação utilizada pela pesquisadora, a saber a teoria do Construcionismo Social,

fazem parte dos pré-conceitos do pesquisador as teorias que contextualizam suas perguntas, sua bagagem experiencial como pesquisador e pessoa no mundo, os pressupostos que orientam sua forma de abordar o fenômeno que estuda e as próprias perguntas que formula. Os pressupostos do pesquisador vêm da tradição em que se insere, a começar por suas lentes paradigmáticas e as relações que desenvolve nas suas comunidades lingüísticas, com a qual compartilha e constrói significados (MACEDO et al., 2007, p.6)¹⁰.

Assim, a pesquisadora no presente trabalho fez parte do sistema que observou; a realidade aqui descrita foi construída entre os participantes e a própria pesquisadora (VASCONCELLOS, 2005).

¹⁰ Material de aula ministrada pela Prof^a Dr^a Ida Kublikowski: “A interpretação em pesquisa qualitativa: a construção do significado”, 2007.

Utilizou-se a concepção da ciência como prática social buscando-se a construção de significados com base nas experiências de vida dos participantes e no sentido que estes apresentam em suas narrativas. Considerando-se que lidar com significados envolve interpretação, foi utilizada a concepção de compreensão proposta por Ricouer (1994).

4.1 Participantes

Os critérios para identificação dos participantes desta pesquisa foram: aceitação de carta-convite (Anexo 1), aceitação a partir da assinatura de termo de consentimento livre e esclarecido (Anexo 2), demonstração de interesse pelo assunto, residência comum desde o casamento, pelo menos um filho morando fora de casa, pelo menos um dos cônjuges com idade entre 45 e 55 anos, classe socioeconômica média, segundo informações socioeconômicas e de escolaridade. Alguns desses critérios foram definidos com base em Cervený e Berthoud (1997), principalmente os que caracterizavam o casal como estando na Fase Madura do Ciclo Vital.

A composição do grupo de participantes foi realizada por meio do método denominado “bola de neve”, no qual um casal identifica e convida outro para participar da pesquisa (TURATO, 2003).

O convite inicial, partido da pesquisadora, foi destinado aos participantes de um grupo de estudos terapêuticos de Ribeirão Preto a pessoas de grupo de oração e de contatos rotineiros.

Solicitou-se a todas as pessoas que indicassem conhecidos que pudessem se interessar em participar de grupos de discussão, nos quais se debateriam assuntos relacionados à comunicação na conjugalidade. Concluída esta etapa, possíveis participantes se candidataram e se prontificaram na indicação de outros.

Assim, foram incluídos no presente estudo oito casais que nunca haviam participado de estudo desta natureza. Formaram-se dois grupos de discussão, sendo o primeiro constituído por cinco casais (Grupo 1) e o segundo por três casais (Grupo 2)

4.2 Local de realização do estudo

A pesquisa foi realizada na cidade de Ribeirão Preto, situada no nordeste do Estado de São Paulo, a 313 km da capital, com uma população de 559 650 habitantes e considerada a capital do agronegócio (IBGE, 2006).

Os participantes foram convidados a comparecer no consultório da pesquisadora no mês de novembro de 2008, sendo que cada grupo de discussão esteve reunido por um período aproximado de três horas, em um único dia.

4.3 Material

Cenas dos filmes “Um amor para recordar” (F1), “A História de nós dois” (F2) e “Quem tem medo de Virgínia Wolf?” (F3) foram selecionadas para disparar o debate a respeito do namoro, da aquisição e da Fase Madura, respectivamente. A seleção de filmes e de cenas foi realizada pela pesquisadora, que julgou se tratar de material rico em diálogos que traziam situações de comunicação como ato violento.

Em F1 apresentou-se um início de relacionamento entre dois jovens americanos (entre 16 e 17 anos) oriundos de mesma classe social. Ela recatada, estudiosa, religiosa; ele, popular, desligado dos estudos, e se comunicava com ironia. Ambos participam de uma peça romântica de teatro na escola, onde desempenham os papéis principais. As cenas selecionadas mostram o despertar do interesse entre eles, suas dificuldades de aproximação, e cenas que ilustravam desqualificações de ordem analógica e digital, como por exemplo: uma cena de conversa dos dois em um ônibus na qual ele permanece com fones de ouvido, ouvindo música; e num outro momento em que ela lhe dá carona e ele se abaixa dentro do carro para não ser visto pelos colegas.

Em F2 apresentou-se um casal na Fase de Aquisição, com dois filhos de 10 e 12 anos e que, na ausência temporária destes em colônia de férias^{5s}, vivenciam o afloramento de um conflito intenso, cogitando uma separação. Nestes episódios aparecem cenas que evidenciam a influência das famílias de origem, bem como a

sobreposição de fases contendo desqualificações de ordem digital e analógica, tais como acusações, falar ao mesmo tempo sem se ouvirem, intimidações como bater portas, gritar e desqualificar o outro.

Em F3 apresentou-se um casal na Fase Madura que participa de um jogo onde a ironia e a desqualificação dão o tom de quem pode mais. Falas e gestos são utilizados com a finalidade de agressão, e não de entendimento.

4.4 Estratégia para obtenção dos dados

Os grupos de discussões tinham por objetivo promover o debate a partir de um roteiro de perguntas que estimulasse a troca de experiências, a revelação de sentimentos, a identificação de percepções, valores e dificuldades, bem como a troca de experiências por meio da interação entre os participantes.

Participaram dos grupos de discussão a pesquisadora principal (EBV), que assumiu a função de coordenadora do debate e duas pesquisadoras auxiliares (AN; AMNM), que tinham experiência no desenvolvimento de grupos de discussão e eventos por meio de filmagem e gravação, respectivamente.

Antes do início das sessões de discussão foram explicadas brevemente, cada fase: namoro, aquisição e madura, em seguida foram apresentadas aos participantes informações a respeito do funcionamento dos grupos, sendo esclarecido que não se tratava de grupos terapêuticos ou grupos de ajuda, e ainda que, mesmo que fossem identificados problemas ou necessidades de acompanhamento terapêutico, não estaria garantido e nem haveria sugestão de acompanhamento profissional posterior.

Inicialmente houve um esclarecimento sobre o tema da pesquisa, seguido da informação de que haveria sigilo em torno das identidades e informações fornecidas, que não existiria certo ou errado nas respostas que dariam, que seria importante falar um de cada vez para facilitar o entendimento das gravações, que não seria necessário um concordar com o outro, que seria bom ouvirem-se respeitosamente. O documento de consentimento livre e esclarecido foi lido em voz alta e assinado pelos participantes.

Os três fragmentos de filmes F1, F2, e F3 foram apresentados por meio áudio-visual e o grupo de discussão se desenvolveu da seguinte forma: apresentação de F1 seguido de perguntas norteadoras e debate. Após o término deste, fazia-se um apanhado do que foi ouvido e em seguida foi dado um intervalo de cinco minutos e as próximas cenas foram apresentadas, também seguidas de perguntas e debates, de apanhado e intervalo. As questões utilizadas estão apresentadas no Quadro 1.

Quadro 1- Questões que nortearam as discussões após a apresentação de F1, F2 e F3.

| (F1) “Um amor para recordar” | |
|---|--|
| Questão | |
| 1 | O que é que vocês apontam como características de namoro, lembrando que o nosso foco é a comunicação? |
| 2 | No trecho deles no ônibus, como vocês entenderam aquele nível de comunicação? |
| 3 | Como a relação do namoro se constrói? |
| 4 | Que idéia você faz da qualidade dessa relação de namoro? |
| 5 | Teve algum momento em que vocês perceberam algum tom de agressividade na forma como um se comportou ou se comunicou com o outro? |
| 6 | A gente se comunica com palavras, mas também com gestos, sinais, etc. Você percebeu gestos, movimentos, atitudes agressivas silenciosas ou não, nas interações do casal de namorados? |
| (F2) “A história de nós dois” | |
| 1 | O que caracteriza essa fase pra cada um de vocês, em termos de comunicação? |
| 2 | Como a relação de casado se constrói? |
| 3 | Quando você assiste esse filme, o que você pensa da qualidade dessa relação? |
| 4 | O que chama sua atenção na dinâmica relacional desse casal? |
| 5 | Nós vamos partir do pressuposto que tudo é comunicação. Coisas ditas comunicam e coisas não ditas também. Olhando para a relação deles, você pode apontar gestos, movimentos, atitudes agressivas ditas ou silenciosas enquanto eles estavam se comunicando? |
| 6 | Quais as semelhanças e diferenças nos aspectos comunicacionais do casal de namorados e desse casal? |
| (F3) “Quem tem medo de Virgínia Wolf?” | |
| 1 | A partir da cena do filme o que você pensa da qualidade dessa relação? |
| 2 | Como vocês definiriam que está a relação desse casal? |
| 3 | Vocês falaram em agressividade algumas vezes. Que tipo de agressividade vocês perceberam neste casal? |
| 4 | Como vocês fariam uma retrospectiva dos trechos dos filmes assistidos em termos da evolução do relacionamento conjugal, no namoro, no casamento e na Fase Madura? O que essa trajetória mostrou pra vocês? |
| 5 | Suscitou algo pra você, essa oportunidade de refletir sobre esses aspectos comunicacionais? |
| 6 | Qual seria uma sugestão de cada um, visando qualidade relacional nas interações conjugais? |

O grupo de discussão funcionou como um método que permitiu gerar informações qualitativas, fruto das discussões focalizadas. Não se buscou estabelecer consenso ou realizar conclusões. Os participantes expunham a partir das perguntas a sua forma de ver e entender as cenas, e algumas vezes o diálogo se estabelecia entre eles.

Como não era de interesse focar em aspectos relacionais, mas sim em aspectos da comunicação pelos indivíduos, estes diálogos, quando ocorreram

entre casais, não foram analisados. Ressalta-se que durante as discussões os participantes interagiram, havendo situações de influência mútua.

Os grupos de discussão foram desenvolvidos nas seguintes etapas: planejamento, execução, registro das informações, transcrição e análise dos dados.

O planejamento envolveu a seleção dos filmes e a edição das cenas em DVD; a elaboração de roteiro de perguntas; a definição do grupo de pesquisa; a realização de reunião para organização dos trabalhos; a identificação e o convite dos participantes e a preparação do local onde ocorreriam as discussões. O roteiro de perguntas sofreu ajustes após ser utilizado em caráter piloto em sala de aula, ocasião em que foi feita uma breve apresentação da pesquisa, e lidas as questões avaliando-se como estas soavam e como os alunos se sentiam ao respondê-las. Desta forma, pode-se ter uma idéia mais concreta do que esperar com a apresentação das questões aos futuros participantes.

4.5 Registro e análise dos dados

As informações foram registradas por meio de filmagem, gravação e anotação por EBV e NA. Como necessário em uma pesquisa qualitativa, foi realizado o registro complementar de situações emergentes no “*setting*” da pesquisa, com atenção para gestos e expressões corporais (TURATO, 2003, p.105).

A transcrição das fitas foi feita por EBV e está apresentada na íntegra, preservando o anonimato pelo uso de nomes fictícios (Anexo 4).

Os dados foram analisados por EBV e para tal apresenta-se um breve relato de como os grupos aconteceram, seguida da análise das transcrições a partir da organização das falas dos participantes de cada grupo, para cada questão e para os três trechos de filmes.

4.5.1 Análise das transcrições

Inicialmente foi realizada uma leitura das transcrições do começo ao fim, seguida de assistência ao filme. As transcrições foram organizadas segundo o filme e questões para os grupos de discussão 1 e 2. As falas foram lidas e organizadas suprimindo-se, nos trechos de relevância segundo o objeto de estudo, palavras ou frases repetidas ou que não trariam nenhuma contribuição. Estes casos foram indicados com reticências.

Para cada filme apresentaram-se as falas organizadas em assuntos ou temas emergentes segundo o significado das cenas para os participantes. Foram analisados os conteúdos das narrativas dos participantes, uma vez que pesquisas qualitativas geram um enorme volume de dados que precisam ser organizados para serem melhor compreendidos. Isto se faz por meio de um trabalho no qual se busca identificar assuntos emergentes, dimensões, categorias, padrões, relações, facilitando o afloramento do significado. Este trabalho de redução de informações é complexo e exige organização e hermenêutica dos dados presentes desde o início do estudo (MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1999).

Com este processo de coleta e organização das informações obtidas procurou-se colher o maior número de impressões possíveis que melhor viessem a auxiliar e refinar a execução da pesquisa e responder as suas questões e cumprir os seus objetivos (CHIZZOTTI, 2006).

As informações resumidas são apresentadas nos Quadros 3 a 8 – Filme 1 “Um amor para recordar”; Quadros 10 a 15 – Filme 2 “A história de nós dois” e Quadros 17 a 22 – Filme 3 “Quem tem medo de Virginia Wolf?”.

Os assuntos emergentes foram agrupados em temas que originaram subcategorias. Estas, por sua vez, permitiram um novo agrupamento em categorias de análise.

4.5.2 Categorias de análise

Iniciou-se o processo de agrupamento das informações a partir de leitura das transcrições de cada grupo, para cada filme. As falas foram inicialmente agrupadas segundo assuntos emergentes. Após análise reflexiva, os assuntos emergentes foram agrupados em categorias e sub-categorias criadas por proximidade de tema.

Para a identificação dos assuntos emergentes consideraram-se os significados das falas dos temas debatidos. As categorias e sub-categorias foram criadas com base nos pressupostos teóricos do Construcionismo Social e da abordagem sistêmica.

As categorias e sub-categorias que representam os aspectos presentes nas dinâmicas comunicacional e relacional dos três filmes estão apresentadas nos Quadros 2 (“Um amor para recordar – F1), 9 (“A história de nós dois”) e 16 (“Quem tem medo de Virginia Wolf?”).

4.6 Aspectos éticos

Esta pesquisa foi submetida para apreciação e aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, segundo determina a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde/MS, por envolver seres humanos (Anexo 3).

Assegurou-se aos participantes o anonimato, o que é cumprido a partir da criação de nomes fictícios. O processo a que os participantes se submeteram não causou nenhum tipo de constrangimento ou ofereceu risco à sua saúde física ou mental. Os benefícios da participação nesse processo se referem à possibilidade de crescimento pessoal ou conjugal, uma vez que participaram de um processo reflexivo sobre questões da comunicação na construção de intimidade entre casais.

A pesquisadora principal declara a não existência de conflitos de interesse na realização do presente estudo.

CAPÍTULO 5 - RESULTADOS

5.1 Funcionamento dos grupos

Os grupos de discussão ocorreram no mesmo dia e transcorreram sem intercorrências como, por exemplo, saída antecipada de algum participante. Os participantes colaboraram espontaneamente com as discussões, procuravam ficar atentos às questões sugeridas e interagiram com os demais.

Os participantes, de modo geral, se mostraram abertos, honestos em suas contribuições e na partilha de suas histórias pessoais, não se observando constrangimento quando faziam paralelos com conteúdos de suas histórias e as apresentadas nos filmes. Notou-se que a todo momento os participantes estavam prontos para debater os assuntos trazidos pelos filmes num tom pessoal, tomando-se como referência o número de vezes que perguntavam se deveriam comentar o filme ou se poderiam também relatar suas experiências pessoais. Percebeu-se que o debate foi útil e oportuno pelas falas dos participantes, que se sentiram beneficiados por poder refletir sobre as questões apresentadas.

Notou-se que uma participante do Grupo 1 fugia muito do tema que estava sendo abordado, com repostas prolongadas não favorecendo que a discussão permanecesse no foco desejado. Nestes casos, as falas também estão transcritas na íntegra. No mesmo grupo, outro participante assumiu o papel de crítico para a conduta anteriormente citada e agiu com comentários que qualificavam tal atitude de modo pejorativo. Este incidente foi resolvido pela dinâmica do grupo e não precisou de intervenção da coordenadora.

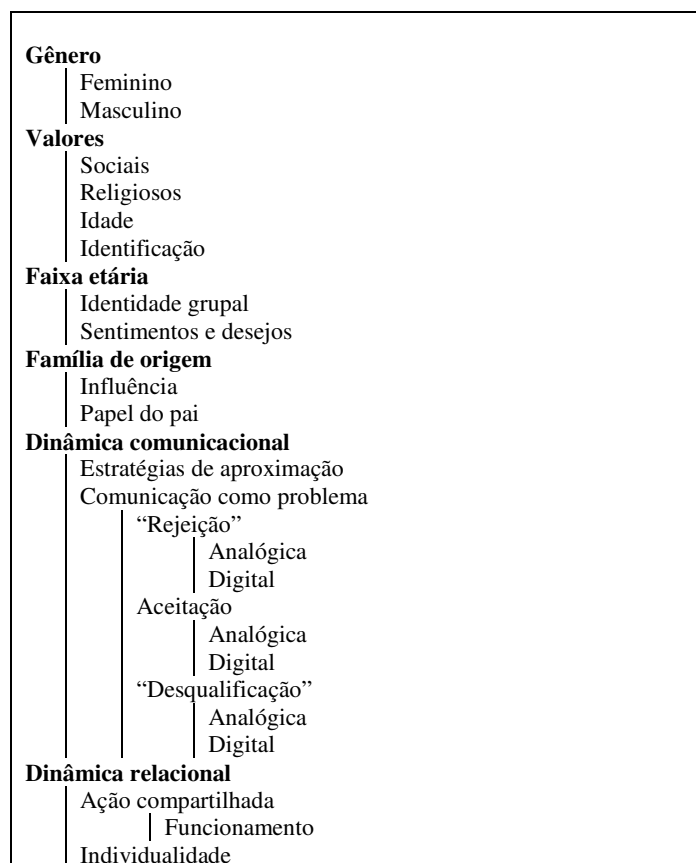
Observou-se que os participantes nem sempre davam respostas relativas às perguntas que lhes eram feitas. Em alguns casos, utilizavam do recurso de exemplos de terceiros para ilustrar situações que queriam que fossem debatidas. Foi interessante perceber que uma metáfora do filme foi utilizada várias vezes, provocando a reflexão sobre como o ato de externalizar situações ou dinâmicas subjetivas em um modo concreto facilita e simplifica o entendimento.

5.2 Análise das informações obtidas nos grupos de discussão

5.2.1 Fase de Namoro

Sobre a Fase de Namoro, analisada a partir do filme “Um amor para recordar”, as narrativas dos participantes permitiram evidenciar assuntos emergentes que revelam características presentes nesta fase. Foi possível identificar seis categorias (**Gênero**, **Valores**, **Faixa etária**, **Família de origem**, **Dinâmica comunicacional** e **Dinâmica relacional**) e sub-categorias criadas a partir dos significados dos assuntos emergentes. Os aspectos da comunicação na Fase de Namoro estão apresentados esquematicamente no Quadro 2.

Quadro 2 – Aspectos emergentes da discussão na **Fase de Namoro** apresentados em categorias e sub-categorias.



As características do namoro, identificadas a partir das narrativas da Questão 1, indicam presença de diferenças nas categorias e sub-categorias **Gênero**: a menina como sendo mais falante e o menino, mais objetivo; **Valor (social)**: para o menino, a menina não se enquadra nos padrões da época; **Faixa etária** – influência da identidade grupal: opinião dos outros, amigos influenciam no comportamento; **Dinâmica comunicacional**: a comunicação se apresenta como veículo para a descoberta de afinidades. Demais achados são apresentados no Quadro 3.

Quadro 3 - Narrativas da **Questão 1**, assuntos emergentes dos grupos de discussão (G1 e G2), categorias e sub-categorias. **Fase de Namoro**.

| Questão - O que vocês apontam como características de namoro lembrando que nosso foco é comunicação? | | |
|--|-------------------------|--|
| F. Namoro-F1 Assuntos emergentes | Categoria Sub-categoria | Narrativas |
| Gênero | | |
| Feminino | | |
| Ela é mais firme e procura aproximação pela conversa. Menina, mais falante e sonhadora. | | M.1.1... <i>“Como é difícil a mulher conversar com o homem e o homem conversar com a mulher ela tá o tempo todo querendo conversar, tentando, e ele é complicado... e depois eu percebi também como ela é firme nas colocações”.</i> H.3.1 <i>“...Ela era mais sonhadora... era mais faladeira, mas parece que ele gostava dela por esse motivo”</i> |
| Masculino | | |
| Menino, mais objetivo. O menino se utiliza da peça de teatro para se aproximar da menina. | | H.3.1 <i>“...Acho que o cara era mais objetivo. Ele tinha objetivo de se encontrar”</i> M.2.2 <i>“...Eles já estão apresentando a peça, ...ele dá um beijinho nela... Então fico imaginando que ele aceitou ser amigo dela... começou a ficar na casa dela para fazer o estudo da fala...”</i> |
| Valores | | |
| Sociais | | |
| Diferenças que podem influenciar no relacionamento | | M.4.1 <i>“Acho que há o problema da diferença. Ela não tá dentro do padrão das meninas daquela época”</i> |
| Religiosos | | |
| | | M.1.2 <i>“Como eles são diferentes...não existe sintonia entre os dois de espécie alguma...social e religiosa... A moça é uma moça de igreja, de Cristo, que reza; ele é uma pessoa de outro mundo e que não conhece nada do lado da moça da parte religiosa..”</i> |
| Idade | | |
| Sentimento de vergonha do | | M.4.1 <i>“E ele se sentiu envergonhado de estar interessado por ela que é fora daquele padrão “patricinha”, arrumadinha, bonitinha. Foi isso</i> |

| | |
|--|--|
| menino pelo estereótipo da menina não ser moderno. | <i>que eu percebi”</i> M.2.1 “...É uma mulher fora do padrão e pra ele que era um menino, aparentemente bem sucedido na escola...popular” |
| Saber tudo sobre ela, mostrava interesse (despertando o interesse) | Identificação M.3.1 “Tanto é que ele observava ela em tudo que ela fazia, ele sabia tudo sobre ela” |
| Faixa etária | |
| Dificuldades típicas da idade. | Identidade grupal H.3.2 “...na adolescência, ou mesmo depois... as pessoas se mostram pouco e... escondem um pouco, não se revelam completamente...tem outras coisas interferindo, o meio é importante, a opinião dos outros, ...em volta dos amigos tem um tipo de comportamento, longe dos amigos se comporta de outra forma. Então é um pouco lento o processo de se revelar para o outro” |
| Existe um desejo de comunicação. Influência da identidade grupal. | Sentimentos e desejos M.3.2 “...existia...um desejo ...que acontecesse uma comunicação, mas é algo muito novo... mas fica difícil saber como lidar com essa experiência nova quando se é jovem. Porque o jovem,... constrói a identidade dele. Depois que sai da infância ele constrói com o grupo; de repente esse despertar no outro que é diferente, que é um sentimento que não é conhecido, é algo que é assustador também, e aí esse não saber lidar com essa situação nova,... é difícil a comunicação sim, mas porque a pessoa não está nem entendendo direito o que está acontecendo dentro de si” |
| Dinâmica comunicacional | |
| A comunicação (conversa) permite conhecimento e a descoberta de afinidades | Estratégias de aproximação M.2.2 “... começou a ficar na casa dela para fazer o estudo da fala, e foi com a comunicação dos dois que foram vendo que ela não era o que ele achava que ela era porque ele nunca tinha conversado com ela” |

M.1.1 – Mulher 1, grupo de discussão 1; H.1.1 – Homem 1 (esposo de M1), grupo de discussão 1

Os participantes identificaram o namoro como uma ação arriscada, sendo uma fase de exercitar as diferenças e, por anteceder o casamento, é comparado a um vestibular onde se decide para a vida toda: “É que nem o vestibular... pode mudar tua vida toda, o namoro é bem isso, se você errar ali... estava conversando com um rapaz separado... mas aí eu [perguntei] porque que não deu certo depois de cinco anos? Porque a gente começou a descobrir as diferenças. Namorou cinco anos... e não conseguiu descobrir as diferenças... Tem que exercitar bem o namoro”.

Os participantes, quando perguntados sobre como entenderam o nível de comunicação dos dois adolescentes no ônibus, e de que forma a relação de namoro se constrói, evidenciaram características típicas de categorias de **Gênero**,

de **Valores**, de **Dinâmica comunicacional** e de **Dinâmica relacional**. Evidencia-se a presença de tentativas de aproximação, de atos provocativos e, na dinâmica relacional, de aspectos da ação compartilhada (Quadro 4).

Quadro 4 - Narrativas da **Questão 2**, assuntos emergentes dos grupos de discussão (G1 e G2), categorias e sub-categorias. **Fase de Namoro**.

| No trecho deles no ônibus, como vocês entenderam aquele nível de comunicação? Como que a comunicação se constrói na relação de namoro? | | |
|---|--|--|
| F. Namoro-F1 Assuntos emergentes | Categoria sub-categoria | Narrativas |
| Gênero | | |
| | Feminino | |
| Mulher é mais direta, franca, aberta | | M.4.1 . “... essa característica...mais retraído, mais fechado...é muito masculina, porque a mulher é muito mais direta, franca, e aberta ...” |
| | Masculino | |
| Homem menos amadurecido; mais tímido, retraído | | M.2.1 “... o homem... é menos amadurecido que a mulher ... ele é mais tímido” |
| Valores | | |
| | Idade | |
| Homem vai muito pela aparência | | H.5.1 “... O homem... vai muito pela aparência... como que eu vou aparecer com essa menina quadrada.. ” |
| Dinâmica comunicacional | | |
| Estratégias de aproximação | | |
| A comunicação acontece com tentativas de aproximação e depende da vontade apesar das barreiras. | | M.3.2 “... com risco... vontade, desejo de ir, de avançar essas barreiras, esses obstáculos que é a comunicação, uma resposta atravessada...o fio da relação é esse sentimento que é invisível, não é lógico... não é racional, é algo diferente...se for forte, pode ser de religião diferente...é ir tentando, sem saber se está acertando ou não... É ir prestando atenção onde acerta alguma coisa e ir continuando.... Tenta daqui dá certo, então vamos um pouquinho mais por aqui, por ali, de repente... numa outra tentativa... se não se saiu tão bem, então não é por aqui... é na tentativa”... |
| Namoro como ação arriscada – pode dar certo ou não. O diálogo do dia-a-dia é um elemento para o conhecimento mútuo. | | H.1.2 “o namoro... é um tiro no escuro é um fio de navalha...vou falar entre nós dois...me encantei por ela...desmanchei um noivado para namorar com ela. Poderia ter dado certo, como poderia não ter dado... mas você vai conhecendo aos poucos, vai dialogando, vai vendo o que tem de bom, de ruim...muitas coisas até hoje ainda não está no paladar do que eu queria e nem dela. Mas o namoro é isso, é um desafio e você vai aprendendo dia-a-dia. |
| | Comunicação como problema “Rejeição” da comunicação Analogica | |
| Tentativa de diálogo com um interlocutor não | | H.1.1 “A princípio ele pareceu estar incomodado... Ela chegar e puxar assunto, ficar continuando a falar mesmo vendo que ele tava desprezando ela” |

| | |
|--|---|
| aberto. | |
| Ela insistente e corajosa e ele indiferente. | <p>Aceitação Analógica</p> <p>M.5.1 “... nossa, que mulher corajosa... o outro lá com o fone no ouvido, totalmente indisponibilizado... não se abala, e ela vai em frente e vai rompendo com a indiferença dele...”</p> <p>Desqualificação Digital</p> <p>H.2.1 “... aí nisso ela falou - ah é? então leia meus pensamentos”</p> <p>Analógica</p> <p>M.3.1 “... Ele tinha esnobado ela na escola”</p> <p>M.2.1 “... Aí ela pah! Fechou a porta na cara dele”</p> |
| Utiliza ato provocativo. | |
| Atos intimidadores e de exclusão. | |
| Dinâmica relacional | |
| Ação compartilhada | |
| Funcionamento | |
| A duração do namoro não é importante. A intimidade acontece na experiência diária. | M.2.2 “Uma coisa que nós não fizemos porque o nosso namoro foi um ano e três meses...tenho uma conhecida na minha cidade que namorou 15 anos, casou e o casamento durou 6 meses. O que aconteceu? A diferença eu acho que é o morar junto, acordar junto... é... guardar calcinha e cueca junto, ter aquela coisa diária”... |

M.1.1 – Mulher 1, grupo de discussão 1; H.1.1 – Homem 1 (esposo de M1), grupo de discussão 1

Sobre a construção do namoro, foram identificados assuntos emergentes relativos a **Gênero**, a **Valores** (sociais e de identificação), sobre a **Família de origem** (envolvimento e papel do pai) e a **Dinâmica relacional** (ação compartilhada). Alguns aspectos emergentes foram: o homem parece ser quem controla, mas, no final, faz o que a mulher quer; o amor é visto como o motivo para constituir-se uma nova família; o namoro se constrói com investimento, com aprofundamento do relacionamento e com dedicação (Quadro 5).

Quadro 5 - Narrativas da **Questão 3**, assuntos emergentes dos grupos de discussão (G1 e G2), categorias e sub-categorias. **Fase de Namoro.**

| Como a relação do namoro se constrói? | | |
|---------------------------------------|-------------------------|---|
| F. Namoro-F1 Assuntos emergentes | Categoria sub-categoria | Narrativas |
| Gênero | | |
| Masculino | | |
| Aparentemente o homem controla. | | H.3.1 “... o homem sempre age como quem controla. Mas no final, a gente faz como elas querem e elas sempre controlam no final” |
| Valores | | |
| Identificação | | |
| Vencendo tensões, | | M.5.1 “... vencendo momentos de tensão e adquirindo |

| | |
|--|---|
| <p>conhecimento mútuo, convivência, constatação de diferenças, observação de atitudes, com adequações para harmonizar a convivência.</p> | <p><i>respeito um pelo outro...”</i> H.5.1 “... através do conhecimento mútuo” M.2.1 “... através de convivência ... numa conversa ... observando uma atitude, a gente vai formando o perfil da pessoa e vai se encantando ou não” H.1.1 “... a constatação de diferenças conscientes ...e trabalhar nessas adequações para harmonizar essa convivência”</p> |
| <p>O namoro na atualidade é caracterizado por ficar.</p> | <p>Sociais M.2.2 “Olha, minha filha de 18 anos começou a ficar com um rapaz esses dias ...[a filha disse] a gente não quer namorar. Daí eu fiquei pensando ... eles vão ficando até perceber que é com ele mesmo que quer ficar...”</p> |
| Família de origem | |
| <p>Influência da família; envolvimento dos pais. O amor é visto como o motivo para constituir-se uma nova família.</p> | <p>Influência M.5.1 “...eles são modelos sociais tão opostosa diferença de padrão familiar parece que em cada fase desabrocha... tem essa questão do envolvimento familiar de cada um...” M.2.2 “...[A filha perguntou] a gente fala que família é importante... o que fez você largar sua família, seu pai, sua mãe e morar em outra casa com um cara que você não conhece? [a mãe respondeu] o amor...”</p> |
| <p>Conteúdo de repressão vindo do pai. Pai de antigamente visto como uma fera; mudança de padrão relacional.</p> | <p>Papel do pai H.2.1 “.. o filme mostra o pai, onipresente. Ele falou - você pode estar onde quiser que eu estou te vendo. ...Hoje ... os nossos filhos namorando, levando os namorados, ou namoradas, pra nossa casa; ...a [situação] é diferente, eu sou amigo deles. ...na época que nós namorávamos, existia um tipo de pai ... que era uma fera ... [Hoje] é de uma maneira muito mais amiga, descontraída.</p> |
| Dinâmica relacional | |
| Ação compartilhada | |
| <p>O namoro se constrói a partir do conhecimento contínuo. A superação das dificuldades depende do amor. O namoro se constrói com investimento, aprofundamento do relacionamento e com dedicação O vínculo acontece quando os dois querem e deixam isto explícito.</p> | <p>Funcionamento M.1.2 “Bom, o namoro é uma fase de conhecer o outro; acho que conhecer realmente o outro, totalmente não vai conhecer! Até hoje, eu descubro coisas novas no meu marido e ele também descobre em mim... quando a gente ama de verdade a gente supera tudo...” H.3.2 “É investir, aprofundar o relacionamento com essa pessoa ... ele abre mão das infinitas outras companhias ...é aí nesse momento que se estabelece esse vínculo...um começa a se dedicar mais outro menos” M.3.2 “O vínculo ... se estabelece quando os dois querem.... o vínculo é quando os dois deixam algo...”</p> |

O Quadro 6 apresenta as narrativas dos participantes quando perguntados a respeito a idéia que tinham sobre a qualidade da relação de namoro. A análise permitiu evidenciar assuntos que revelam características presentes nesta fase. Entre elas podem-se citar aspectos de **Gênero** (mulheres são ligadas) e de aspectos da **Dinâmica relacional** no que se refere a *ações compartilhadas* (o construir da relação é como uma engrenagem, na qual a sintonia possibilita o encaixe das partes) e de *individualidade* (reconhecer e aceitar que existem interesses individuais) (Quadro 6).

Quadro 6 - Narrativas da **Questão 4**, assuntos emergentes dos grupos de discussão (G1 e G2), categorias e sub-categorias. **Fase de Namoro.**

| Que idéia você faz da qualidade dessa relação de namoro? | | |
|--|----------------------|---|
| F. Namoro-F1 | Categoria | Narrativas |
| Assuntos emergentes | sub-categoria | |
| Gênero | | |
| Mulheres são ligadas. | Feminino | H.1.2 “ <i>Certo. As mulheres estão sempre ligadas</i> ” |
| Homens são desligados. | Masculino | H.1.2 “ <i>Eu acho que nós homens tem hora que somos muito desligados</i> ” H.2.2 “ <i>Eu sou direto</i> ” |
| Dinâmica relacional | | |
| Ação compartilhada | | |
| Funcionamento | | |
| Ajustes e entendimentos são importantes na relação homem – mulher. Pessoas se transformam nos relacionamentos. O construir é apresentado como uma engrenagem com peças que podem encaixar ou não. É a sintonia que possibilita o encaixe. Associação entre admiração mútua e | | H.1.1 “... <i>toda relação homem-mulher...tem... barreiras...sem...ajuste, entendimento, tem uma ponte muito frágil ... pode se consolidar ou não</i> ” H.2.2 “... <i>as coisas que a gente dá importância às vezes não é exatamente o que elas dão e vice-versa</i> ” H.5.1 “... <i>vejo como uma amizade pode transformar ... em namoro.... Um aspecto muito importante ... é que eles foram se transformando...</i> ” M.3.2 “... <i>quando ele beija a moça,...eu acho que vai construir alguma coisa; antes estava meio no fio da navalha; erros e acertos, na tentativa ... é como se fosse uma engrenagem que no começo, um dente não bate com o outro, às vezes encaixa um aí... desencaixa outro...</i> ” M.2.2 “... <i>no filme eles devem ter feito alguma coisa um ao outro que começou a encaixar ...</i> ” M.3.2 “ <i>Eu acho que é a sintonia</i> ” M.4.1 “... <i>o que primeiro ... acontece entre os dois, é admiração mútua ... as diferenças vão se ajustando</i> ” |

ajuste de diferenças
O posicionamento
de um cônjuge faz o
outro pensar (levar
um choque).

M.3.2 “*Mas quando eu o conheci eu me apaixonei foi uma coisa assim muito forte... E um dia ... perguntou para mim ... muito sério o que você espera dessa relação ... quando ele fez essa pergunta ... eu falei... não é uma pergunta que se faça ... aí eu falei... não espero nada e fiquei muito triste, sofri... mas depois de um certo tempo, as coisas mudaram ... eu peguei essa situação porque quando eu acho que eu também falei nada, acho que foi o choque...*”

Individualidade

Lidar com as
diferenças envolve
investimento no
dia-a-dia, no
reconhecimento de
si e a capacidade de
ceder.
Reconhecimento de
interesses
individuais.

M.5.1 “*... o filme mostrou unindo qualidades tão opostas... isso dá muito trabalho no dia-a-dia ... o reconhecimento de si nessa relação é algo que precisa de muito empreendimento, muita vontade de cada um, muito abrir mão de cada um...*”

M.1.2 “*tem hora que [a gente] tem que tomar um choquinho para despertar eu mudei muito e estou mudando e vou mudar mais...*”

M.1.1 – Mulher 1, grupo de discussão 1; H.1.1 – Homem 1 (esposo de M1), grupo de discussão 1

A análise das narrativas dos participantes quando perguntados se houve qualquer momento em que perceberam algum tom de agressividade na forma como os personagens do filme se comportaram ou se comunicaram permitiu evidenciar assuntos que revelam características da comunicação como problema.

Na comunicação como problema observou-se existência de desqualificação e aceitação da comunicação com presença de aspectos analógico e digital. Entre a desqualificação digital tem-se a narrativa de um participante que apresenta a existência do problema comunicacional: “*Às vezes é problema de comunicação ...você acha que está agindo de uma forma que você está na sua, e você está agredindo, você está fazendo uma coisa que você acha que naquele momento é a atitude que você tomou. Inconsciente ou consciente... e às vezes, a outra pessoa se sente agredida com aquela atitude... com aquela fala sua e é uma coisa que você não teve a intenção*” (Quadro 7).

Quadro 7 - Narrativas da **Questão 5**, assuntos emergentes dos grupos de discussão (G1 e G2), categorias e sub-categorias. **Fase de Namoro.**

| Teve algum momento em que vocês perceberam algum tom de agressividade na forma como um se comportou ou se comunicou com o outro? | | |
|--|----------------------------------|---|
| F. Namoro-F1 | Categoria | Narrativas |
| Assuntos emergentes | sub-categoria | |
| | Dinâmica comunicacional | |
| | Comunicação como problema | |
| | Desqualificação | |
| | Digital | |
| Fala desafiadora ou ameaça. | | H.5.1 <i>“E aquele desafio que ela fala - leia meus pensamentos...”</i> |
| Nem sempre é agressão; às vezes é um problema de comunicação. | | H.5.1 <i>“É uma ameaça, estou de olho em você, estou te vendo”</i> |
| Pode existir agressão sem intenção. | | M.4.1 <i>“Às vezes é problema de comunicação ...você acha que está agindo de uma forma que você está na sua, e você está agredindo, você está fazendo uma coisa que você acha que naquele momento é a atitude que você tomou. Inconsciente ou consciente... e às vezes, a outra pessoa se sente agredida com aquela atitude... com aquela fala sua e é uma coisa que você não teve a intenção”</i> |
| Utiliza de sarcasmo. | | Analógica |
| É uma ação discriminatória, preconceituosa. | | M.4.1 <i>“A hora que ela pergunta se ele vai encontrá-la na aula de novo ele fala nem sonhando”</i> |
| | | M.4.1 <i>“A hora que ele abaixa dentro do carro, envergonhado de passar junto com ela é uma agressão;a hora que ele passa, mas finge que não a vê”</i> |
| | | M.2.2 <i>“Ficou envergonhado de estar com ela”</i> |
| | | H.2.2 <i>“Porque ela só usava o mesmo suéter ... acho que é por causa da religião dela também tinha uma discriminação às vezes”</i> |
| Gesto que expressa raiva ou delimita território. | | H.5.1 <i>“Bate a porta na cara dele...”</i> |
| | Aceitação | |
| | Analógica | |
| Adota atitude de superioridade. | | H.5.1 <i>“Lá no ônibus... ele também ignora ela”</i> |
| | | M.4.1 <i>“A hora que ela fala com ele e ele faz que não entende, não dá a mínima”</i> |

M.1.1 – Mulher 1, grupo de discussão 1; H.1.1 – Homem 1 (esposo de M1), grupo de discussão 1

Os participantes identificaram cenas do filme que apresentavam comunicação como problema a partir da existência de aceitação e de desqualificação da comunicação. No primeiro caso entenderam que falar uma coisa sentindo outra pode comprometer a comunicação: *“...ele falava uma coisa mas sentia outra e isso estava num plano sutil... ela sacou que ele falava uma coisa e sentia outra...”*

Os participantes perceberam existência de desqualificação no aspecto analógico: *“Tinha agressividade até numa linguagem não-verbal, sabe”? “Os*

olhares ... a linguagem não-verbal que acontece muito em qualquer fase de relacionamento...” (Quadro 8).

Quadro 8 - Narrativas da **Questão 6**, assuntos emergentes dos grupos de discussão (G1 e G2), categorias e sub-categorias. **Fase de Namoro.**

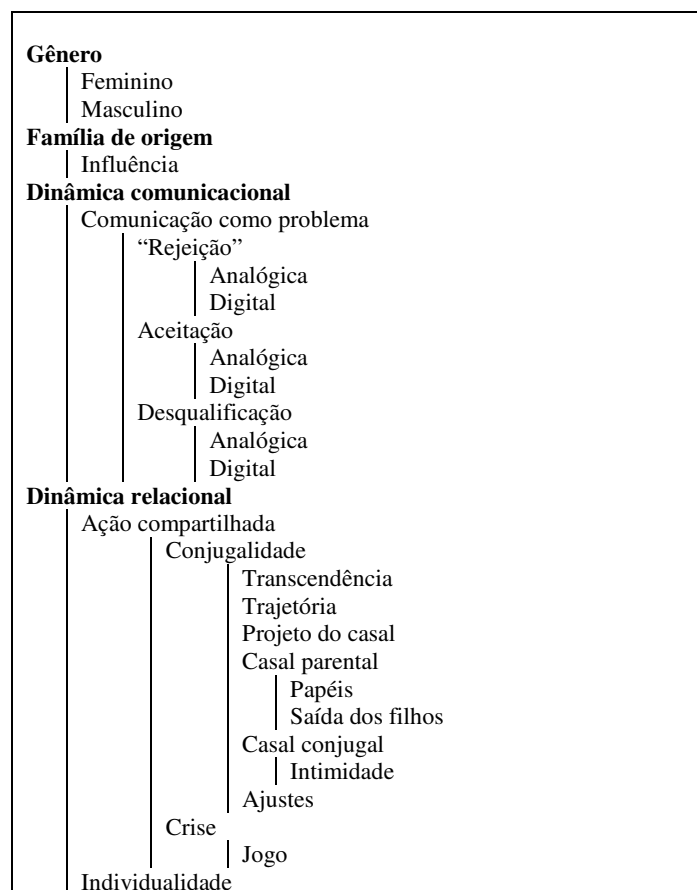
| A gente se comunica com palavras, mas também com gestos, sinais; você percebeu gestos, movimentos, atitudes agressivas silenciosas ou não, nas interações do casal de namorados? | | |
|--|---------------|--|
| F. Namoro-F1 | Categoria | Narrativas |
| Assuntos emergentes | sub-categoria | |
| Valores | | |
| Religiosos | | |
| Bíblia como referência para um código de ética moral; este é um aspecto divisor de águas. | | M.5.1 “A hora que focou na Bíblia Sagrada ...com um certo olhar de desprezo [pelo menino] ... o interessante e que parece que ali focou ... realmente num ponto máximo da divergência...” |
| Dinâmica comunicacional | | |
| Comunicação como problema | | |
| Aceitação | | |
| Digital | | |
| Falar uma coisa sentindo outra sendo este comportamento percebido pelo outro. | | M.1.1 “...ele falava uma coisa mas sentia outra e isso estava num plano sutil assim... ela sacou que ele falava uma coisa e sentia outra....” |
| Desqualificação | | |
| Analógica | | |
| Percepção de agressividade numa linguagem gestual. | | M.1.1 “Tinha agressividade até numa linguagem não-verbal, sabe”? “Os olhares ... a linguagem não-verbal que acontece muito em qualquer fase de relacionamento...” H.3.2 “Então é a hora que eles passam no corredor um não olha para o outro, faz que não vê” |
| Agressividade de um instiga agressividade no outro | | H.2.2 “O pai está [provocando] uma certa agressividade do cara também, com o jeito dele” |
| Invasão do espaço do outro. | | H.1.2 “... O pai dela parece que invade”. |

M.1.1 – Mulher 1, grupo de discussão 1; H.1.1 – Homem 1 (esposo de M1), grupo de discussão 1

5.2.2 Fase de Aquisição

Os assuntos que emergiram da discussão sobre comunicação no relacionamento de casais na Fase de Aquisição, a partir de cenas do filme “A história de nós dois” evidenciaram existência de quatro categorias: **Gênero**, **Família de origem**, **Dinâmica comunicacional** e **Dinâmica relacional**. O Quadro 9 apresenta as categorias criadas e suas sub-categorias.

Quadro 9 – Aspectos emergentes da discussão na **Fase de Aquisição** apresentados em categorias e sub-categorias.



A influência do gênero na comunicação do casal surge quanto é percebido que o homem é visto como prático e objetivo facilitando sua vida no dia-a-dia. Apesar da praticidade do homem, a mulher assume mais tarefas programadas do que ele, é vista como sentimental, como cuidando da relação, mas vivendo no passado (Quadro 10).

A influência da família de origem está presente em uma cena do filme na qual os cônjuges se lembram dos pais orientando-os sobre suas escolhas conjugais. Os participantes identificaram influência dos pais como contribuindo para as dificuldades relacionais do casal (Quadro 10).

Quanto à **Dinâmica comunicacional**, as cenas do filme são permeadas de dificuldades de expressão, originando comunicação limitada na medida em que a “rejeição” da comunicação analógica e digital se faz presente. Identifica-se

também que um problema pode ficar muito maior se tratado num momento posterior e fora do contexto (principalmente se for levado para a área da intimidade sexual – na cama) (Quadro 10).

Cenas que remetem ao relacionamento conjugal mostraram que eles já viveram momentos felizes enquanto casal. Estas cenas aparecem como pano de fundo durante um momento de crise. Os participantes permitiram identificar que na crise cada um olha para si; isto fica evidente quando o filme mostra situações no passado em que os dois se apresentam como casal (Quadro 10).

A trajetória do casal e o que foi construído em comum podem fortalecer a relação. Os participantes identificam uma influência da história do casal no padrão de comunicação. As cenas do filme apresentam a presença de doação, atitudes diferentes dos cônjuges, mágoas e silêncio. Parece que o casal se esquece que vivem em um casamento e, portanto, constituem um par! (Quadro 10).

Identificam também que a saída dos filhos pode gerar uma monotonia difícil de suportar e que projetos individuais e um projeto comum se fazem necessários.

Dificuldades de organizar as responsabilidades do dia-a-dia parecem comprometer o relacionamento do casal. Estes, por se envolverem tanto nas tarefas do casal parental, acabam comprometendo a dinâmica relacional, criando uma distância emocional entre eles. Em outras palavras, as tarefas do casal parental, cuidadores dos filhos, ocupam muito tempo da conjugalidade e desgastam a relação (Quadro 10).

Outros aspectos que se destacam são: o casamento é visto como uma seqüência de ações “encaixadas” em sintonia (engrenadas), permeadas com atitudes de respeito, amor e vontade de ver o outro feliz, de diálogo, de renúncia, de capacidade de ouvir e de estar presente. A discussão entre o casal é vista como um “jogo” de comunicação onde o entendimento não é o principal objetivo (Quadro 10).

Quadro 10 - Narrativas da **Questão 1**, assuntos emergentes dos grupos de discussão (G1 e G2), categorias e sub-categorias. **Fase de Aquisição.**

| O que caracteriza essa fase em termos de comunicação? | | |
|---|----------------------------------|---|
| F. Aquisição-F2 | Categoria | Narrativas |
| Assuntos emergentes | Sub-categoria | |
| | Gênero | |
| | Masculino | |
| Ele é visto como prático e ela sentimental. A objetividade do homem facilita sua vida no dia-a-dia. | | M.5.1 “...Ele olhando pro lado prático da vida ... vamos fazer amor agora e ela querendo escrever uma carta para os filhos primeiro” M.1.1 “...a objetividade do homem deixa-o mais solto pra viver aqui e agora ...” |
| | Feminino | |
| A mulher cuida da relação mas vive no passado. A mulher assume mais tarefas programadas do que o homem. | | M.1.1 “...a mulher fica mais presa ao passado do que o homem; ... observo na minha relação, observo em outras pessoas, em irmãos... A mulher faz o movimento todo de ir atrás... ela também está querendo que esses filhos dêem certo... e a mulher cuida da relação ... ela não dá conta de viver feliz porque o que a gente viu nesse filme foi uma coisa muito bonita que eles conseguiram construir..” M.3.1 “... ela que tinha que organizar... ele é mais... do momento...” |
| | Família de origem | |
| | Influência | |
| Dificuldades no relacionamento com origem nas famílias de cada um. É identificada uma influência da história do casal no padrão de comunicação. | | M.3.1 “E aquilo também que aparece quando eles estão na cama, tem o pai e mãe dela de cá, o pai e mãe dele de lá” M.1.1 “... é tão forte ... a questão do passado ... na comunicação; quando os casais ... vivendo... para ... se organizar, para que aquilo tudo dê certo e, quando a maturidade chega ... onde a gente coloca o passado?...” |
| | Dinâmica comunicacional | |
| | Comunicação como problema | |
| | “Rejeição” | |
| | Analógica | |
| Tentativa de diálogo com um interlocutor não aberto. | | H.1.1 “A princípio ele pareceu estar incomodado... Ela chegar e puxar assunto, ficar continuando a falar mesmo vendo que ele tava desprezando ela” |
| | Desqualificação | |
| | Digital | |
| A comunicação com presença de momentos bruscos é vista como favorecendo a agressão ao discutirem. Dificuldade de expressão verbal. O que não é dito e é problema, fica muito maior quando se trata do casal conjugal. As mazelas do casamento ganham grande dimensão | | H.2.1 “Mas em termos de comunicação, tem uns momentos que são muito bruscos. O fato deles não falarem um com outro toda hora, resultado de toda aquela agressão ao discutirem o que cada um quer... ficou comprometido” H.2.1 “Qualquer coisa tem que bater porta. Tem um provérbio lá que ele usou que eu desconheço... se tem uma ervilha em cima da cama parece uma melancia” H.5.1 “Acho que ele quis dizer que de repente transforma uma coisa pequena em uma coisa imensa; uma ervilha vira uma melancia” H.5.1 “É justamente o que eles faziam ... ele falava uma coisinha ... e ela interpretava diferente, ela falava pra ele e ele interpretava diferente; aquilo sempre tornando-se uma |

quando deslocadas do campo original (organização doméstica) para o campo da afetividade íntima (na cama) .
Baixo limiar de paciência (pavio curto) vinculado à agressão.

coisa quase que irracional ... de uma gotinha fazia uma tempestade”

M.1.1 *“Eles se agridem muito verbalmente e o pavio é curto”*

Dinâmica relacional

Ação compartilhada

Conjugalidade

Na crise cada um olha para si. O filme mostra situações no passado em que os dois se apresentam como casal.

M.5.1 *“...acaba você olhando só para si próprio ... e de repente passa aqueles flashes ... tão bonitos ... de amor, de união ... existe amor do casal ... E aí hoje em dia... tudo tão diferente”*

Trajectoria

Perceber o que foi construído em comum fortifica a relação; é reconhecer o esforço e a cumplicidade empenhados.

M.3.2 *“... eu acho tão legal quando um casal consegue olhar para trás mesmo naquele momento de crise, o casal tem sua história e ver o que eles construíram juntos é fortificar essa relação mesmo que ainda não se saiba o que vai acontecer lá para frente ... olha que a gente fez não foi pouca coisa ... quer dizer o esforço e cumplicidade nesse momento da vida de uma família. ...”*

Projeto do casal

Nesta fase identifica-se doação, diferenças, mágoas e silêncio de cada um.
Se esquecem que vivem em um casamento.
Apesar dos projetos individuais, um projeto comum é necessário.
Pode funcionar como um fio invisível que enquanto for forte e se as pessoas tiverem vontade e determinação, o relacionamento se mantém.

M.5.1 *“ ... Eu vejo que tem muita doação de cada um. E de novo a diferença. As diferenças são muito fortes e o quanto que cada um está magoado ... o quanto que [cada um] silencia”*

M.1.1 *“...eles não estão vivendo o momento presente” ... se esquecem de que estão casados. Por isso que se agridem”*

H.2.2 *“... insisto na necessidade de ter um projeto em comum... ali, acabou o projeto em comum deles ... Agora vamos fazer nós dois juntos. Eu acho que ele deve ter as coisas dele, ela deve ter as dela, mas em comum me pareceu a falta de projeto quando passou os flashes para mim eram projetos que estavam sendo realizados a dois. Programou de ser pai, ser feliz, vamos ter filho, nasceu o filho, vai para escola. A cena na cama mostra a falta de projeto do casal ... mesmo depois que os filhos vão embora você tem que ter um projeto em comum do casal e ir fazendo outros ... Tá certo que se termina é uma monotonia tão grande... difícil de suportar”*

Casal parental

Papéis

Dificuldade de organizar as responsabilidades do dia-a-dia comprometendo o relacionamento.
Tarefas do casal parental, cuidadores dos filhos ocupam muito tempo da conjugalidade e desgastam a relação.

M.3.1 *“... ela fala que tem que se programar em tudo ... aí ele fala que ela se deu esse papel, mas aí ela fala que não, que ele deu esse papel a ela”*

M.2.1 *“Mas, ela que controla, porque ela pega o papel pra ela, ela se sente responsável por aquela situação”*

M.2.1 *“... o principal dessa fase é que você está construindo a sua vida, está cuidando dos filhos e na realidade... o marido, pensando também em sustentar tudo aquilo e manter aquela família. Existe pouco tempo para os dois conversarem e se perceberem”*

M.2.1 *“... o principal dessa fase é que você está construindo a sua vida, está cuidando dos filhos e na realidade... o marido,*

| | |
|--|---|
| <p>Com a saída dos filhos as diferenças podem aparecer e o casal pode sentir falta da intimidade antiga e também pode aparecer falta de projetos futuros.</p> <p>A monotonia após a saída dos filhos pode ser grande e difícil de suportar.</p> | <p><i>pensando também em sustentar tudo aquilo e manter aquela família. Existe pouco tempo para os dois conversarem e se perceberem”</i></p> <p>M.1.1 “... a gente se empenha ... então a mulher faz um investimento no filho ... isso desgasta muito a relação de casal”</p> <p>H.5.1 “E o homem tem a preocupação de manter a família no que é material...”</p> <p>Saída dos filhos</p> <p>H.2.2 “ ...[com os filhos fora de casa] vai começar aparecer muitas diferenças, aquelas coisas que ... começam a faltar... Aí está faltando outra e talvez seja tentar construir alguma outra ... Uma coisa juntos para terceira idade juntos ... Ali parece um pouco falta de perspectiva”</p> <p>H.2.2 “... insisto na necessidade de ter um projeto em comum... ali, acabou o projeto em comum deles ... Agora vamos fazer nós dois juntos. Eu acho que ele deve ter as coisas dele, ela deve ter as dela, mas em comum me pareceu a falta de projeto quando passou os flashes para mim eram projetos que estavam sendo realizados a dois. Programou de ser pai, ser feliz, vamos ter filho, nasceu o filho, vai para escola. A cena na cama mostra a falta de projeto do casal ... mesmo depois que os filhos vão embora você tem que ter um projeto em comum do casal e ir fazendo outros ... Tá certo que se termina é uma monotonia tão grande... difícil de suportar”</p> |
| <p>Intimidade sexual prejudicada pelo ambiente doméstico que não tem espaço para a sedução.</p> <p>No casamento a intimidade do namoro diminui (esfria) com as mudanças da vida de casal com filhos.</p> <p>Atitudes do casal podem mudar. Um marido “desligado” pode passar a ser “ligado”.</p> | <p>Casal conjugal</p> <p>Intimidade</p> <p>M.3.1 “Na hora que eles estão viajando, ele fala: se a gente estivesse lá [em casa], você aceitaria [fazer sexo]. Na hora que [você] chega em casa [você] não [quer mais]. Você muda comigo!”</p> <p>H.2.2 “ ... Você vai se apoiando no namoro ... no sexo ... aparecem os filhos ... [o casal] vai saindo um pouco do foco ... Aí o namoro vai esfriando, vai mudando um pouco de cara, o namoro vai se prostrando nos filhos, depois já mostrou a fase dos filhos fora de casa...”</p> <p>M.2.1 “...dá esquece a outra parte, e depois vem a outra fase onde os filhos já estão encaminhados, e nós? E agora o casal?... Ele [meu marido] principalmente descobriu ... onde nós erramos e onde nós acertamos e aí vem o diálogo para resolver as coisas. ...Ele era desligado de data de casamento, de data de aniversário nunca falou para mim ó você está de vestido novo, ó você cortou o cabelo ... e eu morria de vontade que ele falasse alguma fui entendendo que era o jeito dele. Depois de trinta anos praticamente, agora, hoje ele leva o café na cama pra mim, nunca tinha feito isso na vida”</p> <p>H.1.2 “Faço bilheteinho ... Levo Flor”</p> |
| <p>A fase de construir o relacionamento passa rápido.</p> <p>Necessidade de resolver os sempre mesmos conflitos.</p> <p>O casamento é visto como uma seqüência de</p> | <p>Ajustes</p> <p>H.2.1 “A sua fase de conhecimento, de paixão, de não sei o quê ... essa fase de construir, é uma fase que se você não se aperceber muito ... ela passa muito rápido e conflitos continuam sendo sempre os mesmos, tem que ser sempre trabalhados. Você tem uma meta pra atingir; você tem que continuar vencendo ... todo dia ...”</p> <p>M.2.2 “Na época do namoro tem essa engrenagem que é de sintonia então o casamento seria você fazer a engrenagem</p> |

ações “encaixadas”, em sintonia (engrenagem) permeadas com atitudes de respeito, amor e vontade de ver o outro feliz, de diálogo, de renúncia, de capacidade de ouvir e de estar presente.

A percepção de que tudo não está tão bem como parece é assustadora.

Participação dos dois em momentos difíceis é apresentada como construtora de relacionamento sólido.

Com um exemplo dos participantes, a organização doméstica é apresentada como homem fora da casa (ausente) e a mulher sofrendo com o futuro dos filhos e com a ausência do marido.

A participação da esposa é vista como suporte, alicerce do casamento.

Os *flashes* do filme que apresentam o casal juntos realizando coisas, são vistos como a base que sustenta a engrenagem.

funcionar, manter é muito difícil. Então atrás disso vem o respeito um pelo outro o amor um pelo outro... vontade de ver ele feliz ... Eu a ele, ele a mim isso vai fazendo com que a engrenagem ande direitinho. Aí no filme, eles não estão mais em sintonia”

H.1.2 *“Eu acho que é amor, é ajustes na engrenagem. E diálogos.... Eu acho que casamento é ter renúncia é ouvir. É saber a hora de colocar uma palavra”*

M.3.2 *“... eu lembrei lá do primeiro filme quando vocês falaram na engrenagem ... tem muitos casais que se separam nessa fase está estranho, faltou a sintonia, isso... é muito assustador. Os flashes me trazem que a gente precisa ... [de] uma base... para tudo isso. É isso que eles têm; os filhos, a relação. O relacionamento não é simples ... acho que continua aquele fio invisível que enquanto ele for forte... e as duas pessoas tiverem vontade e determinação para seguir...”*

M.3.2 *“Mas eu acho que aí você construiu o respeito pelo outro..... eu estou falando do [meu marido]- quanto que ele se dedicou! Quantas vezes que eu briguei com ele e não entendi certas atitudes dele, mas hoje vejo que às vezes o jeito mais ríspido mais duro ... puxa vida ele é gente como eu ... não consigo ver ele de uma forma diferente... entra a admiração e respeito”*

H.1.2 *“Minha vida inteira lutei para conseguir chegar onde nós chegamos estudando nossos filhos e ela sofria muito com isso. Porque eu viajava e ela ficava sozinha com os meninos ... Eu chegava sexta-feira, saía segunda-feira ... eu confio no meu trabalho e vou jogar tudo nisso ... fomos chegando até hoje ... não é fácil ter três filhos ... faculdade ... uma quebrada no meio... Meus pais perderam tudo; depois chegaram levantar tudo, quem me ajudou foi ela ... se você for olhar para trás e ver o alicerce que você construiu você jamais desrespeita” ... eu levei vinte e nove anos e cinco meses para descobrir o tanto que eu amo essa mulher... O tanto que ela é importante na minha vida ... foi com muita luta, muita dificuldade... eu estava errado”*

Crise

Jogo

Inexistência de entendimento entre o casal, existência de “jogo” de comunicação onde o entendimento não é o principal objetivo.

M.4.1 *“A interpretação ... ele fala uma frase e ela ... ela entende da forma que ela quer entender ... que ela está numa outra idéia e aí fica aquele jogo. Não é aquilo que ele quis dizer, mas é aquilo que ela entendeu; aí ela fala uma coisa e ele também já joga ... leva pro outro lado, entende outra”*

Individualidade

Na crise cada um olha para si. O filme mostra situações no passado em que os dois se apresentam como casal

M.5.1 *“...acaba você olhando só para si próprio ... e de repente passa aqueles flashes ... tão bonitos ... de amor, de união ... existe amor do casal ... E aí hoje em dia... tudo tão diferente”*

M.1.1 – Mulher 1, grupo de discussão 1; H.1.1 – Homem 1 (esposo de M1), grupo de discussão 1

As questões “Como a relação de casado se constrói?” e “Quando você assiste a esse filme, o que você pensa da qualidade de vida a dois?”, ao serem

debatidas, permitiram evidenciar, entre outros, assuntos tais como: a necessidade de ter espaço para o eu de cada um, para a individuação de cada um. Emergiram assuntos que identificam a preferência dos casais participantes em olhar o lado bom do relacionamento e o vínculo forte que se estabelece na trajetória e na resolução de problemas, no momento em que ocorre e não na cama, porque este na cama pode ficar maior. Assim, o ambiente para a conversa do casal foi apontado como sendo uma forma de minimizar os problemas (Quadro 11).

Fizeram referência sobre a maturidade, apontando que esta auxilia na percepção de que o vazio de cada um não pode ser preenchido pelo outro. Apresenta-se como importante a revisão do projeto do casal para reciclar interesses e manter o foco em um objetivo comum, resgatando com este propósito a intimidade comprometida com os afazeres cumulativos assumidos pelas mulheres. Casais enamorados alimentam seu vínculo conjugal e amoroso fazendo coisas que significam namorar de novo como, por exemplo, passear, comer pipoca, ir ao shopping - “saber fazer isso é o grande segredo” (Quadro 11).

Quadro 11 - Narrativas da **Questão 2**, assuntos emergentes dos grupos de discussão (G1 e G2) categorias e sub-categorias. **Fase de Aquisição.**

| Como a relação de casado se constrói? Quando você assiste a esse filme o que você pensa da qualidade de vida a dois? | | |
|--|--|--|
| F. Aquisição-F2 Assuntos emergentes | Categoria Sub-categoria | Narrativas |
| | Dinâmica relacional | |
| | Ação compartilhada | |
| | Conjugalidade (casal parental e casal conjugal) | |
| | Trajatória | |
| Ver cenas pesadas trazem a possibilidade de reflexão sobre as dificuldades dos participantes. Percebe-se preferência para olhar o lado bom – o vínculo forte, não as situações difíceis. Identificam a necessidade de parar, pensar e olhar o que foi feito no caminho. Isto pode ser feito na maturidade do casamento. O vínculo é parte deste processo. A maturidade auxilia na | | M.3.2 “... [eu estava] lamentando as cenas pesadas ... se a gente quer ficar do lado do outro ... o lado não tão bom ... como nesse filme nas situações difíceis eu também me identifiquei, porque também nem todo dia as coisas foram flores... mas eu prefiro olhar para o vínculo forte; eles construíram no fim muitas coisas juntos ... eu acho isso tão mais ... tem muito mais peso do que palavras ou agressividadeTalvez eles não saibam o que eles fizeram, por isso que precisa parar para pensar um pouco o que foi que eles fizeram. Eu acho que tem esse nome legal - maturidade no casamento! Porque a gente começou tudo muito jovem, sem saber, o que está acontecendo aqui nessa onda, eu acho o vínculo forte...” H.1.2 “Isso eu fui ver hoje ... depois que eu descobri o tanto que eu amo, se eu fosse começar lá do comecinho, ia ser muito mais fácil, com a visão que eu tenho hoje” |

percepção de que o vazio de cada um não pode ser preenchido pelo outro.

Apoiar a postura do outro passa pelo aspecto de transcendência. Quando falamos que nos sacrificamos pelo outro, é por nós também. Quando existe um relacionamento de duas pessoas, também existe um casal. Essa é a costura que o íntimo e a religiosidade torna claro.

As expectativas individuais, principalmente para as mulheres que trabalham em casa, se não faladas, trocadas, podem trazer ressentimentos.

A revisão do projeto do casal se apresenta como importante para reciclar interesses e manter o foco em um objetivo comum.

Resgate de intimidade é visto como necessário. O casamento cria o ambiente para a conversa (é um casal!), é apresentada como meio para minimizar os problemas. O vínculo também é alimentado por coisas que são feitas por casais enamorados (passear, comer pipoca...) - “saber fazer isso é o grande segredo”.

M.3.2 “A maturidade, a gente acha esse processo doloroso, mas a gente sempre acha que o outro vai preencher todos os meus vazios”

Transcendência

H.2.1 “Apoiar a postura passa muito por esse aspecto religioso, transcende dentro da gente que é você falar que você está sacrificando entre aspas por ele. Não é por ele. É por um só que são os dois. Esse é o aspecto importante que tem que se destacar em um relacionamento. E existe essa cobrança sempre. Só eu que me sacrifico, só eu faço, só eu... estou fazendo por ele... não é por ele ... não, é pelos dois. Não existe ele ou ela. Quando existe um relacionamento, existe um. E essa é a costura que o íntimo e a religiosidade de casal torna claro para mim esse aspecto”

Projeto do casal

M.3.2 “... o casal do filme ... tem expectativas... e... nem sempre... são claras para quem está junto, essas expectativas individuais...vão passando coisas; é natural o ritmo. ...As [mulheres] que trabalham fora e as que trabalham em casa, acho que até mais difícil para as que trabalham em casa ... e nem sempre vai se passando para o outro as expectativas. As expectativas frustradas geram ressentimento, mágoas e... daí é que vem essa agressividade, mas... nada que não possa ser conversado... que não possa ser minimizado por essa coisa que é o casamento, que é o casal, e aí vem uma ... determinação, o querer fazer o outro feliz. Toda essa procura é que vai conseguir minimizar eventualmente essa falta desse preenchimento de algumas coisas pessoais. Com a renúncia, ... se há um casal a idéia é... apesar dos pesares esse projeto é um pouco essa construção. Dessa melhoria também do casal, com filho ou sem filho, talvez até de se tornar uno no fim da história, os dois assim, uma coisa que seja efetiva do casal. As duas pessoas indo para um objetivo comum”

Casal conjugal

Intimidade

M.1.1 “... a conjugalidade ficou esquecida”

M.5.1 “... e não ficar misturada só na família como acontece muito com a mulher”

M.1.2 “... O vínculo tem que ser alimentado, com essas coisas que nós já falamos, senão o casamento vai ficando muito monótono; se não tem dinheiro para viajar, dar uma volta no shopping, vai na pracinha tomar um sorvete, comer pipoca, namorar de novo!”

H.3.2 “... saber fazer isso é o grande segredo”

A relação de casados se constrói a partir de aspectos individuais (concessão, objetividade, aceitação, apoio, perdão, lealdade, persistência, doação, compaixão, incentivo) e de aspectos relacionais (companheirismo - um caminho planejado por ambos trocas, metas, amizade, afetividade, amor, namoro como resgate de cumplicidade, compartilhamento). A resolução de problemas precisa de enfrentamento quando o problema ocorre porque este pode ficar maior se tratado no ambiente da intimidade sexual do casal (na cama).

Tem que ter espaço para o eu de cada um, para a individualização de cada um. Apesar de ser um relacionamento estão presentes coisas inconscientes de cada um.

Individualidade

M.1.1 “Com trocas”

H.5.1 “Amizade”

M.4.1 “Companheirismo

H.4.1 “Concessão.

M.5.1 “...lealdade”

H.5.1 “Perdão”

H.1.1 “Aceitação”

H.2.1 “Meta, um caminho planejado por ambos, todos esses valores têm que ser enquadrados nesse objetivo.

H.5.1 “Objetividade”

M.2.1 “... persistência, compaixão, amor”

H.5.1 “... incentivo... apoio”

H.4.1 “Cumplicidade”

M.4.1 “... admiração”

H.2.2 “Mas não pode confundir a tolerância com o fugir do problema. Você tem um problema aí você acha que é tolerante - leva a mulher para Europa que nem ele levou no filme; ... mas volta para cama. Foi lá, passeou, fez amor ... tudo maravilhoso; depois voltou para cama isso tem uma diferença grande nos dois, que está sempre sendo passado por cima, fora da cama ... eles têm uma diferença grande ali, que talvez não tenha sido resolvida. É necessário no casamento resolver essas pendências, não pode passar por cima de tudo ... é importante que se discuta tudo isso conforme acontece”

M.1.1 “... poder também ser eu, é um meio de compartilhar, de doar, de troca, eu acho que tem que ter um espaço... para o eu de cada um... para individualização de cada um... senão fica muito difícil... só doar, doar só para o outro, só para relação, só para os filhos”

M.3.2 “...esses atritos trazem coisas também que não são visíveis. A nossa relação é o casamento, mas tem coisas que são internas minhas e que talvez eu tenho que resolver comigo mesma. Está dentro de mim e é doloroso a hora que a gente percebe isso”

M.1.1 – Mulher 1, grupo de discussão 1; H.1.1 – Homem 1 (esposo de M1), grupo de discussão 1

Os participantes, ao serem estimulados a discutir sobre a qualidade da relação, em termos de comunicação identificados nos fragmentos do filme “A história de nós dois” apresentaram, entre outros, assuntos onde se evidenciou a importância do desempenho de papéis - com o nascimento do filho, a mulher acumula mais um papel que se sobrepõe aos outros de esposa, patroa, filha, e assim por diante, e esta pode se sentir sozinha e insegura (Quadro 12).

Os participantes identificaram que o casal tem memória baseada no que passaram e construíram juntos. Entretanto, apontaram grande distanciamento emocional - apesar de estarem fisicamente próximos (no carro), a distância entre

eles parecia enorme porque trataram de coisas importantes com frieza e aparente desinteresse (Quadro 12).

Também identificam que a existência de crise não indica má qualidade na relação; crise é questão de ajustes, busca de individualidade, de revisão de papéis na relação; entretanto, um momento de crise pode ser acompanhado de distanciamento físico (Quadro 12).

Nos episódios de crise, discussões parecem ter uma força própria; parece que estas não têm um ponto de chegada ou de acordo - “Cada um ouve do jeito que quer ouvir... Parece que é uma coisa que ... não vai ter fim”. São identificadas cenas com comunicação limitada de desqualificação digital (palavrões, coisas ditas que magoam, coisas faladas de jeito que magoam – levantar a voz) e analógica (gestos, expressões faciais, deixar o outro falando sozinho, entonação da voz, jogar objetos, silêncio, dissociação da fala). Identificam ainda “rejeição” de comunicação analógica (silêncio) (Quadro 12).

Quadro 12 - Apresentação das narrativas da **Questão 3**, assuntos emergentes dos grupos de discussão (G1 e G2), categorias e sub-categorias. **Fase de Aquisição.**

| Quando você assiste a esse filme o que você pensa da qualidade dessa relação? Tem alguma agressividade na comunicação do casal? | |
|--|--|
| F. Aquisição-F2 Assuntos emergentes | Categoria Narrativas Sub-categoria |
| | Dinâmica relacional |
| | Ação compartilhada |
| | Conjugalidade (casal parental e casal conjugal) |
| | Casal parental |
| | Papéis |
| Com o nascimento do filho a mulher acumula mais um papel. Pela necessidade do momento o papel de mãe se sobrepõe e ela sente o peso da responsabilidade e fica insegura por se sentir sozinha. | M.5.1 “E de repente ficou tudo misturado. A mulher com os filhos que é uma responsabilidade muito grande. Eu lembro quando nasceu minha primeira filha, quando me puseram ela no colo... porque meu marido teve que trabalhar eu tive que ficar mais tempo no hospital. Eu senti o peso, eu tinha 21 anos ... fiquei insegura. Ai eu não queria largar o neném nem para assinar o cheque” |
| | Casal conjugal |
| | Intimidade |
| Momento de crise acompanhado de distanciamento físico. | M.4.1 “...quando estava no namoro, se encontravam um com o outro” M.3.1 “É... e agora ele reclama isso. Fica a sensação de que eles nem se encontram mais” |

| | |
|---|---|
| <p>Crise não indica má qualidade na relação. Ajuste de papéis.</p> <p>O casal tem memória baseada no que passaram e construíram juntos.</p> <p>Crise é questão de ajustes, busca de individualidade, individuação, revisão de papéis na relação.</p> | <p>Ajustes</p> <p>M.5.1 “<i>Eu acho que eles estão em crise, mas a qualidade é muito boa</i>”</p> <p>M.4.1 “<i>Eu achei muito boa... a qualidade é boa..mas tem crise. O pavio é curto</i>”</p> <p>M.3.1 “<i>Uma questão de ajustes</i>”</p> <p>M.3.1 “<i>Eu acho que eles estão revendo o papel de cada um na relação</i>”</p> <p>Crise</p> <p>Jogo</p> <p>H.2.2 “<i>... a carta ... não conseguem fazer juntos. Não conseguem fazer mais uma tarefa em harmonia não conseguem o [mesmo] ponto de vista; está muito divergente ali</i>”</p> <p>Individualidade</p> <p>M.1.1 “<i>Busca de individualidade, individuação...</i>”</p> |
| Dinâmica comunicacional | |
| Comunicação como problema | |
| <p>A discussão parece que tem uma força própria. A discussão parece que não tem um ponto de chegada.</p> <p>Quando eles estavam no carro, a distância entre eles parecia enorme porque trataram de coisas importantes com frieza e aparente desinteresse.</p> | <p>Desqualificação Digital</p> <p>M.3.2 “<i>... o auge da discussão é o que está ouvindo do jeito que quer ouvir ... O outro engancha em alguma coisa que ele ouve, aí já interpreta aquilo e leva para outro lado e gera mais violência. Parece que é uma coisa que...não vai ter fim</i>”</p> <p>“Rejeição” Analógica</p> <p>M.2.2 “<i>Eu achei que naquela hora que eles estão dentro do carro que ele está dirigindo, a distância entre os dois era enorme</i>”</p> |
| <p>Comunicação violenta digital (palavrões, coisas ditas que magoam, coisas faladas de jeito que magoam – levantar a voz).</p> <p>São identificadas comunicação violenta analógica (gestos, com jeitos que magoam – expressões faciais, deixar</p> | <p>Desqualificação Digital</p> <p>M.3.2 “<i>Mesmo se a gente não ouvisse, a gente via</i>”</p> <p>H.3.2 “<i>O “fuck you” (palavrão), direto</i>”</p> <p>M.2.2 “<i>...na época do namoro a gente fica fazendo coisas que vão marcando ponto positivo e na época do casamento você faz coisas que sem querer, vai marcando ponto negativo e isso vai acumulando. Um dia explode e ... você fala coisas que magoam e de um jeito que magoa a pessoa. Aí ela falou ... é melhor a gente se separar, achei que foi a grande reflexão de momentos que mostram construção dos dois</i>”</p> <p>H.3.2 “<i>Um deixa o outro falando sozinho</i>”</p> <p>Analógica</p> <p>H.1.2 “<i>Puxa tudo da cama joga tudo fora na hora da discussão</i>”</p> |

| |
|---|
| o outro falando sozinho entonação da voz, gestos agressivos - jogar objetos, silêncio, dissociação da fala) |
|---|

M.1.1 – Mulher 1, grupo de discussão 1; H.1.1 – Homem 1 (esposo de M1), grupo de discussão 1

A discussão suscitada a partir da questão relativa à Fase de Aquisição em termos de comunicação permitiu identificar assuntos tais como a existência de cobrança excessiva, sem haver reconhecimento de mudanças ocorridas individualmente. O casal parental pode vivenciar a necessidade de revisão de papéis com a saída dos filhos (Quadro 13).

Quanto aos aspectos da comunicação, os participantes identificaram que pode existir comunicação agressiva mesmo entre casais que não querem se separar.

Na crise, fica a sensação de que a mulher fala de coisas que o marido não gosta de falar, fica a sensação de que eles se separam e voltam a cada situação em que isto se repete (Quadro 13).

A individualidade se perde nos afazeres do dia-a-dia. A recuperação da individualidade traz a possibilidade de um novo encontro entre o casal. Sem diálogo entre um casal parece difícil conciliar as individualidades e as vontades de cada um (Quadro 13)

A comunicação limitada é identificada a partir de desqualificação da comunicação tanto do tipo digital quanto analógica (Quadro 13).

Evidenciou-se, ainda, que algumas cenas de briga deram a impressão que naquela casa havia um clima propício para a violência física; houve a constatação de que a comunicação se rompia na presença de discussão violenta; o diálogo agressivo pareceu permeado de ausência de vontade de conversa e de escuta. O gesto de bater portas foi identificado como atitude agressiva e associado aos significados de encerramento, término, divisão, separação e oposição (Quadro 13).

Quadro 13 - Narrativas da **Questão 4**, assuntos emergentes dos grupos de discussão (G1 e G2), categorias e sub-categorias. **Fase de Aquisição.**

| O que caracteriza essa fase em termos de comunicação? | | |
|---|--|--|
| F. Aquisição-F2 | Categoria | Narrativas |
| Assuntos emergentes | Sub-categoria | |
| | Dinâmica relacional | |
| | Ação compartilhada | |
| | Conjugalidade (casal parental e casal conjugal) | |
| | Trajatória | |
| Parece que existe cobrança excessiva sem que haja reconhecimento das mudanças ocorridas individualmente. Estas permitiram que construíssem o que construíram. O reconhecimento das mudanças individuais é importante para a relação conjugal. | | M.1.1 “ <i>eu acho que... eles... não têm coragem, de verificar o quanto cada um doou, e tentou fazer o melhor e que o quanto cada um estava dentro daquela cultura que... vai vivendo sem saber o que está pensando..., vai entrando e vai vivendo papéis conscientes ou inconscientemente... e aí como não cobrar o que está na frente? Eles deveriam cobrar dos pais, deveriam cobrar da humanidade, cobrar de todo mundo, aí foca só no outro, aí cobra do companheiro. Então fica muito pesado para o companheiro responder toda essa defasagem que teve na vida... então isso que eu sinto olhando para esse casal e olhando para mim também, então é uma questão de poder até me ver naquele casal do filme</i> ”. |
| | Casal parental | |
| | Papéis | |
| Revisão de papéis pela saída dos filhos. | | H.5.1 “ <i>...eu acho que quando os filhos saem de casa, a gente tem que mudar o papel, isso é difícil, porque nós ficamos tantos anos... por conta de afazeres</i> ” |
| | Ajustes | |
| O diálogo agressivo parece permeado de ausência de vontade de conversa e de escuta. | | H.2.1 “ <i>É o caso de parar para olhar para nós... no caso do filme...avalio esse tipo de relação altamente frágil, porque vejo que temos muita agressão desse nível nas nossas relações, e é muito difícil, você falar que tem uma solidez nessa relação aí</i> ” M.3.1 “ <i>Acho que chega a hora em que você pára e enxerga de novo aquela pessoa que nem estava vendo mais ... e reconhecer que tem que começar tudo de novo, voltar. E a pessoa nesse período se modificou. Com toda a história de vida e ninguém considera isso</i> ” M.5.1 “ <i>Ela estava diferente de antes. Ele também</i> ” M.2.2 “ <i>É, ele sai para trabalhar eu fico em casa eu não sei como que foi o dia dele e ele não sabe como foi o meu, então todo dia a tarde tem essa comunicação fundamental porque de repente eu dou uma resposta atravessada, aí ele já estoura porque já veio com os problemas ou ele me dá uma resposta e eu também tive um dia péssimo em casa, nada funcionou, daí vem essa impaciência</i> ” |
| É necessário reconhecer as modificações de cada um. | | |
| | Crise | |
| | Jogo | |
| Pode existir comunicação agressiva mesmo entre casais que não querem se separar. | | M.1.1 “ <i>... achei que caracterizou bem a questão da agressividade, apesar de que no fundo, eles querem se manter vivos, enquanto casal</i> ” H.5.1 “ <i>... ele já teve uma namorada e ela volta e meia vem tocar nesse assunto. Ele mostra que ele não gosta, mas ela insiste em comentar ... esse é um ponto de atrito permanente; nesse ponto do casamento, eles estão separando e voltando a cada vez que agem assim, só nas coisas que se falam, e isso é visível!</i> ” |
| Observa-se uma dinâmica na qual a mulher fala de coisas que o marido não gosta de falar. Com isto fica a sensação de que eles | | |

se separam e voltam quando situações como esta se repetem.

A recuperação da individualidade traz a possibilidade de um novo encontro entre o casal. A individualidade se perde nos afazeres do dia – a – dia. Sem diálogo num casal, parece difícil conciliar as individualidades e as vontades de cada um.

Individualidade

M.1.1. *“agora que os filhos estão indo embora, estão... vindo: quem realmente eu sou, quem que o outro realmente é...”*

H.4.1 *“Mas foi o marco; parece que o que causou o despertar de tudo foi isso ... as pessoas tem que ser indivíduos, viver vidas separadas. Parece que quando eles despertaram para isso começou a possibilidade de poderem viver felizes, de novo”*

M.5.1 *“Ali um estava condicionando a felicidade dele, no outro. Eles estavam misturados”*

M.3.2 *“Eu acho que é legal isso porque a gente tem que lembrar que são duas pessoas, nós temos o nosso casamento mas são dois universos distintos, diferentes”*

Dinâmica comunicacional

Comunicação como problema

“Rejeição”

Digital

Um não deveria ser receptáculo das dificuldades do dia-a-dia do outro.

M.1.2 *“E a gente também não pode despencar no outro a doença, o cansaço, o nervosismo, a falta de dinheiro”*

Desqualificação

Digital

Existência de comunicação violenta digital (palavrões, coisas ditas que magoam, coisas faladas de jeito que magoam –levantar a voz).

M.5.1 *“Xingar”*

H.1.1 *“Saíram esbravejando”*

Analógica

Existência de comunicação violenta analógica (gestos, expressões faciais, deixar o outro falando sozinho entonação da voz, jogar objetos, silêncio, dissociação da fala, indisponibilidade) A comunicação se rompe na presença de comunicação violenta. O gesto de bater portas foi identificado com significados de encerramento, término, divisão, separação e oposição. Dificuldade de diálogo não possibilita a realização de vontades individuais e gera ressentimentos.

H.5.1 *“Acho que aquela hora ... que ele tira o lençol ... jogando [para fora da cama tudo que estava ali] ... esse é o momento que ele está comunicando, que ele está agindo, sem dúvida, agressivamente”*

H.3.1 *“Bateram a porta”*

H.5.1 *“Bateram o telefone”*

M.3.1 *“Aquele hora que ela deixa ele falando sozinho duas vezes, sai, bate porta... ela deixa... ela corta a comunicação”*

H.3.2 *“Aparece muito a bateção de porta, como se tivesse fechando, terminando, dividindo, separando um de um lado o outro do outro; a porta da frente da casa dele, ela bateu também”*

M.1.2 *“... Nós mudamos de casa, tudo entusiasmado, vamos pregar uns quadros e tal então toda vez que ele ia pregar um prego para mim na parede, gente, olha, para mim era uma agressão sabe! Ele fazia e acontecia tudo para me desagradar. Eu não sei porque que ele fazia isso. Então essas formas de agir também são uma agressão”*

H.1.2 *“... foi a fase mais complicada da minha vida. Eu vinha com problema renal, eu vinha com uma estafa do trabalho violenta então eu não sabia que aquilo tinha... E que por outro lado eu queria era descansar e ela queria fazer essas coisas, então faltou diálogo”*

Além disso, foi identificada pelos participantes a importância do diálogo na negociação e da atitude de ceder temporariamente para que os desejos de ambos se realizem. A ausência deste diálogo parece ser preenchida com atitudes agressivas (Quadro 14).

Quadro 14 - Narrativas da **Questão 5**, assuntos emergentes dos grupos de discussão (G1 e G2), categorias e sub-categorias. **Fase de Aquisição.**

| Olhando para a relação do casal , você pode apontar gestos, movimentos, atitudes agressivas ditas ou silenciosas enquanto eles estavam se comunicando? | | |
|--|----------------------------------|--|
| F. Aquisição-F2 | Categoria | Narrativas |
| Assuntos emergentes | Sub-categoria | |
| | Dinâmica comunicacional | |
| | Comunicação como problema | |
| | “Rejeição” | |
| | Digital | |
| O diálogo permitiria negociação e atitude de ceder temporariamente para que os desejos de ambos se realizassem. A ausência deste diálogo é preenchida com atitudes agressivas. | | <p>M.3.1 “<i>Ele fala e ela subentende do jeito que ela acha, do jeito que ela quer</i>”</p> <p>M.5.1 “<i>... quando eles voltaram da Europa, que estava tudo bem e ela impondo que ele escrevesse a carta. Ela achava que isso era certo; e a gente percebe claramente que ele não estava a fim disso... daí ele escrevia uma frase...e... queria namorar...ninguém cede</i>”</p> <p>M.1.1 “<i>ele começa a beijá-la e ela se levanta bruscamente da cama</i>”</p> <p>M 5.1 “<i>A agressão não era tanta em palavras mas o silêncio lá comunicando algum coisa</i>”</p> |

M.1.1 – Mulher 1, grupo de discussão 1; H.1.1 – Homem 1 (esposo de M1), grupo de discussão 1

Na Fase de Aquisição os papéis do casal parental aparecem relacionados à agressividade, sendo que o nível desta parece aumentar com o passar do tempo de convívio. Parece também haver um grau diferente de agressividade se comparada ao namoro. Nas crises o peso é visto como sendo do outro e não seu, e as agressões tiram a racionalidade e fazem com que o outro se sinta culpado (Quadro 15).

Quadro 15 - Narrativas da **Questão 6**, assuntos emergentes dos grupos de discussão (G1 e G2), categorias e sub-categorias. **Fase de Aquisição.**

| Quais as semelhanças e quais as diferenças nos aspectos comunicacionais do casal de namorados e desse casal? | | |
|---|----------------------|---|
| F. Aquisição-F2 | Categoria | Narrativas |
| Assuntos emergentes | Sub-categoria | |
| | Gênero | |
| Na Fase de Namoro parece que a mulher quer namorar mais do que o homem e no casamento isto se inverte. | Feminino | M.2.1 “ <i>Eu percebi que no [filme] do namoro ela tentava aproximar e agora nesse, ele tentava namorar. Ele que ficava procurando namorar. É o contrário do outro, que ela tentava e agora parece que ele estava mais casado do que ela</i> ” |

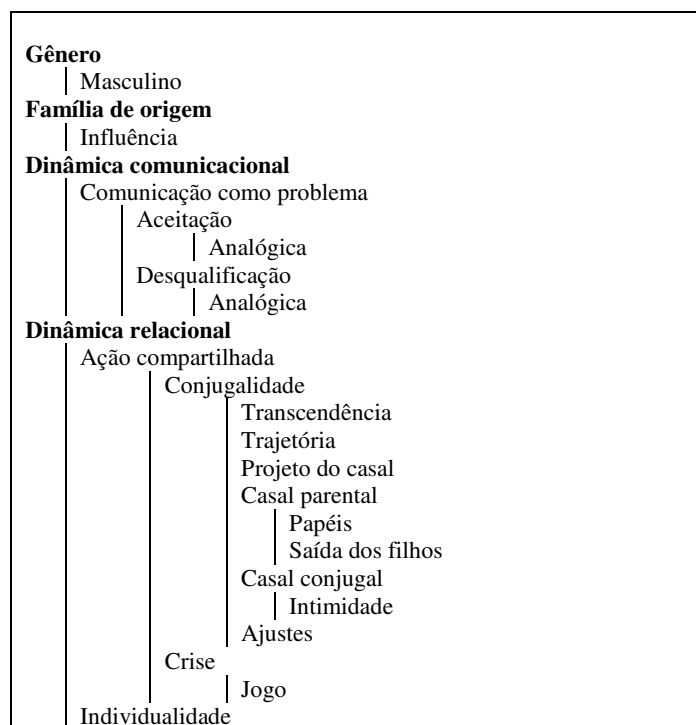
| Dinâmica relacional | |
|---|---|
| | Ação compartilhada |
| | Conjugalidade (casal parental e casal conjugal) |
| | Casal parental |
| | Papéis |
| <p>O nível de agressividade parece aumentar com o passar do tempo do casal. Na Fase de Aquisição parece haver um grau diferente de agressividade se comparada ao namoro. Na Fase de Aquisição a mulher tem outros interesses além de namorar.</p> | <p>H.3.1 <i>“Tinha o nível de agressividade, mas o grau era diferente”</i></p> <p>M.3.1 <i>“Casal de namorado ainda vai chegar lá”</i></p> <p>M.1.1 <i>“Eu vejo assim que no começo tem o flerte é... a sedução”</i></p> <p>M.5.1 <i>“A conquista, a sedução”</i></p> <p>M.1.1 <i>“A conquista ficou muito para mulher. No primeiro casal a mulher se sustentou porque ela tinha personalidade e sabia onde ela queria chegar. Agora, ficou um peso na mulher mais comprometida pra conquistar ... e aí no segundo momento, como ela colocou o homem estava mais casado com o casamento do que ela, mas eu acho que, ficou um peso sobre a mulher uma forma negativa”</i></p> <p>M.2.1 <i>“Eu nunca acho assim como ela ... esses pesos que ela fala ... eu não penso assim como ela. Ela trás muito isso; eu não penso que é um peso assim. Porque da outra vez era um peso para ela... e que tem que individualizar. Para ele[também] tem um peso. Vai conversar com ele ... ele tem as queixas dele ... foi falado assim que ele tem que namorar, tem que sustentar família, também teve filho ... se for ver, não é peso ... casamento é assim mesmo”</i></p> |
| | Crise |
| | Jogo |
| <p>Nas crises o peso é visto como sendo do outro e não seu. Nas crises as agressões tiram a racionalidade e fazem com que o outro se sinta culpado.</p> | <p>H.1.1 <i>“Eu acho que não é um peso. Só que na hora da crise, um joga para o outro como aquilo sendo um peso dele, do outro e não seu”</i></p> <p>H.2.1 <i>“O aspecto de crise, de agressões, elas tiram a sua racionalidade das coisas e você joga... você joga pro outro uma culpa que não existe, não é do outro”</i></p> |

M.1.1 – Mulher 1, grupo de discussão 1; H.1.1 – Homem 1 (esposo de M1), grupo de discussão 1M1

5.2.3 Fase Madura

Os assuntos que emergiram da discussão sobre comunicação no relacionamento de casais na Fase Madura, a partir de cenas do filme “Quem tem medo de Virginia Wolf?” evidenciaram existência de quatro categorias: **Gênero**, **Família de origem**, **Dinâmica comunicacional** e **Dinâmica relacional**. O Quadro 16 apresenta as categorias criadas e as sub-categorias.

Quadro 16 – Aspectos emergentes da discussão na **Fase Madura** apresentados em categorias e sub-categorias.



Na Fase Madura parece existir uma adaptação ou acomodação; casais mais velhos podem desenvolver manias na relação. Se você não tiver um casamento alicerçado no diálogo desde o namoro, pode cair na monotonia; os participantes se perguntam – “Como acionar o que foi bom lá atrás?”. Com diálogo é possível criar um ambiente onde a rotina favoreça o entendimento.

Há casais que não dormem juntos na mesma cama e concomitantemente pode existir briga diária e sofrimento, entretanto, dormir em camas separadas pode indicar uma busca pela individualidade. A solução para a relação não ficar ruim é conversar, pedir ajuda, fazer alguma coisa. Muitos casais fazem o jogo do sofrimento com pressões psicológicas; a personagem do filme agredia o marido para ver se ele reagia ou para sentir prazer, ao fazer este jogo.

A relação é permeada por aceitação digital e analógica. A esposa visivelmente despreza o marido pela forma como o trata e pelas provocações verbais. Parece existir interesse por parte do marido em preservar a situação de submissão à esposa; é uma relação com ressentimentos e ausência de

conversas, com agressividade e falta de respeito. Os participantes se perguntam: “Será que todo relacionamento na fase madura inexoravelmente se apresenta com qualidade ruim?”. Para responder tal pergunta, sugere-se comparar o que você tem com o que você quer ter. Apesar do desencontro deste casal, é o que parece mais estável (Quadro 17).

Identificaram, também, que um casal que “lava roupa suja” na frente dos outros torna públicas as dificuldades da intimidade. Os participantes dizem que é esperado que na Fase Madura haja felicidade e entendimento, pois casais estariam administrando algo que já conhecem (Quadro17).

Quadro 17 - Narrativas da **Questão 1**, assuntos emergentes dos grupos de discussão (G1 e G2), categorias e sub-categorias. **Fase Madura.**

| A partir da cena do filme o que você pensa da qualidade dessa relação? | | |
|---|--|---|
| F. Madura-F3 | Categoria | Narrativas |
| Assuntos emergentes | Sub-categoria | |
| | Dinâmica relacional | |
| | Ação compartilhada | |
| | Conjugalidade (casal parental e casal conjugal) | |
| | Trajatória | |
| Como acionar o que foi bom lá atrás? | | H.2.2 “... se ele se separar dela, ele perde o emprego” |
| Com diálogo é possível criar um ambiente onde a rotina seja favorecedora do entendimento. | | H.3.2 “Mas ele não é nem mais feliz” |
| | | H.1.2 “Eu volto lá atrás [no namoro] se você não tiver um matrimônio alicerçado... Não tiver diálogo ... Vai cair na monotonia...então você tem que ... criar opções, tanto você como a esposa” |
| | | H.2.2 “A falta de opção pode ser uma resposta porque quem vai agüentar uma mulher dessa?” |
| | | M.3.2. “Existem chances, oportunidades, é uma questão de escolhas... Acho que a responsabilidade de quem está envolvido, é de saber as escolhas”. |
| | | H.2.2 “... fica patente a tolerância dos dois ... ele não a conheceu comendo daquele jeito, fumando e falando essas coisas, alguma coisa teve de bom lá trás” |
| | Projeto do casal | |
| Tem casais que não dormem juntos. Ao mesmo tempo pode existir briga diária e sofrimento. | | M.2.2 “... eu conheço um casal que eles têm setenta anos... e faz, acho que uns vinte e cinco, que eles não dormem na mesma cama... e é uma briga diária, é um sofrimento diário, porque que eles estão nesse sofrimento... porque?” |
| Dormir em camas separadas pode indicar uma busca pela individualidade. | | M.2.2 “... eu não dou conta de ter um relacionamento ruim, eu até comentei com o B, se for para viver tenso, cada um segue seu caminho” |
| | Crise | |
| | Jogo | |
| Parece existir interesse por parte do marido em preservar a situação de | | H.5.1 “Não, sei... no filme não mostra só isso... mostra como que ela está se sentindo também” |
| | | M.4.1 “Mas a pessoa domina porque o outro se deixa ser |

submissão à esposa.
A dominação num relacionamento pode começar no namoro e progredir para as demais fases.
Apesar do desencontro deste casal, é o que parece mais estável.

dominado. Pelos seus ganhos, cada um tem os seus ganhos”

H.2.1 *“no relacionamento de casal, se o homem é... o provedor na maioria das vezes, existem casamentos que devem “suportar”, ficar nesse tipo de dominação. Ele não se vê talvez fora da universidade; ele não tem como se ver fora desse papel de ser um professor ... se ele sair desse relacionamento talvez ele esteja quebrando isso também”*

H.1.1 *“E essa dominação não para da noite para o dia, geralmente começa lá no namoro e vai progredindo... passa a dominador... vai tornando-se cada vez mais frágil”*

M.5.1 *“É, ela destruiu totalmente a personalidade dele ... ele não era uma pessoa realmente ali ele era uma coisa... ele não conseguia se impor... sofria muito com isso, mas foi ele que permitiu”*

H.4.1 *“Engraçado que dos três relacionamentos, o que parece mais estável é esse último”*

H.2.2 *“Mas você acha que eles estão se divertindo ali... o casal?... a idéia é você comparar o que você quer...com o que você tem e não dá para suportar um negócio desse... no relacionamento futuro”*

Ajustes

Relação com qualidade ruim, identificada como sofrimento. Parece existir uma adaptação ou acomodação. Pergunta-se como um casal consegue viver assim?

Casais mais velhos podem desenvolver manias na relação.

É uma relação com ressentimentos, com ausência de conversas, com agressividade e falta de respeito.

Será que todo relacionamento na Fase Madura inexoravelmente se apresenta com qualidade ruim? Uma idéia é comparar o que você tem com o que você quer ter.

É esperado que na Fase Madura haja felicidade e entendimento pois estariam administrando algo que já se conhece.

Tem situações nas quais o final de um relacionamento é plenamente justificável.

A solução para a relação não ficar ruim é conversar, pedir ajuda, fazer alguma

M.2.2 *“É um sofrimento. Não é um sofrimento viver nesse vínculo?... o que leva um casal a viver junto nesse sofrimento?”*

M.3.2 *“Eu fiquei vendo essa cena e fiquei lembrando assim que eu já vi casais mais velhos, sabe avô, bisavô, sabe que ficam com aquelas manias na relação e quem está de fora olha aquilo e fala: ai que coisa mais estranha mas eles só conseguem se relacionar daquele jeito ... quer dizer é muito agressivo o filme, mas eu fiquei pensando que aí ficou um ressentimento enorme, coisas que não foram conversadas, não foram ... não teve diálogo então ficou uma dor, uma mágoa gigante que um fica agredindo o tempo inteiro o outro com a falta de respeito ... uma displicência total ... mas eles estão juntos e eles não se separaram até aquele ponto e eles já são mais velhos, já podiam ter se separado porque parece que isso daí eles já vivem ó, a um tempão e estão juntos!”*

H.1.2 *“Será que não é o nosso futuro?”*

M.3.2 *“Não, a gente tem que se esforçar e a gente tem que tomar cuidado, tem que conversar, tem que ter o diálogo”*

M.1.2 *“... chega uma fase no casamento, que a gente tem que fazer tudo para ser feliz com o que a gente tem ... Na nossa idade vai procurar outro? Não vai resolver nada ... os problemas de um outro podem ser diferentes, mas cai na mesma”*

M.3.2 *“... Eu falei não eu já cheguei a conclusão, que eu não vou trocar, porque pelo menos... eu estou administrando algo que eu conheço”*

M.3.2 *“... a postura de um chegar e falar ... então? Nós vamos mexer, vamos conversar, vamos ver o que está acontecendo, vamos pedir ajuda, vamos fazer alguma coisa... Agora quando nenhum faz isso, vira aquilo”*

| | |
|---|--|
| coisa. | |
| Dinâmica comunicacional | |
| Comunicação como problema | |
| Aceitação | |
| Digital | |
| A comunicação não realizada não permite entendimento. | H.2.2 “...Ela deve estar fazendo isso a conta gotas ... E passou despercebido ou não foi bem discutido ... Ou aquela coisa de poder discutir antes, olha eu não gosto disso aí, pregar hábitos e costumes, eu não gosto do que você fez, mais ela vê desse jeito, eu estou sendo um serviçal aqui dentro ... Se deixar, se for passando por cima de tudo isso, chega no ponto que chegou ... Eu acho que é coisa mal resolvida” |
| Gesto de acomodação não motiva o outro a mudar. | Analógica M.3.2 “Os dois estão na mesma doença, é... não salva nenhum com um pouco mais de sanidade para chegar e falar, escuta... Vamos sair dessa?... Já é um ponto que acomodou!” |
| Desqualificação | |
| Digital | |
| A relação é claramente permeada por desqualificação e provocações verbais. Visivelmente ela despreza o marido pela forma como o trata e pelas provocações verbais. Ela parece estar sempre embriagada e ele é visto como submisso. Um casal que “lava roupa suja” na frente dos outros traz a público as dificuldades da intimidade. Muitos casais fazem o jogo do sofrimento com pressões psicológicas. Ela o agredia para ver se ele reagia ou para tirar prazer, ao fazer este jogo. Dar toques no companheiro pode ser um caminho de entendimentos. | M.4.1 “Aquela frase que ela disse: Se você existisse eu me divorciaria de você.. isso é terrível...ele nem existe para ela!” M.3.1 “O poder que ela tem de dominar, de fazer ele se sentir ridículo é a filha do reitor e ela diz: você está aqui porque precisa de mim” M.5.1 “Desqualifica ele o tempo inteiro” M.4.1 “Ela ataca dizendo: você não faz nada, você nunca fez nada, ele fica sentado lá” H.5.1 “Mas acontece que essa mulher, a Bárbara, ela está completamente bêbada, embriagada. Então, será que o comportamento dela fora desse estado de embriaguez seria o mesmo?” M.3.1 “O problema é que ela parece estar sempre embriagada, e ele sempre dominado” M.5.1 “É, isso que eu ia falar, será que ela bebe por isso, por que ele é fraco?” M.3.1 “Porque ele fala, você está sempre dando vexame Marta” M.2.2 “...eu acho que nesse ponto que chegou o casamento não tem mais solução, falta de respeito, é... porque eles estão lavando roupa suja na frente de um casal que eles não conhecem” M.2.2 “ A comunicação deles é violenta ... eles ... eles vivem se xingando o tempo todo” M.1.1 “... ela é muito autoritária, dominadora ... Faz o whisky para mim, estou mandando eu via muitas vezes o JM falar eu quero fazer isso, eu vou fazer isso, aí eu corrigia ele e falava... eu não” |
| Analógica | |
| Empurrar com o corpo é agressivo | H.1.1 “O jeito como ela empurra ele, para mexer dentro da geladeira” |

Os assuntos que emergiram referentes à relação do casal do filme apontam diferenças na figura paterna nas três Fases (Namoro, Aquisição e Madura). Vale ressaltar que o pai da personagem principal era o Reitor da Universidade onde o marido trabalhava.

Na **Dinâmica relacional** chama a atenção que a convivência entre casais pode levar a deficiências em regras de convívio, tais como demonstração de gentilezas e consideração pelo outro.

Parece que se “projeto do casal” fosse visto como um contrato passível de atualização constante aumentaria a chance de o relacionamento dar certo.

A relação está péssima, o casal está só se agüentando.

Apesar do relacionamento recheado de comunicação limitada, principalmente com desqualificação comunicacional, o casal deste filme é visto, pelos participantes, como tendo uma relação sólida. A comunicação com desqualificação parece ser utilizada por ambos os cônjuges para magoar, atingir um ao outro e produz a impressão de que são muito infelizes. A esposa é vista como dominadora e o marido submisso. A aceitação desta condição pelo marido é vista como mecanismo de proteção.

Os participantes identificaram que a Fase Madura parece acompanhada de adaptação (simbiose), mesmo que em um estado relacional não saudável agressões nem sempre atinjam o outro no sentido de produzir mudanças. (Quadro 18).

Quadro 18 - Narrativas da **Questão 2**, assuntos emergentes dos grupos de discussão (G1 e G2), categorias e sub-categorias. **Fase Madura.**

| Como vocês definiriam que está a relação deste casal? | | |
|--|--|---|
| F. Madura-F3 | Categoria | Narrativas |
| Assuntos emergentes | Sub-categoria | |
| | Família de origem | |
| | Papel do pai | |
| O papel da figura paterna é diferente nas três fases (namoro, aquisição e madura). | | M.1.1 “... no primeiro e segundo filmes apareceu o pai. No primeiro filme, teve uma referência muito forte do papel do homem; no segundo os pais apareciam como que inconscientemente...E esse, o terceiro filme, aí concretamente não tinha um pai” |
| | Dinâmica relacional | |
| | Ação compartilhada | |
| | Conjugalidade (casal parental e casal conjugal) | |
| | Trajatória | |

A convivência entre casais pode levar a deficiências em regras de convívio tais como demonstração de gentilezas e consideração pelo outro.

Se existisse um “projeto do casal”, visto como um contrato passível de atualização constante, o relacionamento teria mais chance de dar certo.

A relação está péssima, o casal está só se agüentando.

Apesar do relacionamento conturbado o casal é visto como tendo uma relação sólida.

A comunicação com sarcasmo é um recurso forte de expressão usada também para atingir o outro.

A aceitação do marido pode ser vista como mecanismo de proteção.

Agressões de um cônjuge nem sempre atingem o outro no sentido de produzir mudanças.

A Fase Madura parece acompanhada de adaptação (simbiose) mesmo que em um estado relacional não saudável.

Os sentimentos de afeto mudam durante a vida de um casal.

M.3.2 “O amor a gente também constrói, a gente começou com uma paixão ... aí se transformou”

H.1.2 “Então o amor quando você casa é pequenininho, depois de uma idade ele é grande, é imenso”

M.1.2 “Depois que criou os filhos, a gente tem que voltar lá atrás no namoro... Voltar abrir a porta do carro para gente, acho que tem que voltar essas coisas. É... não falar entra depressa, abre aí ... vamos embora”

H.3.2 “São as demonstrações não verbais de carinho”

Projeto do casal

H.2.2 “Mas será que isso era o projeto do casal?”

Crise

Jogo

H.4.1 “[A relação] está “ótima”! Dá a entender que eles devem ter muito em comum para se suportarem Apesar daquela brigaiada é o único dos três casais que parece que ninguém vai separar, porque já solidificaram num padrão ruim”

M.3.1 “Apesar de tudo, dá a impressão de que eles vão continuar... ficar juntos”

M.2.1 “Só se agüentando, na verdade”

H.2.1 “... apesar das crises nessas relações, as pessoas vão ajustando seus perfis de acordo com a situação, ele levou no bom humor porque parecia não ter outro jeito”

M.3.1 “... me passou a imagem dele ser uma pessoa extremamente infeliz. Me passou que ele era sarcástico em relação a ela”

H.2.1 “O termo seria aceitação. Se eu não posso mudar o clima, eu suporte, eu aceito eu me ajusto a ele”

M.4.1 “Ou então me protejo disso, assim... parece que ele fez um personagem como forma de proteção, pra não sofrer”

M.3.1 “Me deu a impressão que ela na relação é mais infeliz do que ele..ela era mais destruída, mais machucada”

M.5.1 “Por isso que ela o agredia daquele jeito, para ver se ele reagia ou se ela podia tirar prazer, ao fazer este jogo”

H.1.1 “Ele estava indiferente às agressões dela, aí que ela ficava mais possessa”

M.3.1 “Eu acho que o fato dele ter aprendido a lidar com aquilo incomodava ... ela queria que ele se irritasseque ele brigasse, que ele reagisse ...”

M.3.2 “Bem por aí mesmo ... os dois estão “ótimos”; encontraram um jeito de sobreviver se agredindo... um gosta de ser dominado e a outra gosta de dominar”

M.3.2 “São simbioses, que se estabelecem”

Ajustes

M.3.2 “Isso não é de um dia para o outro...Começa devagarzinho”

M.1.2 “...até meses atrás ... se a gente não fosse procurar ajuda, dialogar, nós tínhamos separado”

| | |
|---|---|
| Às vezes o “projeto do casal” tem bases morais na religião. | <p>M.3.2 “<i>Nós já tivemos também nossos momentos</i>”</p> <p>M.1.2 “... <i>se a gente não tivesse buscado na religião também ... porque Deus faz parte da nossa vida ... senão não tinha agüentado</i>”</p> |
|---|---|

M.1.1 – Mulher 1, grupo de discussão 1; H.1.1 – Homem 1 (esposo de M1), grupo de discussão 1

Quanto à existência de agressividade na comunicação do casal do filme, os participantes constataram que: a comunicação limitada que permeou o filme 2 era espontânea, mas a do filme 3 foi vista como premeditada, construída. O casal deste filme aparece com estereótipos de feminino e masculino invertidos (ela – mandona e ele submisso)

Este casal parecia necessitar expor seus problemas relacionais. São identificados atos de desqualificação comunicacional analógica: dar de ombros, atitudes de intimidação (se insinua com o corpo, põe a mão na perna do convidado), trata o marido como uma coisa (aparador de roupa), marido usa uma arma que quando disparada ejeta um guarda-chuva; ele levanta o jornal quando ela fala com ele; porta é batida. A mulher tem atitude provocativa e explícita ao por a mão na perna do convidado, deixando aberta a possibilidade de um maior envolvimento físico com ele (Quadro 19).

Quadro 19 - Narrativas da **Questão 3**, assuntos emergentes dos grupos de discussão (G1 e G2), categorias e sub-categorias. **Fase Madura.**

| | | |
|---|--|--|
| Vocês falaram em agressividade algumas vezes. Que tipo de agressividade vocês perceberam no casal? | | |
| F. Madura-F3 | Categoria | Narrativas |
| Assuntos emergentes | Sub-categoria | |
| | Dinâmica relacional | |
| | Conjugalidade (casal parental e casal conjugal) | |
| | Crise | |
| | Jogo | |
| Os estereótipos de feminino e masculino parecem invertidos neste casal (ela – machona e ele submisso). | | H.2.1 “ <i>Praticamente todos os estereótipos de comportamento tanto de mulher quanto de homens estão totalmente invertidos e distorcidos nesse casal</i> ” |
| | Dinâmica comunicacional | |
| | Comunicação como problema | |
| | Desqualificação | |
| | Digital | |
| Parece existir uma | | H.5.1 “ <i>...ela fala para os convidados entregarem os</i> |

necessidade de agressão pública.
Ele questiona o papel dela como dona de casa.
A desqualificação comunicacional digital é identificada quando ele diz: você sempre dá vexame, quando usa de sarcasmo - se refere a uma roupa insinuante como “roupa de ir à missa”.
O relacionamento se estabilizou numa forma mórbida, doentia.

A agressividade vista no filme na Fase de Aquisição foi entendida como espontânea e neste foi vista como premeditada, construída.
São identificados atos de desqualificação comunicacional analógica: dá de ombros, atitudes de intimidação (se insinua com o corpo, põe a mão na perna do convidado), trata o marido como uma coisa (aparador de roupa), marido usa uma arma que quando disparada ejeta um guarda-chuva; ele levanta o jornal quando ela fala com ele; batem porta.
Mulher tem atitude provocativa e explícita ao por a mão na perna do convidado, deixando aberta a possibilidade de um maior envolvimento físico com ele.

casacos para o marido dela – “entrega aí...tratando-o como se ele fosse um criado, um serviçal ... aí depois ele ... retribuiu falando - pode jogar no chão, pode por ai, aqui nessa pocilga qualquer lugar está bom”

M.3.2 “...Ele falou várias vezes para ela suma, suma ... E repetiu isso várias vezes...”

M.1.1 “É a palavra mórbida ... Mórbida assim, sabe ... Acho que eles estabilizaram uma coisa mórbida”

Analógica

M.3.1 “A indiferença que é a hora que ela faz de ombro para o que ele fala”

H.4.1 “A agressividade é muito mais séria porque naquele penúltimo filme era uma agressividade mais espontânea, agora nesse, parece que é uma coisa mais proposital mesmo, pegavam pesado. Ela o fazia se sentir incapaz, impotente”

M.2.1 “...ela pôs a mão na perna do convidado...ela bateu a porta na cara do marido”

H.3.2 “A hora que ela se troca ... Ela veste e se insinua”

H.3.2 “Uma roupa mais insinuante, uma calça justa um decote grande ... Para ir na missa conforme ele falou lá ... Foi uma forma não verbal de agredí-lo”

H.2.2 “Ela colocou a mão na perna dele”

H.3.2 “Provocando-o”

H.2.2 “ Confundir ele com o aparador de roupa, também foi agressivo”

M.2.2 “Aquele hora que ele está de costas para ela lendo o jornal e ela está falando, falando e ele nem levanta os olhos pra ela ... A impressão que a gente tem é que ele não está nem prestando atenção nela”

M.3.2...Teve mais, o próprio guarda-chuva simbolizando a arma, dando aquele susto nela”

M.1.1 – Mulher 1, grupo de discussão 1; H.1.1 – Homem 1 (esposo de M1), grupo de discussão 1

Os assuntos que emergiram após o debate referentes à evolução do relacionamento conjugal no Namoro e nas Fases de Aquisição e Madura foram: a qualidade e a comunicação no relacionamento na Fase Madura dependem da qualidade vivida nas Fases de Aquisição e do Namoro. A dificuldade de mudança está relacionada à acomodação do casal; diferenças precisam ser reconhecidas e

trabalhadas. A Fase de Aquisição pode apresentar mais investimento em mudanças do que a Fase Madura. A troca de experiências parece ser fundamental para que um casal preserve a relação até a Fase Madura. Relacionamentos longos não significam necessariamente a boa qualidade da relação (Quadro 20).

Um relacionamento que alcança a Fase Madura expõe os cônjuges a situações que naturalmente levam a um desgaste porque o tempo todo existe uma tensão entre a individualidade e o construir juntos. O desgaste relacional se instala na medida em que os fatos não são retomados na fala, nem resolvidos. A ausência de interesses em comum está relacionada a um aumento da distância entre cônjuges. A comunicação agressiva não é vista pelos participantes como um diálogo (Quadro 20).

O casamento é apresentado como uma engrenagem que, sem manutenção, falha, deixa de vibrar. Relacionamentos são apresentados como investimentos retomados diariamente “*o cara acorda todo dia e tem que conquistar a moça de novo*”. A sintonia com o “projeto do casal” orienta a relação “*fizemos essa travessia, abrimos o olho e enxergamos ... e fizemos esforço e corremos atrás*” (Quadro 20) .

Quadro 20 - Narrativas da **Questão 4**, assuntos emergentes dos grupos de discussão (G1 e G2), categorias e sub-categorias. **Fase Madura.**

| Como vocês fariam uma retrospectiva dos trechos dos filmes assistidos em termos da evolução do relacionamento conjugal? No namoro, na Fase de Aquisição e na Fase Madura? O que essa trajetória mostrou pra vocês? | | |
|--|--|--|
| F. Madura-F3 | Categoria | Narrativas |
| Assuntos emergentes | Sub-categoria | |
| | Dinâmica relacional | |
| | Ação compartilhada | |
| | Conjugalidade (casal parental e casal conjugal) | |
| | Trajatória | |
| A qualidade do relacionamento na Fase Madura depende da qualidade vivida nas fases de aquisição e do namoro. A dificuldade de mudança está relacionada à acomodação do casal. | | M.3.1 “ <i>As diferenças...se você não trabalhar isso de aceitar as diferenças, aceitar o outro, vai por um caminho que vai chegar nesse final</i> ” M.2.1 “ <i>Como é fácil você chegar nisso assim. [É de estarrecer]</i> ” M.4.1 “ <i>Não quer mudar então acomoda</i> ” |
| | Ajuste | |
| Diferenças precisam ser reconhecidas e trabalhadas. | | H.4.1 “ <i>Parece uma coisa que, se você não resolver durante a evolução vai desaguar no que você é nesta última fase, no que você se torna, vai se tornando</i> ” |

A Fase de Aquisição pode apresentar mais investimento em mudanças do que na Fase Madura. Casamento é apresentado como uma engrenagem que sem manutenção, falha, deixa de vibrar. Relacionamentos são apresentados como investimentos retomados diariamente “o cara acorda todo dia e tem que conquistar a moça de novo”.

A sintonia com o “projeto do casal” orienta a relação “fizemos essa travessia, abrimos o olho e enxergamos ... e fizemos esforço e corremos atrás”.

Grande quantidade de tempo juntos não significa necessariamente boa qualidade do relacionamento. A ausência de interesses em comum está relacionada a um aumento da distância entre cônjuges. A troca (diálogo, experiências) parece ser fundamental para que um casal preserve a relação até a Fase Madura. Um relacionamento que alcança a Fase Madura expõe os cônjuges a situações que naturalmente levam a um desgaste porque o tempo todo existe uma tensão entre a individualização e o construir juntos. O desgaste relacional se

M.4.1 “É, o casal do filme do meio parece que estão lutando ainda,... para mudar, já nesse último filme, só agressões”

H.2.2 “Fazendo uma retrospectiva, sobre a engrenagem, o casamento é visto como algo que ajusta, vira uma máquina ... O que eu vi aí, foi falta de manutenção na máquina ... que você chamava de “bem” quando começou o casamento, e foi deixada de lado e ninguém verificou o óleo, ninguém fez mais nada! ... a máquina vai desgastando, vai ficando velha, precisa de cuidados, às vezes o cuidado é só ir lá ver se ela está vibrando. Tem um filme que eu não vi mas que o cara acorda todo dia e tem que conquistar a moça de novo ... falta isso cada fase uma coisa nova ... Se não tiver essa manutenção a coisa ... funde. Então o que eu percebi foi isso, com o tempo, a relação vai ficando mais frágil, a engrenagem não agüenta mais os solavancos ... eu acho que essa manutenção tem que ser dada pelos dois ... com religião ... com conversa ... essa coisa que falta”

Projeto do casal

M.1.2 “Talvez foi isso que aconteceu conosco ... fizemos essa travessia, abrimos o olho e enxergamos ... e fizemos esforço e corremos atrás”

H.3.2 “É, vai evoluindo com o tempo...eles vão se distanciando por uma série de fatores ... mas a seqüência dos filmes mostra uma linha em que mostra o casal jovem, um casal da meia idade e um casal mais velho e que ... no mais velho, a situação do casal é pior do que a dos outros ... eles não foram conseguindo formar... uma relação que é ... fruto dessa coisa ... de ir trocando”

Ajustes

H.1.2 “... se eu for contar do começo, faltou o diálogo e tem que ter sempre perseverança e talvez da forma deles, exista até amor alimas diálogo não”

H.3.2 “Vendo os três filmes, dá impressão que é o mesmo casal no início do namoro, no casamento e no final do casamento ... e, que o tempo contribui para ... distanciar, e não para aproximar Então eles vão ficando mais tempo juntos, mas vão ficando longe um do outro como casal

M.1.2 “... Para o problema ser de todos tem que ter o que? Diálogo, comunicação. Se eu não gosto que ... faz xixi e deixa a tampa da privada aberta eu tenho que falar para o companheiro. Eu gosto que fica assim. Se ele não sabe o que eu quero, se eu não falo ele não vai fazer... E aquilo vai ficar me irritando”

| | |
|--|---|
| instala na medida em que os fatos não são retomados na fala, nem resolvidos. | |
| Dinâmica comunicacional | |
| Comunicação como problema | |
| Aceitação | |
| Analógica | |
| A comunicação no relacionamento na Fase Madura depende da comunicação vivida nas fases de aquisição e do namoro. | M.2.2 <i>“A importância da comunicação, do diálogo ... dentro do namoro, como no casamento, é mais importante ainda”</i> |
| A comunicação agressiva não é vista como um diálogo. | M.1.2 <i>“Não teve diálogo em nenhum dos três filmes”</i> |
| Desqualificação | |
| Analógica | |
| Guardar ressentimentos, ficar mudo. | M.2.2 <i>“Vai acontecendo o desgaste no relacionamento. As coisas não são faladas, não são resolvidas”</i> |
| M.1.1 – Mulher 1, grupo de discussão 1; H.1.1 – Homem 1 (esposo de M1), grupo de discussão 1 | |

O debate sobre as cenas do filme “Quem tem medo de Virginia Wolf?” suscitou nos participantes a reflexão sobre fatos de sua relação conjugal, tais como a influência do gênero, indicando que os homens, por se ocuparem mais com o lado prático da vida, sentem dificuldade em refletir sobre questões do relacionamento. Um participante do sexo masculino trouxe um questionamento sobre como a intimidade é construída - *“eu raramente fico contando coisas do dia-a-dia. Eu acho que devo investir um pouco mais nisso”*. Emergiu também a idéia de que dificuldades em abordar aspectos financeiros podem indicar problemas relacionais de comunicação (Quadro 21).

A saída dos filhos foi vista como provocando emoções diferentes, ao mesmo tempo em que é bom, gera ansiedade e expectativas; é vista como uma perda a ser elaborada. Vivenciar a saída de filhos é re-encontrar, de uma forma diferente, o homem por quem se apaixonou; traz amadurecimento para esta Fase.

Também evidenciaram a ocorrência de mudanças de papéis ao refletirem que famílias vivem momentos de perdas, rupturas, doenças, saída de filhos, re-encontro com o cônjuge e, nestes momentos, existem importantes mudanças de papéis. Nesta Fase, o casal pode desfrutar de maior convívio, ter maior qualidade na relação, mais tempo para ouvir, conversar, fazer coisas de seu interesse e não

mais dos filhos e da família, viajar, exercitar o companheirismo e praticar um reencontro consigo mesmo, apresentado como o renascer da relação (Quadro 21).

Observou-se que o debate serviu para alertar que o cuidado da relação deve ser permanente e suscitou em um casal a percepção de que já estão caminhando no sentido do entendimento. Perceberam que uma conversa em um ambiente enriquecido (como neste grupo de discussão) permite refletir e fazer comentários que não fariam se estivessem sozinhos (Quadro 21).

Quadro 21 - Narrativas da **Questão 5**, assuntos emergentes dos grupos de discussão (G1 e G2), categorias e sub-categorias. **Fase Madura.**

| | | |
|---|--|--|
| Suscitou algo na sua relação conjugal essa oportunidade de refletir sobre os aspectos comunicacionais? | | |
| F.Madura-F3 Assuntos emergentes | Categoria Sub-categoria | Narrativas |
| Gênero | | |
| Os homens por se ocuparem mais com o lado prático da vida sentem dificuldade em refletir sobre questões do relacionamento Um participante do sexo masculino reconhece a necessidade de investir em conversar “ <i>eu raramente fico contando coisas do dia-a-dia. Eu acho que devo investir um pouco mais nisso</i> ”. Uma conversa em um ambiente enriquecido (como neste grupo de discussão) permitiu a um homem refletir e fazer comentários que não faria se estivesse sozinho. | Masculino | H.5.1 “ <i>Pra mim foi útil, foi bom, porque nem sempre eu comento. Eu falei que eu sou ex-engenheiro, mais ainda eu associo os fatos como um engenheiro civil ... a minha tendência de leitura é prática ... às vezes eu vou pegar um livro só de física ou um só de cimento armado e essa fase ... do relacionamento, de relação com as pessoas, dessa análise que vocês fazem aqui também, eu não faço ... eu não avalio essas coisas, eu gosto de coisa prática, eu admiro aquelas coisas de engenharia, de cálculo ... e a parte humana assim pra mim, ela sempre fica em segundo plano. Então nesse ponto de vista pra mim foi ótimo ... foi útil, porque sozinho eu não saberia comentar sobre essas coisas</i> H.3.2 “ <i>...acho que os homens são mais quietos.. o homem vai resolvendo as coisas meio sozinho O homem é um pouco mais quieto ... eu raramente fico contando coisas do dia-a-dia. Eu acho que devo investir um pouco mais nisso</i> ” |
| Dinâmica relacional | | |
| Ação compartilhada | | |
| Conjugalidade (casal parental e casal conjugal) | | |
| Casal parental | | |
| Saída dos filhos | | |
| A saída dos filhos traz emoções diferentes, ao mesmo tempo que é bom, gera ansiedade e expectativas. Saída dos filhos pode ser vista como uma perda a ser elaborada. | | H.5.1 “ <i>Eu acho que sim ... porque ... tudo foi válido ... se observar toda essa fase de namoro, de casamento e a separação dos filhos, no nosso caso, foram três que saíram, tem uma conosco. Existe nessa situação dos filhos saírem; uma certa ansiedade que é mostrada no segundo filme ... depois de um ano, a nossa vida de casal ficou sem filhos ... isso causa um misto de emoção. Ao mesmo tempo que é bom, que você passa a viver sua vida própria, expectativas; será</i> ” |

| | |
|---|---|
| <p>Arranjos familiares são acompanhados de solidão. Mas permitem que a pessoa tome contato com quem ela é.</p> | <p><i>que eles estão bem?</i> H.1.1 “<i>meu sobrinho falou com ela: é tia, a senhora está com cinco e a casa vazia. As paredes começam a falar então ... a casa vazia</i>”</p> <p>Papéis M.5.1 “<i>É muito difícil essa fase pra mim eu vi aquela responsabilidade dos filhos, da casa, de tudo dar certo e de repente por um motivo, eu resolvi parar minha profissão junto com os filhos fora de casa, foi a maior besteira que eu fiz, porque de repente eu não tinha papel e eu me sentia completamente só. Já estou em outra fase. Estou adorando essa fase. Estou voltando a ser eu. Mas foi muito dolorido... Eu perdi meu papel até o cachorro levaram. Foi muito difícil. Mais foi bom, eu acho que eu me resgatei</i>” M.4.1 “<i>Mas tem que ter maturidade ... tem o crescimento</i>”</p> |
| <p>A experiência de vida determina a forma como a pessoa elabora seus problemas. Dificuldade de abordar aspectos financeiros podem indicar dificuldade de comunicação de um casal</p> | <p>Ajuste M.1.1 “<i>... meu marido, ele é o lado prático da relação. É muito bom isso. Poder sentir que está nascendo uma outra fase da minha vida e estou feliz de estar me sentindo assim. Eu sou como todo mundo mesmo e por isso estou elaborando este luto</i>” M.3.1 “<i>Você enxerga uma pessoa que às vezes você fala, nossa, mais ele era assimvocê vê algumas crises, algumas coisas que você começa a questionar e se existe uma relação mais sólida, você vai superando</i>” M.2.2 “<i>... a gente percebe que os problemas do casamento, são do namoro ao casamento.... todo mundo tem</i>” H.1.2 “<i>Quando eu tinha um problema, eu não contava nada para ela ... Eu não falava nada para ela até o dia que eu descobri que eu estava quebrado. Aí caiu uma bomba assim BUM ela falou assim a partir de hoje eu vou assumir tudo</i>” M.1.2 “<i>É a falta do diálogo ... porque eu gastava e gastava; não estava sabendo que não tinha dinheiro</i>”</p> |
| <p>Famílias vivem momentos de perdas, rupturas, doenças, saída de filhos, re-encontro com o cônjuge e nestes momentos existe importantes mudanças de papéis. Vivenciar a saída de filhos e re-encontrar, de uma forma diferente, o homem por quem se apaixonou, traz amadurecimento. A percepção de que houve crescimento pessoal pode deixar a pessoa em um estado de encantamento. Na Fase Madura, com o re-encontro do casal em um momento onde existe amadurecimento emocional pode ser</p> | <p>Casal conjugal Intimidade M.3.1 “<i>É uma mudança total, uma mudança assim de você ter que olhar para o outro de novo</i>” M.5.1 “<i>Não, eu acho que aí que é legal, porque você resgata aquilo que você perde nesse rolo de cuidar de filho, de casa, de tudo de repente, você repensa e encontra aquele homem por quem você se apaixonou, de uma forma diferente... no meu caso ainda bem que eu encontrei... Mas eu acho que valeu a pena tudo aquilo. Estou vendo tudo de uma forma mais amadurecida, realmente ainda estou meio encantada</i>” M.1.1 “<i>A gente tem que renascer</i>” H.2.1 “<i>O relacionamento do casal em todas as fases quando ele permanece apesar de todas as crises, se elas são suportáveis, trabalhadas e... “resolvida”, eles tendem a melhorar depois que os filhos saem da casa ... Porque você passa a ter mais preocupação voltada para o desenvolvimento do casal e passa a investir melhor nisso. Então eu acredito que seja uma fase até mais gratificante em todos os sentidos. Que uma vida de casal maduro, precisa ter melhor qualidade, melhor tempo e maturidade pra evoluir</i>”</p> |

gratificante em todos os sentidos inclusive como horizonte de possibilidades para os filhos.

Nesta fase o casal pode desfrutar de maior convívio, ter maior qualidade na relação, mais tempo para ouvir, conversar, fazer coisas de interesse do casal e não mais dos filhos e da família, para viajar, exercitar o companheirismo e praticar um re-encontro consigo mesmo. É apresentado como o renascer da relação.

O debate suscitou no casal a percepção de que já tem caminhado no sentido do entendimento.

O debate serviu para alertar que o cuidado da relação deve ser permanente.

M.5.1 “Tempo para ouvir, para conversar, para fazer aquilo que os dois queriam e não o que é bom pros filhos e pra família”

M.3.1 “Pra viajar, é companheirismo que você precisa”

M.5.1 “... Eu acho que é uma fase muito boa”

H.4.1 “... Quando os filhos voltam agora acho que já até incomoda um pouco ... parece uma coisa meio agressiva, ma...”

M.3.1 “Aconteceu isso comigo em abril, meu filho ,... ele ficou um mês de férias em casa ... aí o controle remoto era dele, o som era dele ... era tudo dele ... aí 15 dias depois eu falei essas férias não estão muito longas não? ... Aí ele falou credo mãe, você está me despachando? Eu falei não, é que você está ocupando meu espaço”

Projeto do casal

M.1.2 “Você tem vontade de falar. Às vezes, está precisando de uma vírgula ali naquela hora; muitas coisas que me alertou, me chamou a atenção, são fatos que surgem as vezes dentro de casa ... e nós sentamos e conversamos vai ser assim, assado ... os obstáculos ... vamos vencer”

H.2.2 “Me deu um pouco de medo agora. Temos um relacionamento muito bom, mas, às vezes ... cometemos falhas, aí é bom ver lá pela retrospectiva como cuidar, como não se deve acabar, serviu pra alertar. Porque nós vimos que a gente se completa; todo mundo quer a família construída, quer envelhecer junto, se possível morrer junto ... Então eu acho que é essa coisa de ficar sempre cuidando mesmo”

M.1.1 – Mulher 1, grupo de discussão 1; H.1.1 – Homem 1 (esposo de M1), grupo de discussão 1

Os participantes, quando solicitados a fornecer sugestões visando à qualidade relacional indicam que: a fala do casal deve ser franca, aberta, sem deixar coisas subentendidas (ser honesto consigo mesmo); se colocar honestamente no lugar do outro. Isto pode ajudar a rever posições, ter compaixão. Entretanto, o medo da reação do outro pode impedir diálogos. Reconhecem que o casal traz consigo suas famílias de origem, que precisam ser aceitas. Aceitar que existem mudanças nos indivíduos e nos relacionamentos é importante (Quadro 22).

A ajuda para casais em crise pode vir de várias formas: terapia, amigos, livros, filmes, religião. Os relacionamentos humanos se baseiam em valores fundamentais, não existindo regras para as experiências a serem vividas.

Aprende-se vivendo, tendo sensibilidade e enfrentando os desafios. Casais têm forças e sensibilidades escondidas (Quadro 22).

Quadro 22 - Apresentação das falas da **Questão 6** e áreas temáticas dos grupos de discussão referentes ao filme “Quem tem medo de Virginia Wolf ?” **Fase Madura.**

| Qual seria uma sugestão de cada um, visando qualidade relacional nas interações conjugais? | |
|--|--|
| F.Madura-F3 Assuntos emergentes | Narrativas |
| <p>O medo da reação do outro impede diálogos.</p> <p>Falas podem produzir sentimentos de mágoa e dificultar o entendimento.</p> <p>A fala deve ser franca, aberta sem deixar coisas subentendidas (usar de honestidade consigo mesmo).</p> <p>Identificam que problemas entre casais podem ser levados á profissionais da área.</p> <p>A ajuda para casais em crise pode vir de várias formas: terapia, amigos, livros, religião.</p> <p>Se colocar honestamente no lugar do outro pode ajudar a rever posições, ter compaixão.</p> <p>Parece existir uma evolução na comunicação entre casais.</p> <p>Os relacionamentos humanos se baseiam em valores fundamentais não existindo regras para as experiências a serem vividas. Se aprende vivendo, tendo sensibilidade e enfrentando os desafios.</p> <p>O casal traz consigo as famílias de origem que precisam ser aceitas.</p> | <p>M.3.1 “Uma sugestão na qualidade de relação é sempre falando franco, aberto ... não deixar coisa subentendida ... você fala uma frase às vezes o outro acha que você falou outra coisa ... se ele falou daquele jeito, fica magoada e eu não vou te perguntar que é que você quis dizer realmente; se expor mais, de ser mais claro”</p> <p>M.2.1 “... Eu acho que a gente precisa de ajuda ... de terapia, de grupo de estudo, de filme, não tem outro jeito. Não tem porque a gente procura ajuda pra tudo se você quer fazer um bolo você procura como é na receita. É, se você vai procurar um médico, ou pra qualquer coisa que você vai fazer, até um eletricista, um homem pra lavar pedra, então não tem como a gente cuidar da relação sozinho, porque a gente não sabe. Nesses 3 filmes se eles estão se gostando e tentando ou não mas eles não sabem se ajudar sozinhos. Então para estar casado e construir a relação, precisa buscar ajuda de quem sabe, e não é, ajuda só de uma terapia, a gente tem que fazer essas reuniões, encontros, conversas, trocar experiências. Livros, pessoas que sabem que estudam ... Eu acho que se a gente entrega as artérias, o útero, a escola dos filhos, a cozinha da casa, porque não isso. Pra não ficar como no último filme. Tem que buscar ajuda”.</p> <p>M.4.1 “Eu acho que uma coisa importante é você respeitar as diferenças”</p> <p>M.5.1 “Uma coisa que ajuda muito em uma crise é o fato de você honestamente tentar se colocar no lugar do outro e ver como você reagiria na posição do outro na hora da crise. Geralmente você muda sua opinião, muitas vezes você também faria igual!”</p> <p>M.1.1 “Compaixão ... vejo a trajetória do meus pais, dos meus avós, a nossa trajetória e vejo a dos meus filhos. Na questão de brigas de casais, de comunicação ... fui vendo uma evolução;é bom ver que a minha condição de vida, nesses aspectos, foi melhor que a dos meus pais. Espero que a dos meus filhos seja ainda melhor que a minha. Na relação conjugal percebo a mesma coisa e tenho o mesmo desejo”</p> <p>H.2.1 “... hoje, tem que se preparar para estudar, para formação profissional, mas o preparo para vida não existe ... Você só aprende seus valores fundamentais e cai na vida ... e aí, com sensibilidade, enfrenta a vida, os desafios. Dos relacionamentos humanos pode sair uma flor como pode sair uma ruptura”</p> <p>H.5.1 “... para que você tente ter um relacionamento bom, adequado, duradouro, firme... é necessário que ambos aceitem com muita franqueza a família do outro. Então se eu e ela não tivermos capacidade de aceitar francamente nossas histórias dela e minha, o atrito vem”</p> |

| | |
|--|---|
| <p>A família também precisa de um núcleo independente e protegido de intromissões indesejadas.</p> | <p>H.5.1 “A dificuldade é grande porque, tem as intromissões, tem os engraçadinhos... a pessoa deve procurar fazer o seu núcleo familiar ... independente”</p> |
| <p>A individualidade é importante.</p> <p>Expectativas podem ser um veneno no casamento.</p> <p>Ter medo não resolve porque ele paralisa. Ter consciência dele ajuda em mudanças.</p> <p>Reconhecer que existem mudanças nos indivíduos e nos relacionamento é importante.</p> <p>Casais têm forças e sensibilidades escondidas.</p> <p>O casal nessa fase cuida mais um do outro</p> <p>O pai pode ter dificuldade de lidar com a afetividade em relação a filhos</p> | <p>M.3.2 “Eu acho que começa individual primeiro. Acho que para eu estar bem com o outro, tenho que estar bem comigo... fica fácil sempre esperar alguma coisa, os ressentimentos vão ficando gigantes porque a gente também contraria as expectativas alheias, eu acho que expectativa é um veneno no casamento. Ela vai intoxicando o casamento. Então é, se libertar, tem que ter diálogo... quero isso, não quero isso, não sei e a gente vai de uma forma saudável para não chegar na história daqueles dois coitados que como você disse pode até ser que tenha amor, como ele falou, eles vivem desse jeito mas com tanto sofrimento”</p> <p>H.1.2 “ Deveriam ser transparentes um com o outro, senão você não vai conseguir ser feliz”</p> <p>M.3.2 “ ... o medo, em mim mesma, é o grande paralisador, ele afunda a gente. Não deixa a gente sair daquele lugar; então é como se a gente se agarrasse àquela situação, mesmo que ela esteja horrível detonada mas é o conhecido. Então, fico com ela. Eu acho que a gente ter a consciência dele é um grande passo para gente querer melhorar”</p> <p>H.2.2 “... precisa ter consciência que as coisas modificam. Namoro modifica para o casamento, o casamento modifica lá para fase lá dos filhos irem embora e; ter a consciência que tudo isso modifica, nada fica parado no tempo. Essa sensação de acostumar com aquilo acho que tem que ir mudando; a gente e as coisas ... o relacionamento tem que ser dinâmico. O estático acaba com tudo. Você tem que começar a fazer seus projetinhos olhando para trás, sempre ter uma “cara nova” , uma fantasia nova, um sonho novo”</p> <p>M.1.2 “... nesse ponto que nós já estamos com os filhos fora e tal eu tenho que cuidar dele e ele tem que cuidar de mim ... esse debate é uma grande oportunidade, um grande alimento para mim, pra relação”</p> <p>H.1.2 “... quando meu filho falou que ia embora eu falei assim eu sou macho eu estou preparado; eu tinha medo dela. Quando ele foi embora, eu sofri muito mais do que ela. Chorei muitas vezes escondido de saudade”</p> |

M.1.1 – Mulher 1, grupo de discussão 1; H.1.1 – Homem 1 (esposo de M1), grupo de discussão 1

As sugestões apresentadas pelos participantes trazem uma coletânea dos aspectos discutidos anteriormente nos três filmes e serão oportunamente retomadas na discussão nas considerações finais.

CAPÍTULO 6 – DISCUSSÃO

6.1 Fase de Namoro

De acordo com os resultados obtidos na tabela (Quadro 2) referentes aos aspectos presentes na Fase de Namoro, apresentada segundo categorias e subcategorias para análise, surgiram dados relativos a questões de gênero, valores (sociais, religiosos, idade e de identificação), faixa etária e de família de origem (influência da família e papel do pai), além das categorias relacionais e comunicacionais. Após a discussão dos achados que foram emergindo em paralelo às questões de pesquisa, serão apresentadas as categorias e subcategorias das dinâmicas comunicacionais e relacionais.

O namoro foi identificado como uma ação arriscada, que pode ou não dar certo. Nesta fase do ciclo vital parece existir influência de gênero na dinâmica relacional e também na dinâmica da comunicação, com a constatação pelos participantes de que meninos são mais tímidos, mais objetivos e menos amadurecidos, enquanto meninas são vistas como mais firmes, falantes e sonhadoras, buscando a aproximação pela conversa. Isto corrobora com o que é descrito na literatura, que apresenta que meninas solicitam mais abertura comunicacional que meninos (CARMONA, 2000).

Importante ressaltar que meninos e meninas que se encontram na adolescência em termos de ciclo vital, enfrentam um acúmulo natural de informações de natureza tanto biológica, quanto fisiológica e psicológica, que atuam de forma a acentuar as diferenças de gênero para além de masculino e feminino. Gênero aparece como uma categoria de importante expressão devido à Fase do Ciclo Vital em que namorados se encontram. Dadas as complexidades que compõem o quadro de mudanças, transformações e peculiaridades que permeiam este aspecto, atuando diretamente na personalidade dos indivíduos, conforme apontam Macedo e Kublikowski (2006). A dificuldade de conversa entre homem e mulher observada na Fase de Namoro pelos participantes pode ser típica desta fase, na qual o construir da intimidade é incipiente e envolve

características individuais que podem facilitar ou não o relacionamento entre duas pessoas.

No namoro, a menina tenta aproximar-se do menino, para mostrar-se enamorada e que está cedendo aos seus encantos masculinos, enquanto o menino se afasta, numa atitude de esquiva ao excesso de zelo feminino. Desta forma se dá o jogo da arte da conquista (MALAGGI et al., 2007). Este comportamento poderia decorrer de dificuldades de aceitação ou mesmo pela dificuldade da experiência nova vivenciada por ambos.

Valores sociais, religiosos, idade e de identificação também foram suscitados como diferenças que podem influenciar no relacionamento. Quando começam a despertar para o amor, meninos e meninas pautam-se por aquilo que é ditado socialmente como padrão de beleza ou de estereótipo antes de aproximarem-se ou de se revelarem a alguém. A aparência pode ser um quesito importante, a ser administrado segundo os valores presentes no grupo de frequência dos jovens, uma vez que se identificam com o grupo a que pertencem. As expectativas de cada um vão sendo incorporadas, trabalhadas e vencidas a partir de conhecimento mútuo, convivência, constatação que diferenças ocorrem, e que a partir do conhecimento irão ter atitudes que poderão ajudar a harmonizar a convivência.

Quanto ao valor religioso, algumas cenas do filme “Um amor para recordar” trazem a Bíblia como referência para um código de ética moral, sendo este considerado às vezes como um divisor de águas para condutas morais tão diferentes num início de envolvimento.

Percebeu-se a presença da família de origem, no estilo do pai guardião, protetor, de postura rígida à moda antiga, justificado talvez pelo fato de a menina ser órfã e também por se tratar de um pai pastor evangélico, com princípios religiosos rigorosos. Foi percebido que esta postura do pai orientou as atitudes até então descontraídas do jovem, no sentido de fazê-lo adaptar-se às maneiras definidas pelo pai para a conduta da menina do filme, como sendo a desejada.

Neste sentido, Minuchin (1990, p.63) esclarece que

à medida que o filho amadurece as exigências feitas pelos pais começam a colidir com as exigências dos filhos quanto à autonomia apropriada à idade. A paternidade se torna um processo de acomodação mútua. Os pais impõem regras, que não podem explicar no momento ou que explicam inadequadamente, ou consideram as razões para as regras como evidentes por si mesmas, quando não são auto-evidentes para os filhos. É complexo o processo de educação dos filhos: Os pais não podem proteger e guiar sem, ao mesmo tempo, controlar e reprimir. Os filhos não podem crescer e se tornar individualizados, sem rejeitar e atacar. O processo de socialização é inerentemente conflitante.

A faixa etária aparece como um aspecto importante quando se percebe que a identidade grupal influi no comportamento do menino, fazendo com que ele defina suas opiniões seguindo o padrão do grupo a que pertence.

Segundo Schwetter (2006), na adolescência é típica a busca existencial, quando o adolescente experimenta um questionamento de seu papel em relação ao mundo, sentindo a necessidade de adaptar-se a expectativas culturais. Assim, a cultura tanto sofrerá influência quanto influenciará as vivências sociais do adolescente. O comportamento comum na adolescência é então permeado por irreverência, contradição e conflitos, refletindo a confrontação dos valores sociais.

Estratégias de aproximação aparecem como uma característica de dinâmica comunicacional, sendo a comunicação entendida como veículo para a descoberta de afinidades. No filme, o adolescente utiliza a peça de teatro como subterfúgio de aproximação, uma vez que momentos em que havia outras pessoas presentes faziam com que ele se sentisse observado pelos demais e envergonhado de assumir seu interesse pela menina. Na medida em que a peça se constituía num interesse comum, esta proporcionou oportunidades de momentos a sós e a conseqüente aproximação.

Na Fase de Namoro foram encontrados sinais de comunicação limitada pela presença de “rejeição”, aceitação e a desqualificação da comunicação tanto digital como analógica. Entre os aspectos digitais observaram-se falas desqualificadoras, ameaçadoras ou desafiadoras; entre os aspectos analógicos ocorreram uso de sarcasmo, olhares, gestos provocativos e postura invasiva.

Considerando-se a existência de comunicação limitada pela presença de gestos e falas agressivos pode-se entender que houve comunicação como um ato violento.

O uso de comunicação analógica observado pelos participantes pode também ser considerado uma forma de violência comunicacional de ordem psicológica. Estas, segundo suas vítimas, são as mais perigosas, por poderem ter conseqüências mais graves que as de ordem física, que cessam no ato do acontecimento (HIRIGOYEN, 2005).

As dificuldades de diálogo entre o casal foram apontadas pelos participantes. Para que o diálogo ocorra é necessário que haja troca de opiniões, e não coerção no sentido de fazer o outro ficar sob seu julgo (BOTURA JR., 2001).

A dificuldade de relacionamento parece estar associada ao desconhecimento do significado do que ocorre dentro de si. A individualidade apareceu nesta fase como importante para identificar interesses individuais e de auto-conhecimento. Schwetter (2006) destaca que os processos de busca do adolescente por sua identidade estão presentes em suas relações afetivas, configurando-se um mecanismo simbólico que revela sua consciência em relação à realidade externa.

6.2 Fase de Aquisição

Esta Fase apresentou-se, com base nos relatos, como com necessidade de mais investimentos pessoais e relacionais do que a Fase anterior.

A partir do trecho do filme “A história de nós dois”, evidenciaram-se diferenças de gênero, sendo a mulher vista como sentimental, apesar de assumir mais tarefas que o homem, enquanto este é considerado prático e objetivo nas situações da vida diária. Assim como na Fase de Namoro, identificou-se a influência da família de origem nas escolhas conjugais. Os participantes relataram ainda que o desempenho de inúmeros papéis pela mulher poderia ser responsável pelos seus sentimentos de insegurança e solidão.

Percebe-se que a mulher é, em geral, mais sensível que o homem, além de que durante muito tempo ela parece ter sido preparada para ser a “rainha do lar”,

envolvendo-se com afazeres domésticos e administração econômica da casa, questões emocionais e de saúde, especialmente dos filhos, entre outras inúmeras tarefas. Apesar de atualmente a mulher se apresentar mais independente, dona de si, ingressando no mercado de trabalho e constituindo carreiras profissionais, ela ainda pode se sentir responsável pelas atividades do lar. Assim, com o acúmulo de funções, ela pode acabar em segundo plano, até mesmo esquecendo-se como pessoa e colocando-se como mãe, esposa e trabalhadora acima de tudo.

O fato de as mulheres estarem inseridas no mercado de trabalho e considerando a dificuldade dos homens em olhar as tarefas domésticas como algo que também podem vir a partilhar com suas esposas, especialmente devido à herança de papéis de gênero tradicionalmente enfrentada na contemporaneidade, faz com que haja um aumento nos conflitos conjugais (JABLONSKI, 2007).

De acordo com Diniz e Coelho (2003, p.87), a forma dedicada com que as mulheres se empenham nas tarefas do dia-a-dia com suas famílias faz com que tenham a sensação de esquecimento de quem são na vida. Em conversas com as mulheres do grupo que coordenam sobre seu contexto conjugal e familiar, as autoras encontraram que a família aparece como organizadora da identidade e da vida de relações da mulher. Quando se perguntava sobre a mulher, a resposta referia-se a esta enquanto mãe. Concluíram que era preciso incentivar as mulheres lembrando-as de que são pessoas, e que a vida não é só dificuldades, mas também sonhos e projetos.

No que diz respeito à influência da família de origem nas escolhas conjugais, Boszormenyi-Nagy e Spark (1973 apud CERVENY, 2000) afirmam que os conflitos de lealdade no casamento são ativados na medida em que se houver um compromisso conjugal este poderá passar pelo crivo de se fantasiar uma unidade conjugal melhor que aquela de seus pais. Pode ser que um par, ao constituir-se como casal, critique os padrões relacionais vividos em suas famílias de origem, estabelecendo em comum acordo que devem ser um casal diferente de seus pais, embora não consigam fazê-lo porque manter um olhar no que eles não querem continua sendo uma forma de tomar a relação dos pais como referência.

Na cena do filme onde o casal discute sua intimidade e outras questões, aparecem seus pais sentados ao lado de seus respectivos filhos, travando um diálogo que se refere às escolhas que seus filhos fizeram e dando palpites na sua relação. Neste momento, se faz presente um “sistema circular de retroalimentação da informação e do comportamento”, onde o comportamento de cada um afetou e foi afetado. O circuito intergeracional também estava presente na intimidade do casal, bem como poderá estar em outros de seus momentos relacionais e demais subsistemas, trazendo algumas gerações presentes, com suas diferentes dinâmicas em dados momentos (CERVENY, 2000, p. 56-57).

A rejeição da comunicação, tanto analógica quanto digital, fez-se presente. Apesar dos conflitos conjugais, quando cada um olha para si, percebeu-se que o casal já havia vivido momentos felizes, que não foram lembrados nas situações de desentendimentos. Houve referência à história de vida do casal, que teve influência na comunicação entre marido e mulher. Segundo os participantes, o casal esquece que é um par, e suas tarefas diárias e parentais comprometem o relacionamento.

A comunicação pode ficar ainda mais em evidência em famílias que têm estilos abusivos em suas dinâmicas, conforme esclarece Scodelario (2002). A autora ressalta que a própria estrutura familiar depois que adquire uma configuração triangular (pai, mãe, filho) pode acentuar conflitos conjugais que já poderiam estar presentes nos relacionamentos, pelo fato de que esta triangulação pode desencadear sentimentos como ciúmes, exclusão ou competição, além de sentimentos de rivalidade de cunho amoroso e de proteção, próprios de situação onde se disputa a atenção em relação a alguém. Esse entrelaçamento de sentimentos pode fazer com que os pais algumas vezes acabem misturando não só seus sentimentos com os dos filhos, mas podem também perder o controle se esquecerem-se de que são os adultos da relação.

Destaca-se a necessidade de individuação, perda nos afazeres diários, e de resolução dos problemas se dar no momento em que estes ocorrem, e não posteriormente. A maturidade foi apontada como importante na relação, assim como o projeto do casal, no sentido de manterem seu foco em objetivos comuns.

No que diz respeito à diferenciação de si na conjugalidade, Munhoz (2008) aponta que este é um processo que envolve aspectos que estão interconectados desde a transgeracionalidade; a participação da família de origem, o modelo que seguem na sua conjugalidade, no sentido de atentarem para como a individualidade e a conjugalidade estão sendo vividas e influenciadas pelo nível de “diferenciação de si mesmo” de cada pessoa do casal, em relação às famílias de origem.

A partir de uma sondagem feita por Jablonski (2003) sobre atitudes de homens e mulheres da classe média carioca quanto à individualidade, foi citado que casar significa perda de individualidade e aumento de compromissos e de responsabilidades. Da mesma forma, os casais disseram que o casamento também é sinônimo de perda de liberdade e da privacidade. A opinião das mulheres na pesquisa-ação de Diniz e Coelho (2003) foi semelhante, na medida em que, segundo elas, tirar um tempo para fazer coisas para si é algo inédito; é ter identidade e ver a vida de novo. Depois de um trabalho de reflexão, mulheres reconhecem a nobreza dos papéis de esposa, mãe, donas-de-casa, e sentem-se apoiadas a retomarem-se cuidando da saúde, do visual, resgatando a auto-estima e podendo olhar para a força que têm para vencerem toda dificuldade que vier, e ainda assim dedicar o melhor de si todo dia, aos outros, sem se esquecerem de si mesmas ao longo deste processo.

Acerca da maturidade, destacada pelos participantes, tem-se que esta é um dos aspectos reveladores de como as novas famílias irão funcionar na forma como conduzem suas dinâmicas ao viverem a Fase de Aquisição, que é conhecida pelo processo de construir e adquirir coisas e membros (BERTHOUD; BERGAMI, 1997)

Dando continuidade aos achados desta pesquisa nesta fase, a crise não é vista como um problema de qualidade da relação, mas como um momento de ajustes e revisão de papéis, que pode levar ao distanciamento físico, com comprometimento da intimidade. A comunicação agressiva pode estar presente mesmo em casais que não têm a intenção de separar-se. O diálogo é considerado

importante nas negociações do casal, e sua ausência é preenchida com atitudes agressivas.

Botura Jr. (2001) afirma que há diversas maneiras de se falar com as pessoas, embora estas formas não necessariamente garantam um diálogo. Dialogar, de fato, quer dizer trocar idéias, e não ter que falar o que o outro quer ouvir. Isto valeria especialmente para o âmbito conjugal, quando casais se experimentam nesses níveis. Exemplo disso foi que os participantes citaram o quanto as expectativas podem cumprir o papel de um agente complicador quando conversas tentam se estabelecer. É importante lembrar que a falta de diálogo é um dos desencadeadores da crise.

Quanto a este último aspecto, Henriques (2003 apud JABLONSKI, 2007, p. 213) aponta as questões de igualitarismo e individualismo da atualidade como pautas com as quais ainda se convive, o que faz com que se depare com momentos de intensidade nos desentendimentos entre casais. Neste contexto, Jacobs (2004 apud JABLONSKI, 2007, p.212) destaca que modelos de igualdade têm se mostrado operáveis na teoria, porém problemáticos na prática, uma vez que ainda sofrem a influência de expectativas e responsabilidades de papéis de gênero pré-estabelecidas. Papéis mais tradicionais estariam disputando com opções mais contemporâneas. Este fato faria com que casais vivenciassem expectativas frustradas, sentimentos mutuamente mal compreendidos, e até mesmo rejeição de um em relação ao outro, decorrentes dos desajustes na área de papéis não necessariamente terem que ser rigidamente divididos por gênero. Reforçando esta fala anterior, muitos estudos têm revelado que atividades do dia-a-dia parecem ainda estar designadas às mulheres. Nisto parece consistir uma conseqüência vivida pelos casais - o conflito.

É importante lembrar que alguns aspectos relacionados à família com dinâmica de violência refletem uma possibilidade de causalidade múltipla, ao invés de terem que apontar para um culpado. Por isso, esta é uma questão que abrange o funcionamento familiar como um todo. Browen (1988 apud BUCHER, 2003, p.181) evidencia que existem fatores que pré-dispõem à violência, dentre eles, a própria estrutura familiar, o modo como esta funciona, o estilo interacional, e

mesmo a estabilidade do casal. Bucher (2003) também cita esses fatores e afirma que, uma vez que estes aconteçam, se tornam conhecidos como atos violentos para a própria estrutura intra-familiar. Se isso acontece, é o próprio padrão de funcionamento familiar que precisaria ser revisto quanto aos níveis de danos que está favorecendo em seu sistema.

Rosenberg (2006), estudando comunicação, percebeu que algumas maneiras específicas no campo da linguagem e da comunicação contribuem para que se tenha um comportamento violento em relação primeiramente a si mesmo, mas também em relação aos outros. Dentre essas formas ele cita julgamentos moralizadores como: insultos, rotulações e comparações. Ele acrescenta ainda que quando se tem o hábito de analisar as pessoas, por exemplo, este comportamento ou atitude poderão estar revelando na verdade algo pessoal, como uma necessidade de expressão de valores.

Nesta Fase de Aquisição os participantes entenderam que a agressividade parecer ser de um nível maior do que na Fase de Namoro, fato que se procurará explicar. Talvez uma das justificativas para isso seja um fato apontado por Botura Jr. (2001) que está relacionado a crenças, as quais são transmitidas pela comunicação, uma vez que estas entram muito cedo na vida das pessoas. Enquanto crianças, não têm maturidade para interpretar os fatos que ocorrem nas relações pessoais; são noções apresentadas em nível intra-familiar que se levam adiante. Estas crenças parecem valorizar a existência humana a partir das transformações da realidade que estas podem articular e ir fazendo sentido ao longo dos anos. Como por exemplo, se crianças assistem e convivem com conflitos dos pais, podem acreditar que casamento é assim mesmo. Ao passo que quando passam pela situação, podem experimentar de fato o estresse que estes episódios desencadeiam e buscar saídas passa a permear possíveis discussões, numa fase em que tantos outros agentes estressores se acumulam, podendo propiciar a instalação de um clima de agressões de nível comunicacional com mais frequência do que na Fase de Namoro, quando o nível de estressores pode ser menor.

A leitura do não-verbal talvez possa ficar comprometida por alguns aspectos, dentre eles a negação do corpo ao não lhe ser dado pleno exercício de vazão de emoções, devido à falta de consciência deste fato por parte do ser humano. A linguagem não-verbal ou corporal, afirma Botura Jr. (2001), passa muita informação, que normalmente é processada de forma inconsciente, constituindo aquilo que ele chama de agressões silenciosas, se o seu conteúdo tiver cunho agressivo. Pensa-se que este nível da comunicação não-verbal possa ir dividindo seus espaços com a comunicação verbal, a qual se pressupõe ir ganhando-os à medida que as pessoas vão se conhecendo mais, e mesmo com o aumento da convivência de namoro para casamento, talvez a comunicação verbal ocorra com maior frequência e possivelmente com maior intensidade na suposição de que já se conhecem mais na conjugalidade do que se conheciam no namoro. Caso isso seja verdade, poderão aumentar as ocorrências de conflitos que denotem mais verbalizações agressivas. Aliás, acredita-se que o próprio repertório de assuntos se incremente com o surgimento de novos sistemas. Acredita-se também que a própria configuração, incluindo possivelmente mais pessoas poderá, conseqüentemente, fazer surgir novos papéis, contribuindo para uma incidência maior de conflitos numa fase do que na outra.

6.3 Fase Madura

A partir do trecho do filme “Quem tem medo de Virginia Wolf?” evidenciou-se na opinião dos participantes que os homens parecem ser mais práticos e sentir mais dificuldade em lidar com assuntos relacionais. Um participante do sexo masculino reconheceu sua necessidade de investir em conversar mais, dizendo ser possível rever esta sua posição.

Puderam ser sentidos os desafios e as dificuldades quanto às diferenças culturais e ideológicas na conjugalidade em virtude da dificuldade da linguagem em nomear fenômenos da atualidade que expliquem as transformações que envolvem e classificam a diversidade presente nas formas relacionais da contemporaneidade, revendo questões de gênero e papéis (BUCHER, 1999 apud

NETO; STREY, 2008, p.436-437). Com base em reflexões de Kublikowski e Macedo (2008), as diferenças entre homens e mulheres vão muito além do masculino e feminino, parecem estar nas transmissões cultural e histórica as quais, ao passar de geração em geração, transmitirão uma nova interpretação que poderá produzir outros significados e que justamente por este olhar peculiar que une velho e novo, pode propiciar um jeito diferente de definir e atribuir papéis a homens e mulheres, com mais flexibilidade, sem implicações de gênero.

Os participantes mencionaram terem percebido a presença do pai, ainda que de formas diferentes, dos filmes das Fases de Namoro e de Aquisição. No entanto, neste terceiro filme, o da Fase Madura, relataram a ausência do pai. Achou-se a observação interessante porque a figura do pai esteve presente algumas vezes, em citações da filha, quando esta se referiu a receber os convidados em casa a pedido do pai, que lhe solicitou que desse as boas vindas ao novo professor de matemática da universidade, e que o pai deu o emprego ao marido e que o pai isso, o pai aquilo... Enfim, embora fisicamente ausente, o pai estava na lembrança e respeito da filha, e em sua repetição de padrão, por meio de atitudes que, em algumas circunstâncias, remetiam ao pai. De acordo com observação de Laing (1969 apud CERVENY, 2000), o que os indivíduos internalizam não são objetos, mas padrões de relação, que ficam como uma referência de estrutura personificada. Ainda segundo o autor,

cada geração projeta na seguinte elementos derivados do produto de pelo menos três fatores: primeiro, o que foi projetado nela por gerações anteriores; segundo, o que foi induzido nela por gerações anteriores e terceiro, o que foi sua resposta a essa projeção e essa indução.

A partir desta idéia, sugere-se que o (a) participante possa ter internalizado que pai presente é aquele que esteja corporificado e não personificado; talvez por isso não tenha percebido, no filme, a presença do pai personificado nas atitudes e narrativas da filha.

Os participantes mencionaram que, pelo fato de os pais não se envolverem tanto quanto suas esposas nos assuntos referentes aos filhos, as emoções ficam num plano mais subjetivo, passando algumas vezes uma imagem distorcida de

que pais têm dificuldade de se envolver emocionalmente com seus filhos. Esta situação parece ter sido ilustrada quando evidenciado por pais que no momento dos filhos deixarem a casa relataram esperar que as mães fossem sentir muito mais esta perda, mas que na verdade a sentiram tanto quanto.

No que diz respeito à dinâmica comunicacional em termos de comunicação como problema, de acordo com falas dos participantes, a comunicação no relacionamento na fase madura reflete as vivências das fases anteriores. Segundo eles, houve uma evolução da má comunicação entre os casais dos filmes, no sentido de que esta foi se mostrando gradativamente mais difícil de ser articulada, apesar de a relação parecer seguir em frente. Ainda de acordo com os participantes, considerando-se que as falas podem produzir ressentimentos, estas deveriam ser francas, abertas, evitando sub-entendimentos e usando de honestidade consigo mesmos.

Utilizando-se importantes reflexões de Rosenberg (2003, p. 37-48), a busca do equilíbrio entre o dar e o receber são da natureza humana e, segundo este autor, isso se aplicaria também à comunicação. Por fatores de alienação diante da vida, adquirem-se posturas verbais e comportamentais que revelam maneiras que podem ferir os outros e si próprios. Essas posturas alienantes comunicacionais estariam presentes em julgamentos moralizadores que comparam atitudes pessoais às alheias, dando a entender que as “corretas” seriam as próprias e não as dos outros, por esse ou aquele motivo, bloqueando a comunicação e a compreensão ao se utilizar formas de exigência ou de imposição ao invés da linguagem. Considerando também a posição de Munhoz (2008, p.353-352), a dinâmica relacional em casais se constitui um tema denso, pois reúne aspectos da identidade, da aquisição de padrões de interação afetivos e comunicacionais, de crenças, valores, mitos e significados das escolhas de cada um.

Nesta fase, foi destacada pelos casais dos grupos a existência de adaptação e acomodação do casal, possivelmente pela saída dos filhos e a conseqüente necessidade de diálogo para melhorar a comunicação. Com diálogo, eles disseram, seria possível criar um ambiente que, se houvesse rotina, esta poderia ser favorecedora do entendimento. A solução apontada pelos

participantes para a relação não ficar ruim foi a de procurar ajuda e dialogar. Carneiro et al. (2007) apresentam que na relação os cônjuges se sentem edificando a união se puderem sentir-se livres nesta para delimitarem espaços pessoais e relacionais, de modo que o construir-se possa continuar em andamento. Nas palavras de Polity (2006 apud COLOMBO, 2006, p.97), as pessoas se casam sem plenos conhecimentos próprios e menos ainda sobre o parceiro. Este fato por si só já suscita possíveis desentendimentos num casal que administra as diferenças ao mesmo tempo em que as vivem. Podem ter a sensação algumas vezes de que não falam a mesma língua, e por isso a comunicação pode mostrar-se insuficiente.

O filme, de acordo com o que foi trazido pelos participantes, retratou ainda uma relação com ressentimentos, agressividade e falta de respeito. A comunicação agressiva não foi vista como um diálogo, o qual poderia, de acordo com os participantes, ter sido impedido, inclusive por temor à reação do outro.

Comunicação não é apenas um intercâmbio entre pessoas, ela também dá forma e altera a estrutura do sistema familiar e os indivíduos que dele participam, ao mesmo tempo em que se sabe que palavras por si só não constituem a chave para desenvolver uma relação saudável e duradoura. É preciso ainda criar uma cultura relacional capaz de atitudes coordenadas de entendimento, ações e identidades, que possam satisfazer o relacionamento de ambos. Essa cultura relacional, de acordo com Wood (2007, apud GALVIN et al., 2007, p. 82) se torna possível ao se implementar “um mundo particular de regras, entendimentos, significados de ação e interpretação que parceiros criam para seu relacionamento”. Esta forma baseada numa visão de mundo poderia fazer sentido por ser construída conjuntamente. A troca (diálogo, experiências) parece ser fundamental para que um casal preserve a relação até a fase madura.

As regras variam em um continuum de conscientização desde um acordo relacional muito direto, explícito e consciente, claramente negociado, até regras que emergem de formas implícitas, não-ditas e inconscientes, as quais vão ficando presentes à medida que as interações são repetidas (GALVIN et al., 2007).

Os padrões de comunicação que influenciam os membros de um casal têm por base as mensagens reciprocamente trocadas em nível verbal e não-verbal, que se tornam recorrentes e previsíveis no ambiente conjugal à medida que se tornam repetitivas, criando padrões. Elas servem para definir o relacionamento, podendo ser alteradas por forças dentro do sistema conjugal. Os significados que emergem dos padrões deste sistema estão presentes não só nas regras, mas nos segredos, na rede comunicacional e nas narrativas da família como um todo (GALVIN et al., 2007). Portanto, pensa-se ser necessário que haja um processo de adaptação flexível, que reconheça para quem serve uma regra e que, de tempos em tempos, ela possa ser revista. Esta forma de “cuidar” da comunicação, seguindo um roteiro de boa comunicação como se segue outros roteiros para se alcançar determinados fins, pode beneficiar momentos comuns de diálogo em casais, propiciando um clima de boas vindas a projetos conjugais.

Os participantes destacaram como motivos que pesaram na comunicação com problemas a acomodação do casal no que se refere a mudanças e a comportamento submisso do marido. A aceitação do marido foi interpretada como medida de proteção. Eles entenderam que a comunicação não acontecia, e por isso o entendimento não era permitido para ambos.

As desqualificações analógica e digital estiveram ilustradas quando os participantes apontaram o visível desprezo que a esposa tinha pelo marido e pela forma como o tratava com provocações verbais.

A comunicação com sarcasmo é um recurso forte de expressão usado também para atingir o outro. A agressividade vista no filme da fase de aquisição foi entendida como espontânea, enquanto na fase madura foi vista como premeditada, construída. São identificados atos de desqualificação comunicacional analógica.

Nas próprias relações em família, Scodelario (2002, apud FERRARI; VECINA, 2002, p. 95-99) alerta a possibilidade de ocorrer experiências corriqueiras que resultem em sucesso ou fracasso, podendo levar tanto ao crescimento e à proximidade quanto, contrariamente, à desintegração, neste caso podendo desencadear inesperadamente uma dinâmica de violência. Se

desorganizações deste nível ocorrem, podem ser catastróficas algumas vezes. Corre-se o risco não só de acusar alguém de ser possuidor de característica agressiva, mas de rotulá-lo como causador de problema. Rótulo por rótulo, as duas partes podem entender terem contas a ajustar, e se isso crescer poderá aumentar também o sentimento de identificação por uma das partes polarizadas.

Se famílias desenvolvem tais dinâmicas, a dificuldade comunicacional pode agravar os desentendimentos. Ainda de acordo com Scodelario (2002 apud FERRARI; VECINA, 2002, p. 95-99), a comunicação pode ocorrer de maneira indireta por formas não verbais, acionando símbolos que podem vir acompanhados de palavras ou ação, mantendo o emocional só no espaço subjetivo, de forma menos consciente, não contribuindo para que esse sentimento se extravase via comunicação. Ao não liberarem esses sentimentos, as pessoas limitam-se ao superficial, utilizando padrões paliativos de comunicação como mentiras, mensagens de duplo sentido, entre outros. Com isso, chegam a possíveis atos, falas ou gestos violentos, como meio de externalizar o que estava guardado e que não havia sido dito.

A relação do casal do filme foi definida pelos participantes como permeada por desqualificação e provocações verbais. Quando um cônjuge dirige agressões verbais ao outro, isso faz com que a violência fique num nível de escalação. Os participantes perceberam que as atitudes agressivas não produzem as mudanças desejadas, pelo contrário, aumenta os conflitos. Parece existir uma necessidade de que a agressão seja pública. A desqualificação comunicacional digital foi também identificada.

Quanto aos processos comunicativos nos casais, Jackson (1997b apud WALSH, 2002, p.21-22) partiu da idéia da comunicação segundo duas funções: que a mensagem tem aspecto de conteúdo, ao levar informações sobre os fatos, e um aspecto de relação, pelo qual se define a natureza desta entre dois parceiros. Quando se trata de um casal, cada membro responde pela própria definição de sua relação de modo a confirmar, negar, ou modificar a do outro. Um casamento pode funcionar e correr menos riscos desde que as definições de como se relacionam estejam estabilizadas. Se a relação parte de regras que escapam à

consciência, estas podem prescrever e limitar o comportamento que, de certa forma, consolidam o sistema. Quando muito restritas, as regras podem justificar comportamentos repetitivos em diversos campos de interação. As regras, na verdade, desempenham o papel de representar a relação. Walsh ressalta que, para ser considerado saudável, um casal precisa ter regras claras, bem como papéis e mensagens no mesmo estilo. A contemporaneidade traz em seu seio a necessidade de casais redefinirem e explicitarem suas idéias e esperanças em relação à sua união, ao parceiro e a si próprios. A clareza e a coerência são os antídotos da atualidade para dissipar mal-entendidos que se transformam em frustração e conflito.

Nos aspectos das dinâmicas relacionais, segundo ações compartilhadas na conjugalidade, emergiram os temas transcendência, trajetória e projeto do casal.

Mencionaram-se poucas vezes comentários referentes à transcendência. Os participantes tiveram a percepção de que ter crescimento pessoal pode levar a pessoa a um estado de encantamento. Walsh (2002) diz que casais não começam nenhuma relação de um ponto zero, dado que todo o seu sistema de crenças e valores é proveniente das famílias de origem, da cultura e da sociedade, onde outras referências matrimoniais também são consideradas dentro de um arsenal de expectativas ao estruturar-se um casamento. Logo, os casais desenvolvem uma construção compartilhada da realidade. Jackson (1997b apud WALSH, 2002, p.14-15) deu um nome para essas regras que são estabelecidas entre casais, chamando esse contrato de "*quid pro quo* conjugal". Isto quer dizer que, a partir de um encontro, duas pessoas automaticamente trocam impressões sobre o que entendem por relação. Acredita-se que o comentário sobre o encantamento possa ter retratado essa busca conjunta em que um casal se espelha.

A sub-categoria trajetória emergiu a partir de narrativas que diziam que a qualidade do relacionamento na fase madura dependerá de como esta foi vivida nas fases do namoro e de aquisição. A convivência entre casais pode levar a dificuldades, apresentadas em desgastes nas regras de convívio tais como demonstração de esquecimento quanto a gentilezas e gestos que demonstrem consideração pelo outro. A experiência de vida de cada um é que determinará a

forma como a pessoa elaborará seus problemas. Foi também revelada uma preocupação no sentido de que se pode utilizar a trajetória para buscar formas de acionar o que foi bom antigamente.

Osório (2002) recorda claramente cada etapa de casais e famílias numa visão contemporânea. Ele aborda que a interdependência dos cônjuges numa união torna-se facilitadora diante dos processos que a fase envolve, quando compartilham tarefas de modo a preencher mútuos desejos e as necessidades de cada um. Ainda quanto à trajetória dos casais, Grandesso (2006) ajuda a refletir que, conforme os anos se passam, os ajustes podem ser menos freqüentes ou talvez não tão intensos. Mesmo assim, se ocorre desentendimento num casal que vinha vivendo bem, é como se esse percebesse que supervalorizou acordos a ponto de não supor um eventual esbarro em diferenças com as quais conviveram e, por algum motivo, não incomodaram antes. Grandesso finaliza ao dizer que se os cônjuges superam seus impasses conjugais e seguem adiante na relação, acontece um processo de ajuste quando os dois estão empenhados e cedem daqui e dali de forma a se solidificar mais, sem desconfigurar a unidade que representam, apenas conferindo-lhe maior consistência estrutural.

Quanto ao que foi mencionado pelos participantes sobre retomar o que foi bom no passado, acredita-se que esta é uma questão também comunicacional, conforme apontam Turner e West (2005), segundo os quais a identidade familiar e pessoal é construída nas interações comunicacionais e, nesse sentido, estas se fazem centrais, pois em torno delas circulam tanto os conflitos quanto a sua resolução. Assim sendo, pontuar eventos construtivos poderia ser um começo para acessar o “*bom*”.

Foi trazido pelos participantes que a categoria projeto do casal expressou-se quando disseram que este poderia ter bases morais na religião. Se existisse tal projeto, visto como um contrato passível de atualização constante, o relacionamento teria mais chance de sucesso. A sintonia com o “projeto do casal” foi mencionado como outra maneira de orientar a relação. O debate pareceu ter norteado alguns casais a respeito do quanto é importante o esclarecimento relacional, e esta experiência pode ter servido para alertar que o cuidado com a

relação deve existir assim como se cuida de vários outros aspectos da saúde, por exemplo, e que o cuidado com a conjugalidade também deveria ser permanente. Segundo Carneiro et al. (2007), no enlace conjugal convive-se com auto-questionamentos constantes. Há uma indagação pessoal e mútua no sentido de se fazer saber como um e outro se sentem ou estão em relação a vários aspectos numa caminhada que, apesar de longa, está em curso e envolve ajustes contínuos. Desta forma, o projeto conjugal precisa ser revisto com frequência e revalorizado. As autoras esclarecem ainda que a própria união gera projetos que terão por referência as duas histórias familiares, com suas subjetividades. Esse projeto conjugal pressupõe, principalmente, uma expectativa de um futuro a dois, dando assim continuidade ao processo de transmissão.

Surgiu na conjugalidade ainda, a categoria casal parental, com sub-categorias papéis e saída dos filhos. Sabe-se que, segundo Osório (2002), a dinâmica familiar funcionará de acordo com a maneira como serão desempenhadas as funções “paterna” e “materna” pelas pessoas que exercem tais papéis. Mesmo havendo uma discriminação desses papéis, estas divisões, na prática, revelam que os estes tendem a se mesclar cada vez mais na contemporaneidade.

Foi trazido pelos participantes que na sub-categoria que se refere a papéis os casais estão também em um momento em que ocorrem perdas, doenças, saída dos filhos de casa, inclusive o re-encontro com o cônjuge, assinalando importantes mudanças em suas funções.

Nas palavras de Cerveny (2000), este é o momento de se estabelecer novos papéis com respectivos ajustes para que os casais e demais familiares melhor se adéquem. Pais e filhos passam a dividir o patamar da relação adulta. Este fato pode precipitar um período de transição na conjugalidade que, segundo os participantes, pode desencadear emoções diferentes - ao mesmo tempo em que é bom, pode gerar ansiedade e expectativas.

Osório (2002) diz que as funções desempenhadas pelos diferentes papéis da mulher e do homem podem ser definidas em diferentes atribuições e em distintas esferas relacionais. Carter e McGoldrick (2001) afirmam que nesta

transição ocorrem saídas de filhos, mas também ingressam novos membros, como os seus cônjuges, ou mesmo seus próprios pais, os quais podem demandar mais atenção ou mesmo cuidados com a saúde. O casal pode ter dificuldade para encontrar atividades nas quais engajarem-se, pois apesar de estarem mais livres com os filhos, podem ter que dar suporte aos seus pais. Além da mudança de status de pais para avós ou cuidadores dos pais, faz parte deste momento a possibilidade de encontrar novos papéis. O “casal maduro” pode ter um misto de contemplação de momentos de proximidade esperados, com dificuldades e transformações oriundas das estruturas dos sistemas e dos sentimentos precários como depressão e solidão, como fatos que podem perfeitamente caracterizar o ambiente da fase madura em meio a outras situações próprias da fase. Por motivos como esses é que se entende a necessidade de rever papéis, principalmente do hólon conjugal.

A saída dos filhos é um evento significativo para a Fase Madura, porém, também o é para a conjugalidade. Esta pode ser vista como uma perda a ser elaborada pelos casais, que experimentam um reencontro com o cônjuge, levando-s a repensar sua vida de casal. Este momento pode ajudar a conscientizar os casais quanto ao amadurecimento instaurado pela convivência. Se casais conseguem fazer essa retomada por este prisma relacional, reconhecendo seu amadurecimento, pode ser gratificante em todos os sentidos, inclusive como horizonte de possibilidades para os filhos. Considerando as palavras de Vicente (2004 apud CERVENY, 2004, p. 44-45), quando os filhos saem de casa passa-se por um longo período de negociações. As relações são reestruturadas para pais e para filhos. Para os pais, esta é a etapa de aceitarem que os filhos não são mais crianças e, em contrapartida para os filhos, a mudança é no sentido de deixarem a casa paterna. Apesar de este ser um episódio estressante, o crescimento dos filhos está dentro de um movimento maior que é o ciclo vital familiar e, para cumprir as suas etapas, ambas as partes irão se ajustar de maneira a permitir que o processo de emancipação cumpra seu curso.

Emergiram ainda as categorias casal conjugal, com uma sub-categoria intimidade, ajustes, crise, com uma sub-categoria jogo, e individualidade.

Pensando sobre a categoria intimidade, Nabarro e Ivanir (2002) relatam que esse é um momento em que o casal precisaria retomar o foco e se organizar. Os participantes trouxeram algumas situações de casais que têm dinâmicas problemáticas como não dormirem mais juntos ou de brigarem diariamente. Comentaram que casais que “*lavam roupa suja*” na frente dos outros trazem a público as dificuldades da intimidade.

Quando a intimidade se constitui em uma área de evitação em um casal, de acordo com as autoras acima, pode ser que tenha sido assim acordado entre ambos, ou pode ter sido uma dinâmica que foi se instalando sem muito controle. Se a situação for esta última, a evitação poderia estar relacionada a uma incapacidade de partilhar sentimentos íntimos. Caso esta seja a situação na relação, ainda que a decisão dos cônjuges seja consciente ou não, eles estariam optando por não se envolverem na vida íntima do outro, deixando ao mesmo tempo de ter curiosidade e interesse pelo que se passa no mundo do parceiro.

Essa postura pode ter um caráter de afastamento emocional que pode se estender para a relação tornando-a apática, e fazendo com que os fatos apresentados fiquem num nível auditivo-cognitivo, mas não penetrem no nível emocional-perceptivo. Esse caminho que a intimidade algumas vezes “escolhe tomar” pode revelar a maneira como a falta de curiosidade e de entusiasmo de um pelo outro na conjugalidade às vezes passa a conviver nas dinâmicas de alguns casais, denotando um estilo de relacionamento que poderá não facilitar novas revelações, experiências sexuais e emocionais, o que poderá ocasionar o conhecido desejo por aventuras, que pode deixar marcas ou até mesmo pode comprometer a estabilidade da união.

Por um lado, o casal que está nesta fase poderá naturalmente ter enfrentado em seu convívio inúmeras mudanças, sejam elas fisiológicas, de papéis, perdas, doenças, saída de filhos, e inclusive a própria retomada do ambiente conjugal, o qual pode estar experimentando uma evidência eminente. Mas, por outro lado, o casal pode também entender e enfrentar esta como uma oportunidade para desfrutar de maior convívio, ter maior qualidade na relação, mais tempo para ouvir, conversar, fazer coisas de interesse mútuo e não mais ter

que desdobrar-se só pelos filhos e pela família. Agora poderiam viajar, exercitar o companheirismo e praticar um re-encontro consigo mesmos, como se estivessem contemplando uma relação que renasce.

A intimidade, segundo Hite (2002 apud GIDDENS, 2002, p.91-94), é considerada como uma resposta à busca de algo pessoal que parece tornar-se impessoal à medida que os indivíduos se sujeitam ao controle dos ambientes a que pertencem. Quando diz ser positiva a procura pela intimidade, esclarece que esta não está na esfera do público, e sim na esfera do privado. A intimidade pode se dar nas amizades e nos relacionamentos sexuais em curso, entre pessoas seguras de seu eu, podendo ser conquistada a partir de um esforço psicológico por aqueles que têm o compromisso mútuo de dividir vivências de modo significativo. Alguns casais sequer chegam a desenvolver uma intimidade. A autora acrescenta que em algumas relações onde há brigas e conflitos, o clima de disputa é uma das regras. Pessoas que convivem desta maneira fazem do sofrimento um hábito tão constante, que este não só se torna parte integrante da relação, mas sem ele esta não caminha. Nessa maré de se acostumar, os dois tornam-se muito parecidos, porém com vínculos bem inconsistentes, sendo o tom da relação dado pela inércia. Parceiros que se enquadram neste perfil vão levando o dia-a-dia, porém marcados pelo tédio e magoam-se facilmente. Relações assim rapidamente caem no padrão de “conveniência”.

Essas dinâmicas, bem explicitadas por Hite (2002), mostram que se contrastam com laços de intimidade, nos quais os relacionamentos requerem uma relação com qualidade. Por isso, se a relação está em risco, há uma preocupação mútua de rever o que ocorreu para que a esta retorne ao que era de costume, renovando o compromisso ou fazendo mudanças e escolhas que levem à aproximação e ao entendimento. Conforme a autora explica, a intimidade na relação está diretamente relacionada à presença de confiança mútua entre os parceiros, pois é este sentimento que possibilitará que um indivíduo se abra com o outro. Por isso o parceiro precisa tanto ser confiante como confiável, pois é nestas condições que ocorrerão as trocas íntimas. Portanto, a construção da confiança está embutida nos questionamentos sistemáticos a que se submetem um e outro

na relação. Afirmar a autora que se deve criar o hábito de ouvir um ao outro, uma vez que comunicar-se é tão importante na construção da intimidade e se deve dialogar até que as dúvidas sejam sanadas e os sentimentos aflorados, contribuindo para que possíveis dinâmicas ocultas sejam esclarecidas. Para alcançar a intimidade, diz Hite (2002), cada um tem que contribuir com uma parte de privacidade, a fim de equilibrar a autonomia e a divisão de sentimentos e experiências de forma que a proximidade pessoal não se torne dependência.

Dentro da categoria casal conjugal os participantes trouxeram algumas reflexões e fizeram questionamentos como: *será que todo relacionamento na fase madura inexoravelmente se apresenta com qualidade ruim?* Eles apontaram que seria de se esperar que casais que caminharam juntos durante todas as fases de união que antecederam à madura vivenciassem neste estágio uma felicidade também madura, com um nível de entendimento possível de ser negociado com certa tranquilidade pelo fato de ambos estarem administrando situações e pessoas bem conhecidas.

Nas palavras esclarecedoras de Osório (2002), entende-se por papel conjugal a cumplicidade dos parceiros enquanto pessoas distintas que assim constituem um compartilhar de atribuições, satisfazendo reciprocamente desejos e necessidades de um e do outro.

Os próprios participantes chegaram a uma possibilidade de resposta para a pergunta acima, sugerindo a comparação entre o que se tem hoje e o que se gostaria de ter neste momento como uma forma de avaliar o relacionamento nessa fase. Acrescentaram ainda que o hábito de manter um diálogo constante entre o casal ainda é muito precário. Afirmaram que, além de não ser hábito, a intimidade parece ser uma área ainda pouco discutida nos relacionamentos. Reconhecem, porém, que casais têm forças e sensibilidades escondidas, mas que para chegar até essas áreas precisariam de fluidez na comunicação, pois esta consiste uma ferramenta poderosa para avaliar a relação e mesmo para melhorá-la, se for o caso.

Grandesso (2006 apud COLOMBO, 2006, p. 33-49) bem ilustra a questão dos entraves comunicacionais nos diálogos contidos nos contextos de casais ao

dizer que estes, quando questionam algum fato relacional, o fazem porque querem se sentir legitimados em suas percepções e ao mesmo tempo ouvidos em suas queixas. De acordo com o recorte que Grandesso (2006) faz, casais de relacionamentos duradouros enfrentam mudanças externas e internas que lhes solicitam uma revisão de seus contextos, a fim de aproximarem suas vivências o máximo possível de um relacionar-se que possa ser conotado como harmonioso e colaborativo, resultando numa construção conjunta de significados. Sabe-se que é na convivência, onde trocas de experiência ocorrem, que a intimidade ganha espaço, e na qual, aliás, a previsibilidade também começa a habitar. Nesta intersecção se faz morada aquilo que já se sabe sobre o outro, que foi visto antes, ou seja, as "lentes saturadas" sobre o parceiro. É como se estas lentes se vestissem das expectativas, as quais, quando não preenchidas, por vezes enxergam irregularidades, fazendo com que o outro receba involuntariamente uma moldura disforme na qual será posicionado.

Grandesso (2006) acrescenta que, quando num casal os dois sabem o que esperar um do outro em determinados episódios, um bom nível de satisfação, confiança e sentido de segurança pode ser conferido à relação, fazendo da intimidade uma construção especial por todos esses significados. Na medida em que a proximidade entre um casal é duradoura, este passa por processos de transformações progressivas, conferindo-lhes maior teor estrutural. Da mesma forma, quanto mais o relacionamento se estrutura, mais organizado fica e menos ajustes serão necessários, uma vez que as diferenças se apresentam de formas menos intensas. Essa cumplicidade construída a dois cria um contexto para a ética da relação, segundo a autora.

A categoria ajustes revelou como os participantes entenderam situações da relação madura que carecem de ajustamentos, incluindo algumas reflexões como o fato de que grande quantidade de tempo juntos não significar necessariamente boa qualidade do relacionamento. Discutiu-se também que problemas entre casais podem ser levados a profissionais da área, o que não impede que "dar toques" no companheiro possa ser um caminho de entendimentos, ou de início de diálogos. Os participantes trouxeram exemplos de casais mais velhos que evidenciam ter

desenvolvido algumas manias na relação. Foram bem debatidas também questões de diferenças, que precisam ser reconhecidas e trabalhadas. Houve um discurso quase uníssono no sentido de estabelecerem uma comparação de que casamento é apresentado como uma engrenagem que, sem manutenção, pode apresentar falhas, inclusive deixando de “vibrar”. Foi apontado que a ausência de interesses em comum poderia estar relacionada a um aumento da distância entre cônjuges. A troca (diálogo, experiências) foi apontada como algo fundamental para que um casal preserve a relação até a fase madura, de maneira menos conflituosa, mas houve concordância da maioria no sentido de assinalarem que casais conversam pouco, ou não o suficiente.

Os participantes apontaram que às vezes não bastam ajustes, é necessário enfrentar situações nas quais o final de um relacionamento é plenamente justificável. Reconheceram no filme da fase madura que o relacionamento se estabilizou de uma forma mórbida, doentia e atribuíram àquela situação de brigas contínuas o motivo da relação estar se apresentando com qualidade ruim, identificando a relação do casal do filme como um casamento de sofrimento. Entenderam que o casal ainda estava junto devido a uma dificuldade de mudança, e porque estavam acomodados àquele nível de desgaste relacional instalado. A forma como os cônjuges se “atacavam”, diziam, mostrava que os fatos não eram retomados na fala e, por isso, não eram resolvidos, apenas se acumulavam.

Os participantes citaram que os sentimentos de afeto mudam durante a vida de um casal, e que ter expectativas de um em relação ao outro pode ser um veneno no casamento. O medo de enfrentar os problemas relacionais não resolve, porque esse medo, na verdade, pode paralisar. Ter consciência dele ajuda em mudanças e a reconhecer que tais mudanças nos indivíduos e nos relacionamentos são importantes. Parece que casais fazem o jogo de não “dar o braço a torcer”. Preferem, algumas vezes, carregar uma relação com ressentimentos, ausências de conversas, agressividade e falta de respeito, a abrir o jogo e declarar-se machucados por isso ou por aquilo.

Outra contribuição dos participantes refere-se à comparação do que queriam dizer ao filme que retratava que o relacionamento é apresentado como

um investimento que precisaria ser retomado diariamente: “*o cara acordava todo dia e tinha que conquistar a moça de novo*”. Segundo falas dos participantes, os relacionamentos humanos se baseiam em valores fundamentais, não existindo regras para as experiências serão vividas. Aprende-se vivendo, tendo sensibilidade e enfrentando os desafios. Acrescentaram ainda que é de se esperar que na fase madura haja felicidade e entendimento, porque os casais estariam administrando algo que conhecem.

Segundo Osório (2002), alguns fatores culturais, socioeconômicos e os do momento atual podem denotar alterações nas dinâmicas relacionais conjugais. Este autor relata que, conforme o tempo passa na relação conjugal, os parceiros enfrentam mudanças estruturais e no funcionamento psíquico como parte do processo de ajustes ao qual o sistema conjugal se submete. Estes ajustes se processam conforme os parceiros se entendem ao longo da caminhada, se acertam e mantêm uma “identidade-relacional”, caracterizada e preservada por sua continuidade e vinculação.

Até a era contemporânea, aponta Osório (2002), a configuração do casal era de evidenciar o homem e recuar a mulher, de modo que esta provesse o homem com o suporte necessário para que ele se desenvolvesse e se firmasse em seus potenciais. Em algumas situações, porém, depara-se com o oposto, principalmente se o caso for mulheres reivindicando seu espaço social. Nesses casos, é o homem quem fica menos evidente. Este clima de ora um, ora outro em destaque gera situações de conflito entre ambos, fazendo com que haja uma redução nas áreas potenciais de cada um, induzindo que se percebam e se desenvolvam enquanto pessoas individualmente. Ressalta ainda que, devido à grande intimidade promovida pela convivência, casais apresentam atitudes de simbiose, pois tendem a incorporar falas, atitudes, jeitos um do outro, o que levaria cada membro do casal a sentir-se um pouco desconfigurado de suas identidades pessoais, podendo comprometer o amadurecimento emocional e o estabelecimento de um projeto pessoal. Porém, o autor afirma ser cada vez mais freqüente encontrar casais que se pautam relacionalmente pelo respeito e admiração mútuos, no sentido de se conscientizarem que, para atingirem pleno

desenvolvimento humano, precisam na realidade suplementar-se, propiciando ao outro um desenvolvimento pleno de suas habilidades. Sabe-se que isso será possível a partir de fronteiras individuais delimitadas, considerando-se que para que a harmonia faça parte desses passos as áreas individuais e as compartilhadas devem existir de forma que o sistema funcione e seja operativo. Em casais, vale lembrar, há momentos de fragilidade e momentos plenos de forma dinâmica, o que significa que nesse próprio movimento incessante as rotinas se estabelecem.

Dentre as narrativas trazidas, emergiu a categoria crise, com uma subcategoria jogo, sendo apontado que um relacionamento que alcança a fase madura expõe os cônjuges a situações que naturalmente levam a um desgaste, porque durante todo o tempo há uma tensão entre a individuação e o construir juntos. Neste aspecto, sabe-se que a variedade de situações presente numa união envolve o individual e o compartilhado constantemente, desde a escolha do parceiro até questões específicas como a sexualidade, a construção e o desenvolvimento da relação de casal, entre outras. Haley (1976, p.135 apud LORIEDO; STROM, 2002, p.126) observa que os esposos diferenciam-se de seus pais nos primeiros anos de sua união. Tão logo isso acontece, o casal decide por ter filhos, os quais se tornam parte do casamento. Assim, a partir do nascimento dos filhos parece se torna mais difícil recuperar o espaço da díade. Se pensar-se na unidade conjugal de três pessoas, o casal não existe enquanto unidade independente. Talvez o clima de desgaste e tensão venha desde aí ou aumenta nesse ponto, onde o ser indivíduo e o construir de forma compartilhada adentram áreas comuns aos dois aspectos, sem que se apercebam o que está se ocorrendo.

A ajuda que os participantes enxergaram como necessária para possíveis crises vivenciadas por casais poderia vir de diversas formas: terapia, conversas, amigos, livros, religião. Outra reflexão trazida por eles foi que colocar-se honestamente no lugar do outro pode ajudar a rever posições, e ter compaixão. Parafraseando Grandesso, dentre as opções de “distintos domínios de saber” apontadas pelos casais que participaram da pesquisa, seguiremos o caminho

opcional da prática terapêutica, um dos campos de domínio desta autora, como uma das formas de olhar para um sistema conjugal em crise. White (2002, apud GRANDESSO, 2006, p.42-43) aponta que cônjuges em conflito não têm completo entendimento a respeito de como o outro constrói suas ações e identidades.

Nessas ocasiões, onde o limiar de responsabilidade compartilhada é baixo, não há entendimento quanto às situações do convívio para que pudessem atuar, ajudando a entender como conduzir o que está deixando a desejar no relacionamento. Pensando ainda em situações de conflito, segundo Shotter (1994, 1995, apud GRANDESSO, 2006, p.43), a comunicação segundo a Teoria Construcionista Social caracteriza-se como um processo que se constrói numa ação conjunta. Quando um casal está no auge de suas brigas, cada parte envolvida tem uma tendência de se posicionar como vítima, fazendo do outro o causador de seu pesar, deixando a sensação ao outro de que é ele quem terá que mudar.

Numa situação como esta, para que a prática conversacional seja mesmo terapêutica, novos significados deverão emergir. Pensa-se que um diferencial seria trazer o que causou o mal estar à luz de reflexão, onde uma série de perguntas poderá ser dirigida a si mesmo, talvez alcançando aquilo que um participante chamou de compaixão, colocando-se no lugar do outro. Uma terapia poderia, de fato, ter um conteúdo de contexto que organiza a conversa, transformando o que pensa cada um a partir de si e, por conseguinte, transformando a própria relação, à qual outros significados poderão ser atribuídos e reescritos a partir de novos sentidos trazidos por esta experiência (GRANDESSO, 2000). Esta autora assinala ainda que para uma conversa ter o cunho transformador na dissolução de conflitos, o cunho pessoal é de um outro “eu-narrador”, e esta deve estabelecer-se de forma dialógica. O diálogo é contínuo uma vez que as conexões que as narrativas conectam passado, presente e futuro onde o terapeuta fala *com* o cliente num contexto de acolhimento em busca de novas possibilidades.

Os participantes acrescentaram que, quando há o sentimento de dominação num relacionamento, é possível que este já estivesse presente desde

o começo, enquanto namorados, e que quando isto ocorre, esse sentimento poderia progredir facilmente para as demais fases. Quando disseram acreditar que um comportamento presente na fase madura poderia vir desde o namoro, sem que se tivesse notado o tempo que a dinâmica caminhou junto com a história conjugal, levantam a possibilidade trazida por Cerveny (2000) no que diz respeito à força que o tempo de convivência com a família exerce sobre determinados padrões de interação na repetição na vida das pessoas. As influências podem estar presentes na forma de se comunicar, nos rituais que a família cumpria, ou em simples regras presentes nos eventos diários.

Cerveny (2000) chamou a atenção para o fato de que algumas vezes alguns padrões são facilmente observáveis, enquanto outros estes podem ser de difícil identificação, especialmente se estiverem “camuflados”. Na opinião de Jackson (1965, apud CERVENY, 2000, p.37), uma criança não apenas copia atitudes dos pais, mas também os toma como exemplos de como agir em determinados momentos. Portanto, se o comentário dos participantes buscou enfatizar um comportamento presente desde o namoro, achou-se importante contextualizar tal comentário desde a família de origem, porém o questionamento poderia ter sido colocado até antes, se fosse o caso de seqüências repetitivas, por exemplo.

Na categoria jogo/acomodação, alguns participantes comentaram que a dinâmica do casal deste filme trazia um comportamento típico de um jogo que revelava o estilo de relacionamento entre o casal, onde ela parecia estar sempre embriagada e ele foi visto como submisso. Parecia existir uma adaptação ou acomodação combinada sem ser dita, porque um não motivava o outro a mudar. Foi questionado por eles: como casais conseguem viver assim? Os participantes apontaram que, apesar do desencontro deste casal do filme da fase madura, foi este o casal que pareceu mais estável, apesar do atrito constante. Foi apresentado que os estereótipos de feminino e masculino pareciam invertidos neste casal. Muitos casais, complementaram, fazem esse jogo do sofrimento com pressões psicológicas, igual ao casal do filme. A sensação que eles tiveram foi que ela o agredia para ver se ele reagia ou talvez para tirar prazer ao fazer este

jogo. Parecia existir interesse por parte do marido, no filme, em preservar a situação de submissão à esposa. A relação era péssima, o casal parecia estar ali só “se agüentando”. A fase madura parece acompanhada de adaptação (simbiose), mesmo que em um estado relacional não saudável.

Watzlawick et al. (1967), analisando o filme “Quem tem medo de Virgínia Wolf?”, que descreve detalhadamente o clássico literário, destaca que o sistema interacional emaranhado do casal revelou não apenas a presença de um jogo, mas também a escalada simétrica, onde cada cônjuge dava o troco ou tentava ficar acima em termos de ofensas - riam-se juntos, proferiam-se verbetes de baixo calão e insultos, de forma a ficarem pelo menos quites um com o outro, até que surgisse a próxima retaliação. Os esposos, apesar de estilos diferentes, ela grossa e ele hábil nas armadilhas para pegá-la, tinham comportamentos onde o primeiro determinava o segundo, com táticas que adquiriam a função de perpetuar o jogo. O jogo previa irritar, aporrinhar, desqualificar. Assim como no filme, às vezes o que casais anunciam nas brigas, pode ser uma necessidade de mudança sistêmica nas regras de seus jogos relacionais.

Satir (1995) refletindo acerca do pensamento sistêmico aplicado ao comportamento humano, afirma que este é de grande utilidade para a compreensão do funcionamento do casal. Relata ter percebido que um casal é composto por três partes: dois indivíduos e uma relação, de modo que se tem eu, você, nós. Segue sua reflexão acrescentando que cada uma dessas partes deve ser considerada, uma vez que tem significado próprio, embora a vida de casal se traduza como única. Por exemplo, seja o que for que um cônjuge faça, o outro responderá de maneira a modelar o outro com sua resposta. Seria o mesmo que dizer que o outro é quem modela o eu. Isso sendo visto, ocorrendo vezes por dia num relacionamento, aos poucos institui aquilo que é chamado de norma relacional. Ao mesmo tempo em que limita, pode expandir a vida dos membros da relação conjugal. Na mesma linha dessas posturas aprendidas está o tema da dominação/submissão na relação, o qual leva o entendimento para o sistema dos opostos, e rapidamente se chega ao terreno de ambigüidades, onde para concluir-se que um está certo é necessário sub-entender que o outro está errado.

Facilmente isso ganha características de jogo, e é possível compreender onde a acomodação cabe nesse contexto.

Satir (1995) esclarece que no contexto da conjugalidade, inconscientemente, cada indivíduo ajuda o outro a fazer o que estiver fazendo. Isso é como um diálogo interno, considerado destrutivo na maioria das vezes por se revelar em conflitos conjugais, não passando de manobras de defesa ligadas a um nível de auto-estima baixa. A maioria das pessoas vive de acordo com sua lógica de dominação/submissão que nega a individualidade. Uma relação sadia deveria conseguir acolher tanto a unicidade de cada parceiro quanto a comunhão dos dois.

Finalizando a discussão das categorias emergentes, surgiu a categoria Individualidade. Os participantes comentaram, por exemplo, que dormir em camas separadas pode indicar uma busca pela individualidade. Eles puderam perceber que apesar de os próprios arranjos familiares serem acompanhados de solidão, esta dinâmica permite que a pessoa tenha contato com quem ela é. Os participantes reconheceram que a família também precisa de um núcleo independente e protegido de intromissões indesejadas para que a individualidade seja respeitada.

De acordo com reflexões de Munhoz (1996), o indivíduo traz consigo as características pessoais adquiridas na constante interação com seu grupo familiar para o âmbito conjugal. Na conjugalidade, o indivíduo sofre influências transgeracionais de sua família de origem, quando esta promoveu a “diferenciação de si mesmo” de seus membros, fato este que interferirá na escolha conjugal que o indivíduo fará, trazendo conseqüências para o interjogo da individualidade e a conjugalidade no casamento. A vivência da individualidade e da conjugalidade poderá ser influenciada por como se deu a “diferenciação de si mesmo” de cada membro do casal em relação às suas famílias de origem. Afinal, a individualidade poderá ser mais bem vivida dependendo dos padrões adquiridos quanto à interação, afetividade, comunicação, crenças, valores, entre outros, que ficam também subentendidos nas expectativas, conotando significados específicos a estas escolhas.

Com as alterações do papel da mulher como dona de casa e do marido como provedor financeiro, Munhoz (2008) assinalou que, na atualidade, as relações se caracterizam pela marca do individualismo, fato este que estimula a instabilidade das relações íntimas e constantes revisões de projetos.

De acordo com Magalhães (2003), a conjugalidade é abordada como uma dimensão da vivência que os parceiros compartilham, que tem por base o vínculo conjugal de forma contínua e estável. Essa experiência que ambos dividem intensamente baseia-se na complementaridade e nos laços afetivos. A identidade dos parceiros está configurada segundo seus sentimentos, emoções, fantasias e projetos compartilhados, entre outros. Assim, os parceiros se conjugam de forma consciente e inconsciente. A autora reflete sobre questões do “eu” dentro do “nós conjugal”, bem como a respeito de pontos que convergem entre os processos de individuação dos parceiros e o vínculo conjugal.

A relação conjugal, segundo Magalhães (2003), é o lugar onde reaparece uma reminiscência da relação mãe-bebê, que explica que o “eu” aparece a partir de um “nós” primitivo. Portanto, é possível entender que a conjugalidade manifesta efeitos individuais nos cônjuges, ao encontrarem nesta uma oportunidade para rever conflitos, ou de acentuá-los por recidiva, gerando aspectos sintomáticos na relação conjugal. Ela considera que a influência da conjugalidade sobre a subjetividade dos parceiros é de relevância, uma vez que a conjugalidade deve compreender um espaço criativo e produtivo e não apenas de repetição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com relação à realização deste trabalho, algumas questões marcaram o seu processo de construção. A idéia de estudar a comunicação como ato violento em casais na Fase Madura partiu de minha experiência prática em Terapia Familiar, pois aqueles que buscavam ajuda falavam sobre seus problemas de forma agressiva, mostrando que o fato de não se entenderem colocava a questão trazida em segundo plano; afinal, pareciam olhar para o seu problema com uma lente comprometida, de um casal com dificuldades comunicacionais, podendo transferir para a queixa seus problemas relacionais.

A definição do tema foi também influenciada pela dificuldade de se encontrar na literatura pesquisas que abarcassem a área de comunicação vinculada a esse tipo de violência, especialmente na Fase Madura do Ciclo Vital Familiar. Procurou-se então ajustar o enfoque entre comunicação e violência de modo a uni-los. Estes motivos levaram-nos a entender a relevância do presente estudo como possível contribuição para o meio acadêmico e terapêutico.

Esta pesquisa permitiu o entendimento de que a dinâmica que se estabelece na comunicação de um casal pode ter características que variam de acordo com a sensibilidade dos indivíduos da relação para perceber o peso que a comunicação pode ter. A base dos relacionamentos se constrói a partir do diálogo, portanto, quando uma conjugalidade carece deste, a dinâmica relacional pode ficar comprometida.

A conjugalidade tece a vida de duas pessoas como se fossem uma. Da mesma forma, o individual e o compartilhado se acomodam na vida conjugal de modo que as pessoas possam conotar o compartilhado como algo de obrigação, enquanto o individual pode assumir um aspecto de opcional. Talvez, sob essa ótica, a compreensão de tais conotações possa melhor adequar possíveis embates relacionais na vida de um casal.

A Fase Madura revelou-se surpreendente a partir do material analisado. Por tudo que representa, em termos de transformações, pode expor fraquezas e vulnerabilidades, sendo digna de muita atenção. Percebeu-se que os aspectos de

violência que fizeram ponte com as dinâmicas relacionais conjugais parecem existir em resposta a um desgaste na intimidade ou na fragilidade desta.

Cabe destacar que a utilização da Teoria do Construcionismo Social e da Abordagem Sistêmica neste estudo permitiu olhar as situações de agressividade com o foco na forma com que as relações aconteciam e de que maneira a comunicação como ato violento interferia nos relacionamentos.

Pode-se dizer que os objetivos do presente estudo foram cumpridos, na medida em que aspectos de comunicação como ato violento emergiram em todos os filmes.

Percebeu-se que a ausência de diálogo pode estar associada a atitudes agressivas. As micro agressões verbais encontradas foram mudança de tons da voz, “bater boca”, proferir palavrão, sussurrar grosserias, gritar, xingar, sair esbravejando, levantar a voz, descontar ira no outro, uma pessoa não deveria ser receptáculo das dificuldades do dia-a-dia da outra; e micro agressões não-verbais foram reveladas por expressões faciais, deixar o outro falando sozinho, entonação da voz, jogar objetos, bater coisas, silenciar subitamente, bufar, não falar coisa com coisa, dissociar a fala, se mostrar indisponibilizado, interromper a comunicação do outro, indiferença, pouco caso, mau humor, “pavio curto”, guardar distância física mesmo estando perto.

Foi interessante perceber que apesar dos filmes apresentados comporem três conjuntos de cenas independentes, a devolutiva dos participantes trazia opiniões de forma que estas evidenciavam uma história seqüenciada, como se fosse uma única. Isso nos levou a pensar que o que eles estavam vivendo nos grupos de discussão fazia sentido, porque trouxeram realismo a questões apresentadas, independente do filme. Em vários momentos percebeu-se um início de frase para descrever o filme citando seus personagens, mas ao longo da explanação os participantes faziam uso de pronomes pessoais, terminando algumas vezes suas narrativas falando de si mesmos, e não mais dos filmes.

Espera-se que os resultados deste trabalho se manifestem no sentido de permitir que as pessoas tornem-se mais observadoras das formas comunicacionais presentes nas dinâmicas relacionais. Este é um tema que não

tem a pretensão de se esgotar com esta pesquisa, mas, ao realizá-la, pretendemos contribuir para um movimento reflexivo no sentido de que pessoas possam entender suas formas de comunicação e a importância disto no relacionamento.

Como sugestão para estudos posteriores, sugere-se investigar sob a ótica de casais que reconhecem terem vivido episódios de violência não-verbal, verbal e inclusive física, como percebem a instalação e evolução das micro agressões em seus relacionamentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, H. **Conversation, Language, and Possibilities – A Postmodern Approach to Therapy**. New York: Basic Books, 1997

BATESON, G.; BATESON, M.C. **Angels fear: towards an epistemology of the sacred**. New York: Macmillan Publishing Co., 1986.

BERTHOUD, C. M. E. **Re-significando a parentalidade - os desafios de ser pais na atualidade**. Taubaté: Cabral Editora, 2003.

BERTHOUD, C. M. E. Visitando a fase adolescente. In: CERVENY, C.M.O.; BERTHOUD, C.M.E. **Visitando a família ao longo do ciclo vital**. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. cap. 3, p. 59-84.

BERTHOUD, C. M. E. Visitando a fase de aquisição. In: CERVENY, C.M.O.; BERTHOUD, C.M.E. **Visitando a família ao longo do ciclo vital**. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. cap. 2, p. 29-57.

BERTHOUD, C. M. E.; BERGAMI, N.B.B. Família em fase de aquisição. In: CERVENY, C.M.O.; BERTHOUD, C.M.E. (Org.) **Família e ciclo vital: nossa realidade em pesquisa**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997. cap. 3, p. 47-73.

BOTURA JR., W. **Agressões silenciosas: o contágio pela comunicação**. São Paulo: República Literária, 2001.

BOWEN, M. **De la família al individuo**. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 1991.

BUCHER, J.S.N. Família, *locus* de vivências: do amor à violência. In: CARNEIRO, T. F. (Org.). **Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas**. Rio de Janeiro: Loiola, 2003. p.169-183.

BURR, V. **Social constructionism**. 2. ed. New York: Routledge Taylor & Francis Group, 2003.

CARBONE, A.; COELHO, M.R.M. A família em fase madura. In: CERVENY, C.M.O.; BERTHOUD, C.M.E. (Org.) **Família e ciclo vital: nossa realidade em pesquisa**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997. cap. 5, p. 101-120.

CARMONA, J. **Linha cruzada: a comunicação entre pais e filhos sobre sexualidade**. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2000.

CARNEIRO, T.F.; PONCIANO, E.L.T.; MAGALHÃES, A.S. Família e casal: da tradição à modernidade. In: CERVENY, C.M.O. (Org.). **Família e movimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. cap. 1, p.23-36.

CARNEIRO, T.F.; ZIVIANI, C.; MAGALHÃES, A.S. Questionário sobre a conjugalidade dos pais como instrumento de avaliação. In: CARNEIRO, T.F. (Org.). **Família e casal: saúde, trabalho e modos de vinculação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. p. 251-267.

CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. **As mudanças no ciclo de vida familiar**. Porto Alegre: Artmed, 1989.

CERVENY, C.M.O. **A família como modelo: desconstruindo a patologia**. Campinas: Livro Pleno, 2000.

CERVENY, C.M.O. Família e comunicação. In: CERVENY, C.M.O (Org). **Família e... comunicação, divórcio, mudança, residência, deficiência, lei, bioética, doença, religião e drogadição**. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008. cap. 1, p.13-24.

CERVENY, C.M.O. Introdução. In: CERVENY, C.M.O.; BERTHOUD, C.M.E. (Org.) **Família e ciclo vital: nossa realidade em pesquisa**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997. p. 11-17.

CERVENY, C.M.O. Pensando a família sistematicamente. In: CERVENY, C.M.O.; BERTHOUD, C.M.E. **Visitando a família ao longo do ciclo vital**. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. cap 1, p. 15-27.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis: Vozes, 2006.

COLOMBO, S.F. **Gritos e Sussurros-Interseções e ressonâncias, trabalhando com casais**, Volume II, São Paulo: Vetor Editora Psico-Pedagógica Ltda, 2006.

DAHLBERG, L.L.; KRUG, E.G. Violência: um problema global de saúde pública. **Ciência e Saúde Coletiva**, v.11, s.1, p.1163-1178, 2007.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **Handbook of qualitative research**. London: Sage Publications, 1994.

DICIONÁRIO Antonio Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

DINIZ, G.; COELHO, V. Mulher, família, identidade: a meia-idade e seus dilemas. In: **Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas**. Rio de Janeiro: Loiola, 2003. p.79-95.

GALVIN K.; BYLUND, C.; BROMMEL, B. **Family communication, cohesion and change**. Boston: Pearson Education, 2007.

GERGEN, K.J. **Realities and relationships: soundings in social construction**. Boston: Harvard University Press, 1994.

GERGEN, K.J. **The social construction of the person**. New York: Springer-Verlag, 1985.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2002.

GRANDESSO, M. A. **Sobre a reconstrução do significado: uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

GRANDESSO, M. A. Diálogos contidos e monólogos compartilhados: encontros e desencontros na construção de sentido nas relações amorosas. In: COLOMBO, S.F. **Gritos e Sussurros-Interseções e ressonâncias, trabalhando com casais**, Volume II, São Paulo: Vetor Editora Psico-Pedagógica Ltda, 2006.

GUANAES, C. **A construção da mudança em Terapia de Grupo - um enfoque construcionista social**. São Paulo: Vetor, 2006

HARRIS, L.M. et al. Forced cooperation: violence as a communicative act. In: THOMAS, S. (Org.). **Studies in communications, vol II: communication theory and interpersonal interaction**. New Jersey: Ablex, 1984. p. 20-32.

HIRIGOYEN, M.F. **A violência no casal**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

JABLONSKI, B. Afinal, o que quer um casal? Algumas considerações sobre o casamento e a separação na classe média carioca. In: **Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas**. Rio de Janeiro: Loiola, 2003. p.141-168.

JABLONSKI, B. O cotidiano do casamento contemporâneo: a difícil e conflitiva divisão de tarefas e responsabilidades entre homens e mulheres. In: CARNEIRO, T.F. (Org.). **Família e casal: saúde, trabalho e modos de vinculação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. p.203-228.

KUBLIKOWSKI, I.; MACEDO, R.M.S. Questões de gênero na adolescência e transmissão de valores. In: MACEDO, R.M.S. **Terapia familiar no Brasil na última década**. São Paulo: Roca, 2008. cap. 73, p.636-643.

LORIEDO, C.; STROM, P. Os processos de transmissão transgeracional nos casais e o tratamento das problemáticas ligadas às famílias de origem. In: ANDOLFI, M. (Org.). **A crise do casal: uma perspectiva sistêmico-relacional**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002. cap 6. p. 123-138.

MACEDO, R.M.S.; KUBLIKOWISKI, I. Família e gênero. In: CERVENY, C.M.O (Org). **Família e... narrativas, gênero, parentalidade, irmãos, filhos nos divórcios, genealogia, história, estrutura, violência, intervenção sistêmica, rede social**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006. cap. 2, p. 31-46.

MACEDO, R.M.S.; KUBLIKOWISKI, I.; SANTOS, M.G dos. Apostila da disciplina: Pesquisa Qualitativa, 2o. semestre, 2007. **A interpretação em pesquisa qualitativa: a construção do significado**. PUC-SP, 2007.
MACEDO, R.M.S. **Terapia Familiar no Brasil na última década**. São Paulo, Roca, 2008.

MAGALHÃES, A.S.; **Transmutando a subjetividade na conjugalidade**. In: CARNEIRO, T.F., **Arranjos e demandas contemporâneas**. São Paulo: Edições Loyola, 2003. p. 225-245.

MAGALHÃES, A.S.; CARNEIRO, T.F. **Conjugalidade e subjetividades contemporâneas: o parceiro como instrumento de legitimação do “eu”**. Estados gerais da Psicanálise: Segundo Encontro Mundial, Rio de Janeiro, 2003.

MALAGGI M. et al. **A visão dos jovens sobre namoro**. VI Seminário do Centro de Ciências Sociais aplicadas de Cascavel. UNIOESTE, 2007.

MATURANA, H. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

MAZZOTTI, A. J.A; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais**: pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Pioneira, 1999.

McNAMEE, S. A reconstrução da identidade: a construção comum da crise. In: McNAMEE, S.; GERGEN, K.J. **A terapia como construção social**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1998. p.221-237

MESTERMAN, S. **Los Contextos de la pareja violenta**. Sistemas Familiares, 1998.

MINUCHIN, S.; FISHMAN, H.C. **Técnicas de terapia familiar**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2003.

MUNHOZ, M.L.P. Estudo longitudinal sobre “diferenciação de si mesmo” nas relações conjugais. In: MACEDO, R.M.S. **Terapia familiar no Brasil na última década**. São Paulo: Roca, 2008. cap. 44, p.352-363.

MUNHOZ, M.L.P. **Implicações das famílias de origem na formação do casal**. Originalmente apresentada como Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1996.

NABARRO, N.R.; IVANIR, S. A terapia dos casais de meia-idade em crise devido a uma relação extraconjugal. In: ANDOLFI, M. (Org.). **A crise do casal: uma**

perspectiva sistêmico-relacional. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002. cap. 2. p. 29-72.

NETO, J.A.S.; STREY, M.N. Mudanças e não-mudanças na conjugalidade. In: MACEDO, R.M.S. **Terapia familiar no Brasil na última década.** São Paulo: Roca, 2008. cap. 53, p.435-448.

OLIVEIRA, A.L.; CERVENY, C.M.O. Visitando a fase madura. In: CERVENY, C.M.O.; BERTHOUD, C.M.E. **Visitando a família ao longo do ciclo vital.** 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. cap. 4, p. 85-126.

OLIVEIRA, S.M. Família e intervenções sistêmicas. In: CERVENY, C.M.O (Org). **Família e... narrativas, gênero, parentalidade, irmãos, filhos nos divórcios, genealogia, história, estrutura, violência, intervenção sistêmica, rede social.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006. cap. 10, p. 221-231.

OSÓRIO, L.C. **Casais e famílias: uma visão contemporânea.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

PINO, A.L.B. Processos de significação e constituição do sujeito. **Temas em psicologia**, n.1, p.17-24, 1993.

RASERA, E.F.; GUANAES, C.; JAPUR, M. Psicologia, ciência e construcionismos: dando sentido ao self. **Psicologia: reflexão e crítica**, v.17, n.2, p.157-165.

RASERA, E.F.; JAPUR, M. **Grupo como construção social: aproximações entre construcionismo social e terapia de grupo.** São Paulo: Vetor, 2007.

RICOUER, P. **Tempo e narrativa.** Campinas: Papyrus, 1994.

ROSENBERG, M.B. **Comunicação não-violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais.** São Paulo: Ágora, 2006.

SATIR, V. A mudança no casal. In: ANDOLFI, M.; ANGELO, C.; SACCU, C. (Org.). **O casal em crise.** 3 ed. São Paulo: Summus, 1995. p. 29-37.

SCHWETTER, T. **As representações sociais de namoro e casamento em adolescentes**. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, Universidade Católica de Goiás, 2006.

SCODELARIO, A.S. A família abusiva. In: FERRARI, D.C.A; VECINA, T.C.C. **O fim do silêncio na violência familiar**. São Paulo: Agora, 2002. cap. 5, p.95-106.

SHOTTER, J. **Cultural politics of everyday life - social constructionism, rhetoric and knowing of the third kind**. Toronto and Buffalo: University of Toronto Press Incorporated, 1993.

SLUZKI, C. Violência familiar e violência política: implicações terapêuticas de um modelo geral. In: SCHNITMAN, D.F. **Novos paradigmas, cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Artmed, 1996. p. 228- 240.

TURATO, E.R. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico- epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas**. Petrópolis: Vozes, 2003.

TURNER, L.; WEST, R. **Perspectives on family communication**. New York: McGraw Hill, 2006.

VASCONCELLOS, M.J.E. **Pensamento sistêmico: o novo paradigma da ciência**. 4. ed. São Paulo: Papyrus, 2005.

WALSH, F. Casais saudáveis e casais disfuncionais: qual a diferença? In: ANDOLFI, M. (Org.). **A crise do casal: uma perspectiva sistêmico-relacional**. Porto Alegre: Artmed, 2002. cap. 1, p. 13-28.

WATZLAWICK P.; BAVELAS, J.B.; JACKSON, D.D. **Pragmática da Comunicação Humana**. São Paulo: Cultrix, 1967.

_____. **Pragmatics of human communication: a study of interactional patterns, pathologies, and paradoxes**. New York: W.W. Norton & Company, 1967.

ANEXO 1

Carta-convite

Sou Eurídice Bergamaschi Vicente, aluna do 1º ano de Mestrado do curso de Psicologia Clínica da PUC/SP, no núcleo de Família e Comunidade. Estou desenvolvendo uma pesquisa como exigência para a obtenção do título de Mestre sob orientação da Professora Doutora Maria Geneide de Oliveira Cervený, com tema relacionado à comunicação em relacionamentos conjugais. O projeto inicial desta pesquisa está sendo analisado pela Comissão de Ética da PUC/SP.

Esta pesquisa pretende compreender particularidades comunicacionais de relacionamentos a dois, especialmente quando os casais já têm filhos fora de casa.

Estou utilizando como metodologia de pesquisa o grupo de discussão, que consiste em reunir grupos de pessoas para debaterem sobre o assunto que está sendo investigado (no caso, aspectos comunicacionais nos casais em fase madura). É necessário esclarecer que esses debates têm como finalidade permitir a compreensão do universo em estudo, e que não implicará em qualquer conotação de orientação ou psicoterapia.

O grupo se reunirá apenas uma vez, com duração aproximada de 2 horas.

De acordo com o código de ética, a identidade de todos os participantes será mantida no anonimato. Os dados coletados serão analisados e resultarão em relatórios que serão apresentados à orientadora neste primeiro momento, e à Banca Examinadora e ao público no momento da Defesa prevista para o 1º semestre de 2009. Depois de defendida, a dissertação de Mestrado estará disponível na biblioteca da PUC/SP.

Gostaria, portanto, de convidá-los a participar do grupo que vou realizar e coordenar, e quero expressar aqui meus mais profundos agradecimentos por vocês permitirem que particularidades comunicacionais entre casais possam ser melhor compreendidas.

Muito Obrigada,

Eurídice Bergamaschi Vicente

Local: Ribeirão Preto/ SP.

Data: 25/11/2007 – DOMINGO

Horário: de manhã (8:30/10:30 mins.) e à tarde(13:30-15:30 mins.)

Para confirmar sua presença gostaria que ligasse para meu telefone: (016) 81376429, até o dia 23/11/2007 (Sexta-Feira).

Como obtivemos confirmação de 100% dos participantes e da equipe técnica da PUC, mantivemos a programação sugerida.

ANEXO 2



Pontifícia
Universidade
Católica de
São Paulo

ANEXO 1 - PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATOLICA DE
SÃO PAULO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Ao assinar este termo de consentimento livre e esclarecido, concordo em participar da pesquisa científica: **MICROAGRESSÕES VERBAIS E NÃO-VERBAIS: SUAS RESSONÂNCIAS NA INTERAÇÃO CONJUGAL, A PARTIR DA PERCEPÇÃO DE HOMEM E MULHER QUE VIVENCIAM A FASE MADURA DO CICLO VITAL FAMILIAR** realizada pela Socióloga Eurídice Bergamaschi Vicente.

Entendo que o objetivo da pesquisa é compreender as ressonâncias das microagressões verbais e não-verbais na interação conjugal, na percepção de homem e mulher que vivenciam a fase Madura do Ciclo Vital Familiar a ser alcançado por meio de grupos focais. Estou ciente de que fui convidado por ter interesse sobre microagressões nos relacionamentos conjugais.

Entendo que não sou obrigado a participar do estudo e que posso descontinuar minha participação, a qualquer momento, sem ser em nada prejudicado.

Meu nome e dados pessoais que possam de alguma maneira me identificar não serão utilizados nos documentos pertencentes a este estudo e a confidencialidade dos meus registros será garantida. O material gravado será devidamente apagado após sua devida utilização para os fins científicos desta pesquisa.

Está claro pra mim que poderei ter acesso aos resultados desse estudo com a pesquisadora estando ciente de que eles estarão disponíveis após a sua conclusão na biblioteca da PUC-SP e que serão portanto publicados para fins de estudo e pesquisa.

Desse modo, concordo livremente em participar do estudo e cooperar com o pesquisador como uma contribuição ao coletivo e ao desenvolvimento da ciência com fins úteis e confiáveis.

Entendo que esta é uma pesquisa de baixo risco que traz como benefício a possibilidade de refletir sobre um tema de grande relevância social num contexto de respeito às microagressões nas relações conjugais.

Nome do pesquisado:

Nome: _____ RG: _____

Data ___/___/20___ Assinatura: _____

Testemunha:

Nome: _____ RG: _____

Data ___/___/20___ Assinatura: _____

Pesquisador:

Nome: **Eurídice Bergamaschi Vicente** RG **9.651.919**

Data ___/___/20___ Assinatura: _____

Fone: **016 8137-6429**

E-mail: **euridice@netsite.com.br**

ANEXO 3



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA PUC-SP

Protocolo de Pesquisa Nº 279/2007

Programa de Estudos Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-SP

Orientador(a): Profa. Dra. Ceneide Maria de Oliveira Cerveny

Autor(a): Eurídice Bergamaschi Vicente

Parecer sobre o Projeto de Mestrado intitulado *Microagressões verbais e não verbais e suas ressonâncias na interação conjugal, a partir da percepção de homem e mulher que vivenciam a fase madura do ciclo vital familiar*

Em conformidade com os critérios da Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996 e demais resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS), a relevância social, a relação custo/benefício e a autonomia dos sujeitos pesquisados foram preenchidos.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido permite ao sujeito compreender o significado, o alcance e os limites de sua participação nesta pesquisa.

No nosso entendimento, o Projeto em questão não apresenta qualquer risco ou dano ao ser humano do ponto de vista ético.

Face ao parecer consubstanciado apensado ao protocolo de pesquisa, o Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP aprova o projeto de pesquisa.

Protocolo de Pesquisa submetido e aprovado
na Reunião Ordinária do Comitê de Ética em
Pesquisa da PUC-SP do dia 10/12/2007.

São Paulo, 10 de dezembro de 2007.

Prof. Dr. Paulo-Edgar Almeida Resende
Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP

Rua Ministro de Godoy, 969 – Sala 63-C – Bairro Perdizes – CEP 05015-001
Tel.: (0xx11) 36708466 – FAX (0xx11) 36708466 – e-mail: cometica@pucsp.br

1º Grupo de Discussão – Período Matutino

Eurídice-P (pesquisadora)

Apoio:

Adriana-Ad (moderadora = com conhecimento adequado ao assunto, esteve atenta às características compatíveis do grupo de participantes, no sentido de reforçar entendimentos, etc);

Andresa-An (moderadora-assistente encarregada da organização, das anotações, e equipamento de filmagem).

Casais participantes (nomes fictícios):

1-Isadora e José Roberto (**I / JR**)

2-Ester e Sérgio (**E / Se**)

3-Sheila e Marcos (**Sh / Mr**)

4-Eliza e Cêlio (**EI / C**)

5-Milene e Milton (**Mi/ Mil**)

P – A gente não queria fugir muito do tempo padrão porque é um domingo e eu estou muito agradecida que vocês estejam aqui. Vocês estão abrindo mão de estarem dormindo até mais tarde, de estarem em família então é muito legal de vocês estarem se disponibilizando pra isso. Esta é uma pesquisa que estamos fazendo e vocês estão contribuindo com ela, sem vocês eu não teria como fazer minha pesquisa então o meu primeiro agradecimento é para isso, para essa cooperação de vocês e por permitirem que essa linha de estudo aconteça. Para quem não me conhece, meu nome é Eurídice, eu sou Socióloga de formação, sou Terapeuta de Família e atualmente faço uma outra especialização em Terapia de Família e faço também Mestrado na PUC-SP, e é parte do meu compromisso com a PUC realizar uma pesquisa pra adquirir o título de mestre em Psicologia Clínica e a minha linha de trabalho é com casais especialmente nessa fase em que vocês estão, chamada de Fase Madura. O casal passa por alguns momentos: eles se conhecem no namoro, depois vai pra uma outra fase quando ele se casa que a gente chama de casamento, mas na literatura esse nome é Fase de Aquisição, ou seja, quando o casal está adquirindo seus bens e constituindo sua família. Depois da Fase de Aquisição vem a fase em que eu estou interessada que é a Fase Madura; quando um filho pelo menos já está fora de casa ou está saindo de casa, essa é a Fase Madura do casal e depois vem uma outra fase que a gente não vai entrar nela que é a Fase Última. Bem, o que mais eu poderia colocar pra vocês? Então por isso vocês são o público alvo; todos vocês estão na Fase Madura. Nós temos aqui conosco uma parte do pessoal da equipe técnica da PUC. Elas são especialistas em grupo focal e grupo focal é isso que nós estamos fazendo. Toda vez que um debate começar, é minha função e da Adriana trazermos vocês pro foco, a gente pode até deixar a conversa correr um pouco, mas saiu do foco a gente tem que voltar. Isso é um grupo focal. E elas vão se apresentar pra vocês.

Ad – Meu nome é Adriana, eu sou de Taubaté, cidade de São Paulo, e a gente faz mestrado com a Eurídice na PUC-SP.

An – Meu nome é Andresa, eu sou psicóloga, já sou mestre em Psicologia Clínica no mesmo programa que elas estão fazendo.

P – Então, elas estarão nos ajudando. A Adriana vai ser uma pessoa que de vez em quando vai poder trabalhar comigo na coordenação do grupo. A Andresa não seria a pessoa mais indicada pra gente pedir ajuda de emergência porque ela vai estar por conta da filmadora. Por ser um trabalho científico, nós temos que gravar, nós temos que filmar; eu vou ler o termo de consentimento depois, vocês vão ver. E ela vai ficar por conta. Então, se tiver alguma emergência, alguém tiver que sair da sala por algum motivo, quem sai com a pessoa é a Adriana, porque a Andresa não pode parar e eu vou ficar coordenando o debate.

Não tem certo nem errado. Tudo que vocês falarem é a opinião de vocês. Cada um vai ter sua vez. A gente pede pra que os casais falem por casais e um de cada vez, pra facilitar depois na hora da gente transcrever uma opinião; se falar junto, a gente vai confundir a voz, então pode ser que falando junto a gente corra o risco de colocar a fala em pessoa errada ou até mesmo perder falas! E os nomes ficam no anonimato. Se eu fizer uma referência ao primeiro casal, vai ser casal y, vai ser o terceiro casal, casal x, e assim por diante. Não tem nome verídico que apareça na pesquisa, vocês fiquem tranqüilos quanto a isso. As respostas serão sempre individuais e por casal, falando um de cada vez. Eu vou fazer algumas perguntas. Nós vamos sempre colocar trechinhos de filme. Nós teremos três trechos de filme: um trecho de filme do namoro com perguntas para o namoro; um trecho de filme para a fase de aquisição que é o casamento até o momento que o filho sai de casa e perguntas pra esse momento; e um trechinho de filme com perguntas sobre o terceiro momento que é o casal já sem filho em casa. E, o meu aspecto importante, que eu pediria pra vocês estarem o tempo todo voltados pra ele, é a comunicação dos casais; desde o namoro até a fase que vocês estão agora, que é a madura. Esse é o principal foco dessa discussão; prestar sempre atenção como esses casais estão se comunicando. Daí nas perguntas vocês vão se sentir bem orientados. Eu não vou dar opinião sobre nada que eu escuto, a minha função é meramente coordenar e acho que isso é tudo.

Ad – Deixa eu falar. Eu queria lembrar um detalhe importante que nós somos pesquisadoras aqui, embora a formação seja terapeuta de família, que nós estamos nessa função. Então não é uma terapia em grupo, a gente quer reforçar isso, né, porque a gente vai ficar meio como telespectadora; quem vai discutir, nós vamos colocar os temas e a idéia é um debate porque é importante pra nós saber o que vocês pensam sobre esses temas. Então, é importante que todo mundo dê sua opinião embora não seja, é... é importante que vocês fiquem à vontade pra que se não quiser falar a opinião ou não quiser se pronunciar sobre algum tema, não é obrigado. Mas pra gente, é importante ouvir a opinião de todos e a idéia, é assim, que vocês debatam o assunto, nós vamos estar como telespectadora, então a gente vai ouvir a opinião que é o que interessa pra nós.

P – Isso que a Adriana colocou é importante porque é uma coisa que a gente tem que deixar bem claro mesmo pra vocês; a finalidade desse debate é compreender esse universo, a comunicação dos casais, a evolução dela até essa fase. E que isso não

implica em qualquer intenção de orientação ou de psicoterapia pra ninguém que esteja participando. Acho que eu falei tudo. Faltou alguma coisa Andresa?

An – Não, acho que não.

Ad – Do sigilo vocês entenderam? Não vai ser, ninguém vai ser exposto, não vai ser contada a história de ninguém, não vai citar o nome de ninguém na pesquisa, tá? A gente quer saber se vocês concordam, saber se todos concordam que a gente grave e filme. Fica restrito só pra equipe mesmo que está na pesquisa. Ninguém vai ter acesso a esse filme. Então a idéia é que vocês fiquem à vontade, por isso tem um lanche, então é um bate-papo informal.

P – É um bate-papo informal, nós vamos bater papo. Então, posso ligar o gravadorzinho? Todos dizem sim.

An – A porta vai ficar aberta, mas não vai ter ninguém aqui, então podem ficar tranqüilos que ninguém vai estar ouvindo, só tem a gente aqui na clínica. Só tem um assessor técnico lá embaixo, mas que já está indo embora.

P – Então agora só pra gente fazer uma breve apresentação, eu vou começar da minha direita para a esquerda, falando o nome da pessoa, vocês só vão dizer isso: o nome e o número de filhos, e a profissão e há quanto tempo está casado o casal. Um dos dois responde a pergunta. Pra ir rapidinho e pra gente se conhecer.

Mi (mulher 5) – Pode ser um dos dois? Pode ser você? (pergunta ao marido Mi).

Mil (marido 5) – Não, você.

Mi (mulher 5) – Não, porque ela perguntou um dos dois

P – O nome cada um fala o seu, agora o tempo de casado um dos dois falando basta.

Mi (mulher 5) – É Mi, Mi

P – O que você faz Mi?

Mi (mulher 5) – Eu sou um período assistente social, e o outro período eu sou terapeuta corporal.

Mil (marido 5) – Sou Mil, sou militar da reserva, aposentado, nós temos cinco filhos.

P – Quanto tempo de casado?

Mil (marido 5) – 34 anos de casados.

P – Obrigada

JR (marido 1) – JR da Silva, sou médico veterinário, e temos 26 anos de casados.

I (mulher 1) – Meu nome é I, eu sou médica e nós temos três filhos.

C (marido 4) – C, sou engenheiro civil e estou aposentado também, tenho dois filhos.

El (mulher 4) – Sou professora aposentada também, temos 29 anos de casados.

Sh (mulher 3) – Sh, eu sou enfermeira, e nós temos dois filhos.

Mr (marido 3) – Mr, eu sou médico, temos 28 anos de casados.

E (mulher 2) – E, eu sou dentista, mas não trabalho na profissão. Atualmente sou professora de patchwork e temos 34 anos de casados.

Se (marido 2) – Meu nome é Se, eu sou ex-engenheiro civil; atualmente estou no ramo da indústria de perfumes.

P – Bem, apresentados iremos direto pro primeiro filme.

An – Quantos filhos?

Se (marido 5) – Quatro.

P – Ah! Quatro. De quem você falou?

An – Do Sérgio.

P – Ah, então marquei do Sérgio mesmo. Então quatro.

An – Obrigada.

P – E é sempre assim, gente são 10 minutinhos de três filmes das fases que a gente vai ver.

1º Filme: “Um amor para recordar”

Então gente isso continua e o filme é uma graça, daria até pra ver mais, mas nós vamos precisar parar nesses 10 minutos de filme, porque o intuito daqui é o debate e lógico que eu quero mais tempo com vocês. Eu queria assim, ouvir também sempre uma rodada na seqüência, comentários;

Questão 1: O que é que vocês apontam como características de namoro lembrando que nosso foco é a comunicação?

Sh (mulher 3) – O que você quer saber?

P – Comentários; o que vocês apontam como comentários que caracterizam essa fase de namoro no que se refere à comunicação e também como se constitui o namoro?

Sh (mulher 3) – No filme?

I (mulher 1) – Do filme ou nosso?

P – Do filme, ou de vocês, como quiserem. O que está suscitando em vocês.

I (mulher 1) – Do nosso não?

Sh (mulher 3) – Pode também, vamos falar dos dois então!

P – É o namoro. Daquele namoro que vocês viram o que está suscitando em vocês quanto a forma como que eles se comunicam?

I (mulher 1) – Qualquer um pode falar?

P – Sim.

I (mulher 1) – Vou falar então. Como é difícil a mulher conversar com o homem e o homem conversar com a mulher, né? Ai ela tá o tempo todo querendo conversar, tentando, e ele é complicado; assim, fica na dele e ela tentando, e depois eu percebi também como ela é firme nas colocações.

C (marido 4) – Parece que há um interesse mais dela do que dele, né?

I (mulher 1) – De conversar.

C (marido 4) – Eu acho que ela gosta dele. À primeira vista ela que gostou dele e não ele dela. E ela tentou aproximação.

EI (mulher 4) – Acho que há o problema da diferença. Ela não tá dentro do padrão das meninas daquela época.

Sh (mulher 3) – Certinha pra ele, né?

EI (mulher 4) – E ele se sentiu envergonhado de, de repente estar interessado por ela que é fora daquele padrão “patricinha”, arrumadinha, bonitinha. Foi isso que eu percebi.

E (mulher 2) – O que eu achei é que há uma fase que começa sempre com olhares e assim é interessante que também lembrou que é difícil pra mulher se aproximar. Então começa com os olhares, depois geralmente a mulher fala e eu senti que não, que não estava interessado, mas senti assim mais como ela. É uma mulher fora do padrão e pra ele que era um menino, e aparentemente bem sucedido na escola, assim como, charmoso.

Se (marido 2) – Popular

E (mulher 2) – Popular, é isso que eu queria dizer

Sh (mulher 3) – Tanto é que ele observava ela em tudo que ela fazia, ele sabia tudo sobre ela.

E (mulher 2) – Tudo! Então ele está interessado. Por essa característica eu acho que o filme mostrou que ele tá interessado. Mas ele não tinha coragem.

EI (mulher 4) – Ele só não tinha coragem de assumir isso.

E (mulher 2) – Isso é muito da idade.

I (mulher 1) – Acho que ele não se permite, né?

E (mulher 2) – É! Ele não tinha coragem de assumir, né. E ela nesse ponto tinha mais personalidade. Ela era aquilo e não tava nem aí.

Mr (marido 3) – Acho que o cara era mais objetivo. Ele tinha objetivo de se encontrar. Ela era mais sonhadora. Ela estava sonhando em gostar dele, era mais faladeira, mas parece que ele gostava dela por esse motivo.

I (mulher 1) – Eu diria ensaiar a fala

E (mulher 2) – Se sair bem no teatro.

I (mulher 1) – É! Gozado né?

Questão2: No trecho deles no ônibus, como vocês entenderam aquele nível de comunicação?

JR (marido 1) – A princípio ele pareceu assim estar incomodado com a abordagem tipo pro contexto dele, ele recebeu um tipo de abordagem daquela, e tinha que ser alguma coisa que se enquadrava com o que ele tava acostumado a ver e ouvir.

P: Como assim?

JR (marido 1) Ah! Ela chegar e puxar assunto, ficar continuando a falar mesmo vendo que ele tava desprezando ela né?

Mi (mulher 5) – Eu achei que a posição dela naquele momento, eu fiquei o tempo inteiro “nossa, que mulher corajosa”...essa aí deve.. sabe assim.. uma pessoa e o outro lá com o fone no ouvido, totalmente indisponibilizado. Vamos supor assim, totalmente pra si e ela mantém a curiosidade, ela mantém o interesse dela e...

Sh (mulher 3) – Não se abala.

Mi (mulher 5) – É, não se abala, e vai em frente e vai rompendo, vai rompendo com a indiferença dele, vai rompendo.. e aí, eu fiquei pensando assim “nossa, onde que ela vai chegar com isso” e aí ela vai e a hora que ele mostra interesse aí ela também dá conta de se afastar.. não sei se exatamente foi naquele momento que ela fala assim “olha, desde que você não se apaixone por mim”... tem um momento que ela vai fazer esse movimento de ela ficar procurando ele, ela ficar se mostrando, depois fala “olha, desde que não se apaixone por mim”. Então, parece que ela faz o movimento como se ela tivesse muito afim e depois quando ele faz o movimento ela se coloca uma barreira e fala “olha, desde que não se apaixone por mim.”

C (marido 4) – Mas geralmente, ele reparava nela, né. Porque é nessa hora que ele diz, que ele descreve como é que ela ia na escola e tal..

Mil (marido 5)– Ele observa que apesar dela ser uma pessoa que está fora do contexto, aquela menina diferente na escola, ele vê o tanto que ela é expressiva, determinada, inteligente.

Sh (mulher 3) – Interessante...

Mil (marido 5) – É! E o tanto que ela é interessante por esse lado, mas, como ela está fora do contexto, ele parece que sente vergonha de estar com ela.. poxa, aquela menina...

E (mulher 2) – Isso é muito da idade...

Mil (marido 5) – É muito quadrada pra mim. Não está no contexto das outras aqui. Então ele nota que ela é muito inteligente, que ela é uma pessoa que realmente chamou a atenção dele pela presença. Mas por outro lado ela não sabe o contexto das meninas da turma dele. Então ele tem receio de aparecer com ela e todos os colegas falarem “você tá com aquela garota”.

E (mulher 2) – O famoso...

Sh (mulher 3) – É!

Ad – Ah! E comentou uma coisa aqui que é muito da idade. Vocês acham que no geral isso acontece por causa dessa fase de namoro?

E (mulher 2) – O homem, nessa fase, eu acho que é menos amadurecido que a mulher. É uma fase muito característica disso; é mais tímido.

Mil (marido 5) – Mas a mulher também, na grande maioria, ela não quer estar com aquele rapaz que é mais... que está no contexto, mais saído, mais participante...

E (mulher 2) – Isso é verdade, isso é dos dois.

Mil (marido 5) – Aquele que é mais retraído, ali, as vezes, isso acontece muito com as pessoas que se destacam pela inteligência, sabe? Ele fica retraído e aí só depois de umas certas abordagens que ela vai notar que ele é aquela pessoa e é o que eu acho que aconteceu com ele também. Mas só que ele sente ainda um pouco de inibição, vergonha realmente de estar com ela perante os colegas.

Sh (mulher 3) – É! E que ela era religiosa, você viu a Bíblia, né?

El (mulher 4) – Eu acho que essa característica quando a gente fica mais retraído, mais fechado.. mais.. essa é uma característica muito masculina, porque a mulher ela é muito mais direta, ela é muito mais franca, ela é muito mais aberta, a maioria, né...claro.

Mil (marido 5)– Mas existem...

El (mulher 4) – E o homem é muito mais fechado. Então ali você pode ver que há uma tentativa de... ela queria saber de algum jeito o que que ele tá querendo e ele fica na dele. Então, ela é muito mais direta, isso é uma característica que eu acho que é muito feminina.

I (mulher 1) – E a mulher tenta, tenta, tenta...

El (mulher 4) – E ela tenta, ela é aberta, ela é franca, ela fala...

E (mulher 2) – Ele tenta...

I (mulher 1) – Ela tenta. Toda hora ela tenta...

El (mulher 4) – Você nunca sabe o que o homem tá achando, o que ele tá pensando.

Mil (marido 5) – O homem eu acho que ele vai inicialmente, eu acho que ele vai muito pela aparência então eu acho que é um caso dele ali que ele já ficou até meio assim.. ‘poxa, como que eu vou aparecer com essa menina quadrada.. sabe?

Se (marido 2) – Mas aí tem um detalhe quando ele a procurou pela segunda vez e falou: “vou na sua casa hoje” ela falou ah, você acha que você vai mesmo, aí quando ele chegou lá, ela mostrou que é uma menina que tem muita personalidade e eu acho que foi aí que ela conseguiu conquistar esse rapaz, porque ele chegou lá como quem diz.. ah, vou bater aqui, ela vai abrir a porta correndo...

E (mulher 2) – Se apaixonar...

Sh (mulher 3) – Ele tinha esnobado ela na escola.

Se (marido 2) –aí nisso ela falou...ah é então leia meus pensamentos.

E (mulher 2) – Aí ela pah! Fechou a porta na cara dele.

Sh (mulher 3) – Porque ele esnobou ela no meio dos amigos.

Mil (marido 5)– Ele esnobou ela.

E (mulher 2) – E ela esnobou ele. E aí?

Se (marido 2) – ai.. todos riram.

Questão 3: Como a relação do namoro se constrói?

Mi (mulher 5) – Eu acho que vencendo momentos de tensão e adquirindo respeito um pelo outro. Isso que eu penso na relação, mas tem que vencer momentos de tensão.

Mil (marido 5)– Eu acho que se constrói através do conhecimento mútuo.

Se (marido 2) – Mas no caso a impressão é que a atração, a aparência física, é a que fica entre eles.

Sh (mulher 3) – Acho que a conquista.

Mr (marido 3)– Acho que a confiança.

E (mulher 2) – Acho que através de convivência mesmo numa conversa aqui, uma convivência ali, observando uma atitude, como você disse, a gente vai formando o perfil da pessoa e vai se encantando ou não.

JR (marido 1) – O primeiro aspecto é a constatação de diferenças conscientes, conscientemente você constatar que um é, que é... totalmente diverso do outro e a partir dessas constatações, ele trabalhar nessas adequações para harmonizar essa convivência.

Mi (mulher 5) – Eu senti mesmo, que eles são modelos sociais tão opostos., é nesse sentido que eu falo da atenção, de papéis.

El (mulher 4) – Eu acho que o que mais atraiu foi exatamente isso.

E (mulher 2) – Foi exatamente isso, isso que o Adalberto colocou.

I (mulher 1) – Porque não é a toa que ele foi atrás justo dela. Porque tantas aí iguais a ele, porque que ele.. bem com essa?

Mil (marido 5)– As diferenças são grandes.

E (mulher 2) – É, mas a atração aconteceu.

Sh (mulher 3)- É, eles se engancharam, mesmo que parecia que ali não ia dar em nada!

Mi (mulher 5) – Mas quem foi atrás de quem foi ela.

Mil (marido 5)–Ela.

Mi (mulher 5)–Ela que foi atrás.

I (mulher 1) – Mas ele enganchou. Porque tem tantas diferenças... ela foi mais determinada que ele.

Mil (marido 5) – Ela foi atrás depois que ele ia sempre.

I (mulher 1) – Ele sabia que ela tinha tal suéter, que ela fazia não sei o que, quer dizer, ele enganchou também, ele não é tão diferente, né. Ele tava de olho nela.

JR (marido 1) – No filme, os aspectos que prevalecem são os contrastes de ambientes, mas muitas vezes, isso pode prevalecer mesmo com diferenças, normalmente acho que são mais difíceis às vezes de vencer, inicialmente porque a mistura às vezes é a repulência de você pertencer a um meio ambiente que o dizimou, isso tá claro, no filme é interessante, dá tudo certinho, né! Mas acho que na prática isso é uma barreira mais difícil de você destruir e valorizar os elementos fundamentais que são os valores fundamentais humanos, que são partes importantes em um relacionamento.

Mi (mulher 5) – É interessante que na fase do namoro, que nós vamos fazer 34 anos de casados, daí o aspecto da diferença de padrão familiar parece que em cada fase desabrocha. Ele tem assim, essa questão do envolvimento familiar de cada um, então eu vejo assim, que é muito forte, a hora que ele vê o pai da menina e estava vendo aquela imagem de Jesus Cristo, ele estava desligado, com a Bíblia na mão, e o pai da menina chega por trás e fala “minha filha já vem”, o menino assusta e fala: Jesus Cristo, querendo dizer: que susto! Porque ele estava exatamente plhando para a imagem nessa hora. Mas o pai dela responde: não, não sou Jesus Cristo, mas quase.

I (mulher 1) – Que feio!

Mi (mulher 5) – Que feio, a hora que ele vira e fala, “Jesus Cristo”, e aparece o pai; “puta merda”, viu! Que coisa, né! Então assim ela fala.. aí o pai fala ‘tô de olho em você, estou te vendo’ eu falei puxa vida, isso que é capturar alguém, viu. Só falta dizer “eu estou dentro de você te controlando.

Mr (marido 3) – Sabe que me passou uma coisa muito prática nisso tudo... o homem sempre age como quem controla, né. Mas no final, a gente sempre faz exatamente como elas querem, e elas sempre controlam no final; e é o que acontece, né... ele não conseguiu... ela não entrou na dele, né... foi o contrário.

I (mulher 1) – Ele que teve que...

Mr (marido 3) – Ele que se converteu lá no esquema dela. E é sempre assim...

E (mulher 2) – Oh Euridice...

P – Diga...

Se (marido 2) – Nesse aspecto aí de família, eu acho que o filme mostra o pai como ela falou, onipresente, não sei como que ele consegue isso, acho que é simbólico. Ele falou você pode estar onde você quiser que eu estou te vendo. Mas eu acho que hoje, por exemplo, se pudesse transportar pra cá, os nossos filhos namorando, levando os namorados, ou namoradas, pra nossa casa, isso é completamente diferente, eu sou amigo deles. É bem diferente. Na época, existia... na época que nós namorávamos, existia um tipo de pai...que era uma fera, “aquela” família...

Mr (marido 3) – Distância grande...

Se (marido 2) – Né, tradicional, aquela casa assim, sabe?

E (mulher 2) – O meu tinha até espingarda!

Se (marido 2) – É! Formal. E hoje eu acho que mostra como nossos genros... genros?

Mr (marido 3) – Noras!

E (mulher 2) – Noras!

Se (marido 2) – De uma maneira muito mais amiga, descontraída. Os próprios filhos são diferentes, são muito mais amigos também dos pais, mais do que eu era com o meu pai.

P – Certo, agora...

Mil (marido 5) – Se agir assim, ou eles vão continuar o relacionamento sem à revelia...

E (mulher 2) – À revelia...

Mil (marido 5)– À revelia? Sem ninguém saber ou então dispersar. Então a gente tem que realmente cultivar a amizade, participar da vida dos filhos.

Se (marido 2) – Ser mais descontraído.

P – Mas eu não sei de quem que é o celular tocando não pára! Alguém quer ver?

Mi (mulher 5) – É interessante assim... que nessa questão de antigamente e de hoje, sábado que vem minha filha se casa... e... é interessante assim que existe realmente essa coisa da amizade muito mais light, essa coisa toda, mas eu fiquei vendo o filme do noivado dela e o momento que... que eu tenho quatro homens e uma mulher... e aí, filmaram o noivado dela, aí os quatro meninos... os quatro cataram o noivo e jogaram dentro da piscina... brincando, brincando, brincando mas jogaram, os quatro. E tipo assim ó, quem manda aqui... você anda na linha porque senão... aí saiu isso; aí eu fui ver... falei gente... mas eu vi o filme então assim, não tem aquele pai tipo assim Jesus Cristo e aparece, né. Mas os quatro tacaram o meu genro, jogaram dentro da piscina... aí viram que ia... que ia mesmo, aí a menina, a minha filha perguntou... tirou o documento dele... falou tira... jogou ele com tênis com tudo e...

Mil (marido 5) – Sabia que ia acontecer isso...

Mi (mulher 5) – Hein?

E (mulher 2) – E seu marido ajudando...

Mil (marido 5) – Não... não, eu não ajudo não, aí eles disseram o senhor é o mentor intelectual.

Mi (mulher 5) – E assim, mostrou... aí meu filho mais velho entrou... e aí ia para churrasco, né, aí teve um momento que aí estava uma farra lá com o churrasco, aí o meu mais velho levantava aquele facão, não era nem uma faca... assim, brincando, porque ele ia pegar a faca de cortar o churrasco lá. E o meu mais velho brincava sabe, com a faca assim..pro lado do meu genro.

P – E ele fez alguma leitura, disso tudo?

Sh (mulher 3) – Fez, lógico. Precisa ter cuidado pra não exagerar...porque o presente...

Mil (marido 5) – É, o presente que ele deu... E o presente que o noivo da minha filha me deu... um canivete, né; aí falei assim: rapaz, que legal esse canivete, corta bem é bom pra castrar porco...e fui pro lado dele brincando...
(risos, conversa confusa)

Mil (marido 5) – Aí eu falei assim... aí eu peguei, eu falei assim: também!

P – Bem gente, eu vou passar vocês então pra próxima pergunta que está ficando perigoso com essas facas... (risos).

Mi (mulher 5) – Você viu só... estava pensando que é só antigamente que o negócio...

Se (marido 2) – Canivete não.

Mil (marido 5) – Não, mas ele que deu o presente acho que ele depois falou pô, que presente que eu fui dar...

E (mulher 2) – Estou me arriscando...

Questão 4: Que idéia você faz da qualidade dessa relação de namoro?

Mi (mulher 5) – Qualidade?

Mil (marido 5) – Como que é?

Se (marido 2) – O vínculo entre eles?

P – Entre eles. Que vai iniciando, né, no namoro. A qualidade que você vê aí...

E (mulher 2) – Lógico que tem potencial porque ela é muito franca. E ele também, do jeito dele...

JR (marido 1) – Eu acredito que toda relação homem-mulher... toda potencialidade tem nada a ver... é simplesmente tem que ser construída. Essas barreiras, essas... sem essa... esse ajuste, desse entendimento, tem uma ponte muito frágil também... pode se consolidar ou não...

Mi (mulher 5) – É, eu fiquei pensando ali que alguém falou aqui assim ah, é filme, então acaba todo mundo certinho; porque eu acho que esses opostos, é... nossa, tanto... é... no filme mostrou unindo qualidades tão opostas de cada um que eu acho que isso dá muito trabalho... sabe assim... no dia-a-dia, é... o reconhecimento de si nessa relação é algo assim que precisa de muito empreendimento, muita vontade de cada um, muito abrir mão de cada um, porque senão fica assim o lado dela que é o bonzinho né, nesse vínculo. Ela é a certinha, ela é de Deus... o lado... o outro lado o horrível. Então eu acho que isso fica... eu olho assim pra esse vínculo e eu fico achando que tem uma coisa muito boa porque um foi se doando, foi conversando com muita sinceridade mas eu acho que tem que ter muito empenho porque senão a coisa fica feia.

Mil (marido 5) – Eu vejo aí como uma amizade pode transformar, não é questão disso, mas pode transformar em namoro, assim como não pode. Um aspecto muito importante nele ali é a sinceridade. Uma grande sinceridade de ambos os lados. E ele apresentando da maneira dele os problemas dele e ela apresenta indiretamente ao que ela é. Ela está sendo muito mais direta que ele. Ele fica querendo, parece que, esconder o que tem ali, mas aí que ela vê que ele está tendo um pouco de aversão àquilo ali, devido ao fato dela de ser. Mas que ele... mas que depois ele sente também que ela tem grandes qualidades, eles foram se transformando.

Se (marido 2) – É... agora a minha opinião sobre esse filme aí... esse tipo de filminho assim que é muito típico de... desses filminhos que se fazem em high school ... que é o que é... é... tornar uma... criar uma situação inicialmente assim difícil pra todo mundo ficar ali, querendo que... que ele aceite ela, depois ela aceita, aí tem o final feliz. Isso aqui pra mim... é... esse tipo de filme leva a isso.

E (mulher 2) – É, mas eu já assisti, e o final é infeliz.

Se (marido 2) – É infeliz?

E (mulher 2) – É!

(risos)

Se (marido 2) – A parte dois.

Mr (marido 3) – Achei interessante o vínculo porque é uma coisa que tem futuro, aquela empolgação, então no começo ela já começou a sair devagarzinho, ele foi conhecendo de cá, conhecendo de lá, ganhando confiança... depois no final do filme é que eles engataram a relação, não ao contrário, né. No começo eles construíram, iniciaram né, o namoro, digamos assim, e não o contrário, né. Você começa a namorar depois você conhece.

E (mulher 2) – É, eu acho que é isso também.

El (mulher 4) – Eu acho que no começo já existia admiração. Porque de alguma forma, ela se aproximou porque ela admirava ele de alguma forma, e ele apesar dela ser “a diferente”, também ele percebia ela, ela existia... não era... não passava em branco.

E (mulher 2) – Ele viu alguma coisa boa ali.

El (mulher 4) – Então o primeiro vínculo que acontece entre os dois, é admiração mútua, né; a partir daí eles vão... as diferenças vão... é.. se ajustando.

Sh (mulher 3) – As diferenças vão ter que ser trabalhadas...

Mi (mulher 5) – Se isso é papel de casamento,... do casamento,... do namoro um querer salvar o outro... acho pesado, né.

Questão 5: Teve algum momento em que vocês perceberam algum tom de agressividade na forma como um se comportou ou se comunicou com o outro?

Mil (marido 5) – No ônibus.

El (mulher 4) – A hora que ele abaixa dentro do carro, envergonhado de passar junto com ela é uma agressão. A hora que ele passa, mas finge que não a vê.

Sh (mulher 3) – No começo.

C (marido 4) – No começo.

Sh (mulher 3) – No começo a hora que ela vai falar com ele.

El (mulher 4) – A hora que ela fala com ele e ele faz que não entende, não dá a mínima.

Mi (marido 5) – Lá no ônibus ela também... ele também ignora ela.

El (mulher 4) – A hora que ela pergunta se ele vai encontrá-la na aula de novo ele fala nem sonhando né.

Sh (mulher 3) – De se encontrarem né?

Mi (mulher 5) – A hora que ela bate a porta na cara dele também.

Mil (marido 5) – Bate a porta na cara dele também, é agressão dela... mas ele estava precisando né? Dá uma esnobada nela.

An – Vocês acham que isso acontece entre os casais de namorado né... porque ali é um filme. E no dia-a-dia mesmo do namoro, no comecinho, tem essa agressividade?

Sh (mulher 3) – Muito!

El (mulher 4) – Muito!

Mil (marido 5) – Tem, lógico.

I (mulher 1) – Muito, muito, muito. Acho que tem muito porque tem uma imaturidade né.

E (mulher 2) – É!

Se (marido 2) – É!

I (mulher 1) – São duas pessoas novas, não sabe nada de relacionamento ainda, de respeito... Então, bate o telefone, chora... e briga, fala coisas...

El (mulher 4) – Às vezes também é problema de comunicação né... Eu acho às vezes não é nem pela idade às vezes até quando se é mais velho é um problema de comunicação... Às vezes você acha que você está agindo de uma forma que você está na sua, e você está agredindo, você está fazendo uma coisa que você acha que naquele momento é a atitude que você tomou né. Inconsciente ou consciente... sei lá... e às vezes, a outra pessoa se sente agredida com aquela atitude assim, às vezes com aquela fala sua e é uma coisa que você não teve a intenção.

Mil (marido 5) – O... a hora que o pai dela fala para ele também.

Se (marido 2) – É uma atitude agressiva.

Mil (marido 5) – É uma ameaça, estou de olho, estou te vendo, tá?

Mi (mulher 5) – É, eu acho que eu concordo com o que ele falou, a questão da mulher né. Os homens, ele... ele é objetivo, vai e dá umas... tipo assim... uma... uma o objetivo dela ela falando muito da relação e o rapaz dá umas cortadas nela, tá. Parece agressividade, mas no final ela sabe... vai puxando pra realizar algo dele no final... no pedacinho quando termina, aquele beijo né... e eles cantando aquela canção lá que é o oposto da vida deles até aquele momento, né... então...

E (mulher 2) – A aparência dela, ela mudou.

Mil (marido 5) – Ela mudou.

Mi (mulher 5) – Mas ela estava no show da Igreja, então eu acho que é pertinente.

E (mulher 2) – Mas aí pela primeira vez ela acertou ser uma adolescente normal.

Mil (marido 5) – É!

Sh (mulher 3) – O cabelo... é...

E (mulher 2) – Estava charmosa, estava vestindo uma roupa da época super sensual.

Mi (mulher 5) – É a roupa dela eu observei, assim a sensualidade muito grande.

E (mulher 2) – Sim.

Mi (mulher 5) – Né... e isso...

E (mulher 2) – É do papel que ela estava fazendo mas aí que ele viu que... é... também isso.

Mi (mulher 5) – Aí aplaudiram, né, um mundo de gente, tal... mas assim... quer dizer... ele foi arrebatado para o universo dela né... eu senti isso assim, que a mulher, o lugar da mulher é muito forte na relação de casal.

Se (marido 2) – Mas o pai parece que não aceitou bem.

Mil (marido 5) – Ah o pai... ele... parece que não.

Mi (mulher 5) – Não. Mais gente também que focava também duas mulheres na frente assim... uma mulher mais jovem fazia assim... né, então quer dizer, isso é um pouco dele que entrava na conversa dela que ele que fez o movimento de beijá-la né. E foi meio masculino de ele tomar a iniciativa de beijá-la... e aí...

El (mulher 4) – Mas será que não tava no script no filme... apesar de que a gente não sabe, né se eles saíram fora.

Mi (mulher 5) – Se estava...

E (mulher 2) – Eu acho que tava, mas ele foi com outra sensualidade, não foi com a conotação de filme... ele já estava encaminhado. E ela também.

Mi (mulher 5) – Já tava apaixonado.

Mil (marido 5) – É.

Mi (mulher 5) – É, os dois apaixonados

E (mulher 2) – Eu acredito que mostrou isso.

P – Saiu um pouquinho do contexto... precisamos voltar... é isso que você acha?

EI (mulher 4) – É, que não estava no script.

Mi (mulher 1) – É o espanto das pessoas que ficou... das pessoas ali no final mostrou que não estava no script.

E (mulher 2) – Inclusive ele chocou a classe, os meninos perceberam que tudo aquilo que ele vinha fazendo, tendo uma atitude na escola, dando uma distância nela, não condiz com o que ele estava sentindo na peça...

Mil (marido 1) – Não condiz... é

P – Então ele se entregou publicamente dessa forma. É muito legal vocês estarem percebendo isso. E agora, como esse grupo aqui está muito nota dez, eu queria dizer que vocês já quase responderam a próxima pergunta, então já vamos pra ela:

Questão 6: A gente se comunica com palavras, mas também com gestos, sinais; você percebeu gestos, movimentos, atitudes agressivas silenciosas ou não, nas interações do casal de namorados?

I (mulher 1) – Tinha agressividade até numa linguagem não-verbal, sabe?

P – Linguagem não-verbal, ah! Sei... Então eu queria falar mais disso, I.

I (mulher 1) – Os olhares, ele fala... é... como você disse, ele estava assim... ele falava uma coisa mas sentia outra, e isso estava num plano sutil assim... porque se não tivesse, ela não teria continuado... acho que estava... ela sacou que ele falava uma coisa e sentia outra senão ela tinha desistido, ela não é nem boba nem nada. E aí, a linguagem não-verbal que acontece muito em qualquer fase de relacionamento em qualquer idade, tem um peso.

Sh (mulher 3) – Até o fato dele ir na casa dela, será que era só para passar a fala, o texto da peça?

I (mulher 1) – Não, qualquer um podia passar a fala!

Sh (mulher 3) – Né?

I (mulher 1) – O que ele foi fazer lá?

Sh (mulher 3) – Ele queria ela.

I (mulher 1) – Então existe muito essa linguagem não-verbal no relacionamento de homem e de mulher.

EI (mulher 4) – Ele encontrou uma desculpa de algum jeito pra ficar mais tempo perto dela. Ele mesmo não admitia que queria ficar perto dela.

I (mulher 1) – Tanto é que...

EI (mulher 4) – Não admitia pra ele, então ele bolou, forjou a aproximação.

Sh (mulher 3) – Arrumou uma forma de estarem juntos.

EI (mulher 4) – Alguma forma de ficar... se justificar pra ele mesmo, eu preciso ir lá porque eu preciso passar a fala com ela.

I (mulher 1) – Uma desculpa.

Sh (mulher 3) – Era justificar.

EI (mulher 4) – Era justificar.

E (mulher 2) – Até para a turma.

Mil (marido 5) – É!

Se (marido 2) – Mesmo assim ele tinha algum segredo.

Mi (mulher 5) – É, eu vi. Ela sacava muito mais que ele, eu acho que... desse relacionamento ali, ela entendia as ações dele ali como essa realidade prova ser... ter uma perspicácia, inteligência muito mais que a dele mesmo, né. Ele falava as coisas ali mas a cabeça dela... é que comandava...

I (mulher 1) – É, não ia né.

Mil (marido 5) – É... você só está falando da boca pra fora, né.

I (mulher 1) – Você vai se apaixonar por mim.

Mil (marido 5) – É!

I (mulher 1) – Me aguarde...

Mi (marido 5) – E aquele desafio que ela fala... leia meus pensamentos! Ele não consegue, ela consegue ver o olhar dele, o que ele fala, ela consegue saber realmente o que que ele está dizendo.

EI (mulher 4) – Eu acho que o maior... o maior desafio que ela propôs a ele foi de dizer: não se apaixone por mim!

Mil (marido 5) – É!

EI (mulher 4) – A hora que ela fala isso, ela fala, caiu...

I (mulher 1) – Você vai...

EI (mulher 4) – Você vai se apaixonar por mim.

I (mulher 1) – Está escrito... eu estou vendo isso.

EI (mulher 4) – Isso pra mim foi o desafio que ela fez...

I (mulher 1) – É!

P – Estamos indo bem Andreza?.

An – É... deixa eu só interromper. Eurídice será que você pode fazer um apanhado geral do que você escuta pra ver se o que você entendeu é o que eles falaram?

P – Posso.

An – Só pra confirmar o que eles falaram pra ver se ela entendeu

P – Eu ouvi desde a primeira pergunta que vocês fizeram comentários sobre o que caracterizava o namoro, o que vocês pensavam sobre essa fase lembrando que o nosso foco é comunicação. Então, teve opiniões do tipo que para o homem, é difícil para o

homem e mulher se falarem; mulher é mais firme, homem fica mais na dele; que os problemas... um dos problemas é a diferença de padrão dessas meninhas “certinhas” que vimos no o filme; é uma fase em que começa os olhares, geralmente a mulher fala. Essa moça do filme estava mais fora do padrão do que a turma de onde ele vinha; ele estava mais integrado, ele era popular na escola, ele não tinha muita coragem de assumir, que ele não se permitia por uma questão de valores de grupos culturais; aí eu pedi pra vocês falarem especificamente da situação do ônibus. Aí foi dito que ele estava com o fone de ouvido, que... que ele não estava disponível e ela também estava mantendo a curiosidade de continuar, mesmo sentindo que ele não demonstrava interesse. Ela conseguiu romper com o desinteresse dele pela insistência, pelo jeitinho dela; que ela deu conta de pedir pra que ele não se apaixonasse por ela.. que foi o marido da Mi que colocou; e que ela estava fora do contexto dele e é uma coisa muito da idade isso; nessa fase aqui dia-a-dia a gente percebe isso acontecendo também com os meninos e as meninas; os meninos mais imaturos e as meninas mais maduras. O fato dela ser religiosa teve um peso. E ele estava mais retraído, mais fechado; tinha uma característica mais masculina de não ser uma pessoa aberta, de não mostrar que estava aberto pra ela. E aí, a I coloca que a menina tenta, ela tenta, ela tenta e ela acaba, de um jeitinho ou de outro vai minando a estrutura rígida do rapaz; e na casa dela ela deu o troco quando ela fala dos pensamentos; você me boicotou na escola, chegou a minha vez; foi essa mensagem que ficou, né?

Mr (marido 3) – Eu não sei se alguém comentou isso

E (mulher 2) – Ele se assustou com o pai da menina bem na hora que o menino estava falando “ Jesus”...

Sh (mulher 3) – Fui eu que falei... eu falei na hora que ele viu a Bíblia com ela no ônibus.

(conversa confusa)

Mi (mulher 5) – A hora que focou na Bíblia Sagrada...com um certo olhar de desprezo

Mr (marido 3) – Ah, pelo contrário.

E (mulher 2) – Ah, mas eu senti que ele olhou pra Bíblia com cara feia, um desdém parecia...

Sh (mulher 3) – Mas esse peso que falou foi nesse ponto

(conversa confusa)

Mi (mulher 5) – O interessante que quando a câmera foca o livro... Bíblia sagrada, né, parece que ali ficou... assim... o roteiro... assim o filme, né, o que a gente estava vendo ali assim que focou realmente num ponto máximo da divergência, né... ela procura fazer tudo certinho, para ela, comportamentos determinados recebiam um número, esse que você está falando aí agora é o quarenta e dois, aí ele falou qual que é o número um? Que aí ela fala que eu posso te matar, se eu disser.

Sh (mulher 3) – Se eu te falar... eu vou ter que te matar (dentro de mim, né?).

Mi (mulher 5) – É, se eu te falar eu vou ter que te matar, então assim... o quanto aquela coisa da bíblia sagrada lá; a questão dela manter lá o padrão da religião, né... religiosa, né.

Se (marido 2) – Eu tenho a impressão que foi nessa hora que ela falou pra ele: desde que não se apaixonasse por ela.

E (mulher 2) – Não... não...

Sh (mulher 3) – A hora que ele pede pra fazer as pazes com ela, que ela fala concordo, mas com uma condição.

P – Eu acho que eu entendi, mas essa fala, ela fez depois.

Se (marido 2) – É...

Mi (mulher 5) – É que eu fiquei na dúvida se era no ônibus quando eu comentei ou não.

P – É, mas, eu não tenho certeza...

Mi (mulher 5) – Eu não sabia a hora, se era no ônibus ou não.

Se (marido 2) – Ah sim, foi depois.

P – Quanto às falas do filme, depois revejo e eu vou ajustando cada um no seu lugar, não se preocupem.

JR (marido 2) – Esse aspecto, comentando bem leve eu acho que é o principal de tudo desse relacionamento, que é o número um, ela tem que matar no sentido figurado.

Mil (marido 1) – É, tem que matar... a pessoa, antiga, e colocar “ele novo” no lugar novo.

JR (marido 1) – Porque aquela pessoa que ela está querendo se aproximar pelo que a imagem mostra, é tudo que ela não quer pra ela; uma pessoa que despreza a parte do ser humano, seus sentimentos, os valores. Não as pessoas que estão ligadas em roupa, com... com estereótipos, então essa é a parte principal de tudo que foi falado. Ela está trabalhando pra matar aquele... aquela pessoa pra poder se relacionar com ele mudado, no final.

Mi (mulher 5) – Ele se julgava superior, né.

JR (marido 2) – É... julgamento todo mundo faz né... que é aquilo... agora você vai investir naquela mudança ou não?

An – Eurídice, eu estou um pouquinho preocupada pelo tempo, por isso que a gente tem que ir pra frente.

P – É verdade.

An – Faz um apanhado de cinco minutos só pra confirmar o que você entendeu.

P – Quando você assiste o filme, o que você pensa da comunicação desse casal de namorados? De acordo com o que vocês disseram:É que algumas pessoas manifestaram aí opiniões um pouco diferentes, mas que fala do potencial que a relação pode ter; que a menina é muito franca; que é, o que ele está fazendo,... eles têm uma dinâmica de opostos, né; parece que vai ter muito trabalho aí, de que possa fazer com que dê certo, se for possível. Depois,se tem alguma agressividade na relação desse casal? Várias. Quando ele abaixa dentro do carro, que ela fala pra ele ler os pensamentos dela, quando bate a porta, essas coisas que vocês colocaram por último. E aí falou da hora que o pai dela também era agressivo; a linguagem não-verbal, os olhares, ele falava uma coisa e ela entendia outra, tudo isso de uma forma sutil, acho que repetiram as mesmas coisas, em falas diferentes.

Agora nós vamos passar gente, pra segunda parte que é o casal na fase de aquisição que é desde o casamento, até o momento em que o filho sai de casa.

(pausa)

2º Filme = “A história de nós dois”

P – Ad, podemos, querida, retomar?

Ad – Vamos.

P – Vamos lá. A partir então desta cena do filme que a gente viu desse trecho do casal na fase de aquisição, né, do casamento até a hora que o filho sai de casa;

Questão1: O que caracteriza essa fase em termos de comunicação?

E (mulher 2) – Em relação à comunicação?

P – Sempre, sempre olhando pra forma como eles estão se comunicando.

Mi (mulher 5) – Eu vejo que tem muita doação, né; de cada um. E de novo a diferença. As diferenças são muito fortes e o quanto que cada um está magoado, né... nossa...o quanto que silencia né?

P – Me fala algumas diferenças... um de cada vez.

Mi (mulher 5) – Ele olhando assim pro lado prático da vida, o homem... vamos fazer amor agora, e ela querendo escrever uma carta para os filhos primeiro... justificando seus sentimentos,... então assim, vejo que essa diferença de... de encarar a vida, o aqui e agora é... acaba... acaba você olhando só para si próprio né... e a gente de repente passa aqueles flashes assim... tão bonitos, né... de amor, de união. Então realmente existe amor do casal... deu para ver aquele amor lindo... aquela coisa bonita mesmo assim... a gente vê que tem amor... E aí hoje em dia... tudo tão diferente...

El (mulher 4) – A interpretação, né... Ele fala uma frase e ela... ela entende da forma que ela quer entender... que ela está numa outra idéia e aí fica aquele jogo. Não é aquilo que ele quis dizer, mas é aquilo que ela entendeu; aí ela fala uma coisa e ele também já joga... leva pro outro lado, entende outra né?

Sh (mulher 3) – E ela fala ali que ele...

P – Você acha que isso é vice-versa?

El (mulher 4) – Eu acho que é vice-versa.

Sh (mulher 3) – E ali, pelo que ela deixou claro, ela que tinha que organizar... pelo jeito ele é mais assim do... momento... ele quer as coisas ali, parece que ele leva um pouco mais light a vida; e ela assim, ela fala que ela tem que se programar em tudo... aí ele fala que ela se deu esse papel, mas aí ela fala que não, que ele deu esse papel a ela.

Mil (marido 5) – E ela aceitou.

Sh (mulher 3) – Claro... é... mas ela fala que ela tem que por horário em tudo, tinha que fazer isso, e ele é mais tranqüilo.

Mil (marido 5) – Mas ela aceitou, né.

Sh (mulher 3) – Ah, com certeza... ninguém faz...

Mil (marido 5) – Eu normalmente não faço.

I (mulher 1) – Ninguém faz. Eu vejo ela cansada com os filhos, com horário pra compromisso, e ele quer casar com ela, ficar casado.

Sh (mulher 3) – É, então... ele é mais...

I (mulher 1) – Ele fala eu... eu... agora nós estamos aqui, eu quero fazer amor com você. Ao invés disso, ela quer escrever a carta pros filhos primeiro.

Sh (mulher 3) – Na hora que eles estão viajando, ele fala: se a gente estivesse lá, você aceitaria. A hora que ela está em casa, não. Você muda comigo!

I (mulher 1) – Ela já é casada com os filhos e com a casa e ele está querendo casar com ela o tempo todo e ela não,... eu vejo muito isso aí; eles não estão vivendo o momento presente...

Se (marido 2) – Mas em termos assim de comunicação, tem uns momentos assim que são muito bruscos, né. Que o fato deles lá não falarem um com outro toda hora, resultado de toda aquela agressão ao discutirem o que cada um quer... ficou comprometido.

C (marido 4) – O pávio está muito curto.

I (mulher 1) – Eles se agredem muito verbalmente, e o pávio é curto.

Se (marido 2) – Qualquer coisa tem que bater porta. Tem um provérbio lá que ele usou que eu desconheço... se tem... se tem um... uma... não sei o que lá em cima da cama... ervilha embaixo da cama parece uma melancia.

(conversa confusa)

Sh (mulher 3) – Em cima da cama.

E (mulher 2) – É alguma... teria ficado alguma coisa incomodando.

Se (marido 2) – É.

(conversa confusa)

Mi (marido 5) – acho que ele quis dizer que de repente transforma em uma coisa pequena em uma coisa imensa; uma ervilha vira uma melancia...

I (mulher 1) – Eu acho que...

Mil (marido 5) – É justamente o que eles... o que realmente faziam... porque ela falou... ele falava uma coisinha e ela interpretava diferente, ela falava pra ele e ele interpretava diferente; aquilo sempre tornando-se uma coisa quase que irracional... de uma gotinha fazia uma tempestade. A hora que ele já falou da ervilha e da melancia, por exemplo.

Se (marido 2) – Ele também nesse momento de desentendimento, era um horário que o casamento estava passando por um ajuste.

Sh (mulher 3) – Mas eu acho isso que está um pouco ligado no que o C falou... o pávio já está curto, então qualquer coisinha...

Mil (marido 5) – É!

Mr (marido 3) – Eu acho a relação ali muito amor e ódio, né... muito inconstante, muito inconstante, né; às vezes outra coisa que passa também é o universo que a mulher sempre controla, né.

I (mulher 1) – É!

(confuso)

EI (mulher 4) – É uma cobrança muito grande, né.

E (mulher 2) – Muitas vezes ela não quer isso, né... que é o caso...

I (mulher 1) – Ela quer controlar

E (mulher 2) – Mas, ela que controla, porque ela pega o papel pra ela, ela se sente responsável por aquela situação.

(confuso)

I (mulher 1) – É, cada um com o seu maior problema, é uma briga de ego, né; Ela quer depois...

E (mulher 2) – É uma fase difícil.

I (mulher 1) – Ele quer agora. É um ego brigando contra outro ego. Cada um com o seu maior problema.

E (mulher 2) – Sabe, o que eu acho o principal dessa fase? Ela é difícil porque não é uma responsabilidade de nenhum dos dois, é uma fase que você está construindo a sua vida, está cuidando dos filhos e na realidade... o marido por outro lado, pensando também em sustentar tudo aquilo e manter aquela família. Existe pouco tempo para os dois conversarem e se perceberem.

I (mulher 1) – Só que se esquecem de que estão casados. Por isso que se agridem.

E (mulher 2) – Exato, é por isso que acontece isso.

I (mulher 1) – O cara fica sem resposta...vulnerável (fala confusa)

Sh (mulher 3) – E aquilo também que aparece quando eles estão na cama, tem os pai e mãe dela de cá, o pai e mãe dele de cá...

E (mulher 2) – É!

I (mulher 1) – E o filho no meio dos dois, literalmente, tem horas.

Sh (mulher 3) – É, depois o filho no meio muitas vezes.

I (mulher 1) – Isso é muito difícil né.

Mi (mulher 5) – É, eu acho que até é, porque a gente fica olhando assim... quer dizer... amor a gente vê que existe, ou existiu pelo menos!

I (mulher 2) – Lógico.

Mi (mulher 1) – Agora essa tarefa de poder é... deixar os pais, que isso significa a cultura toda... deixar essa influência para trás e a preocupação de manter esses filhos, que os filhos dêem certo, né... a gente se empenha, né, querem que os filhos dêem certo... então a mulher faz um investimento no filho... e esquece da relação com o marido, de olhar o casamento, a relação...

E (mulher 2) – Isso interfere muito na relação.

Mi (mulher 5) – A gente faz, né... acho que nós fazemos esse investimento muito grande nos filhos, né... no dia-a-dia... isso desgasta muito a relação de casal.

Mil (marido 5) – E o homem tem a preocupação de manter a família no que é material, mas acaba mantendo tudo isso, até o mal estar da relação, tudo isso; ainda que a lida com filho pequeno, nem é tanto dele.

E (mulher 5) – O que desgasta também.

Mi (marido 1) – É, é verdade

JR (marido 2) – Eu penso nisso daí que é a constatação de que nessa fase, nós somos produto do meio e cada um carrega a sua base de personalidade... ou seja, os pais aí significam... ó, você trouxe para o nosso lar toda essa influência que você teve da sua família. Você carregou isso talvez sem se dar conta disso. Essa é uma fase que você começa a se dar conta de que isso existe. A sua fase de conhecimento, de paixão, de não sei o quê... essa fase de construir, é uma fase se você não se aperceber muito... vamos colocar um carro numa quinta marcha, ela vai fluir... ela passa um tempo muito rápido, e existem esses conflitos agora, continua sendo sempre os mesmos problemas, tem que ser sempre trabalhado. E o resultado disso é o planejamento que você tem para uma vida de casal. Você tem uma meta pra atingir; você tem que continuar vencendo essa fase... todo dia...

P – Obrigada, e você? Parece que quer falar ainda alguma coisa...

Mi (mulher 1) – Eu queria colocar que ele mexeu tanto... é interessante essa questão, porque é... eu acho que era tão forte, né... e a questão do passado, né... na comunicação; quando os casais... vivendo todo esse ardor do dia-a-dia que puxa da gente essa energia para você se organizar, para você pensar que aquilo tudo dê certo e aí, o quanto que a maturidade chega, aí como... onde que a gente coloca o passado e aí eu vejo que a mulher às vezes fica com uma tendência né, da mulher ficar mais presa ao passado do que o homem; e eu o que eu vi nesse casal aí, é uma coisa também que eu observo assim tanto na minha relação, observo em outras pessoas, em irmãos... eu observo isso na minha vida, entendeu? Como que às vezes a mulher ela faz o movimento todo de, a mulher vai atrás, é um sacrifício muito grande; aí quando vai nesse momento agora que ela também está com os filhos, querendo que esses filhos dêem certo e tal... e o quanto que ela vai buscar o passado a objetividade do homem deixa ele mais solto pra viver aqui e agora... e a mulher cuida da relação mas aí ela fica presa no passado, ela não dá conta de viver feliz porque o que a gente viu nesse filme foi que uma coisa muito bonita que eles conseguiram construir, a mulher não conseguiu se liberar...

P – Agora eu vou fazer uma pergunta mais aberta:

Questão 2: Como a relação de casado se constrói?

Mi (mulher 1) – Com trocas

P – Trocas...

Se (marido 5) – Amizade

Sh (mulher 4) – Companheirismo

Mr (marido 4) – Concessão.

P – Amizade... o que mais?

E (mulher 5) – Eu acho que lealdade também

P – Lealdade, companheirismo, e...

Se (marido 5) – Perdão.

Mil (marido 1) – Aceitação

P – Aceitação... eu perdi uma palavra

Mi (marido 1) – Aceitação...

P – Aceitação eu pus.

E (mulher 5) – Companheirismo .

P – Pus.

El (mulher 3) – Concessão.

P – Concessão eu pus.

JR (marido 2) – Meta, um caminho planejado por ambos, todos esses valores têm que ser enquadrados nesse objetivo.

Se (marido 5) – Objetividade.

I (mulher 2) – Eu poderia falar persistência, compaixão, amor...

Mi (mulher 1) – Para mim é uma coisa assim de poder também ser o eu; quando ela falou do ego quando, ela falou ah, é uma questão de ego e... eu vejo... também que é um meio de compartilhar, de doar, de troca, eu acho que tem que ter um espaço para o ego, para o eu de cada um... para individualização de cada um também... eu acho que... senão a coisa fica muito difícil... só doar, doar só para o outro, só para relação, só para os filhos...

Se (marido 5) – Eu acho que uma palavra boa aí também seria incentivo... apoio, incentivo

Mr (marido 4) – Cumplicidade.

P – Cumplicidade... pus.

Sh (mulher 4) – Eu acho que admiração também

Ad – Incentivo você diz pra construir, e pra manter o relacionamento?

Se (marido 5) – Incentivo em alguma coisa que a mulher está fazendo, alguma atividade nova

Ad – Ah...

(confuso)

Se (marido 5) – Incentivar assim... isso mesmo.

E (mulher 5) – Apoiar, apoiar a pessoa.

Mi (mulher 1) – Individualização.

E (mulher 5) – Isso!

Mi (mulher 1) – Eu acho que, quando você falou incentivo, me bateu um ai, que bom... porque eu tinha colocado a individualização do ego de cada um, entendeu?... Porque tem uma parte que é a família, que é dos pais, que é dos filhos, que é de parente e tudo mais, mas eu acho que quando você falou incentivo, parece que é aquilo que eu senti assim que encaixava nessa questão do indivíduo, mas que a conjugalidade ficou esquecida.

Se (marido 5) – Isso.

E (mulher 5) – Apoiar a pessoa a ser ela mesma, também dentro da relação.

Mi (mulher 1) – Exato.

E (mulher 5) – E não ficar misturada só na família como acontece muito com a mulher.

Mi (mulher 1) – Tipo assim, você quer fazer um negócio aí o outro olhar... olha você.. eu tô com você.

Se (marido 5) – Faça isso.

Mi (mulher 1) – Arrisca que eu vou com você.

Se (marido 5) – Apoiar.

Mi (mulher 1) – É!

JR (marido 2) – Apoiar a postura passa muito por esse aspecto religioso, transcende dentro da gente que é você falar que você está sacrificando entre aspas por ele. Não é por ele. É por um só que são os dois. Esse é o aspecto importante que tem que se destacar em um relacionamento. E existe essa cobrança sempre. Só eu que me sacrifico, só eu faço, só eu... estou fazendo por ele... não é por ele...

E (mulher 5) – É por você mesmo.

JR (marido 2) – Não, é pelos dois. Não existe ele ou ela. Quando existe um relacionamento, existe um. E essa é a costura que o íntimo e a religiosidade de casal torna claro para mim esse aspecto.

P – Muito bem, nós vamos passar para a próxima... podemos?

Se (marido 5) – Posso falar só mais uma palavrinha? Só uma?

P – Pode, claro!

Se (marido 5) – Otimismo.

P – Otimismo, essa é boa...

El (mulher 3) – Bom humor.

P – Obrigada pelas últimas palavras, foi muito bom. A pergunta gente, é a seguinte:

Questão 3: Quando você assiste esse filme o que você pensa da qualidade dessa relação?

E (mulher 5) – Eu acho que eles estão em crise, mas a qualidade é muito boa.

Sh (mulher 4) – Eu achei muito boa... a qualidade é boa

P – Crise, qualidade boa...

Sh (mulher 4) – É, mas tem crise. O pavio é curto.

El (mulher 3) – Uma questão de ajustes, né.

P – Ajustes...?

C (marido 3)

P – Inconstância...?

Mi (mulher 1) – Busca de individualidade, individuação.

El (mulher 3) – Eu acho que eles estão revendo o papel de cada um na relação... o que eles mesmo se colocaram, né. Cada um tomou, assumiu um papel e agora...por que eu tenho que fazer isso? Não é o meu papel... então é...eles estão precisando de uma revisão, meio que do papel de cada um.

Sh (mulher 4) – É porque ela quando estava no namoro, se encontravam um com o outro.

El (mulher 3) – É... e agora ele reclama isso. parece que fica a sensação de que eles se encontram mais...

E (mulher 5) – E de repente ficou tudo misturado. A mulher com os filhos que é uma responsabilidade muito grande. Eu lembro quando nasceu minha primeira filha, quando me puseram ela no colo... porque meu marido “Se” teve que trabalhar. E eu não sei, eu tive que ficar mais tempo no hospital. Eu senti o peso assim, eu falei gente... eu tinha 21 anos...fiquei insegura

Mil (marido 1) – É...

E (mulher 5) – É, e agora? Ai eu não queria largar o neném nem para assinar o cheque.

P – Acho que passei por isso também... Tem mais alguém que ficou sem falar e queria falar? Não? Então, vamos dar mais uma afuniladinha.

Questão 4: O que chama sua atenção na dinâmica comunicacional do casal?

Quando eu digo comunicacional, entrem na dinâmica dos dois, olhem para como eles se comunicam para a gente poder ir lembrando...

Se (marido 5) – Acho que aquela hora da melancia... a comunicação... que ele tira o lençol assim...jogando né... esse é o momento que ele está comunicando, que ele está agindo, sem dúvida, agressivamente.

C (marido 3) – Bateram a porta.

E (mulher 5) – Xingar.

Mi (marido 1) – Saíram esbravejando.

Se (marido 5) – Bateram o telefone.

Mr (marido 4) – Acho que a cultura daquele casa tinha a tendência para violência física me pareceu, né...

El (mulher 3) – Aquela hora que ela deixa ele falando sozinho duas vezes, sai, bate porta... ela deixa... ela corta a comunicação.

Mi (mulher 1) – O que me chamou muito a atenção foi o comecinho do filme, apesar que eu estava até tomando água aqui, posso não ter ouvido muito bem mas ele falava assim: que ai termina-se o casal: ou eles estão felizes juntos ou estão mortos juntos. Parece que a relação acabou! Então para mim, vejo que quando teve aquela agressividade que um bate a porta... e aquilo que vocês estão colocando que é assim... eu achei que caracterizou bem a questão da agressividade, apesar de que no fundo, eles querem se manter vivos, enquanto casal. Porque como esse casal passou por tudo isso e agora que os filhos estão indo embora, estão podendo ficar mais livres, vendo quem realmente eu sou, quem que o outro realmente é, qual é a minha dor, qual é a dor do outro. E aí o que eu acho que fica muito complicado, é que eles... não têm a coragem, né, de verificar o quanto cada um doou, o quanto cada um se deu e o quanto que cada um tentou fazer o melhor e que o quanto que cada um estava dentro daquela cultura que também foi o fato de que alguém fala que vai vivendo sem saber o que está pensando... acho que foi o JR, vai entrando e vai vivendo aquilo de papéis conscientes ou inconscientemente, vai vivendo aquilo tudo... e aí como não cobrar o que está na frente? Então eu acho assim, ali, a cobrança. Eles deveriam cobrar dos pais, deveriam cobrar da humanidade, cobrar de todo mundo, aí foca só no outro, cobra... quer dizer: quem me deu o papel deu... Ficar segurando esse bebê, entendeu? Quer dizer, é toda humanidade que está por trás... e aí cobra do companheiro. Então fica muito pesado para o companheiro responder toda essa defasagem que teve na minha vida... então isso que eu sinto olhando para esse casal e olhando para mim também. Aqui não é terapia, mas assim, eu estou casando a minha filha estou... pensando... casei já outro filho, então é uma questão de poder até me ver naquele casal do filme.

JR (marido 2) – É o caso de parar para olhar para nós.

C (marido 3) – Desculpe. Nessa montagem, nesses pedaços do filme, isso aí está numa seqüência lógica?

P – Está.

C (marido 3) – Está?

P – Está. Porque?

JR (marido 2) – No caso do filme, eu até me coloco para avaliar esse tipo de relação altamente frágil; porque só a agressividade, nos momentos que foi destacado, vejo que temos muita agressão desse nível nas nossas relações, e é muito difícil, você falar que tem uma solidez nessa relação aí...

Mr (marido 4) – Mas parece que gostam muito um do outro, sobrevivem, né?

Sh (mulher 4) – Eu também acho.

Mr (marido 4) – Muito amor e ódio.

(confuso; todos falam ao mesmo tempo)

An – Pessoal, um de cada vez porque não estamos pegando o que vocês estão falando, e a gente está filmando. Continuem, mas falando um de cada vez.

P – Porque quando no começo, ele já está dando a história do final, ele já está dizendo que o casal vai viver aquilo.

I (mulher 2) – É isso que eu queria falar...

P – Só que aqueles flashes, o que eu fiz? Se você prestar atenção, tem de tudo um pouco do que se passa durante esses anos na vida de casal, desde a hora que ela casa, que ele pede em casamento, daí vai passando flashizinhos, inclusive dentro dos flashes estão a cena da melancia, duas ou três outras cenas de dentro do flash para poder mostrar para vocês que é a seqüência da vida a dois; nascimento de filhos, aniversários, brinquedos,... mas para gente não entrar em vários momentos, porque não dava tempo, eu trouxe coisas de um e do outro, para a gente refletir.

C (marido 3) – Tá.

P – Mas a seqüência... você perguntou, é essa! Tinha mais alguém que falou junto; quem era? Tinha mais alguém...

An – Tinha.

P – Tinha, não tinha? A Sh, não foi você?

An – É.

Sh (mulher 4) – O que eu estava falando? Eu me perdi.

Mr (marido 4) – Da relação, que você falou que era uma relação frágil.

Sh (mulher 4) – Ah é! Você achou que era uma relação muito frágil.

JR (marido 2) – Muito frágil.

Mr (marido 4) – Ele sente que um gosta um do outro assim.

Sh (mulher 4) – Eu achei que a relação agora está numa situação... chegou num limite de agressão, de briga... eu acho que é o casamento que faz você se envolvendo, você vai cuidando de filho, você vai vendo que você não pensa no casal, acho que chegou... nessa situação.

Mr (marido 4) – Intolerância.

Sh (mulher 4) – É! Eles realmente não estavam se agüentando mais.

El (mulher 3) – Acho que chega a hora em que você pára e você enxerga de novo aquela pessoa que você nem estava vendo mais.

Sh (mulher 4) – Eu acho que eles pararam para pensar.

El (mulher 3) – Ai você olha e fala... e agora, nós estamos de novo começando...

Mr (marido 4) – Eu achei que...

El (mulher 3) – E reconhecer que tem que começar tudo de novo, voltar, sabe? E a pessoa nesse período todo, ela se modificou. Com toda a história de vida e ninguém considera isso.

E (mulher 5) – Ela estava diferente de antes. Ele também.

El (mulher 3) – Ai de repente, você passa a olhar a pessoa meio que desconhecida; você se dá conta que você nem prestou muita atenção nela nos últimos tempos. Existe muito isso, por esse filme acho que ele é bem claro nisso. Ai, o que a gente faz diante disso, volta e fala vamos começar de novo ou vamos acabar? Cada um segue a sua vida? Essa que deve ser a conclusão?

Se (marido 5) – Tem um ponto ali que ela fica explicando também o fato dela ter um pavio muito curto, que ele já teve uma namorada e ela volta e meia vem tocar nesse assunto. Ele mostra que ele não gosta, mas ela insiste em comentar. Então, esse ponto também é um ponto de atrito permanente; nesse ponto do casamento, eles estão separando e voltando a cada que agem assim separando e voltando., só nas coisas que se falam, e isso é visível!

Mr (marido 4) – Mas foi o marco, né; parece que o que causou o despertar de tudo foi isso aí.

Se (marido 5) – Ela fica... você vê que parece que ela fica praticamente descontrolada quando toca nesse assunto.

Mr (marido 4) – Você viu o começo do filme? Você falou e eu achei interessante... fala que viveram felizes, né aí ocorreu uma idéia de como funcionava antigamente... essa dependência, domínio, não sei (fala confusa). Normalmente os casais não têm né, uma dependência muito grande um do outro, não é amor, é dependência. As pessoas tem que ser indivíduos, viver vidas separadas. Parece que quando eles despertaram para isso começou a possibilidade de poderem viver felizes para sempre né, entre aspas.

E (mulher 5) – Ali um estava condicionando a felicidade dele, no outro. Eles estavam misturados.

Mr (marido 4) – Na família, o conflito. Achando que era aquilo, né.

E (mulher 5) – Na família, o fato deles não estarem felizes, a responsabilidade era depositado no outro, foi o que você disse, né e vice-versa.

Mi (mulher 1) – E vice-versa.

E (mulher 5) – Então eu acho que... por isso que eu acho que eles estavam em crise, mas talvez se fizerem terapia para enxergar.

Mi (mulher 1) – Porque eu vejo muita doação realmente quando você fala ah, eu cheguei, lá com 21 anos e com um filho, mas na verdade, todas nós homens e mulheres, passamos por isso. A coisa do homem também dar tanto de si para sustentar uma família, né; não é fácil... um rapaz também jovem... tem que trabalhar... nossa, difícilimo! Aquela coisa do homem também ter que arrumar um serviço, né, para bancar o filho também.

E (mulher 5) – Eu acho que quando os filhos saem de casa e a gente tem que mudar o papel, eu acho que isso é difícil, porque nós ficamos tantos anos... por conta de afazeres...

P – Vamos guardar isso... esse comentário porque vai ser super importante daqui a pouquinho. Agora eu vou passar pra uma outra pergunta; nós vamos detalhar um pouquinho, dá mais muito tempo para todos, mas eu queria que todo mundo desse uma rodadinha.

Nós vamos partir do pressuposto que tudo é comunicação. Coisas ditas comunicam e coisas não ditas também.

Questão 5: Olhando para a relação do casal, você pode apontar gestos, movimentos, atitudes agressivas ditas ou silenciosas enquanto eles estavam se comunicando?

El (mulher 3) – Um flash subentendido?

E (mulher 5) – Que de qualquer forma...

El (mulher 3) – Ele fala e ela subentende do jeito que ela acha, do jeito que ela quer.

Sh (mulher 4) – É, fica subentendido...

P – Está bom.; subentendido, o que mais? Vamos lá, falem mais...

E (mulher 5) – Um flash que quando eles voltaram da Europa, que estava tudo bem, e ela impondo que ele escrevesse a carta. Ela achava que isso era certo; e a gente percebe claramente que ele não estava a fim disso... daí ele escrevia uma frase...e... queria namorar...

Se (marido 5) – Eu achei isso muito interessante.

P – A carta? Não. Quando

Mi (mulher 1) – ele começa a beijá-la, né e aí ela se levanta bruscamente da cama.

P – Mais alguém acrescenta algo?

Mil (marido 1) – Quando ela abandona aquele diálogo... e vai para sala, desolada senta e está lá, aí que ele vai atrás dela para tentar conversar para ver o que que é possível.

P – Mais alguém?

C (marido 3) – Um fingimento... sei lá... a aparência deles com os queridos filhos e depois no carro um discutindo por causa do outro, né.

Mr (marido 4) – Apesar de toda...

(falam ao mesmo tempo)

E (mulher 5) – A agressão não era tanta em palavras né, mas o silêncio lá comunicando algum coisa.

Mil (marido 1) – Coitada dessa mulher.

P – Agora nós vamos fazer um trabalhinho comparativo.

Questão 6: Quais as semelhanças e quais as diferenças nos aspectos comunicacionais do casal de namorados e desse casal?

I (mulher 2) – Eu percebi que no namoro ela tentava aproximar e agora nesse, ele tentava namorar. Ele que ficava procurando namorar. É o contrário do outro, né; que ela tentava e agora parece que ele estava mais casado do que ela né?

C (marido 3) – Tinha o nível de agressividade, mas o grau era diferente.

(falam ao mesmo tempo)

El (mulher 3) – É uma consequência meio que natural.

(confuso)

El (mulher 3) – Casal de namorado ainda vai chegar lá.

Sh (mulher 4) – Vai chegar.

Mi (mulher 1) – Eu vejo assim que no começo o flerte é... a sedução.

E (mulher 5) – A conquista, a sedução.

Mi (mulher 1) – A conquista ficou muito para mulher. No primeiro casal a mulher se sustentou porque ela tinha personalidade e sabia onde ela queria chegar. Agora, ficou um peso na mulher mais comprometida pra conquistar... e aí no segundo momento, como ela colocou o homem estava mais casado com o casamento do que ela, mas eu acho que, ficou um peso sobre a mulher uma forma negativa.

I (mulher 2) – Eu nunca acho assim como ela... esses pesos que ela fala... eu não penso assim como ela. Ela trás muito isso, né; eu não penso que é um peso assim. Porque da outra vez era um peso para ela e que agora ficou um peso para ela e que tem que individualizar. Para ele tem um peso. Vai conversar com ele... ele tem as queixas dele... foi falado assim que ele tem que namorar, tem que sustentar família, também teve filho... se for ver, não é peso,... casamento é assim mesmo

El (mulher 3) – Casamento, não... (fala confusa)

I (mulher 2) – Tem um sacrifício sim... porque a mulher que não tem um par, fica pesado também apesar de que ela tem um ganho com isso também... e ele também... então não é bem um peso... eu acho que dá pra equilibrar.

El (mulher 3) – Eu acho que é o papel que cada um assumiu dentro da relação.

Mil (marido 1) – Eu acho que não é um peso. Só que na hora da crise, um joga para o outro como aquilo sendo um peso dele, do outro e não seu.

I (mulher 2) – É, mas não é

Mil (marido 1) – Pois é, não é um peso, só que na hora da crise ali, aquilo que seria prazeroso, um filho, pô... eu creio que toda mulher sente que o primeiro filho é muito prazeroso só que aí depois na crise... eu que estava lá sofrendo as dores do parto sozinha, você não estava.

I (mulher 2) – Não é assim... parece que é injusto com a mulher... mas não é.

Mil (marido 1) – Pois é.

I (mulher 2) – Não é de jeito nenhum. Vai conversar com uma que não tem um filho, um marido...

Mil (marido 1) – Certo, mas eu te disse...

E (mulher 5) – O marido é um apoio.

I (mulher 2) – É, não é injusto.

Mil (marido 1) – Não é injusto, só que na hora da crise, ela joga isso como um peso.

I (mulher 2) – É uma jogada, né.

Mil (marido 1) – É uma jogada dela.

I (mulher 2) – Uma cartada.

Mil (marido 1) – Isso. Ela joga isso como um peso para o marido. Eu estava sofrendo com minhas dificuldades...

Mi (mulher 1) – Eu acho que não deveria ser um peso... e acho...

Mil (marido 1) – É, não deveria, mas ela joga como um peso.

Mi (mulher 1) – Com certeza I pode até ser, mas pelo que eu vi no primeiro e no segundo filme, aquela coisa da mulher realmente, né, ela poderia na hora que está dentro do carro e que o rapaz abaixa pra não ser visto pelos amigos dele com ela, ele se abaixa, quer coisa mais agressiva do que isso?

I (mulher 2) – Depende... se você se identifica sim. Mas se você não se identifica com a atitude dele, você ri... olha e fala que palhaço né, abaixou! Acho isso muito engraçado.

El (mulher 3) – Foi o que ela fez.

I (mulher 2) – Sabe? Porque de repente você engancha, se identifica e fica achando um peso.

Mi (mulher 1) – É o fato, né.

I (mulher 2) – Não! Depende de como você lida com o fato. Eu de repente fui achar engraçado... falei gente...

Sh (mulher 4) – Que cara ridículo, né

I (mulher 2) – Que situação; ele precisar abaixar, que moleque! Eu ia achar engraçado.

Mi (mulher 1) – É, eu acho que eu sofreria... a diferença é essa.

I (mulher 2) – Eu não. Eu não identifico com isso... eu falo gente, que palhaço, ele precisa abaixar... sei lá... acho que é muito de cada um, né. Depende de como você vê isso, né? (confuso)

(falam ao mesmo tempo)

Mil (marido 1) – É, pois é... você diria assim, mas...

I (mulher 2) – Ele está ainda um pouco imaturo, precisa abaixar ali?

Mil (marido 1) – Você não sentiria então aquela pessoa ali como... assim como uma pessoa que aceitasse quem você é.

I (mulher 2) – Não, às vezes eu que estou aquém dele.

Mi (marido 1) – Diante da situação, é..

I (mulher 2) – Por que às vezes sou eu que tenho que abaixar.

E (mulher 5) – Ela é amadurecida.

I (mulher 2) – Eu acho que é os dois lados, gente. Tem hora que a gente se identifica com o que o outro fala, olha como que ele está, né... às vezes é o outro que fala, ah olha lá como que ela está precisando abaixar... isso acontece com os dois lados.

P – É uma questão de ângulo parece, né...

I (mulher 2) – É, então

Mi (mulher 1) – Não, mas eu acho que independente do lugar, para eu estar dirigindo um carro, e o namorado abaixar para que os amigos não vejam, eu tenho que ser muito superior... olha que bobinho, olha o imaturo... então aí nessa hora, nessa relação de casal... eu sou muito superior a ele... você é o bobinho... você é um burro, infantil

I (mulher 2) – Não, não é assim... É?

El (mulher 3) – Não, é questão de auto-estima

(todos falam ao mesmo tempo)

Mil (marido 1) – Acho que então ele se envergonha... ele se envergonha dela...

P – Gente, a minha técnica está me comendo com os olhos, precisamos avançar...

JR (marido 2) – O aspecto de crise, de agressões, elas tiram a tua racionalidade das coisas e você joga... você joga pro outro uma culpa que não existe, não é do outro.

El (mulher 3) – Isso é verdade.

P – Se ninguém quiser complementar mais nada, agora nós vamos para o próximo... terceiro e último filme.

3º Filme = “Quem tem medo de Virginia Wolf?”

Questão 1: A partir da cena do filme o que você pensa da qualidade dessa relação?

(conversam baixo)

Sh (mulher 4) – Aquela frase que ela disse: Se você existisse eu me divorciaria de você.. isso é terrível...ele nem existe para ela!

Mi (marido 1) – Ela divorciaria?

Sh (mulher 4) – Acho que não.

C (marido 3) – Você pergunta? Qual é a qualidade desse vínculo?

El (mulher 3) – Não existe a qualidade, né... é o poder.

C (marido 3) – É!

El (mulher 3) – O poder que ela tem de dominar, de fazer ele se sentir ridículo.

Sh (mulher 4) – E ela é filha do dono.

El (mulher 3) – É a filha do reitor e ela diz: você está aqui porque precisa de mim.

E (mulher 5) – Desqualifica ele o tempo inteiro.

El (mulher 3) – Desqualifica muito mesmo.

Sh (mulher 4) – Ela ataca dizendo: você não faz nada, você nunca fez nada, ele fica sentado lá, né.

Se (marido 5) – Mas acontece que essa mulher, a Bárbara, ela está completamente bêbada, embriagada. Então, será que o comportamento dela fora desse estado de embriaguez seria o mesmo?

El (mulher 3) – O problema é que ela parece estar sempre embriagada, e ele sempre dominado.

E (mulher 5) – É, isso que eu ia falar, será que ela bebe por isso, por que ele é fraco?

El (mulher 3) – Porque ele fala, você está sempre dando vexame Marta...

Se (marido 5) – Não, sei... no filme não mostra só isso... mostra como que ela está se sentindo também.

El (mulher 3) – Ele fala uma hora que ela bebe demais.

P – Parece que é uma constante na relação?

El (mulher 3) – É uma constante, parece né.

JR (marido 2) – O problema é qual o termo... numa relação de casal não pode existir o termo dominação... toda dominação ela é... vamos dizer assim...

E (mulher 5) – Prejudicial.

JR (marido 2) – Esse termo não quer dizer isso... ela é... sei lá... destrói qualquer possibilidade de relacionamento.

Sh (mulher 4) – Mas que a pessoa domina porque o outro deixa ser dominado. Pelos seus ganhos, cada um tem os seus ganhos, lógico que...

JR (marido 2) – Mas é... eu acho que é o que eu digo é passa a ser doentio, né...

Sh (mulher 4) – Ah sim...

JR (marido 2) – Então, como é que se relaciona no sentido que a gente... entre aspas... idealiza. Existe em um relacionamento, um vínculo, mas não tem possibilidade nenhuma de...

Se (marido 5) – Mas ela tá acusando o fato do pai dela ser o dono da universidade, faculdade... e marido é professor... e ela tira vantagem disso...

JR (marido 2) – Mas não só... eu digo no termo da palavra... no relacionamento de casal, se o homem é... só ele é o provedor na maioria das vezes, existem casamentos que devem, entre aspas, suportar ficar nesse tipo de dominação. Ele não se vê talvez fora da universidade; ele não tem como se ver fora desse papel de ser um professor... se ele sair desse relacionamento talvez ele esteja quebrando isso também... então há essa... esse termo de dominação ele é doentio.

Mil (marido 1) – E essa dominação não para da noite para o dia, geralmente começa lá no namoro e vai progredindo... passa o dominador... você vai... vai tornando-se cada vez mais frágil até chegar a ponto dessa situação que praticamente é o que ela disse... se você existisse eu me divorciaria de você.

E (mulher 5) – É, ela destruiu totalmente a personalidade dele... ele não era uma pessoa realmente ali ele era uma coisa... ele não conseguia se impor... sofria muito com isso, mas foi ele que permitiu.

C (marido 3) – E tanto é que ele não teve coragem nem de pegar uma arma de verdade.

(risos, conversam juntos)

Mr (marido 4) – Engraçado que dos três relacionamentos, o que parece mais estável é esse último.

P – Depois você fala? Não quer falar ainda, tudo bem.

(risos)

P – Ad, eles estão muito espertos. Deixa eu passar pra próxima pergunta porque assim, nós já estamos quase lá no fim.

Questão 2: Como vocês definiriam que está a relação desse casal?

Mr (marido 4) – Está “ótima”! Dá a entender que eles devem ter muito em comum para se suportarem.

El (mulher 3) – Apesar de tudo isso...

Mr (marido 4) – Apesar daquela brigaiada é o único dos três casais apresentados ali, que parece que não vai, ninguém separar, nem nada, porque já solidificaram num padrão ruim.

(risos)

El (mulher 3) – Apesar de tudo que aconteceu dá a impressão de que eles vão continuar... ficar juntos.

Sh (mulher 4) – Ficar juntos.

Mr (marido 4) – Ficar juntos.. eu não tenho dúvida.

El (mulher 3) – Eu acho que eles vão ficar juntos.

I (mulher 2) – Só se agüentando, na verdade né?

Mil (marido 1) – Nada pode separar... até que a morte os separe.

Mi (mulher 1) – O que eu acho interessante é que no primeiro e segundo apareceu o pai, né. Na primeira cena do filme o pai estava ali, e teve uma referência muito forte do papel do homem; no segundo os pais estavam lá apareciam como que inconscientemente... parecia que era isso, né... assim que estava os pais. E esse aí concretamente não tinha um pai ali, que não era só na imaginação, como o filho suposto era imaginação.

E (mulher 5) – Não, tinha mesmo.

Mi (mulher 1) – Tinha mesmo um pai concretamente e aí, a loucura... estabilizada, é... era uma loucura um pouco mais... como se diz... estava estável, né.

P – Mais alguém quer colocar alguma coisa?

JR (marido 2) – É a maneira como cada um se vê no relacionamento... apesar de nós notarmos somente as crises nessas relações, as pessoas vão ajustando seus perfis de acordo com a situação personalidade dele, ele levou no bom humor porque parecia não ter outro jeito.

I (mulher 2) – Ele fazia graça

EI (mulher 3) – É, eu acho também que não... não me passou a imagem dele ser uma pessoa extremamente infeliz. Me passou que ele era sarcástico em relação a ela. Mas também me passou que aquilo pra ele estava bom.

E (mulher 5) – Fazia parte.

Sh (mulher 4) – Concordava com ela porque ela dominava.

EI (mulher 3) – Acho que ele criou uma forma de lidar com aquilo, mas que também não fazia dele uma pessoa infeliz, triste, amargurada... ele convivia, suportava.

I (mulher 2) – Dançava conforme a música.

EI (mulher 3) – É!

JR (marido 2) – O termo seria aceitação. Se eu não posso mudar o clima, eu suporto, eu aceito eu me ajusto a ele.

EI (mulher 3) – Eu entro no clima e pronto.

Se (marido 5) – Ele estava levando numa boa.

Sh (mulher 4) – Ou então me protejo disso, assim. Acho que é isso que ele pensava.

EI (mulher 3) – É?

Se (marido 5) – Quando ele comentava... ela falando com ele, ele comentava sobre o pai dela... estava até se divertindo, parecia.

EI (mulher 3) – É, eu achei também.

Sh (mulher 4) – Parece que ele fez um personagem como forma de proteção à ele, pra ele não sofrer.

E (mulher 5) – Com sarcasmo.

EI (mulher 3) – Me deu a impressão que ela na relação é mais infeliz do que ele; ela... ela... ela era mais destruída, mais machucada.

Sh (mulher 4) – Mais insatisfeita.

E (mulher 5) – Por isso que ela o agredia daquele jeito... para ver se... ele reagia ou se ela podia tirar prazer, ao fazer este jogo.

EI (mulher 3) – É! A impressão que eu tive foi essa

Mi (marido 1) – Ele estava indiferente às agressões dela, aí que ela ficava mais possessa

E (mulher 5) – Ela ainda estava querendo mudar alguma coisa... aí para ele fazia.

EI (mulher 3) – Eu acho que o fato dele ter aprendido a lidar com aquilo incomodava... ela queria que ele se irritasse.

Sh (mulher 4) – Ela queria que ele brigasse.

EI (mulher 3) – Que ele brigasse, que ele reagisse... então ela era mais, ela era bem mais infeliz que ele.

E (mulher 5) – Até a bebida dela já mostra isso.

EI (mulher 3) – Já mostra isso.

Questão 3 – Vocês falaram em agressividade algumas vezes. Que tipo de agressividade vocês perceberam no casal?

(falam juntos)

EI (mulher 3) – A indiferença que é a hora que ela faz de ombro para o que ele fala...

Mr (marido 4) – A agressividade é muito mais séria porque naquele penúltimo filme era uma agressividade mais espontânea, agora nesse aí, parece que é uma coisa mais íntima mesmo, pegavam pesado.

EI (mulher 3) – Pegava fundo. Igual tesouro ia fundo.

Mr (marido 4) – Ele se sentia incapaz, impotente...

I (mulher 2) – E não só as falas, né... O que ela pôs a mão na perna do loiro... Ela foi no banheiro ela bateu a porta na cara dele...

JR (marido 2) – Praticamente todos os estereótipos de comportamento tanto de mulher quanto de homens estão totalmente invertidos e distorcidos nesse casal.

Mi (mulher 1) – É a palavra mórbida... Mórbida sim, sabe... Acho que eles estabilizaram uma coisa mórbida né? Tanto um quanto o outro.

I (mulher 2) – É

(confuso)

Se (marido 5) – Quando o outro chega, o casal, a visita, ela fala para os convidados entregarem os casacos para o marido dela – “entrega aí...” Tipo assim... Tratando-o como se ele fosse um criado, um serviçal.

EI (mulher 3) – Um serviçal... Ele é como um serviçal... Abre a porta imediatamente, ao comando dos gritos dela.

E (mulher 5) – Ela deu a ordem.

Se (marido 5) – Aí depois eu não sei se foi ele, eu acho que foi ele...retribuiu assim falando... “pode jogar no chão, pode por aí, aqui nessa pocilga qualquer lugar está bom...”

Sh (mulher 4) – Põe em qualquer lugar, nessa casa pode por em qualquer lugar

EI (mulher 3) – A casa é uma bagunça mesmo.

E (mulher 5) – É, ela vai enfiando as coisas embaixo da almofada.

Se (marido 5) – Então ela o agrediu... E ele fala ah, também tanto faz pode jogar no chão.

Questão 4 – Como vocês fariam uma retrospectiva dos trechos dos filmes assistidos em termos da evolução do relacionamento conjugal? No namoro, na fase de aquisição e na fase madura? O que essa trajetória mostrou pra vocês?

Mr (marido 4) – Parece uma coisa que, se você não resolver durante a evolução vai desaguar no que você é nesta última fase, no que você se torna, vai se tornando.

El (mulher 3) – As diferenças né... se você não trabalhar isso de aceitar as diferenças, aceitar o outro, vai por um caminho que vai chegar nesse final.

E (mulher 5) – Que é uma diferença total

Mr (marido 4) – Parece que eles nem pensam em se separar...

El (mulher 3) – Já é incorporado. Não, porque aí, você já incorporou; aquilo já é assim!

I (mulher 2) – Como é fácil você chegar nisso assim, né?

Mr (marido 4) – Não é difícil...

I (mulher 2) – Não, como é fácil esse caminho, então. Me estarrece.

El (mulher 3) – Isso é corriqueiro né.

Sh (mulher 4) – Acomoda né? Não quer mudar então acomoda.

I (mulher 2) – E assim no fim, é como vocês falaram... eles nem falam em separar. Não tem advogado, não tem, acabou... não tem, já fica aí.

Sh (mulher 4) – É, o casal do meio parece que estão lutando ainda, né?... para mudar.

E (mulher 5) – Para mudar.

Sh (mulher 4) – E no final do filme eles ficam juntos... agora... é a gente assistiu... agora nesse ultimo já tá assim... é, só as agressões e cada um tá vivendo desse jeito.

(conversa confusa)

Mi (mulher 1) – Pode ser que de repente ela morra rapidinho também né?

Mil (marido) – Não tem agora muito o que fazer.

E (mulher 5) – Ela vai ter que enfrentar... ela vai ser responsável por ela mesmo e vice-versa.

Mi (mulher 1) – Exato!

P – No início da nossa conversa hoje, foi colocado para vocês que teriam alguns momento que a gente poderia fazer alguma pergunta que vocês não quissem responder. Essa pode ser uma delas; mas se vocês responderem também vai ajudar a pesquisa...

Questão 5 : Suscitou algo na sua relação conjugal essa oportunidade de refletir sobre os aspectos comunicacionais?

Se (marido 5) – Eu acho que sim... porque... tudo foi válido.

P – O que que suscitou pra vocês?

Se (marido 5) – Nada assim é... específico ou particular, mas acho que se observar toda essa fase de namoro, de casamento, e a separação dos filhos, no nosso caso, foram três que saíram, tem uma conosco. Existe nessa situação dos filhos saírem uma certa ansiedade que é mostrada no segundo filme. Eu... quando...minhas filhas... quando a primeira saiu, foi a Camila, eu senti essa ansiedade e ela também, né...presentiu, foi saindo o 2º e o 3º. Então eu supria na vida da gente... teve uma época em que a que atualmente mora conosco, foi morar fora. E nós ficamos...

E (mulher 5) – Só com a Ro.

Se (marido 5) – Depois de um ano, a nossa vida de casal ficou sem filhos... isso causa um misto de emoção. Ao mesmo tempo que é bom, que você passa a viver sua vida própria, expectativas. Será que eles estão bem? Eu pude assistir isso daí comentado por todos vocês. Pra mim foi útil, foi bom, porque nem sempre eu comento. Eu falei que eu sou ex-engenheiro, mais ainda eu associo os fatos como um engenheiro civil... E o engenheiro... A minha tendência de leitura é prática... às vezes eu vou pegar um livro só de física ou um só de cimento armado e essa fase... do relacionamento, de relação com as pessoas, dessa análise que vocês fazem aqui também, eu não faço... eu não avalio essas coisas, eu gosto de coisa prática, eu admiro aquelas coisas de engenharia, de cálculo... E a parte humana assim pra mim, ela sempre fica em segundo plano. Então nesse ponto de vista pra mim foi ótimo... foi útil... tá? Porque sozinho eu não saberia comentar sobre essas coisas.

P – Mais alguém quer participar?

Mi (mulher 1) – É interessante assim, que eu sou terapeuta... Então eu estou sempre lidando com essas questões com paciente. E é tão interessante que quando você vai passar pela dor, eu e o Mil vamos fazer agora dia 22, 34 anos de casado. Ele é militar né... está aposentado mais é militar... e eu sou assistente social e terapeuta... Quer dizer são duas coisas tão diferentes...

(confuso)

Meu marido tem um raciocínio matemático muito bom e é interessante que ele tem essa coisa prática, é muito bom pra mim né. E com certeza vice-versa, agora que eu acho muito interessante na vida é que quando você está passando pela dor, sabe... tem um conhecimento racional, um conhecimento que é muito bom, é uma coisa nova. Por exemplo, ontem eu vi a lua cheia e eu chorei muito porque a minha única filha... sabe... minha filha nasceu na lua cheia. E na hora que eu estava com a dor de parto dela, isso há 27 anos atrás, eu estava na janela, eu olhei pro céu e eu vi a lua limpa, limpa e o céu limpinho e a lua parecia que ela ria pra mim. A minha contração foi embora. A hora que eu fui no apartamento dela, eu e ela recebendo visitas lá porque ela montou o apartamento, o noivo veio para hospedar-se, eu fui para minha casa, eu completamente senti que daqui pra frente a minha filha estava saindo da minha vida, e tudo iria se modifica. Eu cheguei na minha casa e eu desabei. E meu marido e meu caçulinha

estavam lá. Nós colocamos o colchão na beira da piscina e a gente deitou lá e eles me acolheram e foi muito bom. Estava ventando e meu filho trouxe uma roupa. Me cobriu, e eu chorei, chorei, chorei... Hoje no café chorei, chorei, chorei e meu marido me apoiou ele é o lado prático da relação. É muito bom isso. Poder sentir que está nascendo uma outra fase da minha vida e estou feliz de estar me sentindo assim. Eu sou como todo mundo mesmo e por isso estou elaborando este luto. Temos a nossa família, nossa relação. É muito dolorido, mais é muito bom.

P – Obrigada.

Mil (marido 1) – Vocês tem quatro filhos, nós temos cinco né. Então a coisa que você estava dizendo aí foi o que o meu sobrinho falou com ela: É tia, a senhora está com cinco e a casa vazia. As paredes começam a falar então, fica um... a casa vazia.

E (mulher 5) – É isso mesmo. Eu acho muito difícil, muito difícil essa fase foi pra mim. Porque eu vi assim com aquela responsabilidade dos filhos, da casa, de tudo dar certo e de repente por um motivo, eu resolvi parar minha profissão junto com os filhos fora de casa, foi a maior besteira que eu fiz, porque de repente eu não tinha papel e eu me sentia completamente só. Já estou em outra fase. Estou adorando essa fase. Estou voltando a ser eu. Mas foi muito dolorido para mim, até eu chegar nisso foi muito difícil. Eu perdi meu papel até o cachorro levaram. Foi muito difícil. Mais foi bom, eu acho que eu me resgatei.

Se (marido 5) – Tiraram o cachorro...

P – Tem mais alguém que queira comentar?

El (mulher 3) – Eu acho que nós, a gente já está numa fase que já está há muito tempo sem os filhos né...

Sh (mulher 4) – Eu também já faz 4... 5 anos que nós estamos sem os dois.

El (mulher 3) – E é uma mudança total, uma mudança assim de você ter que olhar para o outro de novo.

(Conversa confusa)

E (mulher 5) – Não, eu acho que aí que é legal, porque você resgata aquilo que você perde nesse rolo de cuidar de filho, de casa, de tudo de repente, você repensa e você encontra ah... Aquela... Aquele homem que você se apaixonou de uma forma diferente mas que você busca, aquilo que você queria você encontra ou não. No meu caso ainda bem que eu encontrei... Mas assim eu acho que valeu a pena tudo aquilo. Eu tô vendo tudo de uma forma mais amadurecida, mas eu realmente ainda estou meio encantada.

Sh (mulher 4) – Mas tem que ter maturidade.

E (mulher 5) – Tem que ter... Não é a mesma coisa.

Sh (mulher 4) – Tem o crescimento... É.

E (mulher 5) – Que aquela artista falou... Está diferente... É diferente... Se você quiser buscar...

El (mulher 3) – Você enxerga uma pessoa que às vezes você fala, nossa, mais ele era assim, (Risos), você era assim, é, mas é isso gente.

E (mulher 5) – É... Exatamente.

(Conversa confusa)

El (mulher 3) – Aí de repente, você olha assim o homem que você fala bom, não era bem isso; Eu acho que acontece a mesma coisa com o outro... De repente, é a mulher.

Aí você vê algumas crises, algumas coisas que você começa a questionar e vai indo... Se existe uma relação mais sólida, se existe... aí você vai superando.

(Falamos Baixo, confuso)

Mi (mulher 1) – A gente tem que renascer.

E (mulher 5) – É! É muito legal, mas quando você consegue passar.

JR (marido 2) – Eu acho que o relacionamento do casal em todas as fases quando ele permanece apesar de todas as crises, se elas são suportáveis, trabalhadas e... E de alguma forma resolvidas entre aspas, eles tendem a melhorar depois que os filhos saem da casa... Porque você passa a ter uma preocupação... Mais tempo e mais preocupação voltada para o desenvolvimento do casal e passa a investir melhor nisso ainda. Então eu acredito que seja uma fase até mais gratificante em todos os sentidos; Que uma vida em casado precisa ter melhor qualidade, melhor tempo e maturidade pra evoluir.

E (mulher 5) – Tempo para ouvir, para conversar, para fazer aquilo que os dois queriam e não o que é bom pros filhos e pra família.

El (mulher 3) – Pra viajar, é companheirismo que você precisa...

E (mulher 5) – Exato... Eu acho que é uma fase muito boa.

El (mulher 3) – Perde. É! Você não tem isso na fase de filho pequeno.

E (mulher 5) – Você não tem tempo... Nem você, nem...

(Conversa Confusa)

Mr (marido 4) – Uma observação. Eu acho que essa fase agora... Depois de alguns problemas que sempre tem... Quando os filhos voltam agora acho que já até incomoda um pouco.

E (mulher 5) – É. Com certeza... É incrível.

(Risos e conversa confusa)

Mr (marido 4) – Parece uma coisa meio agressiva, mas...

El (mulher 3) – Aconteceu isso comigo em abril, meu filho depois de não sei quantos anos que ele estagiou desde o segundo ano de faculdade então ele não tinha férias; aí ele vinha e ficava só final de semana... ele tirou a primeira férias depois de um ano que ele trabalhou justamente no casamento da Carol, ela casou e ele ficou um mês de férias em casa... aí o controle remoto era dele, o som era dele... era tudo dele... aí 15 dias depois eu falei essas férias não estão muito longas não?

(Risos)

El (mulher 3) – Aí ele falou credo mãe, você está me despachando? Eu falei não, é que você está ocupando meu espaço.

E (mulher 5) – É... é verdade.

Mi (mulher 1) – Eu... nós estamos com uma netinha de 6... 6, 7 meses né... então eu tirei férias com o meu filho né... minha netinha, minha nora e foi uma coisa... uma experiência muito boa porque eles moram em São Paulo então a gente mora aqui então a gente quase não tem aquela coisa gostosa de estar muito junto e eu sei que foi uma coisa interessante... Certi... a... a neta... foi uma coisa maravilhosa pra mim... uma experiência muito gostosa.

P – Agora mais uma pergunta e última .Vocês estão cansados?

(Risos)

Sh (mulher 4) – Não....

P – Então gente, é a última.

Questão 6: Qual seria uma sugestão de cada um, visando qualidade relacional nas interações conjugais?

El (mulher 3) – Uma sugestão eu acho... Não falando individual, mais eu acho que na qualidade de relação é sempre falando franco, aberto, sabe? Sempre não deixar coisa subentendida assim... é falar abertamente porque é aquela história você fala uma frase às vezes o outro acha que você falou outra coisa.

Sh (mulher 4) – E a pessoa entende outra.

El (mulher 3) – Que você falou daquele jeito fica magoado e não vai te perguntar que é que você quis dizer realmente, então acho que às vezes isso pesa numa relação, então eu acho que a gente devia ser sempre muito aberto, muito franco.. De se expor mais né, de ser mais claro.

I (mulher 2) – Eu acho que a gente precisa cuidar muito da relação. No namoro, Naquele segundo filme, no terceiro. Eu acho que a gente precisa de ajuda. Não basta ser franco porque se você... se ele for franco comigo e eu tiver magoada, enrola.

El (mulher 3) – É pior.

I (mulher 2) – Não adianta ele ser franco eu preciso de ajuda, de ajuda mesmo... de terapia, de grupo de estudo, de filme não tem outro jeito não tem porque a gente procura ajuda pra tudo se você quer fazer um bolo você procura como é na receita.

El (mulher 3) – Na receita.

I (mulher 2) – É, se você vai procurar um médico, ou pra qualquer coisa que você vai fazer, até um eletricitista, um homem pra lavar pedra, então não tem como a gente cuidar da relação sozinho. Porque a gente não sabe nesses 3 filmes se eles estão se gostando e tentando ou não mas eles não sabem se ajudar sozinhos. Então para estar casado e construir a relação, precisa buscar ajuda de quem sabe, e não é, ajuda só de uma terapia, a gente tem que fazer essas reuniões, encontros, conversas, trocar experiências.

(Conversa Confusa)

I (mulher 2) – Livros, pessoas que sabem que estuda... Tem pessoa que estuda isso como ela (a Eurídice)... eu não estudo isso, mas eu aprendo muito com elas (equipe) que sabem. Eu acho que se a gente entrega as artérias, o útero, a escola dos filhos, a cozinha da casa, porque não isso, né? Pra não ficar como no último filme. Tem que buscar ajuda.

Sh (mulher 4) – Eu acho que uma coisa importante é você respeitar as diferenças.

(Conversam baixo)

E (mulher 5) – Uma coisa que ajuda muito em uma crise é o fato de você honestamente tentar se colocar no lugar do outro e ver como você reagiria na posição do outro na hora da crise. Geralmente você muda sua opinião, muitas você também faria igual!

Mi (mulher 1) – Compaixão.

E (mulher 5) – Exato, eu acho que isso é muito importante numa relação, você honestamente fala puxa, se eu tivesse a mesma formação, as mesmas obrigações, tivesse no lugar dele... como seria a minha reação? Se você for honesto você vê que muitas vezes você faz igualzinho né... então eu acho isso muito importante... mas isso eu aprendi com livros de estudo, terapia e... e outras coisas... porque eu não sabia disso.

(Falam juntos)

E (mulher 5) – Com a ajuda que a I falou acho super importante.

I (mulher 2) – Boa vontade é muito bom... É metade do caminho, mas acho que não basta...

E (mulher 5) – Muitas vezes você não enxerga... Você quer acertar mas você não enxerga.

I (mulher 2) – Não sabe né?

E (mulher 5) – Não enxerga.

Mi (mulher 1) – É interessante assim... Eu olho mesmo pros meus pais e vejo a trajetória do meus pais, meus avós. Vejo a nossa trajetória e vejo a dos meus filhos... Então eu fui vendo a evolução. Toda essa trajetória a questão de brigas de casais, etc.

E (mulher 5) – Termos de comunicação... eu acho... o “Se” falou.

Mi (mulher 1) – De comunicação... É tão interessante que eu fui vendo a evolução. É bom ver que a minha condição de vida foi melhor que a dos meus pais. Espero que a dos meus filhos seja ainda melhor. Na relação conjugal percebo a mesma coisa e tenho o mesmo desejo.

P – Mais alguma coisa que alguém ainda está querendo falar?

JR (marido 2) – A gente hoje, tudo tem que se preparar para o tempo, para estudar, para fazer sua formação profissional, sua condição, mas o preparo para vida não existe... Você só aprende seus valores fundamentais e cai na vida... e aí, com a sensibilidade, a maneira com que você está pra enfrentar a vida, é que vai te colocar diante disso; e os desafios são esses dos relacionamentos humanos, sai tudo: pode sair uma flor como pode sair uma ruptura... Uma obra que não vai pra frente e... Eu penso que segundo, a I comenta, existem casais que realmente às vezes precisam de ajuda, né... Que está deteriorado, quem está de fora enxerga de uma maneira mais adequada, de misturar e pode não enxergar também como faz um médico, ele pode fazer um diagnóstico errado dessa situação... É um risco até nesse sentido.

Se (marido 5) – Quería falar só mais uma última coisa... Que no relacionamento assim de casal, para que você pelo menos tente ter um relacionamento bom, adequado, duradouro, firme... é necessário que ambos aceitem com muita franqueza a família do outro. Acho que é o caso de todo mundo. A minha família, meu pai, minha mãe, minhas irmãs, têm um tipo de vida lá, de pensamento, dentro do qual eu fui criado. Elas têm uma família completamente diferente. Os avós, estrutura familiar dela é completamente diferente da minha. Então se eu não tiver capacidade de aceitar assim francamente a história dela e minha, dos pais, dos meus cunhados, dos meus tios, dos meus avós etc e ela também não fizer a mesma coisa, o atrito vem.

E (mulher 5) – Está armado a confusão. Porque a pessoa faz parte dessa história...

Se (marido 5) – A dificuldade é grande porque tem assim, tem as intromissões, tem os engraçadinhos.

Mi (mulher 1) - Tem de tudo.

E (mulher 5) – Tem de tudo.

Se (marido 5) – Falando assim de um modo geral... Não estou falando da família dela... Não estou falando dos meus cunhados.

E (mulher 5) – É muito difícil, a gente sempre esquece de considerar a história do outro.

Se (marido 5) – Tô falando de um modo geral.

I (mulher 2) – A sogra, o sogro... Não... É... É a família.

E (mulher 5) – É verdade a gente esquece disso.

Se (marido 5) – Tem que ser assim, porque fazem parte da nossa história.

Mil (marido 1) – Depois vem os agregados.

P – Tem de tudo um pouco.

(Conversa Confusa)

E (mulher 5) – Vocês já estão com os genros né?

Se (marido 5) – É, depois tem os genros.

EI (mulher 3) – De um tudo, tem de um tudo.

Se (marido 5) – É complexo...

P – É uma confusão?

E (mulher 5) – É; daqui a gente vira pai né... Vira família né, então tudo que a gente tem que fazer para procurar não interferir também né... Porque a gente já sabe o que é que causa.

Se (marido 5) – Mais além de você procurar essa situação, a pessoa deve procurar fazer o seu núcleo familiar... Sabe independente.

Mil (marido 1) – De origens totalmente diversas...

2º Grupo de discussão – Período Vespertino

Eurídice-P (pesquisadora)

Apoio:

Adriana-Ad (moderadora = com conhecimento adequado ao assunto, esteve atenta às características compatíveis do grupo de participantes, no sentido de reforçar entendimentos, etc);

Andresa-An (moderadora-assistente encarregada da organização, das anotações, e equipamento de filmagem).

Casais participantes (nomes fictícios):

José Márcio e Alzira (JM / Al) = 30 anos de casado

Bento e Cristiane (Cr / B) = 20 anos de casado

Carvalho e Antônia (Ca / An) = 20 anos de casado

Eurídice – A gente não queria fugir muito do tempo padrão porque é um domingo e eu estou muito agradecida que vocês estejam aqui, vocês estão abrindo mão de estarem dormindo até mais tarde, de estarem em família então é muito legal de vocês estarem se disponibilizando pra isso. Esta é uma pesquisa que estamos fazendo e vocês estão contribuindo com ela, sem vocês eu não teria como fazer minha pesquisa, então o meu primeiro agradecimento é para isso, para essa cooperação de vocês e por permitirem que essa linha de estudo aconteça. Para quem não me conhece, meu nome é Eurídice, eu sou Socióloga de formação, sou Terapeuta de Família e atualmente faço uma outra especialização em Terapia de Família e faço também Mestrado na PUC-SP, e é parte do meu compromisso com a PUC realizar uma pesquisa pra adquirir o título de mestre em Psicologia Clínica e a minha linha de trabalho é com casais especialmente nessa fase em que vocês estão, chamada de Fase Madura. O casal passa por alguns momentos: eles se conhecem no namoro, depois vai pra uma outra fase quando ele se casa que a gente chama de casamento mas na literatura esse nome é Fase de Aquisição, ou seja, quando o casal está adquirindo seus bens e constituindo sua família. Depois da Fase de Aquisição vem a fase em que eu estou interessada que é a Fase Madura; quando um filho pelo menos já está fora de casa ou está saindo de casa, essa é a Fase Madura do casal e depois vem uma outra fase que a gente não vai entrar nela que é a Fase Última. Bem, o que mais eu poderia colocar pra vocês? Então por isso vocês são o público alvo; todos vocês estão na Fase Madura. Nós temos aqui conosco uma parte do pessoal da equipe técnica da PUC. Elas são especialistas em grupo focal e grupo focal é isso que nós estamos fazendo. Toda vez que um debate começar, é minha função e da Adriana trazermos vocês pro foco, a gente pode até deixar a conversa correr um pouco, mas saiu do foco a gente tem que voltar. Isso é um grupo focal. E elas vão se apresentar pra vocês.

Adriana – Meu nome é Adriana, eu sou de Taubaté, cidade de São Paulo, e a gente faz mestrado com a Euridice na PUC-SP.

Andresa – Meu nome é Andresa, eu sou psicóloga, já sou mestre em Psicologia Clínica no mesmo programa que elas estão fazendo.

Eurídice – Então, elas estarão nos ajudando. A Adriana vai ser uma pessoa que de vez em quando vai poder trabalhar comigo na coordenação do grupo. A Andresa não seria a pessoa mais indicada pra gente pedir ajuda de emergência porque ela vai estar por conta da filmadora. Por ser um trabalho científico, nós temos que gravar, nós temos que filmar; eu vou ler o termo de consentimento depois vocês, vão ver. E ela vai ficar por conta. Então, se tiver alguma emergência, alguém tiver que sair da sala por algum motivo, quem sai com a pessoa é a Adriana, porque a Andresa não pode parar e eu vou ficar coordenando o debate.

Não tem certo nem errado. Tudo que vocês falarem é a opinião de vocês. Cada um vai ter sua vez. A gente pede pra que os casais falem por casais e um de cada vez, pra facilitar depois na hora da gente transcrever uma opinião; se falar junto, a gente não vai confundir a voz, então pode ser que falando junto a gente corra o risco de colocar a fala em pessoa errada ou até mesmo perder falas! E os nomes ficam no anonimato. Se eu fizer uma referência ao primeiro casal, vai ser casal y, vai ser o terceiro casal, casal x, e assim por diante. Não tem nome verídico que apareça na pesquisa, vocês fiquem tranquilos quanto a isso. As respostas serão sempre individuais e por casal, falando um de casa vez. Eu vou fazer algumas perguntas, nós vamos sempre colocar trechinhos de filme. Nós teremos três trechos de filme: um trecho de filme do namoro com perguntas para o namoro; um trecho de filme para a fase de aquisição que é o casamento até o momento que o filho sai de casa, perguntas pra esse momento; e um trechinho de filme com perguntas sobre o terceiro momento que é o casal já sem filho em casa. E, o meu aspecto importante, que eu pediria pra vocês estarem o tempo todo voltados pra ele, é a comunicação dos casais; desde o namoro até a fase que vocês estão agora, que é a madura. Esse é o principal foco dessa discussão; prestar sempre atenção como esses casais estão se comunicando. Daí nas perguntas vocês vão se sentir bem orientados. Eu não vou dar opinião sobre nada que eu escuto, a minha função é meramente coordenar e acho que isso é tudo.

Adriana – Deixa eu falar. Eu queria lembrar um detalhe importante que nós somos pesquisadoras aqui, embora a formação seja terapeuta de familiar, que nós estamos nessa função. Então não é uma terapia em grupo. A gente quer reforçar isso, né, porque a gente vai ficar meio como telespectadora; quem vai discutir, nós vamos colocar os temas e a idéia é um debate porque é importante pra nós saber o que vocês pensam sobre esses temas. Então, é importante que todo mundo dê sua opinião embora não seja, é... é importante que vocês fiquem à vontade pra que se não quiser falar a opinião ou não quiser se pronunciar sobre algum tema, não é obrigado. Mas pra gente, é importante ouvir a opinião de todos e a idéia, é assim, que vocês debatam o assunto, nós vamos estar como telespectadora, então a gente vai ouvir a opinião que é o que interessa pra nós.

Eurídice – Isso que a Adriana colocou é importante porque é uma coisa que a gente tem que deixar bem claro mesmo pra vocês; a finalidade desse debate é compreender esse universo, a comunicação dos casais, a evolução dela até essa fase. E que isso não implica em qualquer intenção de orientação ou de psicoterapia pra ninguém que esteja participando. Acho que eu falei tudo. Faltou alguma coisa Andresa?

Andresa – Não, acho que não.

Adriana – Do sigilo vocês entenderam? Não vai ser, ninguém vai ser exposto, não vai ser contada a história de ninguém, não vai citar o nome de ninguém na pesquisa, tá? A gente quer saber se vocês concordam, saber se todos concordam que a gente grave e filme. Fica restrito só pra equipe mesmo que está na pesquisa. Ninguém vai ter acesso a esse filme. Então a idéia é que vocês fiquem à vontade, por isso tem um lanche, então é um bate-papo informal

Eurídice – É um bate-papo informal, é informal, nós vamos bater papo. Então, posso ligar o gravadorzinho? Todos dizem sim.

Andresa – A porta vai ficar aberta, mas não vai ter ninguém aqui, então podem ficar tranquilos que ninguém vai estar ouvindo, só tem a gente aqui na clínica. Só tem um assessor técnico lá embaixo, mas que já está indo embora.

Eurídice – Ai vocês vão me dizer o nome para gente se conhecer e há quanto tempo estão casados. No casal, um respondendo há quanto tempo está casado já está bom.

JM (marido 1) – Eu chamo José Márcio.

Al (mulher 1) – Alzira.

JM (marido 1) – Temos... vamos fazer 30 anos de casados e somos empresários.

Cr (mulher 2) – Eu sou Cristiane, sou dona de casa, temos 20 anos de casado.

B (marido 2) – Bento, sou empresário, 20 anos de casado também.

Ca (marido 3) – Carvalho, nós estamos casados há 20 anos, 2 filhos, e... Trabalho alguns dias da semana em São Paulo... numa... numa empresa de varejo, mas aqui em Ribeirão tenho uma... uma loja.

Eurídice – Certo.

An (mulher 3) – Meu nome é Antônia... E... Eu trabalho nessa loja que nós temos aqui em Ribeirão Preto... É isso.

Eurídice – Ótimo. Muito bom. Então nós vamos passar para o nosso primeiro trechinho de filme. Faltou alguma coisa importante?

Andresa – Não.

Eurídice – Não?!

Andresa – Pode soltar o filme?

Eurídice – Hum, hum. Agora é assim gente, eu vou pedir só o seguinte para vocês como a minha área de interesse é o relacionamento conjugal na questão da comunicação, como os casais estão se falando e que nível de fala é essa, eu vou pedir para vocês ficarem muito atentos à comunicação, em que nível ela se dá e como ela se dá: As perguntas vão sempre girar em torno disso, tá bom? Eu estou na frente Márcio?

JM (marido 1) – Não.

Andresa – Espera aí... Eu estava aumentando o volume, mas já estava no máximo né? Olá pode entrar... Chegou nossa água gente...

1º Filme = “Um amor para recordar”

Eurídice – Pronto gente... A parte do namoro é sobre esse trechinho... Agora já vem as perguntas... Ai eu vou fazendo uma rodadinha quem for se sentindo a vontade já começa a responder a pergunta com comentários. Eu queria saber

Questão 1: O que vocês apontam como características de namoro lembrando que nosso foco é a comunicação? Como foi essa comunicação?

An (mulher 3) – Para responder em relação ao filme?

Eurídice – É. Mas se você quiser falar coisas fora do filme, também pode.

B (marido 2) – Em relação ao filme foi péssima.

Cr (mulher 2) – Foi difícil ali.

B (marido 2) – Eu achei né... difícil... Não consigo imaginar um futuro feliz para os dois ali... são muito diferentes... completamente.

Al (mulher 1) – Como eles são diferentes!

Cr (mulher 2) – São diferentes mas... é... depois, que eu acho que aquele outro pedacinho do filme deve ser o fim... Eles já estão apresentando a peça, né... Ele dá um beijinho nela... Então eu imagino, fico imaginando que ele aceitou ser amigo dela, e começaram... Ele começou a ficar na casa dela para fazer o estudo da fala, e foi com a comunicação dos dois que eles foram vendo que ela não era o que ele achava que ela era porque ele nunca tinha conversado com ela e eu acho que no fim eles ficam juntos. Tem uma grande chance, e eu acho que o namoro é isso; a comunicação que existe entre o casal que a gente vai vendo o que a pessoa é... pensa... tem o mesmo pensamento, né. Pode ser que ele não gosta de matemática e eu gosto de matemática... pode ser... mas é... Os dois, parece que querem ir no mesmo lugar, a conversa bate, gostam de fazer as mesmas coisas. A comunicação vai ajudar nisso, a se entenderem assim.

Ca (marido 3) – Eu acho essa etapa aí que mostrou o filme que é o... o início do namoro porque ainda não tinha um namoro propriamente dito, estavam se conhecendo; eu tenho impressão que ocorre aí, acho que ocorre na adolescência, ou mesmo depois da adolescência... É... as pessoas se mostram pouco e... escondem um pouco, não se revelam completamente acho que foi uma coisa assim um pouco meio que... testando um pouco a menina... imagina um pouco depois ela recua, ele também se esconde e... tem outras coisas interferindo, o meio é importante, a opinião dos outros, o amigo se abaixa para não ser visto com ela e em volta dos amigos tem um tipo de comportamento longe dos amigos se comporta de outra forma; Então é um pouco lento o processo assim de se revelar para o outro, para a outra pessoa.

An (mulher 3) – É... a impressão que fica para mim é... que assim... é... no fundo, existia... existia um desejo de que acontecesse uma comunicação, mas é algo muito novo talvez desse sentimento que se sente e... tanto mais dele; dela talvez não tanto... mas fica difícil saber como lidar com essa experiência nova quando se é jovem. Porque o jovem, ele... ele já... ele constrói a identidade dele, né? Depois que sai da infância ele constrói com o grupo; de repente esse despertar no outro que é diferente, que é um... é um sentimento que não é conhecido, é algo que é assustador também, e aí é esse não saber lidar com essa situação nova, que aí realmente eu acho que é lidar... é difícil a comunicação sim, mas porque a pessoa não está nem entendendo direito o que que está acontecendo dentro de si, né?

Cr (mulher 2) – Nesse filme aí ele é influenciado pelos amigos também, né? Ela não é do grupo dele, ela é fora do grupo dele. A gente, todos os casais aqui têm filhos adolescentes, né? A gente sabe que os filhos são influenciados pelos amigos.

B (marido 2) – Não quer dizer que não vai dar certo o relacionamento deles; acho que até pode dar, né... Mas é um começo meio estranho para isso.

JM (marido 1) – Eu comparo ali no filme o sol e a lua. Quando um está de dia o outro está à noite. Então não existe.

Al (mulher 1) – Sintonia.

JM (marido 1) – E! Não existe sintonia entre os dois de espécie alguma... É... social e religiosa, certo? A moça é uma moça de igreja, de Cristo, que reza; ele é uma pessoa de outro mundo e que não conhece nada do lado da moça da parte religiosa, certo? Mas há uma atração mútua, certo? Que eu prefiro esperar mais um pouco para ver o resultado; pode dar certo porque para Deus nada é impossível, certo? Essa aproximação... mas até o momento ela tentou ajudá-lo, levando na casa dela, tudo; Mas ele vem de outro mundo. Como diz ele vive no mundo da lua, certo? Com outro tipo, com outras... é... freqüentando como diz o ambiente da galera não o da moça; então o final a Deus pertence por enquanto; não sei ainda...

Al (mulher 1) – Eu acho que se a moça persistir ela pode conquistar sim; pode ajudá-lo; tem que ser perseverante, né? Eu acho que esses casos... Não sei se pode comparar com o dia de hoje; pode ou não?

Eurídice – Pode.

Al (mulher 1) – Esse caso aí é o que acontece muito na vida da gente, né... A gente quer conquistar de qualquer jeito, e às vezes são diferentes e ficam fazendo essas picuinhas, né. Mas se persistir, se houver aquela atração que parece que eles têm ali no filme, né..., se persistir, conquista sim! Eu vejo isso pelo nosso caso, né... que quando eu conheci o José Márcio, é... ele tinha uma noiva então foi a persistência, né José Márcio? Mais a insistência.

Eurídice – Ah! Me fale mais disso, como foi a insistência.

Al (mulher 1) – É. Então eu acho que ela pode conquistar sim, sabe pode inclusive convertê-lo, insistindo, trazer... Trazê-lo para religião dela, por exemplo.

Eurídice – Mais alguma coisa?

Al (mulher 1) – Não.

Eurídice – Ah você quer colocar, Antônia, mais alguma coisa nesse trecho de filme, pode colocar.

An (mulher 3) – Não.

Eurídice – Mudou de idéia?

An (mulher 3) – Não.

Eurídice – Então tá. Só para finalizar, alguém quer falar mais dessa pergunta? Posso fechar? An, pode. Então pelo que vocês me disseram... é... foi colocado na grande maioria em cima do filme, colocando essas diferenças dos dois, cada um de um jeito, né... Com uma certa dificuldade, mas dependendo do caminho que se percorra pode ser que eles se encontrem como vocês disseram e ela confirma quando ela diz que na história dela foi isso que aconteceu entre eles dois é isso que entendi por alto. É isso ou não?

Cr (mulher 2) – É isso.

Eurídice – Mais ou menos, né? Então tá vamos para segunda pergunta... É...

Questão 2: Como que a comunicação se constrói na relação de namoro?

An (mulher 3) – Com risco! Com risco, e na... perante esse risco, o erro, mas enfim algo que é maior, que é a vontade, o desejo de ir, de avançar essas barreiras, esses obstáculos que é a uma comunicação, uma resposta atravessada... Pela falta de jeito mesmo, né que acontece... Mas acho que o namoro é isso é... Eu acho que o fio da relação é esse sentimento que existe, que é invisível, ele não é lógico ele não tem... é... ele não é racional é algo diferente, então... é... se isso for forte, pode ser de religião diferente, pode ser de enfim... Pelo menos no namoro essa fase quando se é jovem, isso é muito forte é... esse desejo é muito grande e é isso, é ir tentando, ir tentando sem saber se está acertando ou não... É ir prestando atenção por onde que acerta alguma coisa e ir continuando; Acho que é essa a observação, né? Tenta daqui dá certo, então vamos um pouquinho mais por aqui, por ali, de repente num outro... numa outra tentativa não se saiu tão bem, então não é por aqui... É na tentativa, acho que é na tentativa, muito prático, assim, na prática, entende?

Eurídice – Obrigada. Mais alguém quer falar como se constrói a relação de namoro?

JM (marido 1) – Eu acho que o namoro... vou fazer duas colocações... É um tiro no escuro e um fio de navalha. Porque normalmente você não conhece a pessoa então eu vou falar... Vou sair do filme e falar entre nós dois. Quando eu conheci a Alzira, eu era noivo. Só que eu me encantei por ela, então eu dei um tiro no escuro; Eu falei eu vou jogar tudo que eu tenho planejado, mas eu vou atrás daquilo que eu acho que é o certo, que é o correto; Então é... é... você poderia falar assim, você entrou de cabeça? Entrei. Desmanchei um noivado para namorar com ela. Poderia ter dado certo, como poderia não ter dado certo por isso que eu falo você está com o pescoço ali no fio da navalha, mas você vai conhecendo aos poucos, vai dialogando, vai vendo o que tem de bom, o que tem de ruim, vai juntando esse tudo numa panela para você fazer o molho, certo? Muitas coisas até hoje ainda não está no paladar do que eu queria e nem dela também creio que não está. Mas o namoro é isso, é um desafio e você vai aprendendo dia-a-dia. Para muitos dá certo, para muitos termina em decepções mas no fim vira um objetivo à felicidade.

B (marido 2) – É uma fase muito perigosa, né. Você pode errar... pode

JM (marido 1) – É...

B (marido 2) – É que nem o vestibular, eu estava pensando né... você está escolhendo uma profissão que pode mudar tua vida toda né, o namoro é bem isso, se você errar ali... hoje eu estava conversando com um rapaz aí que voltando para Ribeirão, ele é separado da esposa, né e está namorando uma moça que é noiva. Não me contou quem é também né, mas aí eu estava falando para ele puxa, porque que não deu certo né, depois de dez anos? Porque a gente começou a descobrir as diferenças né. Namorou cinco anos... então não consegui descobrir as diferenças antes do dos cinco anos de namoro. Então tem um pouco dessa proximidade do outro né, no namoro. Tem que exercitar bem o namoro... muito. No Caso eu e a Cris, nós não fizemos isso, nós namoramos um ano só, né?

Eurídice – Não exercitaram? Como é exercitar?

Cr (mulher 2) – Está falando uma coisa que o outro não fez.

B (marido 2) – Nós namoramos... é, não fiz mas deu certo.

Cr (mulher 2) – Que nós não fizemos né.

B (marido 2) – Mas deu certo.

Cr (mulher 2) – Que foi o que ele está falando que tem que exercitar no namoro...

Eurídice – É, conta para nós.

Cr (mulher 2) – Uma coisa que nós não fizemos porque o nosso namoro foi um ano e três meses, um ano e quatro meses. Mas eu tenho por exemplo uma conhecida na minha cidade que ela namorou 15 anos, casou e o casamento durou 6 meses. O que é que aconteceu? A diferença eu acho que é o morar junto, acordar junto... é... guardar calcinha e cueca junto, ter aquela coisa diária; é aí que, essa experiência que eles não tinham, foi aí que eles viram que... que não era que eles não combinavam porque eles tiveram um namoro de 15 anos... Foi mais ou menos isso, não foi bem?

B (marido 2) – É... é...

Cr (mulher 2) – Não descobriram...

B (marido 2) – Depois fala que para conhecer a pessoa tem que dormir junto. Ela tem setenta anos. Na época dela isso era uma monstruosidade, hoje é tudo mais normal... tem que dormir junto... tem um monte de coisa ali para você realmente conhecer. No caso nosso entrando na nossa intimidade, eu também vinha de um relacionamento de noivado, por exemplo né, não deu certo e eu descobri na Cris todo diferencial positivo que tinha muito mais a ver comigo né, então foi uma coisa assim. Por isso que esse nosso namoro foi curto, em um ano a gente casou, mas foi eu, tipo assim na fria que eu ia entrar né. Mas eu vi tudo de bom nesse... nesse um ano que nós ficamos juntos, nós tivemos um ano de namoro e deu para conhecer muito bem ela, não tenho surpresa nenhuma, namorei ela há vinte anos e ela não me surpreende em aquilo que eu imaginei que ela fosse... é continua a vida como se fosse um namoro normal, sabe... não precisa... continua assim. Tive sorte.

Al (mulher 1) – Bom e... qual que como que é a pergunta mesmo?

Questão 3: Como a relação de namoro se constrói?

Al (mulher 1) – Bom, o namoro é uma fase de conhecer, né... de conhecer o outro; mas eu acho que conhecer realmente o outro, totalmente não vai conhecer! Até hoje, eu descubro coisas novas no meu marido e ele também descobre em mim. Quanto a tempo de namoro, de conhecimento, eu também namorei dez anos, com treze anos.

Eurídice – Outro namorado? Ou o seu marido?

Al (mulher 1) – Outro namorado.

Eurídice – Namorar muito tempo, ajudou você em quê no segundo namoro?

Al (mulher 1) – Não, pelo contrário eu... praticamente, tive dois só que eu namorei.

Eurídice – Han? Não entendi.

Al (mulher 1) – Então, o primeiro namorado meu tinha treze anos, era da minha classe de escola quer dizer, a gente encontrava todo dia e foi indo até que conheci o José Márcio e em oito meses nós namoramos e casamos.

Eurídice – Uhum... era para ser então?

Al (mulher 1) – Era para ser né. E esse eu acho que a gente sabe quando a gente ama de verdade né, então quando a gente ama de verdade a gente supera tudo sabe, quando o amor da gente principalmente esse fundamento de Deus, sedimentado em Deus eu acho que a gente supera as outras coisas. Porque o namoro em si, eu namorei esse tempo, e tudo se eu te falasse, se eu conhecia o meu ex-namorado, eu ia falar agora que não. Totalmente não. Então eu acho que cada dia que passa, a gente descobre coisas novas no outro.

Eurídice – Tá. É... Isso que você está colocando já está me fazendo pensar na próxima pergunta acho que eu já vou até colocar. Olhando para esse filme, para essa fase do namoro, é..

An (mulher 3) – Lá, lá no começo?

Eurídice – Não, é... o vínculo do namoro. A partir... do pedacinho do filme, como você acha que o vínculo do namoro se estabelece, pode ser no filme, pode ser na sua vida, como você quiser. Como se estabelece esse vínculo?

Cr (mulher 2) – Você fala esse vínculo entre o casal?

Eurídice – É.

Cr (mulher 2) – Porque quando é que por exemplo eu chego e falo assim, eu estou namorando?

Eurídice – Isso

Cr (mulher 2) – É esse vínculo?

B (marido 2) – É esse vínculo.

(risos)

Cr (mulher 2) – Olha, eu tenho uma filha de 18 anos e ela começou a ficar com um rapaz esses dias. Assim, como, se eu gosto dele ele parece que gosta dela e não sei o que..., não sei o que eles tiveram uma conversinha e ela falou assim mãe, ele... ele acha que ele gosta de mim e eu também gosto dele mas a gente não quer namorar né. Daí eu fiquei pensando e falei assim então eu acho que primeiro vem esse negócio de hoje eles falam ficar né então eles vão ficando né, ficando até perceber que é com ele mesmo que quer ficar. E ele perceber que é com ela mesmo que ele, ele não quer mais sair e ficar com outra menina, e sim com ela. Aí sim eu acho que vem, que vem o vínculo né. Que tem que ter esse período de conhecimento, para depois falar então é ele mesmo que eu quero ficar depois é com ele mesmo que eu quero casar e quero ter meus filhos, depois tem outro problemas que acontecem no casamento é com ele mesmo que eu ainda quero insistir e ficar velhinha e assim por diante...

Al (mulher 1) – Mas isso é porque descobriu o amor, quando descobre o amor faz isso.

Cr (mulher 2) – É.

Al (mulher 1) – Não é?

Cr (mulher 2) – Então ela me fez uma pergunta uma vez, porque a gente fala que família é importante. A família é importante, daí ela fala assim: mãe, se a família é importante o que que fez você largar sua família, seu pai, sua mãe e morar em outra casa com um cara que você não conhece? Ela fala assim... perguntou... porque que você foi morar porque você namorou ele pouco tempo, mas você disse... e ele também né, saiu da família dele e foi construir, construir comigo outra família. O que levou você porque que você saiu da casa da sua mãe e foi morar com outro homem, com uma pessoa estranha?

Al (mulher 1) – O amor.

JM (marido 1) – O amor ué.

Cr (mulher 2) – Então, explicar isso para ela que ela ainda não achou o amor é que fica difícil mas eu falo isso para ela assim, mas quando você encontrar o amor você vai saber que é ele, é com ele que você quer ficar... É com ele... Não... Não sei.

Al (mulher 1) – Porque quando a gente ama a gente deixa tudo né principalmente nessa fase.

JM (marido 1) – Ah! Ha... essa aqui ó, ela me conquistou com um sorriso! (refere-se à Alzira).

(risos)

JM (marido 1) – É!

(conversa confusa)

JM (marido 1) – Porque ela é “estrangeira”, ela veio de Minas, morava numa pensão e eu vim lá de perto de Franca morar em outra pensão. Eu morava numa pensão ela tomava refeição na mesma primeira pensão. Ó o destino da coisa. E a gente se olhava; ela tinha um sorriso bonito e eu olhava assim e enxergava nela a pessoa que eu sonhava.

Cr (mulher 2) – Isso quer dizer... desculpa... que você era noivo e você conheceu ela.

José Marcos – Conheci ela quando fui comer lá na pensão.

Cr (mulher 2) – Então você começou a conversar.

JM (marido 1) – Conversar...

Cr (mulher 2) – Primeiro você olhou e atraiu dela o sorriso, o sorriso que atraiu você

JM (marido 1) – O sorriso dela, o sorriso dela entrou no meu coração e eu falava assim, mas como é que eu vou chegar nela, porque ela era muito fechada. Então você tem que criar argumento, né. Aí uma vez eu ofereci uma carona pra ela, sem saber onde ela ia, mas não tem importância eu ia pra lá. E aí a gente começou a conversar, conversar, bater papo, tal, tal aí eu falei para ela, ah, eu quero te namorar aí ela falou assim só se você terminar o noivado. Eu fui lá na outra num fim de semana terminei o noivado, voltei e falei para ela.

Al (mulher 1) – Eu nunca imaginei que ele fosse terminar.

JM (marido 1) – Peraí que agora tá e agora?

Cr (mulher 2) – E agora?

JM (marido 1) – Foi a hora que eu falei um tiro no escuro e o fio da navalha foi daí que começou o desafio.

Cr (mulher 2) – É... é

B (marido 2) – Agora tem um pouco de casualidade né, o que eles falam né... porque depende da localização geográfica que você está né. Você conhece alguém que está próximo de você, né. Como seria se não tivesse próximo?

(Conversa confusa)

B (marido 2) – Talvez se morasse aqui era outra e ela também teria outro, quer dizer, eu acho que...

JM (marido 1) – Eu acho que o destino está, está destinado a juntar.

B (marido 2) – Já está marcado...

JM (marido 1) – Eu acho que está, eu creio que sim...

Cr (mulher 2) – Então a gente pode dizer, que por exemplo... A primeira coisa que pode unir um casal seria a lei da atração, quer dizer, antes dele conversar, o que atraiu foi o sorriso entendeu? Se ela não atraísse ele em nada, ele não ia nem ver ela jantar... Almoçando ali na pensão...

JM (marido 1) – Despertar... Foi o despertar...

B (marido 2) – Mas se você não tivesse...

Cr (mulher 2) – Tem que despertar essa atração, a primeira coisa seria a atração.

B (marido 2) – Física, física...

B (marido 2) – É...

Cr (mulher 2) – Simpático o rapaz... aí então quer dizer que pode ter uma conversa; aí na conversa você vai ver, ah! Ele é bonito, mas nem abriu a boca, não dá né... ou, ah ele é bonito também tem uma conversa interessante né... Bate mais ou menos então eu acho que talvez seja a primeira coisa, uma reação assim de você comunicar falando...

B (marido 2) – É física...

Cr (mulher 2) – Física, você pode sentir a pessoa, porque se ele não fizer seu tipo acho que não tem conversa, acho que ele passava ali que nossa senhora.

Eurídice – Certo...

Ca (marido 3) – Acho que todos aí responderam bem... Eu realmente não sei... O que que como é que se estabelece assim o vínculo inicial, assim no namoro mas eu também imagino que seja quando ambos elegem os respectivos como aquela pessoa que pretende estar mais, conhecer mais do que as outras, então... Como se elegeisse uma pessoa, eu vou me dedicar mais a conhecer... A estar.

B (marido 2) – Investir...

Ca (marido 3) – É investir enfim... Aprofundar o... O relacionamento com... Com essa pessoa quando ele estabelece que essa pessoa que vai fazer isso, ele abre mão das infinitas outras companhias que ele poderia fazer isso, quer dizer, é aí nesse momento que se estabelece esse vínculo, que muitas vezes para mim é como um encargo, um começa a se dedicar mais outro menos daí essa... Essa coisa... Ela estava colocando da persistência que às vezes já até elegeu, descobriu uma coisa, que interessa né... E quer se aproximar o outro ainda não descobriu e o outro não percebe isso também né...

Eurídice – Antônia?

An (mulher 3) – Ah, o vínculo eu pensei que assim, a sensação que eu tenho é que o vínculo, ele se estabelece quando os dois querem, então como você contou aqui que terminou o seu noivado, você se colocou... Eu quero e aí né... Só teria estabelecido o vínculo quando você também de alguma forma, falou para ele que você queria porque ele também poderia ter feito isso e você não... Mas... Não achei que você não fosse fazer uma coisa dessa né... Então eu acho que o vínculo é quando os dois deixam algo, é ficar claro na relação que os dois querem aí começa no caso.

Eurídice – Eu vou fazer um apanhadinho de cada fala de vocês, e vou fazer já dessa para gente ir, para próxima está bem? Na anterior eu não tinha colocado mas foi quando você disse do fio da relação, que O sentimento que existe é forte né... E ficou para mim também a tentativa de acertar, que você me disse que namoro é como vestibular, que tem que exercitar bem o namoro. E descobrir coisas novas né... E que o amor verdadeiro é conseguir comunicar a dois, e nessa última ficou para mim que é quando descobre o amor, a questão do vínculo quando descobre o quanto que o amor que é o destino, que é uma lei de atração física, que elege alguém em destaque né... Que é mesmo até que não é comentado eles estão, estavam, e como você vai tentando... Tentando até você decidir com quem você quer ficar, então acho que isso resume um pouquinho as falas de vocês... Estão de acordo?

Todos – Sim.

Questão 4: Que idéia você faz da qualidade dessa relação de namoro?

Cr (mulher 2) – Da moça e o rapaz? Ou nós?

Eurídice – A qualidade do namoro, do relacionamento dos dois, e vocês podem extrapolar sempre para... para questão da vida também não é necessariamente só o filme.

An (mulher 3) – Ele começou, estava capenga o negócio né...

Cr (mulher 2) – Não tinha vínculo nenhum...

(Conversa confusa)

An (mulher 3) – Agora no final quando ele beija a moça, é... Nem ele fazendo assim, pegou de vez, então é... Ele estava...eu acho que é a partir daquele momento que vai poder realmente se construir alguma coisa; antes estava meio assim nesse do fio da navalha erros e acertos, então na tentativa né...

Eurídice – Você quer dizer que são nessas tentativas que você estabelece a possibilidade de começar a ter qualidade?

An (mulher 3) – Ah sim... claro...

Eurídice – Chegando nesse momento...

An (mulher 3) – Sim...

Eurídice – Então como que você colocaria isso com as suas palavras?

An (mulher 3) – Ah... Porque é como se fosse uma engrenagem que no começo, um dente não bate com o outro, às vezes encaixa um aí... desencaixa o negócio, ali encrenca até, sabe?

Cr (mulher 2) – É... ali... eles devem ali no filme, ela e ele... eles devem ter feito alguma coisa, um no outro que começou a encaixar... a engrenagem que a Antônia falou, porque por enquanto, até onde a gente viu, que tem mais né..., mas alguma coisa aconteceu que a engrenagem começou a encaixar.

Eurídice – Se a gente fosse dar um nome nessa coisa que começa a acontecer qual seria?

B (marido 2) – Eu acho que.

An (mulher 3) – Eu acho que é a sintonia...

Eurídice – Sintonia...

An (mulher 3) – Sintonia...

Cr (mulher 2) – É...

B (marido 2) – Eu não sei se passou rápido mais eu entendi que ela falou que ele gosta, ela gostaria que ele nunca se apaixonasse por ela, não foi isso?

Eurídice – Falou....

B (marido 2) – Eu acho que ali ele estava, ela estava vendo diferente, mais interessante, porque ele né....

(Risos)

Al (mulher 1) – Exatamente o que eu penso....

B (marido 2) – Porque ela lançou o desafio né... Não quero que você se apaixone por mim, acho que ela deve ter mexido com ele... Porque não né...

Cr (mulher 2) – Ficou no inconsciente dele... Não vou... Não vou... Não vou...me apaixonar...

B (marido 2) – Então ali ela lançou um mistério ali, que eu acho que a coisa começou a mudar depois que ela falou isso para ele...

Eurídice – Como se... Como se ela tivesse sendo levada a ele, pelo cupido?

Cr (mulher 2) – É...

Al (mulher 1) – Isso...

B (marido 2) – É... Sim... Sim... Ó... Você está correndo perigo né, se você não tivesse uma visão, um pouco mais futurista né... E... E ela acaba sendo uma pessoa interessante para alguém gostar mesmo né...

(Risos e conversa confusa)

B (marido 2) – Ah ela morre no final, então está bem...

Al (mulher 1) – Então esse, esses dias, eu conheci um casal né... E achei super interessante, eles são de São Paulo e ela... Ele vivia atrás dela para namorá-la mas ela sempre corria dele, essa coisa que acontece muito aí, um dia o único jeito que ele achou de conversar com ela foi sair do trabalho, eles trabalhavam no mesmo bairro. Quando ele saiu, ele percebeu que o carro dela estava na frente do dele numa das avenidas movimentadas de São Paulo aí o que que ele fez ele pegou, passou e ultrapassou ela assim e parou o carro de atravessado, sabe? Aí parou todo o trânsito né, aí diz que ele gritava enquanto que ela falava daí... enquanto você não aceitar conversar comigo eu não saio daí diz que o trânsito inteiro gritava conversa com ele conversa com ele, sabe.

(Risos)

Al (mulher 1) – Uma coisa que uma realidade isso uma realidade eu achei muito engraçado então é a persistência.

Eurídice – Mas o que este fato ilustra?

Al (mulher 1) – É a persistência de todo esse jeito e são casados e são muito felizes sabe é o jeito que ele achou, não tinha outro jeito, deu certo.

B (marido 2) – Porque às vezes a gente fica conversando em casa; ela se lembra de coisas que para ela foi muito importante para mim não foi ó teve aquele dia, aconteceu aquilo né e eu percebo que isso foi isso na época do namoro né foi nos aproximando assim como eu também né, teve coisas que para ela não teve importância e para mim teve, então é essa marcada de ponto sabe. Sem querer você acertou ali alguma que é diferente. Porque sempre tem aquele medo como é que você quando a pessoa gosta ou não gosta né sei lá alguma coisa que você não teve, você enxerga que a pessoa teve, e erra, mas é a gente estava conversando assim falou ah, lembra o que você fez aquela vez tal e coisa... para mim não teve importância aquilo pelo meu lado mas para ela foi muito importante, então talvez seja a hora que ela falou aquilo deu uma mexida com ele né Carvalho?

Ca (marido 3) – Pode ser.

B (marido 2) – No brio.

JM (marido 1) – Eu acho que nós homens tem hora que somos muito desligados.

B (marido 2) – Eu sou direto.

JM (marido 1) – Certo. As mulheres estão sempre ligadas.

B (marido 2) – É...

JM (marido 1) – Então a gente tem hora que tem que tomar um choquinho para despertar né....

(Risos)

B (marido 2) – É verdade.

JM (marido 1) – Eu quero assim é..., eu mudei muito, mudei e estou mudando e vou mudar mais...

(Risos)

JM (marido 1) – Né, Alzira?

Al (mulher 1) – Isso é.

B (marido 2) – O que é impor... o que a gente dá as coisas que a gente dá importância às vezes não exatamente o que elas dão e vice-versa né... né

Eurídice – Bom o que eu anotei das falas de vocês ficou da seguinte forma: qualidade do vínculo é um consentimento, sem vínculo a engrenagem falta alguma coisa, quando pega o vínculo e quando essa engrenagem ela se encaixa eu posso por o nome de uma persistência, de uma sintonia, de alguma coisa que desencadeia o funcionamento, como se fosse uma isca, você não quer que mude nunca e se uma coisa começa a se encaixar, não precisa mudar. E também tem o acertar algo com o outro né, marcar

ponto, e o homem é desligado a mulher é mais ligada e o homem precisa levar uns choques de vez em quando para se ligar e que é uma coisa que é da importância que se dá quando é homem e quando é mulher.. É isso que vocês colocaram.

B (marido 2) – Somos todos iguais.

Al (mulher 1) – Graças a Deus né.

(Risos)

Eurídice – A próxima.

An (mulher 3) – Posso só falar uma coisa?

Eurídice – Com certeza.

An (mulher 3) – Porque no início do... do filme quando ela disse que não queria se apaixonar, você... você viu como uma isca então eu me reportei para uma situação que a gente viveu e que também foi uma situação assim que eu me senti menos valorizada do que eu queria dele é nessa, nessa situação é... eu... eu... eu... eu o que eu busquei quando falei com ele, foi me proteger e aí eu tive um certo receio mas não foi assim, vou falar então...

(Risos e conversa confusa)

An (mulher 3) – Mas assim quando eu o conheci eu me apaixonei foi uma coisa assim muito forte... E um dia ele na minha casa na cozinha, ele perguntou assim para mim estranho muito sério o que você espera dessa relação... Bom quando ele fez essa pergunta, certo mulheres né? Eu falei deixa... sai fora... passa para outra porque isso não é uma pergunta que se faça.

Cr (mulher 2) – É, eu vou falar e ele vai embora.

(Risos)

An (mulher 3) – Não, imagina aí eu falei nada.

(Risos)

An (mulher 3) – Eu falei nada, eu falei nada, não espero nada e assim fiquei muito triste, sofri com aquilo que o... mas depois de um certo tempo, as coisas mudaram né, então eu peguei essa situação porque quando eu acho que eu também falei nada, acho que foi o choque Opa! Né, não sei.

An (mulher 3) – É e não foi por uma isca foi porque eu pô, eu acho que também ela, ela sabia que ele não estava nem aí com ela, ela também tinha que tipo assim eu espero que você não, eu não quero que você se apaixone por mim como quem diz eu não estou aqui assim na bandeja, né... Também valho alguma coisa.

Al (mulher 1) – Mas no fundinho acho que ele queria.

An (mulher 3) – Claro, claro mas foi no sentido eu acho que numa postura de se é... proteger.

JM (marido 1) – Ainda bem que deu certo, hein?

Questão 5: Teve algum momento em que vocês notaram algum tom de agressividade na forma como um se comportou ou se comunicou com o outro?

An (mulher 3) – Ah, um pouco.

B (marido 2) – Hum, hum.

Cr (mulher 2) – Ah sim né, ele daquela hora que ele abaixou para não ser visto com ela, isso foi agressivo, né?

B (marido 2) – É, eu também achei.

Cr (mulher 2) – Achei isso uma agressividade com ela, coitadinha, para que fazer isso?

B (marido 2) – Porque ele estava de olho na outra.

Cr (mulher 2) – Não, se abaixar desse jeito.

JM (marido 1) – Ou então, ele não queria ser visto.

Cr (mulher 2) – Ficou envergonhado de estar com ela.

B (marido 2) – Porque ela era para baixo né só usava o mesmo suéter...

Cr (mulher 2) – Porque ela não era da turma ali né.

B (marido 2) – Acho que é por causa da religião dela também tinha uma discriminação às vezes.

JM (marido 1) – Eu acho, eu notei um nível social completamente diferente isso aí essa parte social, esse nível social é muito complicado. Você se encaixar às vezes isso é normal a gente ver isso um rapaz de status social alto se engrajar com uma moça de status social mais baixo e vice-versa. Então deu para gente sentir; nossa eu não posso ser visto certo?

Cr (mulher 2) – Me pareceu uma agressividade psicológica;

Eurídice – Alguém mais gostaria de dar a opinião?

Cr (mulher 2) – A pessoa tem vergonha de ser vista com ela.

Eurídice – É., e o que mais?

Cr (mulher 2) – Porque ela pensou: eu sou horrorosa, monstruosa entendeu? Acho que foi essa agressividade psicológica, não é? Não bateu nada nela, mas essa agressividade dele... aí, aí, ela é boa de cabeça, né... ela é boa de cabeça, mas se é uma menina diferente que ia... não sei. Eu sei e você sabe, já que a vida quis assim.

Al (mulher 1) – Até ela falar que você não se apaixone por mim...

Cr (mulher 2) – É também.

B (marido 2) – Mas ela se mostrou sempre segura eu acho.

Cr (mulher 2) – Forte, segura.

B (marido 2) – Muito segura, muito forte e é o que ele não é né...

An (mulher 3) – Ela é mais madura que ele.

Cr (mulher 2) – Mais madura que ele.

Ca (marido 3) – Determinada.

B (marido 2) – Não sei como que acaba tudo isso mas dá a impressão que ele está, começando a gostar dela...

Questão 6: A gente se comunica com palavras, mas também com gestos, sinais, etc. Você percebeu gestos, movimentos, atitudes agressivas silenciosas ou não, nas interações do casal de namorados?

Ca (marido 3) - Então é a hora que eles passam no corredor um não olha para o outro, faz que não vê é uma.

JM (marido 1) – Não respeita.

Ca (marido 3) – É...

An (mulher 3) – Ela fecha a porta na cara dele.

B (marido 2) – O pai dela também está sabendo de tudo, tipo bisbilhota.

JM (marido 1) – É... O pai dela parece que invade.

B (marido 2) – Fofoqueira ela também hein...

Eurídice – Ahn?

B (marido 2) – Fofoqueira ela também né.

(Risos)

B (marido 2) – O pai está sabendo de tudo você viu?

JM (marido 1) – É...

B (marido 2) – O pai está tirando uma certa agressividade do cara também, com o jeito dele.

Cr (mulher 2) – É... Eu não entendi que o pai estava sabendo ali, eu imaginei...

An (mulher 3) – Isso, que ele via, tudo que ele estava fazendo de longe...

JM (marido 1) – Tudo, tudo que ele fazia, de longe ele observava.

An (mulher 3) – Mas não que ela conta... Que falava para ele.

Cr (mulher 2) – É... Eu acho que o pai...

B (marido 2) – Mas...

Cr (mulher 2) – Estava ali pra defender ela né... Ó estou de olho em você.

B (marido 2) – Então mas...

Ca (marido 3) – É eu acho que o pai...

Eurídice – A questão do pai é assim: ele avisa, ele avisa, ele faz uma fala do tipo Cuidado! Que estamos de olho no que o rapaz está fazendo; porque ele é pregador na igreja, então tem o olhar da comunidade para apoiá-lo nas sondas da filha...

Cr (mulher 2) – Ah... Tá...

Eurídice – E o menino vai, ele vai à igreja conversar com o pai dela, para eles saírem juntos...

B (marido 2) – Ah tá...

Eurídice – E eu acho que o menino acaba ficando freqüentador então ele acompanha o que o menino faz e o que não faz via comunidade e via Igreja...

B (marido 2) – Via...

Eurídice - Comentários da igreja.

B (marido 2) – Da igreja...

Cr (mulher 2) – Ah... Tá...

Eurídice – É através.

B (marido 2) – Tá... É...

Eurídice - Do domingo de missa, ele controla a vida do menino...

B (marido 2) – Porque ele não está...

Eurídice – Porque ele tem informantes entendeu?

B (marido 2) – Tá, porque ele não foi tão simpático também né.

Eurídice – É...

B (marido 2) – Eu achei que era ela que estava contando.

Eurídice – Mas, ela é direta. Ela não esconde nada do pai.

B (marido 2) – Ponto para ela.

Eurídice – Ponto para ela. Mais alguém gostaria de falar?

Cr (mulher 2) – Esse negócio, esse negócio de informante que é interessante porque meu pai era...

(Risos)

Cr (mulher 2) – Meu pai... É uma cidade que eu nasci é muito pequenininha.

Eurídice – Onde que é?

Cr (mulher 2) – É Laranjal Paulista, pequenininha mesmo né... E é... E ele é escrivão de polícia então...

JM (marido 1) – Ihh...

Cr (mulher 2) – Ele sabia de tudo que acontecia na cidade né, tudo que acontecia na cidade então...

B (marido 2) – Minha ficha sempre foi limpa.

(Risos)

B (marido 2) – É bom falar...

(Risos)

Cr (mulher 2) – Então a gente não podia sair, não podia a... a... arrumar... a... as coisas bonita que acontecia na cidade a gente não via né? E a gente não ia então ele tinha essa... Esse cuidado extremo comigo mais comigo do que com meu irmão. Então eu lembro até uma vez que eu passei, eu passei perto assim de uns menino e eu e minha prima passando vindo do baile de carnaval de madrugada e indo embora para casa aí um menino mexeu com nós duas, aí um menino falou assim ó não mexe com essa daí não que ela é filha de policial aí eu peguei, cheguei em casa chorei falei mãe eu nunca vou namorar por causa do meu pai...

B (marido 2) - Imagina o que eu enfrentei...

Cr (mulher 2) – Então é... esse... esse essas informações que chega né... para o meu pai cidade pequena né, eu acho que ali também é cidade pequena (no filme) não sei então nem sei porque que eu falei isso...

B (marido 2) – É impossível também você conviver sem ter influência, sem ter informação.

Eurídice – É...

B (marido 2) - Fofocas, isso aí, o problema é que a maior parte das vezes eu trabalho né... Essa informação.

Eurídice – Gente nós vamos passar para o segundo trecho que é o segundo filme focando agora na fase do casamento na fase de aquisição que já expliquei para vocês!

2º Filme = “A história de nós dois”

Questão 1: A partir da cena do filme o que caracteriza o casamento?

B (marido 2) – Alguma cena específica, Eurídice?

Eurídice – Comentários... O que caracteriza... Casamento para vocês?

Al (mulher 1) – Casamento para mim é fazer a diferença...

An (mulher 3) – Casamento é construir... Juntos...

Eurídice – Fazer a diferença, construir juntos... como?

Cr (mulher 2) – É... Na época do namoro Antônia falou que tem essa engrenagem que é de sintonia então o casamento seria você fazer a sintonia, a engrenagem funcionar, manter, essa é muito difícil, manter essa engrenagem! Então atrás disso vem o respeito um pelo outro o amor um pelo outro... sei lá, vontade de ver ele feliz... Eu a ele, ele a mim isso vai fazendo com que a engrenagem ande direitinho. Aí no filme, eles não estão mais em sintonia não é? Não sei...

B (marido 2) – Resgatar aquelas coisas que passou despercebido no namoro né... Paciência ali para cena, coisas assim que não se dê muita importância... Quando você estava namorando e é aí que você tem que exercitar para que... não inverta em algumas situações.

Eurídice – Você está dizendo assim: parece que isso foi parar na fase do casamento, porque não foi devidamente colocado no namoro?

B (marido 2) – Também... Também... Eu imagino isso nem tudo né você não viu tudo no namoro por mais que queira porque o namoro é curto mas... essa... essas diferenças aí esse nível de explosão que eles tem aí, essa paixão né... Talvez foi coisa que foi apresentado lá atrás e que passou despercebido...

JM (marido 1) – Eu acho que é amor, é ajustes na engrenagem certo? E diálogos.

JM (marido 1) – Eu não sei, não eu não, eu não queria que fosse meu aquele casamento ali de jeito nenhum certo? Para mim foi um casamento descasamento certo? Eu acho que casamento é ter renúncia, é ter diálogo certo? É amar, é ouvir certo? É saber a hora de colocar uma palavra certo? Que às vezes você chega em casa com a cabeça... com o mundo dentro da cabeça... E acontece o que aconteceu no filme... Ah o papai, acabava quebrando tudo, certo? A mulher paciência... A meiguice... O casamento não tem que ser assim... Não foi ajustado...

B (marido 2) – Você vai... Você vai se apoiando, em algum momento do namoro... no sexo pelo menos, atração física né nesse caso aí tem filho aí aparece os filhos que vão saindo um pouco do foco né... Vai esfriando... Aí o namoro vai esfriando vai mudando um pouco de cara, o namoro vai se prostrando nos filhos depois já mostrou a fase dos filhos fora de casa, aí vai começar aparecer muitas diferenças, aquelas coisas que... começa a faltar... Aí está faltando outra, e talvez seja tentar construir alguma outra... Uma coisa juntos para terceira idade juntos né... Não sei... Ali... Ali parece alguma coisa um pouco falta de perspectiva e agora que que a gente vai fazer está só nós dois começa a aparecer as diferenças...

Eurídice – E naquele momento em que passa os flashes da história de vida do casal, o que significa?

B (marido 2) – A linha... A linha...

Eurídice – Quais os momentos que foram ficando marcados na história dos dois em comum? Planos, etc...

B (marido 2) – Sim... Sim... Sim...

Eurídice – Projetos, filhos... É o... Primeiro jogo das crianças, o primeiro animalzinho de estimação enfim... Aquelas cenas; o que é que esses flashes está dizendo para vocês? O que é que é isso? O que é que é isso que está passando ao mesmo tempo junto com o filme que passa?

Al (mulher 1) – Eles estão construindo né...

Eurídice – Construindo em todos os aspectos, só tem construção nesses momentos?

An (mulher 3) – É que quando... antes do flash teve a crise né...

Cr (mulher 2) – É...

An (mulher 3) – Então é... vocês estavam falando e eu lembrei lá do primeiro filme quando vocês falaram na engrenagem eu penso na engrenagem que estava ali, aí eu acho que é o momento de tudo formando de novo... mas que eu vendo filme penso que

tem muitos casais que se separam nessa fase porque... é... porque eu acho que de repente tem aquela coisa assim... nossa mais eu achei que estava tudo bem, né? E agora está estranho faltou a sintonia, então isso também é muito assustador entendeu? E... e os flashes me traz que a gente precisa que a coisa não é... porque tudo bem, tem esse lado assustador, mas tem muita coisa que... que é uma base para servir de base aí para tudo isso. É isso que eles têm são os filhos, a relação, as tentativas. O relacionamento não é uma coisa simples, eu acho que também continua aquele fio invisível que enquanto ele for forte... E as duas pessoas tiverem vontade e determinação para seguir vai... Porque a vida é cheia de percalços.

B (marido 2) – Mas eu insisto na necessidade de ter um projeto em comum. Sempre ali, acabou o projeto em comum deles, a casa parece que era bem sucedida, o casal, que casa, carro, e aí vai fazer o quê? Agora vamos fazer nós dois juntos. Eu acho que ele deve ter as coisas dele, ela deve ter a dela, mas em comum me pareceu a falta de projeto quando passou os flashes para mim eram projetos que estavam sendo realizados né, a dois. É, programou de ser pai, ser feliz, vamos ter filho, nasceu o filho, vai para escola né? Tem projetos que é em comum. A cena na cama mostra a falta de projeto total né, do casal; acho que é preciso ter sempre, mesmo depois que os filhos vão embora você tem que ter um projeto em comum do casal e ir fazendo outros... Tá certo que se termina é uma monotonia tão grande... difícil de suportar

An (mulher 3) – Mas eu acho que tudo bem nisso que você está falando, mas eu acho tão legal quando um casal consegue olhar para trás mesmo naquele momento de crise o casal tem sua história mas eu acho muito bacana quando o casal com ele consegue olhar para trás e ver o que eles construíram juntos sabe? E isso e... e... fortificar essa relação mesmo que ainda não se saiba o que vai acontecer lá para frente, mas isso já é tão bacana quando você olha... olha para... para quem está com você e aí você fala puxa que legal o que nós fizemos hein? Sabe, olha que a gente fez não foi pouca coisa, eu acho que também não é só assim sempre tenta... Às vezes não tenta... quer dizer o esforço e cumplicidade nesse momento da vida de uma família, eu acho ele assim. Muito ricos os filhos a educação desses filhos né eu não sei... Eu acho esse momento assim ímpar... Eu acho ele único... Então eu acho que isso serviu para uma... Para uma... Para algo muito forte que precisa ter maturidade de ambas as partes e ver ó: isso aqui vale ouro, isso aqui é sagrado... isso aqui é sagrado. Agora... eu acho que a gente já fez tanta coisa junto boa, legal, já passamos por tantas situações difíceis que a gente nem se dá conta ali, vamos é... eu acho que é essa coisa da vontade sabe? Eu acho que... eu sempre falo que o casamento é o querer dos dois.

JM (marido 1) – Uhum...

An (mulher 3) – Sem os dois, não adianta um, mais se os dois querem... tem... aí muda... Tudo muda... independente do cenário, do contexto...

B (marido 2) – Eu acho que tem que ser bem cuidado porque eu conheço muita gente que chega numa fase, numa certa idade e não se entende mais... Eu conheço poucos que se entendem né... É não sei se começa a ficar doente enfim... Fica sempre uma num lado e outro no outro é raro os casozinhos que continuam abraçados, continua viajando juntos, não sei... Não sei se é porque eu fico enxergando mais o lado positivo, mas chega nessa fase da... da terceira idade não sei se é isso né, que o casal, o filho já foi embora já fez projeto junto, aí começa a ter um distanciamento... eu vejo poucos casais nessa... nessa fase continuarem a fazer pelo menos alguma coisa que fazia junto sabe... essa... essa... parcialidade, eu acho legal também a Antônia ficar pensando no que fez, tal...

An (mulher 3) – Ah eu acho...

– Eu só não sei quanto tempo dura isso.

An (mulher 3) – Mas eu acho que aí você construiu o respeito pelo outro...

B (marido 2) – Também... Também...

An (mulher 3) – Sabe você vê... puxa vida olha... eu estou falando do Carvalho quanto que ele se dedicou, sabe? Quantas vezes que eu briguei com ele e não entendi certas atitudes dele, mas que hoje eu vejo que por aquilo assim às vezes o jeito mais ríspido mais duro mais eu vejo... puxa vida ele é gente como eu... que... que é... cabe um tanto dentro mais do que isso a gente não dá conta também, mas eu olho para ele e falo meu Deus... sabe... não consigo ver ele de uma forma diferente então aí entrou... entra a admiração, entra respeito...

JM (marido 1) – É... é complicado assim essas coisas porque você falou que... em uma certa idade você viu vários casais partem; eu já vi vários amigos que destruiu a vida não dele só, mais de famílias inteirinha... que

B (marido 2) – Nessa fase.

JM (marido 1) – Nessa fase...

Al (mulher 1) – Fez o que?

JM (marido 1) – Destruíu a família nessa fase... se entendeu? Que se existe uma coisa que Deus... Que Deus uniu o homem não separa, aí entra o caso que o Carvalho contou... Se entendeu? E ela fala uma coisa que mexeu muito comigo... Certo? Mexeu muito com a minha vida... Porque minha vida inteira eu lutei até minha última gotinha de sangue até hoje, para conseguir chegar aonde nós chegamos estudando nossos filhos e ela sofria muito com isso, certo? Porque eu viajava e ela ficava sozinha com os meninos... Eu chegava sexta-feira, saía segunda-feira... Depois você vê que a vida não é daquele jeito, aí se dá outro tiro no escuro chuta tudo e fala vamos começar uma vida nova não foi assim bem, no trabalho tudo vai dar certo, não vai não eu confio no meu trabalho e vou jogar tudo nisso... E fomos... fomos chegando até chegando hoje certo? E hoje... Hoje certo? Eu não tenho vergonha de falar um negócio desse para ninguém, eu levei vinte e nove anos e cinco meses para descobrir o tanto que eu amo essa mulher... O tanto que ela é importante na minha vida.

B (marido 2) – Que bom... Que bom...

JM (marido 1) – Certo? Então isso foi com muita luta, muita dificuldade de eu enxergar dentro do coração... O quanto que eu estava errado... E porque que eu estava errado... Porque não é fácil você ter três filhos, dois filhos fazendo faculdade, certo? Uma quebrada no meio desse... Dessa época... Meus pais perderam tudo; Depois chegaram levantar tudo, tanto que quem me ajudou

foi ela, certo? Então foi o que você falou é um pedaço de carne de cada um que está junto ali se você for olhar para trás e ver o alicerce que você construiu você jamais desrespeita.

Al (mulher 1) – Mas eu acho que tem as fases né... o casamento tem as fases, porque o casamento depois que vem os filhos a vida muda 360 graus né também... a gente passa a viver mais para os filhos do que para o casal... Pelo menos na minha vida foi assim... aí você consegue estudar os filhos com sacrifício com tudo né... nessa época de... de estudar os filhos a gente esquece um pouco a vida do casal porque pensa só em trabalhar, trabalhar para ganhar dinheiro... ganhar dinheiro... ganhando dinheiro... daí esquece a outra parte. Esse, ganhando dinheiro para poder estudar os filhos né, e depois vem a outra fase onde os filhos já estão encaminhados, e nós? E agora o casal?

Cr (mulher 2) – E nisso o casal está esquecido...

Al (mulher 1) – Sabe? Aí é que... Nós... Ele descobriu... Ele principalmente descobriu... Onde nós erramos e onde nós acertamos e aí vem o diálogo né... Vem o diálogo porque se não tiver o diálogo como você vai resolver as coisas né... Tem que sentar e conversar, abrir o coração né... Porque muitas vezes vocês falaram aí que os homens são desligados... O José Márcio era muito desligado, mas esse desligado assim gente ao ponto que... Ó vou contar uma coisa para vocês que fique aqui mais eu vou sentindo que é para contar... Pode contar?

JM (marido 1) – Uai...

(Risos)

Al (mulher 1) – É uma coisa muito íntima... Ele era tão desligado de data de casamento, de data de aniversário nunca falou para mim ó você está de vestido novo, ó você cortou o cabelo... Nunca... Sabe era desligado assim totalmente e eu morria de vontade que ele falasse alguma coisa... Aí um dia eu falei assim eu pego ele né... Comprava uma camisola nova nada, mas nada ele notava observava em mim sabe, pelo menos se observava ele não falava... Né... Aí um dia ele estava vendo televisão as crianças estavam dormindo estavam as crianças em casa ainda eu falei hoje eu mostro para ele se ele vai enxergar ou não vai, ele estava lendo jornal assim meio debruçado meio vendo televisão e jornal, eu peguei e tirei a roupa... Passei na frente dele para lá e para cá, você acredita que ele não viu?

(Risos)

Al (mulher 1) – Vocês acreditam nisso... Estou mentindo José Márcio?...

JM (marido 1) – Não...

Al (mulher 1) – Ah mas eu fiquei brava demais gente...

An (mulher 3) – Ai, imagino...

Eurídice – O exame de óculos dele está em dia?

(Risos)

Al (mulher 1) – Está em dia...

(Risos)

Al (mulher 1) – Mas eu fiquei brava demais sabe, mas daí eu fui... Eu fui procurando assim entender, fui entendendo que era o jeito dele, mas eu não aceitava aquele jeito, sabe... Não aceitava, não aceitava... Até que isso que ele falou agora depois de vinte e nove anos nós vamos fazer trinta anos de casado esse ano... Ele descobriu sabe? Uma mulher tem esse... tem aquele jeitinho especial né... Depois de trinta anos praticamente, agora, hoje ele leva o café na cama pra mim, nunca tinha feito isso na vida.

JM (marido 1) – Faço bilhetinho...

Al (mulher 1) – É, faz bilhetinho...

JM (marido 1) – Levo Flor...

Al (mulher 1) – É, leva Flor...

B (marido 2) – Que bom...

Eurídice – Então valeu?

Al (mulher 1) – Valeu...

An (mulher 3) – Que legal

Eurídice – Então ele não ter te visto... Deu uma acordada de alguma coisa?

Al (mulher 1) – Valeu é... Deu para acordar sim né?

Eurídice – Gente eu vou ter... Eu recebi uma chamada ali ó... A minha técnica já me cortou aqui ó (na garganta)... Então vamos dar uma corridinha. Agora vamos dar uma acelerada nessa parte porque tem a última está vindo por aí também... E eu fiz duas perguntas até agora para vocês né... Nós estamos indo para terceira não é isso?

B (marido 2) – É...

Cr (mulher 2) – É...

Eurídice – A primeira pergunta que foi a partir da cena do filme o que é que caracteriza o casamento? A gente deu uma resumidinha falando que era para fazer o outro feliz e para... É a fase que constrói a relação fazendo a engrenagem funcionar para manter essa engrenagem funcionando através do respeito e do amor, e resgatar o que passou despercebido no namoro... Depois na segunda pergunta, ficou... qual, como que a relação do casal se constrói? Aí vocês falaram que é através da renúncia né, quando os filhos saem de casa é que começa a aparecer as diferenças, e que é preciso ter projetos em comum, sendo do casal e não só para vida... Que isso não dá o direito de esquecer a relação... E que olhar para trás e ver o que se fez juntos fortalece... É o alicerce... e é importante querer, cuidar para não se distanciar na terceira idade. E que fases de viver para os filhos mais do que para o casal, parece que essa fase de viver para filho fica muito prolongada em relação ao tempo de viver juntos do casal. Vocês colocaram... porque os filhos, uma vez que encaminham os filhos, como é que retoma a vida de casal? E que o diálogo faz descobrir os acertos e os erros, está bom assim?

Al (mulher 1) – Está ótimo...

An (mulher 3) – Hum, hum.
(Risos)

Questão 2: Quando você assiste esse filme o que você pensa da qualidade de vida a dois?

Al (mulher 1) – A qualidade do vínculo do filme ou da vida pessoal?

Euridice – Fala dos dois se você quiser fazer um comparativo o que que você vê no filme que você gostaria de não de ver na vida e vice-versa.

An (mulher 3) – Olha... Eu... Eu estava vendo essa cena e lamentando as cenas pesadas que eu vi mas eu estava conversando comigo mesma, eu acho que a gente tem que escolher, a gente tem que... a gente quer ver o lado bom ou se a gente quer ficar do lado do outro... sei lá... o lado não tão bom... e... então, eu prefiro como nesse filme agora porque também nas situações difíceis eu também me identifico, porque também nem todo dia as coisas foram flores... mas eu... eu prefiro olhar para o vínculo forte; eles construíram no fim muitas coisas juntos... eu acho isso tão mais...

Al (mulher 1) – Importante.

An (mulher 3) – É... isso é tão mais importante... porque tem... muito mais peso, do que apenas palavras né? Às vezes palavras ou agressividade tudo bem não é agradável tudo bem, mas o que eles fizeram juntos é muito mais. Talvez eles não saibam o que eles fizeram, por isso que precisa parar para pensar um pouco o que foi que eles fizeram. Eu acho que tem esse nome legal né, maturidade no casamento! Porque a gente começou tudo muito jovem mesmo né, assim meio sem saber o que estava acontecendo né, parece que é uma onda que vai assim e a gente está no meio dessa coisa e de repente nessa fase, que vem o momento assim de você falar opa, vamos ver o que que está acontecendo aqui nessa onda né, eu acho o vínculo forte. A qualidade não sei, acho que é forte...

JM (marido 1) – Isso eu fui ver hoje... hoje... depois que eu descobri o tanto que eu amo, se eu fosse começar lá do comecinho, ia ser muito mais fácil, com a visão que eu tenho hoje...

Ca (marido 3) – É o casal aí... do filme eu acho que suponho como... como nós talvez. Um pouco não sei, eles têm expectativas... e... nem sempre... são claras para quem está, junto, essas expectativas individuais, e vão passando coisas, é natural o ritmo. É forte, acho que para todo mundo né? No fundo, para as mulheres também né? As que trabalham fora as que trabalham em casa, acho que também até mais difícil para as que trabalham em casa... e nem sempre vai se passando para o outro as expectativas, as expectativas frustradas elas geram esse... ressentimento, mágoas e... daí é que vem essa agressividade suponho, mas... nada que não possa ser conversado... É... que não possa ser, digamos, minimizado exatamente por essa coisa que é o casamento, que é o casal, e aí vem uma série de coisas aí, que vocês colocaram; todos colocaram de ter uma determinação, do querer é... de fazer o outro feliz. Toda essa procura é que vai conseguir minimizar eventualmente essa falta de... de... desse preenchimento de algumas coisas pessoais. Com a renúncia que você falou, cabe tudo dentro dessa coisa de se... se há um casal a idéia é... apesar do... do... dos pesares... essa... esse projeto é um pouco essa construção. Dessa melhoria também do casal, com filho ou sem filho, mas é do... não sei... talvez até de se tornar uno no fim da história, os dois assim, uma coisa que... que seja... efetiva do casal mesmo entendeu? As duas pessoas indo para um objetivo comum...

(Risos)

Al (mulher 1) – O vínculo eu acho que ele tem que ser alimentado, né? Alimentado com essas coisas que nós já falamos, acabou de falar né? Porque senão o casamento vai ficando muito monótono, vai ficando muito... sabe... muito... igual. A gente só tem um filho em casa que chega muito tarde, praticamente é nós dois sabe? Então a gente tem que procurar alimentar esse vínculo, sabe? Ou nem que viajar, ou se não tem... tiver dinheiro para viajar, dar uma volta no shopping, vai na pracinha tomar um sorvete, comer pipoca sabe? Eu acho que fazer alguma coisa, namorar de novo!

Ca (marido 3) – Você... você pode falar... é... com um cara de... você tem uma tolerância né... soube aguardar o momento oportuno... e... revelou aqui... um tempo assim sem... sem digamos fazer essas coisas né... talvez. Mas você soube aguardar, teve uma tolerância grande esse... isso faz parte do casal... Por isso você só... só... só vocês falaram poxa está alguma coisa está... está de um lado só né, para os dois, não está uma via de mão única né, e ali não está tendo essa... essa tolerância, está tendo o conflito, saber fazer isso é o grande segredo

B (marido 2) – Mas não pode confundir a tolerância com o fugir do problema, né. Você tem um problema aí você acha que é tolerante leva a mulher para Europa que nem ele levou no filme; mostra isso mas volta para cama né. Foi lá, passeou, fez amor lá aquela hora de sair, tudo maravilhoso depois voltou para cama isso tem uma diferença grande nos dois, que está sempre sendo passado por cima, fora da cama

Ca (marido 3) – É.

B (marido 2) – Ah vou ser tolerante, vou ser tolerante agora vou ser tolerante aí chega uma hora que aflora as coisas e começam a ficar frágeis, estoura né. É o elástico né, chega uma hora que o stress explode, né? É o que estava mostrando no fim eles estão separando ali pelo que eu entendi, não vi o filme todo, você viu né Cris?

Cr (mulher 2) – Sim, mas não lembro

B (marido 2) – Aí chega uma hora que há uma ruptura, está procurando um advogado quer dizer foi houve essa tolerância, essa fugida para Europa, essa coisa mas eles têm uma diferença grande ali, que talvez não tenha sido resolvida. Então eu acho que é necessário no casamento resolver essas pendências, sabe, não pode passar por cima de tudo. Quando a mulher fica muito tolerante, passa, vai aceitando, chega uma hora que ela não suporta e o homem também não, então é importante que se discuta tudo isso aí, conforme acontecem

Al (mulher 1) – Uma hora explode né?

B (marido 2) – É... porque... porque.

An (mulher 3) – O que me veio assim que eu acho que também a maturidade é porque a gente sempre acha também, esse processo é doloroso mas a gente sempre acha eu assim acho que ele vai preencher os meus, todos os meus vazios né? E acho que também esses atritos que a gente vive num momento, a gente também percebe que isso não é visível... não é visível. A nossa relação é o casamento, mas tem coisas que são internas minhas como pessoa eu estou falando como pessoa que talvez eu tenho que resolver comigo mesma.

Al (mulher 1) – Individual né?

An (mulher 3) – Individual... aí vai entrar num outro universo né mas não de embolar tudo eu acho que aí que está a grande confusão porque eu fico com essa expectativa gigante de que é ele que, que é nele que eu vou encontrar essa resposta. Não é. Sou eu comigo mesma.

Al (mulher 1) – Está dentro de você.

An (mulher 3) – Está dentro de mim né e é doloroso aquela hora que a gente né percebe isso.

Eurídice – Acho que eu vou resumir essa resposta baseando no que disseram: quando você assiste esse filme o que você pensa da qualidade desse vínculo? Então as respostas são: escolher o lado bom e o lado ruim das coisas já têm essa opção, os vínculos fortes têm esses momentos também; saber olhar com maturidade quis dizer assim que quando você é jovem você não tem, ela vem com o tempo. E expectativa de se tornar assim é uma coisa que vai caminhando né, passa por todos esses percalços para atingir um fim. E para alimentar o vínculo porque o casamento está monótono, tem que namorar de novo, alimentar esse vínculo dessa forma. Não confundir tolerância com fugir... fugir do problema, tem uma diferença nisso que o casal vai passando por cima. Quando ele se dá conta, esse mal já se instalou. E que o homem não tem necessariamente que preencher os vazios da mulher.

An (mulher 3) – E nem vice-versa né.

Eurídice – É faltou falar do encontro com si mesma(o) primeiro, para depois depositar no outro as suas expectativas né. Então podemos ir para próxima?

Al (mulher 1) – Pode.

Questão 3: Tem alguma agressividade na comunicação do casal?

(Risos)

Eurídice – Agora aqui é uma resposta mais breve.

B (marido 2) – Se a tradução está correta sim.

Eurídice – Então agora aqui é uma resposta que a gente vai deslanchar.

An (mulher 3) – Mesmo se a gente não ouvisse ____ a gente via né.

B (marido 2) – É, nossa.

An (mulher 3) – Mostra sim...

Eurídice – Dêem uma pensadinha...

B (marido 2) – Eu achei que o Bruce Willis ia pegar o revólver... não pegou! Em todos os filmes dele, ele mata alguém né Carvalho?

Eurídice – Quais as agressividades que vocês perceberam na comunicação do casal?

Ca (marido 3) – O “fuck you” (palavrão)

(Risos)

Eurídice – Não entendi fuck you... ah fuck you!

Ca (marido 3) – Direto, né?

Eurídice – É... o que mais?

Cr (mulher 2) – A gente percebe quando por exemplo chega nesse ponto de discussão. Nessa hora aí, você fala muita coisa que não deve magoando né a outra pessoa e na hora da explosão, você vai falando vai falando vai falando aí você magoa a outra pessoa. E aí, seja talvez, seja creio, que na época do namoro é que a gente fica fazendo coisas que vão marcando ponto positivo e na época do casamento você vai fazer coisas que sem querer, vai marcando ponto negativo e isso vai acumulando um dia explode e na hora da explosão você fala coisas que magoa a pessoa aí pode ser que não consiga reverter mais a situação; que nem ali na discussão deles, ela fala um monte de coisa para ele que magoa ele e ele para ela também. Aí ele falou assim é melhor talvez a gente se separar, aí fez o filminho que eu achei que foi assim a grande reflexão de momentos que mostram construção dos dois...

B (marido 2) – Os motivos para não separar né.

Cr (mulher 2) – Os motivos para não separar.

B (marido 2) – Ela está ali passando.

Cr (mulher 2) – Passando ali.

B (marido 2) – E a Antônia falou da memória.

Cr (mulher 2) – Puxa não valeu a pena tudo que a gente passou né tudo que nós fizemos durante tanto tempo?

B (marido 2) – Mas não foi o suficiente... entendeu? É que no namoro quando você chega nesse nível de stress tchau! Você vai para tua casa, para sua família, ele também e talvez amanhã eu apareço!

B (marido 2) – Depois de três em três dias depois esfriou casamento não né.

Cr (mulher 2) – Você vai dormir na mesma casa.

B (marido 2) – Você brigou na cozinha, é 9:30 da noite você vai dormir lá na... não tem para onde... você vai dormir no sofá né amanhã você vai estar vendo de novo de manhã tal. **Eurídice** – Tem mais alguma coisa que vocês lembrem?

JM (marido 1) – Não, só que ele estava falando do namoro e casamento de jeito diferente; imagina nós aqui, vocês com vinte anos de casado, nós com trinta anos de casado certo? Sabe, as qualidades e os defeitos de cada um e ter que encarar uma pessoa que

você nunca viu na frente, causando uma separação, você normalmente vai querer outro relacionamento! Será que vocês sugeriam começar da estaca zero? Vocês já puseram isso na balança para ver o peso ou o contra peso e a aventura, que muitos casais hoje estão fazendo? destrói uma família, destrói uma vida depois acaba se matando por desgosto, por dissabor. Ai que está o segredo do casamento, aí está a questão.

Eurídice – *De exemplo comunicacional, agressividade comunicacional vocês lembram de mais algum?*

JM (marido 1) – *Não é, é eu acho que dentro do casal não pode ter esse tipo de relacionamento.*

Eurídice – *Pois é, mas você viu algum comportamento que você está lembrando em que a comunicação estava errada ou que na sua concepção ou que estava com alguma agressividade?*

Cr (mulher 2) – *Ah! O tempo todo. O diálogo deles é agressivo um com o outro.*

JM (marido 1) – *Ali, ali, ali, no filme sim*

Eurídice – *Vejam se houve xingo, o jeito como eles discutem, como eles se agredem.*

Ca (marido 3) – *Um deixa o outro falando sozinho...*

Eurídice – *É isso que eu quero saber se houve*

JM (marido 1) – *Puxa tudo da cama joga tudo fora na hora da discussão*

Eurídice – *Algum detalhes das cenas que tenha chamado sua atenção?*

An (mulher 3) – *Eu acho que ele quis porque o auge da discussão é o que está ouvindo. Cada um ouve do jeito que quer ouvir, e aí ele já reage né porque assim a gente pode ouvir, mas uma frase, uma colocação pode ser interpretada de muitas maneiras né? O outro engancha em alguma coisa ele ouve daquele jeito, aí já interpreta aquilo e leva para aquele outro lugar e gera mais violência. Parece que é uma coisa que...*

B (marido 2) – *Não mas é...*

Ca (marido 3) – *O exemplo da ervilha que ele lembrou, que o problema na cama vira o tamanho de uma melancia! Na cama e puxa.*

Ca (marido 3) – *Puxa a roupa de cama não é uma ervilha não, é uma melancia*

Cr (mulher 2) – *Eu achei que naquela hora que eles estão dentro do carro que ele está dirigindo, a distância entre os dois era enorme parecia que um estava saindo disso, mas aí eu percebi a distância do casal ali, ali percebi ali a distância entre os dois ali.*

B (marido 2) – *Para mim, a carta é algo que separa muito. Eles não conseguem fazer uma carta juntos, aí acabou! Qualquer tipo de perspectiva, volto a falar em projeto, não conseguem fazer mais uma tarefa em harmonia não conseguem o ponto de vista está divergente ali naquele ponto que eles não conseguem escrever uma carta juntos... entendeu?*

Cr (mulher 2) – *Uhum.*

B (marido 2) – *Terrível aquilo.*

JM (marido 1) – *O relacionamento pai e filho no filme ali também não parecia bem.*

B (marido 2) – *Uma frieza né.*

JM (marido 1) – *Frieza total.*

Eurídice – *O que que você falou?*

JM (marido 1) – *Que o relacionamento pai e filho no filme, a frieza é total, pelo menos por parte dele.*

Cr (mulher 2) – *O casal não está bem, não consegue passar que alguma coisa pode ser feita...*

Eurídice – *Olha gente a resposta então nessa aqui ficou o “fuck you” né, a descrição que o tempo todo eles estão acumulando alguma coisa para jogar um para cima do outro, um deixa o outro falando sozinho, jogam as coisas, engancham, interpretam errado coisas com violência, aquela coisa da ervilha e da melancia que na cama eles não estão com um pequeno problema eles estão com um grande problema.*

JM (marido 1) – *Grande problema.*

Eurídice – *Continuando o resumo, a distância entre os dois no carro, a carta revelando pontos de vista divergente. Às vezes, a carta é meio simbólica do que está acontecendo com a vida deles né*

B (marido 2) – *Intolerância total.*

Eurídice – *Começam alguma coisa juntos e não chegam a lugar nenhum, parece que a carta deixa isso bem claro.*

B (marido 2) – *Exatamente.*

Questão 4: Coisas ditas comunicam e não ditas também. Você percebeu na fala, alguns gestos, alguns movimentos, atitudes agressivas, ditas ou silenciosas nas interações do casal?

Ca (marido 3) – *É*

Eurídice – *Mas vamos ver se a gente ainda lembra mais alguma coisinha.*

Cr (mulher 2) – *Bateu a porta na cara dele pá! No banheiro...*

Ca (marido 3) – *É parece muito a bateção de portas né, como se tivesse fechando né, terminando, dividindo né, separando um de um lado o outro do outro a porta da frente da casa dele, ela bateu também.*

Eurídice – *Querem falar mais alguma coisa?*

B (marido 2) – *Ah! A agressão não falada né.*

Eurídice – *Como?*

B (marido 2) – *Agressão não falada né.*

Eurídice – *É, exatamente, qual?*

Al (mulher 1) – *Eu acho que na vida da gente o casal a agressão não é as vezes a única forma de falar de...de... de... de bater de não sei o que... por exemplo, como exemplo nós. Nós mudamos de casa, tudo entusiasmado tal tal, vamos pregar uns quadros e tal*

então toda vez que o José Márcio ia pregar um prego para mim na parede, gente, olha, para mim era uma agressão sabe! Ele fazia e acontecia tudo para me, sabe, desagradar. Eu conseguia que ele pregasse, mas para isso eu sofri cada quadro que vocês ver na minha casa foi um sofrimento sabe. Não foi José Márcio?

JM (marido 1) – Foi uma novela.

Al (mulher 1) – Eu não sei porque que ele fazia isso. Eu não sei porque sabe.

JM (marido 1) – Porque a casa era nova, bem, não podia arrebrantar as paredes.

(Risos)

Al (mulher 1) – Então essas formas de agir também é uma agressão né.

An (mulher 3) – Ainda mais num casal, né?

JM (marido 1) – Mas vamos voltar o filme um pouquinho aí. Tudo bem que às vezes eu não queria fazer não estava disposto ou estava cansado. Mas foi a fase mais complicada da minha vida, certo? Eu vinha com problema renal, eu vinha com uma estafa do trabalho violenta então eu não sabia que aquilo tinha... certo? E que por outro lado eu queria era descansar e ela queria fazer essas coisas então faltou diálogo. Eu não estou bem por isso calma tal, faltou diálogo nisso.

Al (mulher 1) – E a gente também não pode despencar no outro a doença, o cansaço, o nervosismo, a falta de dinheiro.

JM (marido 1) – É.

An (mulher 3) – Eu acho que é legal isso porque a gente tem que lembrar que são duas pessoas, nós temos o nosso casamento mas são dois universos distintos, diferentes, né.

B (marido 2) – Gêneros diferentes, né.

An (mulher 3) – Então.

(Risos)

JM (marido 1) – Então é complicada a coisa.

An (mulher 3) – É.

Cr (mulher 2) – É, ele sai para trabalhar eu fico em casa eu não sei como que foi o dia dele e ele não sabe como que foi o meu dia, não é então quando chega em casa todo dia a tarde tem essa comunicação fundamental porque de repente eu dou uma resposta atravessada para ele, aí ele já estoura porque já veio com os problemas de fora ou ele me dá uma resposta e eu também tive um dia péssimo em casa, nada funcionou, daí vem essa impaciência.

B (marido 2) – Tem um jeito de fazer né. Eu tenho isso que a Cris falou, perceber o José Marcos...

JM (marido 1) – É.

B (marido 2) – Perceber também o que que um está pensando, né... essa telepatia. Então eu tenho um parceiro de truço meu que eu jogo com ele desde a época de república, então a gente joga junto já há trinta e cinco anos. Só jogo com ele, então eu não preciso nem saber as cartas que ele tem na mão. Ele pega, a reação dele eu já sei o que ele tem, o que ele vai fazer, eu sei quando ele está blefando.

(Risos e conversa confusa)

B (marido 2) – Não, mas nessa hora sim, sabe eu sei quando ele está bem, quando não está bem até transporta pro jogo, ele joga pouco, ele joga uma vez por ano só né. Mas ele pega as cartas aqui, eu já sei como está.

Eurídice – Cris, ele sabe tudo de você também? Assim só de te olhar no rosto?

B (marido 2) – Também sei.

(Risos)

B (marido 2) – Então essa leitura aí que tem o exemplo do quadro que você deu, de como atender ao outro, e tal, essa leitura que está no meio que tem que ser digerida, que é o que se observa no filme né? Alguma coisa está acontecendo ali que precisava ser entendida, não é mas essa leitura feita também, não só o que você enxerga mas aquilo que você ouviu também está além disso, né?

Eurídice – É verdade... gente, muito bom. Vou ler a resposta e nós vamos passar para o último filme. Bater porta, com o significado que tem por trás de: divisão, de separação dessa porta batida, agressão não falada, foi colocado que, quem que colocou da agressão não falada, acho que foi ela.

Ca (marido 3) – É, fui eu.

Eurídice – O sofrimento dos quadros, uma forma de agredir, faltou diálogo, por isso que isso aconteceu, tem dois casamentos mas são dois universos diferentes, é um casamento com dois universos diferentes e um sai para trabalhar e o outro fica longe e quando se encontram só sabem fugir do outro, foi colocado também um dia o outro pode ter sido de algum jeito que merecia um outro tipo de comunicação e não teve espaço para isso. né as pessoas se encontram e sem a devida comunicação já vão se inteirando, se interagindo né, está bom até aí?

Cr (mulher 2) – Está bom.

Eurídice – Então tá, eu vou reproduzindo as falas, se estiver errado, vocês me corrijam. Então agora nós vamos passar para o último trecho que é o terceiro filme.

3º Filme = “Quem tem medo de Virginia Wolf”?

Questão 1: A partir da cena do filme o que você pensa da qualidade dessa relação?

Cr (mulher 2) – É um sofrimento. Não é um sofrimento viver nesse vínculo?

An (mulher 3) – É eu acho que sim.

Cr (mulher 2) – O que leva um casal a viver junto nesse sofrimento?

An (mulher 3) – Eu fiquei vendo essa cena e fiquei lembrando assim que eu já vi casais mais velhos, sabe avô, bisavô, sabe que ficam com aquelas manias na relação e eles está de fora olha aquilo e fala: aí que coisa mais estranha mas eles só conseguem se relacionar daquele jeito, né?

An (mulher 3) – Então, e aí está certo que aí é muito exagero... quer dizer é muito agressivo o filme, mas eu fiquei pensando que aí ficou um ressentimento enorme, coisas que não foram conversadas, não foram... não teve diálogo então ficou uma dor, uma mágoa gigante que um fica agredindo o tempo inteiro o outro com a falta de respeito, aquela cena ela comendo a coxinha assim e ele lendo o jornal né... sabe... como é que fala uma displicência total né, com o outro, assim mas que ao mesmo tempo, eu vejo essa displicência mais até uma forma de chamar a atenção para ver quem é que... quem é que cutuca mais o outro até a cena do guarda chuva... mas eles estão juntos e eles não se separaram até aquele ponto e eles já são mais velhos, já podiam ter se separado porque parece que isso daí eles já vivem ó, a um tempão e estão juntos!

JM (marido 1) – Será que não é o nosso futuro?

An (mulher 3) – Não, a gente tem que se esforçar, e a gente tem que tomar cuidado, tem que conversar, tem que ter o diálogo.

JM (marido 1) – Você está rindo agora né, sempre estava caladinha né...

An (mulher 3) – Mas aí eu acho que isso que a Alzira falou, é o dialogo, você falou a reflexão para gente não...

Eurídice – Cair nisso daí?

An (mulher 3) – É, não cair nisso daí!

(Conversa confusa)

B (marido 2) – Se ele separar... Se ele se separar dela, ele perde o emprego...

Ca (marido 3) – Mas ele não é nem mais feliz...

B (marido 2) – O que está segurando ele é o emprego, só o emprego mais nada...

JM (marido 1) – Eu volto lá atrás, se você não tiver um matrimônio alicerçado... Não tiver diálogo certo?... Vai cair na monotonia... O negócio fica monótono...

Eurídice – Uhum, que mais gente?

JM (marido 1) – Então você tem que... Criar opções, tanto você como a esposa, foi o que ela falou, vamos comer uma pipoca, vamos ali, vamos acolá, vamos pegar o carro em tal lugar, vamos na casa de fulano de ciclano, vamos arrumar novos amigos. De uma mesma faixa etária mais ou menos, é, vamos jogar baralho, vamos sei lá, contar piada ou vamos rezar não sei, mas eu acho que o caminho é por ali e não por aqui, é o que eu imagino.

An (mulher 3) – Quando você levanta am... O... Dele está com ela por causa de emprego, então aí... Veio para mim... Vem a coisa conveniência né... Lá indo para o do final corre esse risco de se manter por certas conveniências... Mas é interessante porque ela reclama tanto dele, ela não precisaria estar com ele, ela podia... Ela até... Porque que ela mantém ele dentro de casa...

JM (marido 1) – Mas eles são dois alcoólatras, vamos começar por aí, são alcoólatras...

An (mulher 3) – São alcoólatras...

B (marido 2) – A falta de opção pode ser uma resposta porque quem vai agüentar uma mulher dessa? Pode ser por aí... eu... eu acho que as coisas foram mal resolvidas lá para trás, quer dizer, eu acho.

Ca (marido 3) – Eu acho que é isso também.

B (marido 2) – Eu acho que nunca você vai fazer isso... Vai pegar... Vai pegar... Vai pegar coxinha de frango enquanto ela está arrumando lá a cozinha né...

Ca (marido 3) – Desculpa...

An (mulher 3) – Eu... Eu não penso assim, eu acho que para tudo tem uma possibilidade. Existem chances, oportunidades, eu acho que é uma questão de, de escolhas; a gente no meio do caminho a gente tem muitos caminhos para escolher, aí foi um caminho que virou nisso, mas não que tenha sido talvez um tiro lá... no fundo... lá trás... num... num... não acho porque então a gente determina né... Fica uma coisa assim destino só? Então começou aqui e ali vai... Vai errado então, já sabe o que vai dar errado lá. Não, eu acho que é um caminho responsável sim... Acho que a responsabilidade de quem está envolvido e de saber as escolhas... Quem que vai escolher, aí...

B (marido 2) – Mas para mim, fica patente a tolerância dos dois... Quando ela fez... é um... é um... ele não conheceu ela comendo uma coxa de frango daquele jeito, fumando e falando essas coisas, alguma coisa teve de bom lá trás né... Com certeza, não era desse jeito meu Deus do céu... Se fosse, era impossível!

JM (marido 1) – O jeito como ela empurra ele, para mexer dentro da geladeira...

B (marido 2) – Geladeira... Então, ela deve ter feito... Ela... Ela deve estar fazendo isso a conta gotas... E... E passou despercebido ou não foi bem discutido então é por isso, é onde vai acabar... Ou aquela coisa de poder discutir antes, olha eu não gosto disso aí, pregar hábitos e costumes, eu não gosto do que você fez, mais ela vê desse jeito, eu estou sendo um serviçal aqui dentro... Mas vamos discutir de novo essa coisa do que eu gosto e o que eu não gosto, você não sabe, mas eu estou te falando... Se deixar, se for passando por cima de tudo isso, chega no ponto que chegou... Eu acho que é coisa mal resolvida...

Cr (mulher 2) – Para mim o que ficou claro aí, foi a falta de respeito de um com o outro...

B (marido 2) – É, com o outro também acho...

- Cr (mulher 2)** – *Que... eu acho que nesse ponto que chegou o casamento não tem mais solução, falta de respeito, é... porque eles estão lavando roupa suja na frente de um casal que eles não conhecem... Inclusive...*
- Al (mulher 1)** – *Mas é porque eles estão bêbados não é e tudo mais...*
- Cr (mulher 2)** – *Ah mas eu acho que não...*
- B (marido 2)** – *Eu acho que era... Acaba sendo...*
- Cr (mulher 2)** – *Já está bebendo porque já não tem mais respeito mesmo, não interessa se ele vai me ver comendo daquele jeito, você viu ela estava sentada com a perna aberta...*
- An (mulher 3)** – *Mas aí os dois estão doentes...*
- Cr (mulher 2)** – *Toda relaxada...*
- An (mulher 3)** – *Os dois estão na mesma doença, é... Lá não salva nenhum com tipo assim com um pouco mais de sanidade para chegar e falar, escuta... Vamos sair dessa?... Já é um ponto que acomodou!*
- Al (mulher 1)** – *Eu acho que... pedido de desculpa...*
- An (mulher 3)** – *Imagina...*
- Al (mulher 1)** – *E... indo ao ponto que esta... Separação não vai separar*
- B (marido 2)** – *Falta de opção...*
- Al (mulher 1)** – *Mas, chega uma fase no casamento da gente, que a gente tem que fazer tudo para ser feliz com o que a gente tem sabe? Para conservar essa felicidade, não adianta... foi o que o José Márcio falou... Você vai procurar outro? Na nossa idade vai procurar outro? Não vai resolver nada, até é a mesma coisa... Sabe, os problemas de um de outro podem ser diferentes, mas cai na mesma...*
- An (mulher 3)** – *É... Eu já ouvi também isso, de uma mulher que tinha quarenta e cinco anos, meu marido me falou... Eu... Era na época, uns dez anos mais nova do que ela, isso me gravou. É... trocar para que?*
- Al (mulher 1)** – *Não adianta...*
- An (mulher 3)** – *É... Eu falei não eu já cheguei a conclusão, que eu não vou trocar, porque pelo menos... eu estou administrando algo que eu conheço. A gente tem que aprender a administrar assim... Não foi... Mas aquele negócio ficou assim na minha cabeça...*
- Al (mulher 1)** – *E... Desculpa...*
- An (mulher 3)** – *Não, mas... A gente tem que batalhar, não é assim...*
- Al (mulher 1)** – *Tem...*
- An (mulher 3)** – *Não é desse jeito...*
- Cr (mulher 2)** – *Para gente ir... Viver como que se quer viver uma vida desse jeito, eu conheço um casal que eles... ela... eles têm setenta anos... e faz, acho que uns vinte e cinco, que eles não dormem na mesma cama... e é uma briga diária, é um sofrimento diário, porque que eles estão nesse sofrimento... porque?*
- B (marido 2)** – *Falta de opção...*
- An (mulher 3)** – *Mas porque eles querem... Os dois...*
- Cr (mulher 2)** – *Mas não é possível gente...*
- Al (mulher 1)** – *É opção deles, é o que ela falou...*
- Cr (mulher 2)** – *Não é possível...*
- An (mulher 3)** – *Os dois... Cris... Cris... Tem que ter um que chegar e falar...*
- Cr (mulher 2)** – *Você vai querer viver, sofrer, assim desse jeito?*
- An (mulher 3)** – *Mas Cris...*
- Cr (mulher 2)** – *Assim por exemplo, o relacionamento ruim... eu não dou conta de ter um relacionamento ruim, eu até comentei com o B, eu falei assim, se for para viver tenso, cada um segue seu caminho...*
- An (mulher 3)** – *Então mais aí...*
- Cr (mulher 2)** – *Eu não consigo...*
- An (mulher 3)** – *Mas aí, é uma postura de um... De um nesse casamento que chega e fala, desse jeito... Então nós vamos mexer, vamos conversar, vamos ver o que que está acontecendo, vamos pedir ajuda, vamos fazer alguma coisa... Agora quando nenhum faz isso, vira aquilo...*
- JM (marido 1)** – *Exatamente.*
- B (marido 2)** – *Mas você acha que eles estão se divertindo ali... o casal?*
- An (mulher 3)** – *Esse divertir aos nossos olhos, não é a realidade deles*
- Al (mulher 1)** – *Não estão...*
- An (mulher 3)** – *Mas a gente não sabe o que que passa dentro dessas pessoas...*
- B (marido 2)** – *Não, nós vimos só um pedaço... mas... a idéia é você comparar com o que você quer né... e não dá para suportar um negócio desse né... Num relacionamento futuro...*
- Cr (mulher 2)** – *A comunicação deles é violenta... eles... eles vivem se xingando o tempo todo...*
(Conversa confusa)
- Al (mulher 1)** – *Uma coisa que me chamou a atenção, foi que ela é muito autoritária né?*
- An (mulher 3)** – *Dominadora...*
- Al (mulher 1)** – *É dominadora... Faz o whisky para mim, estou mandando.*
(Conversa confusa)
- Al (mulher 1)** – *Eu acho que no casamento...*
(Conversa confusa)

AI (mulher 1) – Pelo menos eu via muitas vezes o José Márcio falar... Eu... Eu quero fazer isso, eu vou fazer isso, aí eu corrijo ele e falo... Eu não...

JM (marido 1) – Nós...

AI (mulher 1) – Opa nós...

Questão 2: Como você definiria essa relação do casal?

An (mulher 3) – Como está a relação?

Eurídice – É... Como que está essa relação...

(Risos e conversa confusa)

Ca (marido 3) – Bem por aí mesmo... Eu acho que... Que os dois estão ótimos; encontraram um jeito de sobreviver se agredindo.

Ca (marido 3) – Nessa relação, que eles gostam, um gosta de ser dominado e a outra gosta de dominar... Um gosta de agredir o outro gosta de ser agredido...

Cr (mulher 2) – Aí é masoquismo isso...

Ca (marido 3) – E aí vivem infelizes assim...

An (mulher 3) – São simbioses, que se estabelecem...

JM (marido 1) – É...

Ca (marido 3) – É... É uma doença...

An (mulher 3) – E a gente nem percebe...

B (marido 2) – Mas será que isso era o projeto dele?

An (mulher 3) – Isso não é de um dia para o outro...

B (marido 2) – Mas será que isso...

An (mulher 3) – Começa devagarzinho, devagarzinho...

B (marido 2) – Mas será que esse... Mas será que esse era o projeto do casal?

Cr (mulher 2) – Não... Não era né... Mas, é como ela falou...

B (marido 2) – Então não pode estar errado...

Cr (mulher 2) – Mas é como ela falou... Vai instalando devagarzinho, devagarzinho e fica assim

An (mulher 3) – É são anos...

B (marido 2) – Então, mas aí... que nem a Antônia falou no começo o álbum de casamento.

An (mulher 3) – Mas aí Bento, eu não chego e falo... Ó desse jeito não dá...

B (marido 2) – Ó nosso filho, como é que está nosso filho...

B (marido 2) – Vamos... Vamos ver... Se era feliz, se era bonito...

An (mulher 3) – Não... Não...

B (marido 2) – Acabou... Não tem mais como...

Ca (marido 3) – Não... Nesse caso não, mais esse caso é uma outra coisa que... Que cria... Que o... O...

Ca (marido 3) – Tem a bebida no meio...

B (marido 2) – É...

Carlos – Então um bebe, e o outro traz a bebida, e ninguém...

B (marido 2) – Mas... Já não tem mais como salvar né...

Ca (marido 3) – Ah eu sempre acho que pode...

An (mulher 3) – Ah, só se um... Só se um... Um chegar e perceber... Eu acho que nós estamos muito louco aqui né...

AI (mulher 1) – Eu acho muito certo o que você falou... Que nós... Até meses atrás... Se a gente não fosse procurar ajuda, dialogar nós tínhamos separado...

An (mulher 3) – Eu já tive...

AI (mulher 1) – Estou errada?

An (mulher 3) – Nós já tivemos também nossos momentos...

AI (mulher 1) – Sabe... Se a gente não tivesse buscado... é... na religião também... porque quando a gente tem Deus também, entra muito na nossa vida... Ele faz parte da nossa vida, sabe? Que nos ajuda muito... senão não tinha agüentado. Quer dizer basta, um querer, que é o que você falou, um resolver e... descobrir que ama, que gosta né...

An (mulher 3) – O amor a gente também constrói, a gente começou com uma paixão... Um algo, mas isso se transforma, paixão ela... acaba depois de um tempo...

JM (marido 1) – O que é que na vida começa pequeno e acaba grande?

AI (mulher 1) – Não é você que tem que fazer as perguntas...

JM (marido 1) – Não mas...

(Risos)

JM (marido 1) – Vai chegar tudo aonde vocês chegaram certo? Ela falou que o amor é uma paixão certo...

An (mulher 3) – Começou né... Essa paixão..

JM (marido 1) – É paixão...

An (mulher 3) – Aí se transformou...

JM (marido 1) – Então o amor quando você casa é pequenininho, depois de uma certa idade ele é grande, é imenso... É isso aí gente... Desculpa.

Eurídice – Imagina...

(Risos)

Eurídice – Estou aproveitando tudo que vocês falam... Olha gente, a resposta dessa segunda vou resumir rapidinho... Ficou daquele jeito que vocês já estavam começando, autoritária, dominadora, o casal está na lama, são pessoas simbióticas, a relação se desfaz. Porque a paixão faz com que o amor... a... a paixão, sede lugar para o amor também... É isso? Mais alguma coisa?

An (mulher 3) – A única coisa é que paixão é algo mágico... Amor não... O amor é... A parte individual que cada um faz, sabendo com consciência, algo que se... que cada um determinou para si mesmo de...

JM (marido 1) – É algo concreto né...

An (mulher 3) – De estar né... À fim de fazer,

Al (mulher 1) – Enfim né... Toda hora eu te interrompo..

An (mulher 3) – Não... Vai... Vai... Vai...

(Risos)

Al (mulher 1) – Enfim... Criou os filhos, a gente tem que voltar lá atrás no namoro né... Voltar abrir a porta do carro para gente, acho que tem que voltar essas coisas. É... não falar entra depressa, abre aí... Vamos embora... né?

(Risos)

JM (marido 1) – É...

Cr (mulher 2) – Eu estou no carro te esperando...

Al (mulher 1) – Você entende... Não é muito bom alguém abrir a porta do carro pra gente?

Ca (marido 3) – É... São as demonstrações não verbais de carinho...

Cr (mulher 2) – Meu marido assistiu Dom Juan de Marco...

Cr (mulher 2) – Ai ele ficou abrindo a porta para mim durante um mês...

(Risos)

Cr (mulher 2) – Agora está na hora de botar a fita de novo para ele assistir...

(Risos)

Questão 3: Que nível de agressividade e de que tipo, que foi visto?

A falada é um tipo, e a gestual é outra... Então a gente viu o que?

Cr (mulher 2) – As duas...

Eurídice – As duas... Alguém quer falar mais um pouquinho sobre isso?

An (mulher 3) – Você falou de... Da fala e do gestual...

Eurídice – Isso... A fala nós podemos chamar de... Ahn...

An (mulher 3) – Verbal...

Eurídice – Verbal, isso verbal... E a gestual...

An (mulher 3) – Física...

Eurídice – Não verbal...

An (mulher 3) – Não verbal... Ai o tipo de...

Eurídice – É... Quais seriam as agressividades que foram vistas, não verbal e verbal?

Ca (marido 3) – A hora que ela se troca...

B (marido 2) – Sim...

Ca (marido 3) – Ela veste é... de forma...

B (marido 2) – Agressiva

Ca (marido 3) – Uma roupa mais insinuante, uma calça justa um decote grande... Que é uma roupa que ela usa aos domingos...

Para ir na missa conforme ele falou lá...

(Risos)

Eurídice – Isso é um jeito não verbal dela, de agredi-lo...

Ca (marido 3) – Isso! Não verbal de agredi-lo... Porque o cara que ele falou que lá, o alto, “loirão” lá, não sei o que... Deu um...

B (marido 2) – Ela colocou a mão na perna dele...

Al (mulher 1) – Comeu o frango na frente do marido

Ca (marido 3) – Provocando-o né...

Al (mulher 1) – É...

B (marido 2) – A mão... A mão... Na perna do moço

Al (mulher 1) – Comeu o frango daquele jeito, é uma forma de agressão...

Ca (marido 3) – É...

(Conversa confusa)

Al (mulher 1) – A mão na perna, como ele falou ali, também é muito agressivo...

B (marido 2) – Confundir ele com o aparador de roupa, também foi agressivo

(Risos e conversa confusa)

Eurídice – Vocês acham... Vocês acham que só ela que fazia agressões para ele?

Cr (mulher 2) – Não... Não...

Eurídice – Dá um exemplo dele para ela...

An (mulher 3) – Ah... Ele falou várias vezes para ela suma, suma... E repetiu isso várias vezes... Teve mais, o próprio guarda-chuva simbolizando a arma, dando aquele susto nela.

(Risos)

Cr (mulher 2) – Aquela hora que ele está de costas para ela lendo o jornal e ela está falando, falando e ele nem levanta os olhos pra ela...

An (mulher 3) – É...

Cr (mulher 2) – Falando... A impressão que a gente tem é que ele não está nem aí para ela... Não está nem prestando atenção nela..

Ca (marido 3) – Como se ela não existisse

(Conversa Confusa)

An (mulher 3) – Do começo quando ele fala Chicago, o filme né...

Cr (mulher 2) – É...

Eurídice – Porém na hora que ela estava reclamando dele, que ela disse... Pode dar as coisas suas que ele... guarda... que ele põe em algum lugar...

Ca (marido 3) – É... Foi o que ele falou...

Eurídice – Que ele responde... É... Ai ele responde... Ai a agressão é dele, a resposta dele para ela né... Aqui você pode por em qualquer lugar, joga no chão, joga ali em cima, joga ali... onde quiser que aqui nessa espelunca não fará a menos diferença...

B (marido 2) – A casa dela é uma... zona...

An (mulher 3) – É...

Cr (mulher 2) – É...

Eurídice – Ela, ela alfineta e ele devolve...

An (mulher 3) – E ele também...

Cr (mulher 2) – É...

JM (marido 1) – É...

B (marido 2) – Está me lembrando é... Como é que é o nome do filme do Michael Douglas?

An (mulher 3) – Ah... Guerra dos Roses...

B (marido 2) – Guerra dos Roses...

Eurídice – Guerra dos Roses...

Cr (mulher 2) – Guerra dos Roses...

B (marido 2) – Aquela... O que você tem de agressividade ali...

Eurídice – É a mesma história né... Bom e então... O resumo dessa terceira ficou, o gestual que é o não verbal, e o falado que é o verbal... A roupa insinuante, o decote que é o não verbal... Uma forma de agredi-lo... A mão na perna do moço, bateu a porta na cara dele no banheiro, confundiu o marido com o funcionário... Não é nem aparador né... É um servente né... E ele pede para ela sumir algumas vezes... E o guarda-chuva que ele faz aquela brincadeira... Ele lendo jornal enquanto ela fala com ele... E ele e ela se alfinetam o tempo todo né...

JM (marido 1) – Desde o início, ela ficou muito autoritária... Vai abrir a porta, estou mandando... Vai abrir a porta... Eu estou mandando...

Ca (marido 3) – É...

B (marido 2) – Eu acho que isso aí...

Cr (mulher 2) – Ele fala: sim amor...

(Risos e conversa confusa)

B (marido 2) – Como dizia um amigo meu machista, uma surra há vinte anos atrás resolvia tudo...

(Risos)

Questão 4: Como você faria uma retrospectiva dos trechos dos filmes assistidos, em termos da evolução da relação... Do relacionamento de casal, do namoro, do casamento pra fase madura... O que é que vocês viram que vem acontecendo?

Cr (mulher 2) – A importância da comunicação, do dialogo né... dentro do namoro, como no casamento, mais importante ainda...

Al (mulher 1) – Não teve em nenhum dos três filmes

Cr (mulher 2) – Não teve em nenhum dos três ... Eu acho...

Eurídice – Retrospectiva... Alguma coisa que vale a pena colocar? O que é isso que vem se instalando e fica do jeito que vocês viram?

Ca (marido 3) – O tempo, dá impressão, como se fosse o... Se fosse o mesmo casal né, no início do namoro... E no final o casamento ali, que o tempo contribui para... Para distanciar, e não para... para aproximar... mas o casal né... Então eles vão ficando mais tempo juntos, mais longe um do outro vão ficando...

Eurídice – Essa é sua conclusão?

Ca (marido 3) – Então, não é conclusão, você pediu uma retrospectiva...

Eurídice – Não, sua opinião, você acha que é isso... Eles vão se distanciando.

Ca (marido 3) – Então... É... Eu achei que foi isso...

An (mulher 3) – Mas aí, então isso que você está colocando como um fator externo...

Ca (marido 3) – Não, não externo... É assim... É... Eu não entendi que você queria uma conclusão, você não pediu conclusão...

Eurídice – Não eu digo assim, uma retrospectiva...

Ca (marido 3) – Uma retrospectiva...

Eurídice – Faz um olhar dos três... Das três fases... Como que você define como que é a sua opinião a respeito do que veio acontecendo nesses casais, ou não acontecendo para que eles terminassem como eles terminam na terceira história...

Cr (mulher 2) – Vai acontecendo o desgaste né... no relacionamento. As coisas não são faladas, não são resolvidas e vem acontecendo o desgaste...

Adriana – Você falou que são vários fatores né... Por isso que eu não entendi o que ele colocou, um dos fatores é o tempo... Ai... Ela está falando que é o desgaste.

Ca (marido 3) – É, vai evoluindo com o tempo e... e eles vão se distanciando... distanciando por uma série de fatores...

Adriana – Exato...

Ca (marido 3) – Mas a seqüência dos filmes mostra uma... uma linha em que mostra o casal jovem, um casal da meia idade e um casal mais velho e que... no mais velho, a situação do casal é pior do que a dos outros, do mais moço e pior que a do anterior, quer dizer, de namorados

Cr (mulher 2) – Evoluindo... não, foi piorando né?

Ca (marido 3) – Eles não foram conseguindo formar uma... uma relação que é... que é fruto dessa coisa de... de ir trocando

Al (mulher 1) – Faltou diálogo né?

Ca (marido 3) – De... De falta de diálogo e não cedendo em algumas coisas...

(Conversa confusa)

JM (marido 1) – Eu acho que todo... Todas as partes existem uma palavra mágica... Umas palavrinhas mágicas... Perseverança e Diálogo, certo? É vontade de tomar decisões...

Al (mulher 1) – Vontade de acertar e consertar...

JM (marido 1) – De acertar... de acertar e de consertar... essas são as palavras... Você, se eu for contar do... do começo... você começa a ver pela moça e pela falta de interesse do rapaz, e as jogadas que ela dava, e o pai da moça... querendo, não querendo... observando o rapaz, na segunda fase... Que é o casal mais jovem faltando a mesma coisa, certo? O diálogo e perseverar, de consertar. Ter perseverança, para ir segurando o casamento... aquela união... certo?... Então, e na terceira fase a mesma coisa, apesar de estar tudo bagunçado, a casa, a família, desgringolada, vamos falar assim, certo? Ter sempre perseverança acima de tudo, até o resumido da palavra, talvez, da forma deles exista até amor ali...

Al (mulher 1) – Respeito mútuo... Porque eu acho que, o casamento a família, o problema de um tem que ser o problema de todos né? Para o problema ser de todos tem que ter o que? Diálogo, comunicação. Se eu não gosto que... faz xixi e deixa a tampa da privada aberta eu tenho que falar para o companheiro. Eu gosto que fica assim se ele num sabe o que eu quero, se eu não falo ele não vai fazer... E aquilo vai ficar me irritando o resto da vida... Acho que é por aí...

B (marido 2) – Fazendo uma retrospectiva que a Antônia falou no começo lá né, a engrenagem batendo tal... e a Cris falou depois, ajusta, vira uma máquina... O que eu vi aí, foi a falta de manutenção na máquina... Uma máquina que você chamava bem quando começou o casamento, e essa máquina foi deixada de lado e ninguém verificou óleo, ninguém fez mais nada! E não percebe-se que essa máquina vai desgastando, vai ficando velha, precisa de ter outros cuidados, às vezes o cuidado que você tem no começo com a máquina, é só ir lá e ver se ela está vibrando né... Depois que você vê que está vibrando, tem que abrir essa máquina para ver como que está por dentro, tem que esgotar o óleo, trocar óleo, essa falta de manutenção... Tem um filme que eu não vi... A Cris viu... Que o cara acorda todo dia e tem que conquistar a moça de novo não é...

Cr (mulher 2) – Aham...

An (mulher 3) – Ah É...

B (marido 2) – Aquilo mostra muito o que é isso, quer dizer, uma coisa nova, cada fase uma coisa nova... Se não tiver essa manutenção a coisa... fundi, não é isso? Então o que eu percebi foi isso, aí chega na linha do tempo que o Carvalho falou... vai com o tempo acabando né... Ai você vai ficando mais frágil, a engrenagem não agüenta mais um solavanco...

An (mulher 3) – Vai ficando cada vez mais difícil...

Cr (mulher 2) – A paciência...

B (marido 2) – Mas é difícil, de repente surge um fato novo, por exemplo: filho né, uma coisa assim forte. Essa engrenagem não existe mais... Não suporta mais aquele solavanco, aí quebra não é... É uma terceira pessoa que você colocou algumas vezes aí né... que você falou aí... Na realidade ela não suporta mais aquilo, faltou a manutenção... Eu acho que essa manutenção tem que ser dada pelos dois... Com religião... Com conversa... Essa coisa que falta...

Al (mulher 1) – Carinho...

B (marido 2) – Só carinho... Daí chega naquele ponto que aquele casal não agüenta, Acabou.

Al (mulher 1) – Talvez foi isso que aconteceu conosco, né José Márcio... fizemos essa travessia, abrimos o olho e enxergamos... e fizemos esforço e corremos atrás...

B (marido 2) – A tempo.. A tempo...

Cr (mulher 2) – A tempo...

Al (mulher 1) – A tempo né...

B (marido 2) – Deu tempo... Deu tempo...

Al (mulher 1) – Exatamente...

B (marido 2) – Se deixar, vira catástrofe, né?

B (marido 2) – O Carvalho foi falando, a Antônia falou no começo, a gente imagina sempre uma máquina...

B (marido 2) – E é essa falta de manutenção mesmo... você vai deixando uma máquina que você tem lá que se você não olha todo dia, com carinho, amor, atenção... olhar para ela... ela vai ficando triste né...

JM (marido 1) – É...

Questão 5: Suscitou algo na sua relação conjugal, estar aqui e refletindo sobre esses aspectos relacionais, da comunicação de casal?

Ca (marido 3) – Sim... Sim...

(Risos)

Eurídice – Pode fazer um comentáriozinho...

Ca (marido 3) – Bom... eu, é... acho que parte do... Do que eu vejo aí...

Al (mulher 1) – Acho que para gente, né José Márcio foi uma confirmação.

JM (marido 1) – Uma confirmação do que nós já fizemos.

Al (mulher 1) – Do que nós já fizemos.

B (marido 2) – Ah, que legal.

JM (marido 1) – Porque eu acho que se quando a gente descobre algo de dentro do coração você tem que anunciar

An (mulher 3) – Tem vontade de falar, né.

JM (marido 1) – Você tem vontade de falar. Porque tantas pessoas às vezes.

B (marido 2) – Está precisando, né.

JM (marido 1) – Está precisando de uma vírgula ali naquela hora e não vai, você entendeu? E muitas coisas assim que me alertou, me chamou a atenção, é... é... é... são fatos que surgem às vezes dentro de casa por exemplo, eu tenho um filho que eu trato dele e dos outros dois, de se ele levantar eu não converso com ele e é de uma meia hora, né bem?

(Conversa confusa)

JM (marido 1) – Já o outro que está estudando nos Estados Unidos ele já levantava e pulava no meio da cama, vamos fazer montinho, entendeu? O outro que foi para São Paulo era muito fechado, mas com a saída de casa voltou o amor também ele é outra pessoa que conversa.

Al (mulher 1) – Graças a Deus né a gente não pode falar dos nossos filhos.

JM (marido 1) – Você entendeu? Então tudo isso, eu não sei, eu fui numa viagem indo para São Carlos que isso aconteceu, uma viagem no tempo que Deus falou dentro do meu coração, certo? E nós sentamos e conversamos vai ser assim assado assim. Acabou. Eu não concordo com isso você não concorda com aquilo. A vida nossa nasceu assim e vamos continuar assim vamos crescer assim então são os obstáculos.

Al (mulher 1) – Você está falando demais.

Eurídice – Quem que é agora? Está ótimo, estou gostando de ver o que vocês estão falando. Cris quer falar?

Cr (mulher 2) – É sim, também né porque a gente percebe que os problemas do casamento, são do namoro no casamento né... É são problemas que a gente tem que na verdade todo mundo tem não somos só nós né todo mundo tem...

Eurídice – Bento?

B (marido 2) – Me deu um pouco de medo agora. Temos um relacionamento muito bom, mas é como ela falou, às vezes é provável que estamos cometendo algumas falhas, aí e é bom ver lá na retrospectiva como não se deve acabar nada né.

Eurídice – Então serviu para alertar?

B (marido 2) – Ah sim acho que sim acho, acho não, com certeza!

An (mulher 3) – É...

B (marido 2) – Porque nós vimos também que a gente pensa mais ou menos de certa forma as coisas se completam né todo mundo... é... é... quer a família construída, quer envelhecer junto, se possível morrer junto né. Ninguém, todo mundo sabe o custo que é você até que você estava falando uma hora tal, estava tentando falar isso se fosse voltar para namorar com a idade que a gente tem né ia ser um negócio muito estranho né porque a gente já está já perdeu a... A inocência né.

JM (marido 1) – É...

B (marido 2) – Ia ser muito mais seletivo.

Al (mulher 1) – Perdeu o jeito?

B (marido 2) – O jeito não, quando você namora você é inconseqüente quer dizer eu e o Carvalho tinha até conversado sobre isso né. Se eu tivesse nascido... Se tivesse sido tivesse nascido na China terminava com uma chinesa né ou se eu fosse para China na época de casar eu estaria com uma chinesa, a Cris, a partir daí que a gente vai que a coisa

B (marido 2) – Então eu acho que é essa coisa de ficar sempre cuidando mesmo.

Eurídice – Tem que estar sempre cuidando do casamento.

B (marido 2) – Muito.

Eurídice – Carvalho?

Ca (marido 3) – Eu falei mais eu posso até completar mais alguma coisa... é... não sei se é impressão mas... é... acho que os homens são mais quietos. Os homens eles são mais... o ego né... o ego... o homem vai resolvendo as coisas meio sozinho, então veja bem, saiu para dirigir, então você sempre vai fazendo as coisas tudo sozinho e a mulher está mais ela também, é mais treinada a fazer as coisas assim e tal... Então eu acho que eu... eu converso menos. Antônia reclama mais que eu converso menos. Então.

An (mulher 3) – Às vezes eu falo para ele, vai, fala alguma coisa!

(Risos)

Ca (marido 3) – O homem é um pouco mais quieto por natureza assim... e... e a mulher também quando trabalha fora, ela já vai com esse know-how aí de... de resolver as coisas junto, então ela vem já me conta... tal... eu raramente fico contando coisas assim do dia-a-dia não sei... acho que eu gosto do que faço mas nunca é fácil, né, gosta, mas é uma briga então não falo, num fico contando, sabe. Eu acho que devo investir um pouco mais nisso.

(Risos)

Eurídice – Ah! Está bem estão José Márcio?

JM (marido 1) – Posso voltar um pouquinho, só um pouquinho?

Eurídice – Pode sim

Ca (marido 3) – Nisso, nas conversas, mesmo nas conversas do casal, contar né.

Eurídice – O dia-a-dia?

Ca (marido 3) – É. A mulher conta uma coisa assim por exemplo ela vai contar um negócio que eu contaria em duas palavras já é uma história um livro

An (mulher 3) – Mas você gosta né.

Ca (marido 3) – Eu gosto.

An (mulher 3) – Ele gosta mesmo

Eurídice – Acho que você está dizendo assim você quer investir muito mais na escuta.

(Conversa confusa)

An (mulher 3) – Não, só na escuta, eu sou bom disso

(Conversa confusa)

Eurídice – Então pelo fato de os homens serem mais quietos você quer investir muito mais na fala, na capacidade de fala é isso?

Ca (marido 3) – É, com a mulher.

JM (marido 1) – Eu tinha um problema, tinha! Ó a colocação. Eu não contava nada para ela...

Ca (marido 3) – É...

JM (marido 1) – Eu não falava nada para ela até o dia que eu descobri que eu estava quebrado.

(Risos e conversa confusa)

JM (marido 1) – Ai, teve que juntar ela e os filhos no cartório e falar: a situação é essa!

Al (mulher 1) – Quem que resolveu a situação?

JM (marido 1) – Ai caiu uma bomba assim BUM ela falou assim a partir de hoje eu vou assumir tudo certo? Trabalhando que nem um louco...

Al (mulher 1) – É a falta do diálogo.

JM (marido 1) – Do diálogo.

Al (mulher 1) – Porque ai eu gastava, gastava, gastava e gastava, não estava sabendo que não tinha dinheiro.

Questão 6: Qual seria sua sugestão para se obter qualidade relacional nas interações conjugais?

Al (mulher 1) – Ai desculpa não prestei atenção.

Eurídice – Qual seria sua sugestão a partir de toda essa reflexão que a gente fez visando qualidade relacional nas relações conjugais?

Cr (mulher 2) – Falar bastante um com o outro.

An (mulher 3) – Eu acho que começa é... individual primeiro. Acho que cada um consigo mesmo primeiro, e deve olhar para dentro né e depois não sei, ou junto, tudo ao mesmo tempo porque assim eu penso que, para eu estar bem com o outro, para eu né, dar uma coisa boa eu tenho que estar bem comigo também em primeiro lugar. Eu tenho que estar em paz comigo, fazer isso de verdade, fazer isso de coração né. Porque também fica fácil sempre esperando alguma coisa, os ressentimentos vão ficando gigantes porque a gente também contraria as expectativas, eu acho que expectativa é um veneno no casamento ele vai intoxicando o casamento né. Então é, se libertar! Mas na isso tem que ir tentando se libertar mais disso, mas sendo inteiro, ser de verdade; só que para isso é preciso olhar lá dentro de si mesmo e fazer de repente uma análise num determinado momento de sozinho também olhar lá para trás e ver pápápá... Sabe de fazer nãñãñã e chegar e falar não, vamos em frente ou não vamos em frente não sei, aí é a escolha, a escolha própria primeiro a sua decisão aí você tem que ter diálogo. Tudo isso você tem que chegar e falar com o outro conversar explicar... Mostrar para ele abrir para ele falar ó é isso. Aí o outro também tem que se posicionar quero isso, não quero isso, não sei e a gente vai de uma forma saudável né, para não chegar na história daqueles dois coitados que como você disse pode até ser que tenha amor, como Carvalho falou, eles vivem desse jeito mas com tanto sofrimento sem poder gozar as coisas boas dessa vida né, sem poder ter algo bom. Limpar. Tem que ir limpando o meio de campo limpando o negócio...

Eurídice – Mais alguém?

JM (marido 1) – Eu acho que a vida é um livro aberto. Do começo ao fim. Deveriam ser transparentes um com o outro, senão você não vai conseguir ser feliz.

An (mulher 3) – Agora que nem o Bento falou assim de medo, achei muito legal você se colocar porque eu acho que o medo pelo que eu já percebi, em mim mesma, o medo é o grande paralizador ele, ele afunda a gente. Não deixa a gente sair daquele lugar porque a gente não sabe o que pode acontecer; então é como se, então é como se a gente se agarrasse aquela situação, mesmo que ela esteja horrível detonada mas é o conhecido né? Então, fico com ela.

B (marido 2) – O medo...

An (mulher 3) – Então, mas eu acho também que é legal a gente lembrar que o medo é tem algo atrás do medo que a gente pode mexer nesse medo sabe.

Eurídice – Então na realidade você está dizendo que ter esse medo é bom?

An (mulher 3) – Eu acho que a gente ter a consciência dele é um grande passo. Eu acho que é o começo para gente querer é que pode melhorar.

Eurídice – Mais alguém?

B (marido 2) – *Eu acho que... É... Se fosse falar alguma coisa eu falava que precisa ter consciência que as coisas modificam. Namoro modifica para o casamento, o casamento modifica lá para fase lá dos filhos irem embora e depois pra aquele relacionamento que tá terminando; ter a consciência que tudo isso modifica nada fica parado no tempo. Aquela pessoa que é uma sábado a tarde pode não ser a mesma no outro dia... ter essa consciência e nunca se contentar com o normal que aí está tudo bom. Não. Agora está bom, agora a gente já fez nossos filhos estão para universidade agora já... Essa sensação de acostumar com aquilo acho que tem que ir mudando, a gente e as coisas*

Eurídice – *Você está me dizendo que o casal deveria sempre estar dinâmico.*

B (marido 2) – *É isso aí. O relacionamento tem que ser dinâmico. O estático acaba com tudo, tá. Você tem que começar a fazer seus projetinhos olhando para trás que nem a Antônia falou tudo que já fez, mas sempre ter uma cara nova, uma fantasia nova, sabe? Um sonho novo senão...*

Eurídice – *Acho que é a questão do alimentar a relação que você acabou de colocar antes desta!*

B (marido 2) – *É tem que ir fazendo isso.*

Al (mulher 1) – *Outra coisa também eu acho assim nesse ponto que nós já estamos com os filhos fora e tal eu tenho que cuidar dele e ele tem que cuidar de mim.*

B (marido 2) – *Sem dúvida.*

Al (mulher 1) – *Sabe eu acho que isso, esse debate é uma grande, um grande alimento para mim.*

Eurídice – *Que bom, mas olha gente, nós temos que encerrar.*

JM (marido 1) – *Quer ver uma coisinha, só uma coisinha assim ó: quando o Diogo falou para mim que ia embora eu falei assim eu sou macho eu estou preparado eu tinha medo dela, certo quando ele foi embora eu sofri muito mais do que ela chorei muitas vezes escondido de saudade de não estar pertinho porque todo dia morando em São Paulo a gente se falava qualquer coisinha pai, pai... Ele foi embora, acabou. Eu não estava preparado para isso. Eu não estava e ela superou, se não superou, escondeu e disfarçou muito bem. Mas se eu não ver a carinha dele todo dia eu não fico satisfeito.*

Eurídice – *Será que é a tal da força da mulher?*

JM (marido 1) – *Não sei.*

Eurídice – *Gente eu vou distribuir para vocês o termo de consentimento livre esclarecido agora...*

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)